

so e muito illustra
ento. sobre a
sistema gleri do
Aradredes, b. Ant
mü barbo, actual

NOTAS

Memoire de Fazend

Economicas e Financeiras

mem. d' domo off

u
Christiano

Pis, Mai 1911



336.81
FRAN



NOTAS

97 F
32

ECONOMICAS E FINANCEIRAS

POR

Arlindo Fragoso

PROFESSOR DA ESCOLA POLYTECHNICA E
PRESIDENTE DO INSTITUTO POLYTECHNICO DA BAHIA



BAHIA

IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO

Rua da Misericordia, n. 1

1916



586

15 1 45

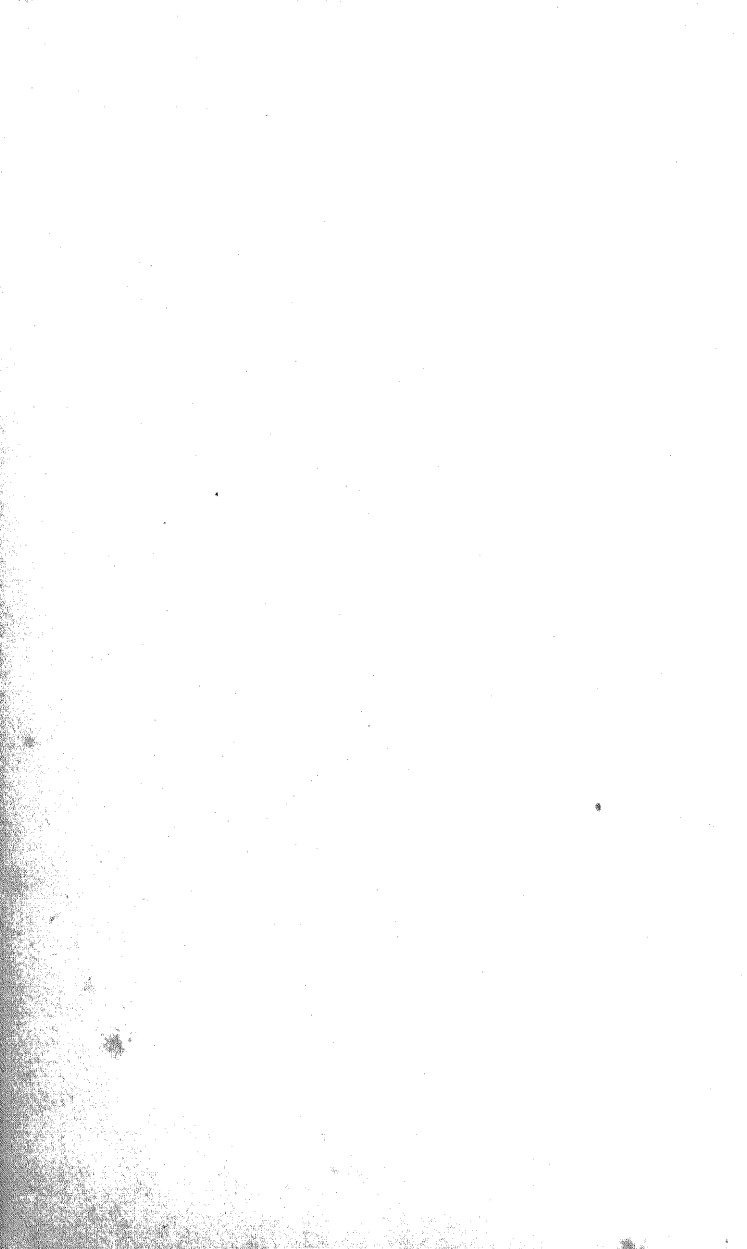
Ao Exm. Sr.

Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão

Amigo Prezadissimo e Eminente Governador do Estado, a quem devo com muito reconhecimento, alem de outros obsequios da estima, a publicação deste livro, que, por tão justos titulos, lhe offereço, dedico e consagro.

Arlindo Fragoso.





ADVERTENCIA

Appareceram as *Notas Economicas e Financeiras*, com o primeiro numero do DIARIO OFFICIAL do Estado da Bahia, em 30 de Outubro de 1915. Escrevi-as diariamente, a partir desse tempo, até que deixei o exercicio do cargo de Secretario Geral do Estado no governo do insigne estadista brasileiro Dr. José Joaquim Seabra. Foi meu pensamento, elaborando-as, vulgarisar, entre idéas uteis aos interesses da vida nacional, os factos que, convenientemente registados pela estatistica, eram pelo confronto dos numeros e o aviso de suas preciosas informações, um vantajoso ensino aos que, por impulso patriotico ou sob o estímulo de qualquer responsabilidade, se sentem obrigados a cooperar na grande obra, sempre necessaria, do nosso engrandecimento.

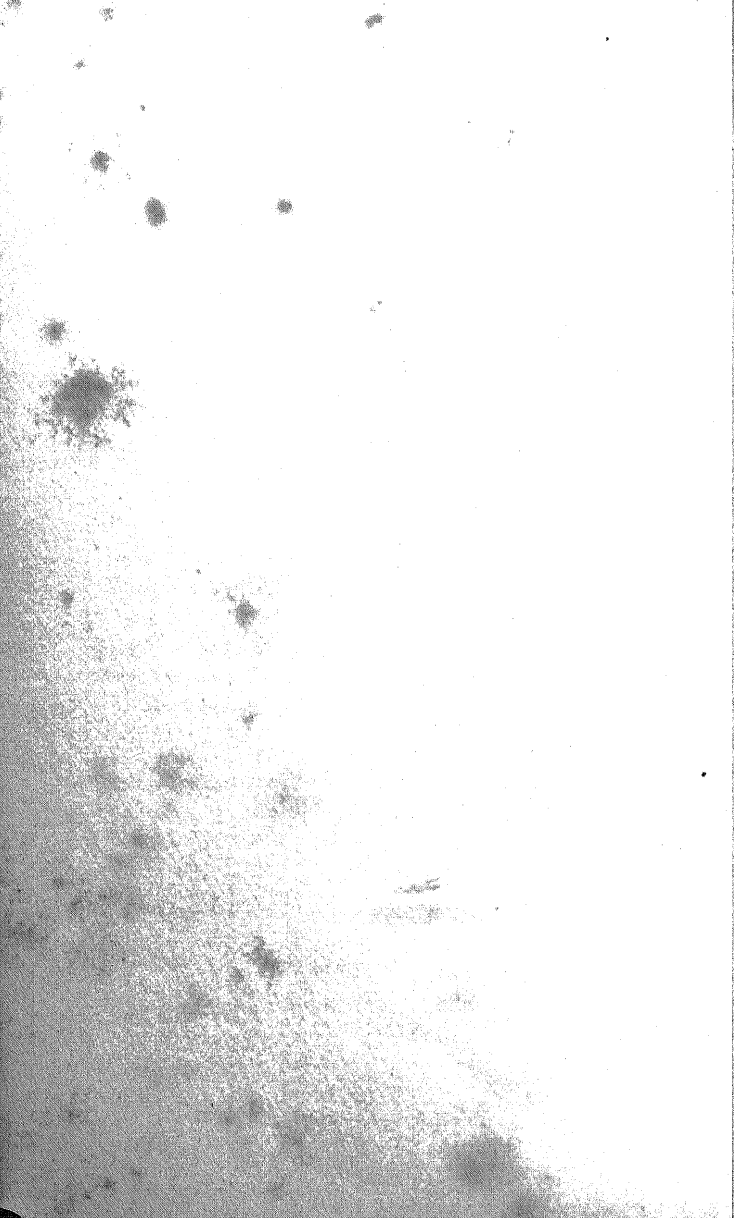
Não cuidei, com sinceridade o digo, que lograssem aquelles escriptos, em premio do esforço no estudo de suas exigencias, o exito conseguido, que me animou á deliberação de lhes pretender, ajuntando-os em livro, uma existencia mais duradora.

Assim explico o motivo por que, agora, reaparecem e serão, talvez, continuados,* se o mesmo tempo, mestre de tudo, não me desenganar de sua utilidade.

Arlindo Fragoso.

1776—«Ainsi, selon que ce produit, ou ce qui est acheté avec ce produit, se trouvera être dans une proportion plus ou moins grande avec le nombre des consommateurs, la nation sera plus ou moins bien pourvue de toutes les choses nécessaires ou commodes dont elle éprouvera le besoin — ADAM SMITH (*Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations*). — Paris — 1843).

1912—«La prépondérance des facteurs économiques dans la direction de la vie politique intérieure et extérieure des peuples contemporains n'a pas à être démontrée» — CHARLES BROUILHET. — *Précis de É'conomie Politique* — Paris — 1912).



I

São do Serviço de Estatística, do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, os seguintes dados financeiros da União no periodo decorrido entre os annos de 1823 e 1913:

Receita total arrecadada

Exercicio de 1823.....	3.855:919\$204
« 1833—1834.....	12.471:856\$280
« 1843—1844.....	21.350:970\$709
« 1853—1854.....	37.048:216\$842
« 1863—1864.....	58.356:845\$210
« 1873—1874.....	111.646:666\$536
« 1883—1884.....	145.431:492\$088
« 1889.....	186.738:179\$513
« 1893.....	390.646:310\$508
« 1903 { Ouro.....	{ 50.674:905\$096
« 1903 { Papel.....	{ 449.343:434\$378
« 1908 { Ouro.....	{ 95.825:185\$754
« 1908 { Papel.....	{ 346.531:281\$689

Despeza total effectuada

Exercicio de 1823.....	4.702:434\$204
« 1833—1834.....	11.477:903\$110
« 1843—1844.....	25.947:239\$689

Exercicio de	1853—1854.....	37.330:188\$066
“	1863—1864.....	59.393:004\$568
“	1873—1874.....	128.118:337\$298
“	1883—1884.....	165.119:884\$833
“	1889.....	208.395:715\$826
“	1893.....	375.560:221\$684
“	1903 { Ouro.....	{ 44.881:471\$566
	{ Papel.....	{ 359.550:616\$933
“	1908 { Ouro.....	{ 73.995:151\$302
	{ Papel.....	{ 461.761:372\$886

As rendas arrecadadas pelas Alfandegas, em numero de 25, nos exercicios de 1855 a 1910, comprehendendo—Maceió, Penedo, Amazonas, Bahia, Ceará, Capital Federal, Espirito-Santo, Maranhão, Matto-Grosso, Pará, Parahyba do Norte, Paraná, Pernambuco, Piauhy, Rio Grande do Norte, Porto Alegre, Rio Grande, Uruguayana, Sant’Anna do Livramento, Pelotas, Rio de Janeiro, Florianopolis, S. Francisco, S. Paulo e Sergipe, foram as seguintes:

1855—1856.....	27.054:350\$440
1860—1861.....	36.748:093\$585
1865—1866.....	46.055:769\$512
1870—1871.....	70.059:465\$019
1875—1876.....	72.675:652\$404
1880—1881.....	90.579:085\$551
1885—1886.....	88.840:627\$788
1889.....	115.117:245\$474
1890.....	131.233:489\$642
1895.....	263.034:112\$688
1900.....	184.369:610\$740
1905.....	235.472:792\$515
1910.....	304.856:077\$200

A ordem da renda nesse ultimo anno de 1910, para as 10 Alfandegas de maior arrecadação, foi a seguinte:

1—Capital Federal.....	95.097:835\$022
2—S. Paulo.....	55.205:927\$505
3—Pará.....	41.271:226\$324
4—Amazonas.....	27.400:793\$671
5—Pernambuco.....	20.243:497\$242
6—Bahia.....	17.222:962\$324
7—Porto Alegre.....	11.627:980\$106
8—Rio Grande.....	6.944:074\$207
9—Ceará.....	5.242:747\$451
10—Maranhão.....	4.361:029\$935

Todas as outras, em numero de 15, renderam menos de 3.500:000\$000, sendo a de Santa Anna do Livramento a que menos arrecadou no anno de 1910, não indo além de 480:555\$806.

A renda total das Alfandegas, apurada nos ultimos annos, é a seguinte:

Em 1913:

Ouro.....	125.454:791\$000
Papel.....	217.328:078\$000
Ouro, convertido a 16 d.....	211.753:411\$000
Total (papel).....	429.083:489\$000

Em 1914:

Ouro.....	67.552:214\$000
Papel.....	125.555:999\$000
Ouro, convertido a 16 d.....	113.514:551\$000
Total (papel).....	239.070:550\$000

Em 1915 (Mezes de Janeiro, Fevereiro e Março):

Ouro.....	9.371:045\$000
Papel.....	23.070:550\$000
Ouro, convertido a 16 d.....	16.867:880\$000
Total (papel).....	39.938:429\$000

O valor da importação, no primeiro semestre do corrente anno, se elevou á somma (sujeita a rectificação) de 257.940:000\$000 e nos annos anteriores, em igual periodo (Janeiro a Junho), ás seguintes:

Em 1911.....	395.940:000\$000
« 1912.....	442.885:000\$000
« 1913.....	524.582:000\$000
« 1914.....	353.655:000\$000
« 1915.....	257.940:000\$000

A arrecadação das Alfandegas comprehende os direitos de importação, os de entrada, sahida e estadia de navios, os de consumo, a renda extraordinaria e de deposito, e a renda com applicação especial (obras de portos e fundo de garantia—ouro, e fundo de resgate — papel).



II

Foram em numero de trinta e dois, até 1913, inclusive os já extinctos e os amortisados parcialmente, os *emprestimos externos* realizados pelo paiz, a partir de 1824: vinte e oito no valor nominal de lbs. 146.568.937 e real de lbs. 132.248.989, e quatro (*Obras do Porto do Recife*, em 1908, *Estrada de Ferro Itapurú a Corumba*, em 1908—1909, *Estrada de Ferro Goyaz*, em 1909 e *Rêde Viação Bahiana*, em 1911) no valor nominal de Frs. 300.000.000 e real de Frs. 266.731.000. Ou, pelo seu valor total em lbs., na importancia nominal de lbs. 158.568.937 e na somma real de lbs. 142.914.229.

O primeiro emprestimo foi realizado em 13 de Agosto de 1824 pelo Sr. D. Pedro I, do valor nominal de lbs. 1.333.300 e real de lbs. 1.000.000, seguindo-se, no mesmo anno, o de 7 de Setembro, do valor nominal de lbs. 2.352,000 e real de lbs. 2.000.000, ambos á taxa de juros de 5%, sendo o primeiro ao typo de 75% e o segundo ao typo de 85%.

O terceiro, realizado a 3 de Julho de 1829, do valor nominal de lbs. 769.200 e real de lbs. 400.000, foi o mais desastroso, até hoje, dos nossos empréstimos nacionaes externos. por ter sido contractado e concluido, sendo de 5% a taxa de juros, ao typo de 52%!

A taxa de juros de 5% foi a da maioria dos nossos empréstimos, exceptuando-se pela taxa de 4,5 % as operações de Julho de 1852 (capital nominal de lbs. . . 1.040.600 e real de lbs. 954.250); de Maio de 1858 (capital nominal de lbs. 1.526.500 e real de lbs. 1.425.000); de 16 de Março de 1860 (capital nominal de lbs. 1.373.000); de 7 de Outubro de 1863 (capital nominal de lbs. 3.855.300 e real de lbs. 3.300.000); de 23 de Janeiro de 1883 (capital nominal de lbs. 4.599.600 e real de lbs. 4.000.000); e de 10 de Abril de 1888 (capital nominal de lbs. 6.297.300 e real de lbs. 6.000.000). Pela taxa, ainda, de 4 % os seguintes: de 30 de Setembro de 1889 (capital nominal de lbs. 19.837.000 e real de lbs. 17.213.500); de 1901, «Rescision Bonds» (capital nominal e real de lbs. 16.619.320); de 1910, «Conversão de Empréstimos» (capital nominal de lbs. 10.000.000 e real de lbs. 8.750.000); de 1911, segundo das «Obras do Porto do Rio de Janeiro» (capital nominal de lbs. 4.500.000 e real de lbs. 4.140.000); de 1911, da *Rêde Viação Cearense* (capital nominal de lbs. 2.400.000 e real de lbs.

1.992.000); de 1909, *E. F. Goyaz* (capital nominal de Frs. 100.000.000 e real de Frs. 78.831.000); e de 1911, *Rêde Viação Bahiana* (capital nominal de Frs. 60.000.000 e real de Frs. 49.800.000).

Ou, em resumo:

<i>Empréstimos de 4%.</i>	7
<i>Empréstimos de 4½%.</i>	6
<i>Empréstimos de 5%:</i>	
de 13 de Agosto de 1824	
de 7 de Setembro de 1824	
de 3 de Julho de 1829	
de 5 de Fevereiro de 1839	
de 11 de Janeiro de 1843	
de 23 de Fevereiro de 1859	
de 12 de Setembro de 1865	
de 23 de Fevereiro de 1871	
de 18 de Janeiro de 1875	
de 26 de Fevereiro de 1886	
de 1893, <i>Oeste de Minas</i>	
de 17 de Julho de 1895	
de 1898, <i>Funding-Loan</i>	
de 1903, 1º das <i>Obras do Porto do Rio</i>	
de 1907, do Estado de S. Paulo	
de 27 de Agosto de 1908	
de 1913	
de 1908, <i>Obras do Porto do Recife</i>	
de 1908—1909, Estrada de Ferro Itapura a Corumbá	19
	—
Numero total	32

O valor total de todos estes empréstimos, realizados até 1913, é, em moeda papel, de
1.254.557:257\$293.

A taxa de amortisação não foi fixada nos empréstimos de 11 de Janeiro de 1843, de 27 de Agosto de 1908 e no de 1911, 29 das *Obras do Porto do Rio de Janeiro*. Foi fixada em $\frac{3}{4}$ % no empréstimo de 1911, *Rêde da Viação Cearense*; em $\frac{1}{2}$ % em 8 empréstimos; em 1 % em 14 empréstimos; em 1.13 % em 2; em 1.19 % em 1; em 1,5 em 2; em 4,5 %, finalmente, no de 1907, do Estado de S. Paulo.

A comissão pelo pagamento de juros é de 1 % em 27 empréstimos e de $\frac{3}{4}$ % em 5; a da amortisação é, em todos os empréstimos, de 0,5 % quando a amortização é feita por sorteio e $\frac{1}{4}$ % quando os títulos são adquiridos por compra. O prazo varia, nos diversos contractos, de 10 a 69 annos.

Em 31 de Dezembro de 1913 estavam em circulação, dos 32 empréstimos realizados, os títulos de 17, sendo o de 1883 o mais antigo, e de lbs. 103.772.780 o total do seu valor nominal e actual, ou em mil réis, papel, ao par, 921.653:354\$540.

Não entram nestas indicações estatísticas as dividas externas do Districto Federal e dos Estados.

III

A 31 de Dezembro de 1913, segundo os dados da Mensagem Presidencial de 3 de Maio de 1915, era a seguinte a situação da divida externa da União:

Capital circulante.....lbs. 103.772.780— 0—0

Em 31 de Dezembro de 1914 a seguinte:

Capital circulante.....lbs. 104.481.728—14—0

Havendo portanto, a diferença de lbs.....
708.948—14—0, oriunda do seguinte movimento:

Titulos do <i>Funding</i> de 1914, emittidos até		
31 de Dezembro ultimo.....lbs.	1.902.228—14—0	
Titulos de diversos emprestimos resgatados até a mesma data.....lbs.	1.283.280— 0—0	
	<hr/>	
Diferença	lbs.	708.948—14—0

Os emprestimos, em vigor, são os mesmos 17 de 1913, a que se acrescenta o de 1914, do *Funding*,

sendo a seguinte a sua situação em 31 de Dezembro ultimo:

Emprestimos:

Capital circulante:

	lbs. s. d.
De 1883.....	2.713.100— 0—0
De 1888.....	4.173.100— 0—0
De 1889.....	17.468.300— 0—0
De 1895.....	6.925.900— 0—0
De 1898 (<i>Funding</i>).....	8.425.240— 0—0
De 1901 (<i>Rescission</i>).....	12.935.480— 0—0
De 1903 (<i>Porto do Rio</i>).....	7.698.100— 0—0
De 1908.....	1.839.400— 0—0
De 1910.....	9.767.500— 0—0
De 1911 (<i>Porto do Rio</i>).....	4.042.900— 0—0
De 1911 (<i>Viação Cearense</i>).....	2.400.000— 0—0
De 1913.....	11.000.000— 0—0
De 1906—1910 (<i>Lloyd Brasileiro</i>).....	1.210.500— 0—0
De 1908—1909 (<i>E. F. de Itapura</i> ,..... 98.785.000 francos).....	3.951.400— 0—0
De 1909 (<i>E. F. de Goyaz</i> , 98.464.500 francos).....	3.938.580— 0—0
De 1911 (<i>Réde Viação Bahiana</i> ,..... 60.000.000 francos).....	2.400.000— 0—0
De 1914 (<i>Funding</i>).....	1.992.228— 1—0
 Total.....	<hr/> 104.481.728— 14—0

Os resgates recebidos foram os seguintes:

Os empréstimos de:

lbs. s. d.

1883	76.600— 0—0
1888	84.900— 0=0
1889	131.500— 0—0
1895	52.900— 0—0
1898 (<i>Funding</i>).....	75.240— 0—0
1901 (<i>Rescision</i>)	207.100— 0—8
1903 (<i>Obras do Porto do Rio</i>).....	85.000— 0—0
1908	205.400— 0—0
1910	40.300— 0—0
1911 (<i>Obras do Porto do Rio</i>)	233.100— 0—0
1906 (<i>Lloyd Brasileiro</i>).....	65.800— 0—0
1908—1009 (<i>E. F. Itapura</i>).....	10.200— 0—0
1910 (<i>E. F. Goyaz</i>).....	15.240— 0—0

Somma.....lbs.	1.283.280— 0—0
Titulos do <i>Funding</i> de 1914.....lbs.	1.992.228— 14—0

Diferença	708.948— 14—0
Situação em 1913.....lbs.	103.772.780— 0—0
Situação em 1914.....lbs.	104.481.728— 14—0

Com a importancia de lbs. 1.992.228—14—0, de titulos emittidos do *Funding de 1914*, custeou o Go-

verno da União os juros de um semestre dos seguintes empréstimos:

De 1883.....	lbs.	61.044—15—0
De 1888.....	"	93.894— 15—0
De 1889.....	"	349.366— 0—0
De 1895.....	"	173.147—10—0
De 1901 (<i>Rescision</i>).....	"	258.709—12—0
De 1908.....	"	45.985— 0—0
De 1910.....	"	195.350— 0—0
De 1911 (<i>Porto do Rio</i>).....	"	83.212— 0—0
De 1913.....	"	275.000— 0—0
Ee 1906—1910 (<i>Lloyd Brasileiro</i>).....	"	25.262—10—0
De 1908—1909 (<i>E. F. Itapura</i>).....	"	98.785— 0—0
De 1909 (<i>Porto do Recife</i>).....	"	40.000— 0—0
De 1910 (<i>E. F. Goyaz</i>).....	"	78.771—12—0
De 1911 (<i>Viação Cearense</i>).....	"	48.000— 0—0
Titulos emitidos do empréstimo de 1911 "	"	117.700— 0—0

Somma.....lbs. 1.992.228—14—0

No anno corrente emittio a União, de Janeiro a Março, titulos do *Funding de 1914*, no valor de lbs. 903.152—17—0, que assim empregou nos juros dos seguintes empréstimos:

	lbs. s. d.	
De 1888.....		93.894—15—0
1889.....		349.366— 0—0
1910 (<i>E. F. Goyaz</i>).....		78.771—12—0
1911 (<i>Porto do Rio</i>).....		80.858— 0—0
1913.....		275.000— 0—0
1906—1910 (<i>Lloyd Brasileiro</i>).....		25.262—10—0

Somma.....lbs. 903.152—17—0

E, sendo de lbs. 15.000.000 o capital do *Funding de 1914*, ainda restava ao Governo Federal, em abril de 1915, o seguinte saldo a emitir:

Emissão de 1914.....lbs.	1.992.228—14—0
Emissão até Março de 1915.....lbs.	903.152—17—0
	<hr/>
Somma.....	2.895.381—11—0
Total do <i>Funding</i>	15.000.000— 0—0
	<hr/>
Saldo a emitir.....	12.104.618—9—0

Estes recursos facilitam por algum tempo, na forma do contracto de 1914, o custeio dos empréstimos externos da União.



IV

Data de 19 de Outubro de 1914 o *Funding-Loan* assignado em Londres pelo Delegado do Thesouro Federal e pelos agentes financeiros do Brazil, os srs. N. M. Rotschild & Sons.

Em virtude desse contracto foram suspensos por tres annos, que se findam em Julho de 1917, os pagamentos de juros dos diversos emprestimos da União, exceptuando-se o de 1898 (*Funding*) e o de 1903, das obras do porto do Rio de Janeiro,

As amortisações, estas, foram suspensas por treze annos, terminando o prazo em Julho de 1927.

O capital do *Funding* de 1914 é de lbs. 15.000.000, sendo as seguintes as suas applicações:

a) Pagamento de juros dos diversos emprestimos externos;

b) Resgate dos titulos sorteados, em 1914, do emprestimo de 1911;

c) Pagamento, até lbs. 2.500,000, de garantias de

juros a estradas de ferro e a empresas constructoras de portos.

Neste contracto ficou o Governo Federal obrigado ao pagamento do imposto sobre a renda, tanto em França como na Inglaterra, calculado sobre o valor nominal dos titulos emittidos do novo *Funding*.

Pelo primeiro *Funding*, de 15 de Junho de 1898, realisado tambem por intermedio dos banqueiros N. M. Rotschild & Sons, de Londres, a applicação foi a mesma—custeio dos juros da divida externa brasileira, inclusive os do emprestimo feito, com garantia do Governo da União, para a Estrada de Ferro Oeste de Minas. As amortisações nesse primeiro *Funding* tiveram a suspensão de 3 annos, que cessou em 30 de Junho de 1911.

Utilizando os recursos provenientes do accordo de 15 de Junho, o Governo Federal pode retirar da circulação uma certa parte de papel-moeda existente em gyro, cuja somma, de 788.364:614\$500 em 31 de Agosto de 1898, baixou, em 31 de Dezembro de 1899, a 733.727:153\$000; a 699.631:719\$000 em 1900; a 680.451:058\$000 em 31 de Dezembro de 1901; não excedendo de 664.792:690\$000 em 1906 e de.... 660.500:000\$000 em Agosto de 1907.

O papel bancario, consoante o determiuado pela lei de 9 de Dezembro de 1896, foi, todo elle, encam-

pado pelo Governo, sendo de 340.714:370\$000 o total das emissões que passaram á responsabilidade do Thesouro Federal.

A encampação das estradas de ferro, que gosavam do favor da garantia de juros, se effectuou, em 1901, pela emissão dos *rescision bonds*, titulos de 4 %, cujo valor, até 1906, se elevou á somma de lbs. 16.609.320, baixando, em 1907, ao total de lbs..... 15.286.440, em virtude do resgate de 1903, do valor de lbs. 1.322.880. A amortisação destes titulos é feita pela applicação do producto dos arrendamentos das estradas encampadas e do valor da differença entre o o juro que era garantido e o que se paga aos *rescision bonds*.

O capital destes titulos (circulante) em 31 de Dezembro de 1914 era de lbs. 12.936.480.

O Governo, para melhorar a situação de nossas finanças, creou, ainda, o Fundo de Garantia (Lei n. 581, de 29 de Junho de 1899) e o Fundo de Resgate do Papel Moeda, instituido tambem pela lei de 1899, e o Fundo de Amortisação dos Emprestimos Internos, estabelecido pelo Decreto de Abril de 1902.

O papel moeda existente em 31 de Março de 1915 era do valor total de 838.268:440\$500.

Essa elevação é resultante, apesar dos resgates effectuados, das emissões de 1914 e de 1915.

V

O movimento do papel-moeda, de 31 de Agosto de 1898 a 31 de Março de 1915, tem sido este:

Em circulação em Agosto de 1898	788.364:614\$500
Retirado da circulação até 31 de Julho de 1914	188.023:894\$000
	<hr/>
Existencia.....	600.340:720\$500
Emissão de 26 de Agosto a 21 de Dezembro de 1914.....	232.500:000\$000
	<hr/>
Existencia	832.840:720\$500
Resgate de 1º de Agosto a 31 de Dezembro de 1914.....	10.344:702\$000
	<hr/>
Existencia em 31 de Dezembro de 1914..	822.496:018\$500
Emissão de 1º de Janeiro a 31 de Março de 1915	15.000:000\$500
Resgate no mesmo prazo.....	27:578\$000
Em circulação a 31 de Março de 1915....	838.268:440\$500

As notas são da seguinte quantidade e valor:

5.279.750		de	1\$000	5.279:750\$000
2.350.096	½	»	2\$000	6.700:193\$000
9.077.706	½	»	5\$000	45.388:532\$500
11.753.956		»	10\$000	117.539:560\$000
5.860.856	½	»	20\$000	117.217:130\$000
3.365.440	½	»	50\$000	168.272:025\$000
1.273.098		»	100\$000	127.309:800\$000
532.328	½	»	200\$000	106.465:700\$000
288.191	½	»	500\$000	144.095:750\$000
<hr/>					
40.781.424					838.268:440\$500

Foram emittidos 11.805:000\$000 em moedas de prata cunhadas na Allemanha, sendo 1.477:000\$000 em 1913 e 10.328:000\$000 em 1914.

A emissão de nickel attingiu a 14.528:800\$000, sendo em 1913, a somma de 1.124:000\$000 e, em 1914, a de 13.404:380\$000.

O movimento, em 1914, na CAIXA DE CONVERSÃO, calculado o ouro ao cambio de 16 d. foi o seguinte:

Entradas	21.550:927\$122
Sahidas	159.100:679\$426

De 22 de Dezembro de 1906 a 31 de Dezembro de 1913, foi este o movimento:

Entradas	585.709:450\$157
Sahidas	309.701:820\$052

E, portanto, o movimento geral até 31 de Dezembro de 1914 era o seguinte:

Entradas	607.260:377\$279
Sahidas	468.802:499\$478

Differença	138.457:877\$801
------------------	------------------

ou seja, em Dezembro de 1914, o saldo de lbs. 9.230.525-3-8, equivalente, em réis, a 138.457:877\$301.

De Agosto a Dezembro de 1914 não houve entradas.

O cambio, nesse periodo, teve, em media, as seguintes variações:

A 90 dias:

Agosto.....	13	$\frac{17}{32}$
Setembro.....	11	$\frac{61}{64}$
Outubro.....	12	$\frac{9}{16}$
Novembro.....	13	$\frac{19}{32}$
Dezembro.....	14	$\frac{3}{64}$

A' vista:

Agosto.....	13	$\frac{13}{32}$
Setembro.....	11	$\frac{27}{32}$
Outubro.....	12	$\frac{29}{64}$
Novembro.....	13	$\frac{15}{52}$
Dezembro.....	13	$\frac{59}{64}$

No corrente anno, foi esta a variação da média cambial:

A 90 dias:

Janeiro.....	13	$\frac{7}{8}$
Fevereiro.....	12	$\frac{3}{3}$
Março.....	13	$\frac{1}{64}$

A' vista:

Janeiro.....	13	$\frac{3}{4}$
Fevereiro.....	12	$\frac{5}{8}$
Março.....	12	$\frac{57}{64}$

O movimento de importação e exportação de es-

pecies metalicas e notas de Bancos e estrangeiros foi o que se segue:

Importação (1º semestre)

	CONTOS	EQUI:—MIL LBS.
1911.....	32.269:000\$000 2.151
1912.....	25.081:000\$000 1.605
1913.....	18.028:000\$000 1.202
1914.....	12.663:000\$000 844
1915.....	412:000\$000 22

Exportação (1º semestre)

1911.....	36.388:000\$000 2.404
1912.....	22.069:000\$000 1.471
1913.....	23.421:000\$000 2.228
1914.....	85.164:000\$000 5.678
1915.....	72.355:000\$000 3.837

Ou seja:

Em 1913 (1º semestre):

Exportação.....	23.421:000\$000
Importação.....	18.028:000\$000
Diferença.....	5.393:000\$000

Em 1914 (1º semestre):

Exportação.....	85.164:000\$000
Importação.....	12.663:000\$000
Diferença.....	72.501:000\$000

Em 1915 (1º semestre):

Exportação.....	72.355:000\$000
Importação.....	412:000\$000
Diferença.....	71.943:000\$000

São expressivos, todos estes algarismos, das dificuldades financeiras que nos sitiam, desde que se foi accentuando, em prejuizo da nossa actividade mercantil, a crise dominante.

VI

Pelo seu valor posto a bordo, no primeiro semestre do corrente anno, foi a seguinte, em contos de réis, papel, a relação entre a nossa importação e exportação de mercadorias:

Importação.....	264.636:605\$000
Exportação.....	452.707:143\$000

Em 1914, no mesmo periodo de 6 mezes, os primeiros do anno, a situação tinha sido esta:

Importação.....	353.655:550\$000
Exportação.....	412.886:220\$000

Isto é: diminuiu a importação no valor de 89.018:945\$000 e augmentou a exportação na somma verificada de 39.820:923\$000.

De 1911 a 1913 a importação crescera sempre: 395.940:000\$000 em 1911, 442.885:000\$000 em 1912 e 524.582:000\$000 em 1913. A exportação, que subira de 1911 para 1912 (378.555:000\$000 no primeiro anno e 457.552:000\$000 no segundo) baixou ao valor de 413.785:000\$000 em 1913 e ao de 412.886:220\$000

em 1914, voltando, no primeiro semestre deste anno, á somma de 452.707:143\$000, pouco menos da verificada em 1912.

As differenças, nos primeiros semestres do quinquennio, foram, entre a exportação e a importação, as seguintes:

Em 1911	para <i>menos</i>	17.385:000\$000
Em 1912	» <i>mais</i>	14.667:000\$000
Em 1913	» <i>menos</i>	110.797:000\$000
Em 1914	» <i>mais</i>	59.230:670\$000
Em 1915	» »	188.070:538\$000

Quanto á exportação, considerados os primeiros seis mezes de 1914 e 1915, procede a differença, dos totaes dos valores, das mercadorias exportadas, da variação das quantidades e preços unitarios dos productos, de que nove são os principaes:

Algodão, assucar, borracha, cacáo, café, couros, fumo, matte e pelles.

O *algodão*, cuja exportação baixou de 26.433 toneladas, (exportação do 1º semestre de 1914) para 4.047, (exportação do 1º semestre de 1915), subiu do preço médio, por kilo, de \$926 para o de \$997;

O *assucar*, subiu, ao contrario, da exportação da 7.775 toneladas em 1914 para a de 50.283 toneladas em 1915, elevando-se tambem o preço de \$132 para \$235;

A *borracha*, quanto á quantidade, mantem-se, por assim dizer, a mesma—19.701 toneladas em 1914 e 18.441 em 1915, e de igual modo o seu preço—3\$375 em 1914 e 3\$650 em 1915;

O *cacão*, cuja exportação, no primeiro semestre de 1914, fôra de 22.516 toneladas, baixou, no primeiro semestre de 1915, á exportação de 16.361 toneladas, variando o preço de \$723 em 1914 para 1\$158 em 1915;

O *café*, que teve em 1914 uma exportação semestral de 5.446.000 saccos, de 60 kilos cada, subiu, em 1915, á de 7.550.000 saccos, sendo de 40\$994 o preço de sacco em 1914 e de 35\$693 o seu preço em 1915;

Os *couros*, com uma exportação de 19.841 toneladas em 1914 e a de 18.765 em 1915, tiveram, em 1914, o preço de \$886 por kilo e, em 1915, o de 1\$260 também por kilo;

O *fumo*, este, baixou da exportação de 20.297 toneladas em 1914 para a de 8.487 em 1915, sendo os seus preços, por kilogramma, de \$873 em 1914 e de \$840 em 1915;

O *matte*, variando da exportação de 27.479 toneladas em 1914 para a de 34.280 toneladas em 1915, teve uma pequena differença de preços por kilogramma, o de \$458 em 1914 e o de \$472 em 1915;

As *pelles*, finalmente, de 1.424 toneladas de exportação em 1914 e de 1.978 toneladas em 1915, tive-

ram, nos primeiros semestres comparados de 1914 e 1915, os preços, respectivamente, de 3\$491 e 3\$103.

Esses nossos productos tiveram, nos periodos examinados, os seguintes valores a bordo:

1º semestre de 1914.....	384.348:108\$000
1º » » 1915.....	425.964:831\$000

que, com os valores de diversos outros productos, da somma de 28.538:110 em 1914 e de 26.742:312\$000 em 1915, perfazem o total da exportação nacional nos indicados semestres:

1º semestre de 1914.....	412.886:220\$000
1º » » 1915.....	452.707:143\$000

De um modo geral—melhorou a exportação do paiz, em quantidade e valor.



VII

A depressão do nosso intercambio; motivada, principalmente, pela baixa simultanea do café e da borra-cha, teve o seu inicio, segundo os dados estatisticos do nosso commercio exterior, em Maio de 1913, agravando-se no anno ultimo, de 1914. A Mensagem Presidencial, apresentado ao Congresso em 3 de Maio deste anno, assignala, depois de fixar em 85% a contribuição do café e da borra-cha na exportação nacional, a nociva influencia da guerra n'aquelle facto:

«A guerra européa muito contribuiu para a retracção do nosso intercambio, restringindo, com a desorganisação do credito e as irregularidades de transporte, as possibilidades de exportarmos o que tinhamos em *stock*.

E accrescenta:

«A nossa importação, que, no 1º semestre de 1914, já descera a 66% do que fôra no mesmo periodo do anno anterior, ficou reduzida, no segundo semestre, a 33%. Não podia deixar de reflectir-se sobre a situação financeira do paiz

este retrahimento da importação, que é a parte dos impostos aduaneiros, os quaes representam 66% das receitas orçamentarias. A declaração da guerra fez cessar as nossas relações commerciaes com os quatro seguintes paizes: Allemanha, Belgica, Austria e Russia, os quaes mantinham connosco avultada troca de mercadorias».

Demonstram os seguintes algarismos o facto dessa diminuição para a unidade de 1.000 libras esterlinas:

Exportação do Brasil:

	ANNOS	
	1913	1914
Allemanha.....	5.935	451
Austria.....	461	36
Belgica	1.608	72
Russia.....	41	7
	<hr/>	<hr/>
Totaes.....	8.045	566
Differença para menos	—	7.479
	<hr/>	<hr/>
Sommas	8.045	8.045

Quanto ao movimento total foram estes, nos dois annos, em contos de réis, os algarismos:

	1914	1913
<i>Mercadorias:</i>		
Exportação.....	750.980	972.731
Importação.....	561.853	1.007.495
	<hr/>	<hr/>
Sommas.....	1.312.833	1.980.226

Moedas metallicas:

Exportação.....	126.462	99.911
Importação.....	12.781	18.727

Ou, pelo seo equivalente, em lbs. 1.000:

<i>Mercadorias:</i>	1914	1913
Exportação.....	46.522	64.849
Importação.....	35.473	67.166
Sommas.....	81.995	132.015

Moedas metallicas:

Exportação.....	8.257	6.061
Importação.....	852	1.248

Na importação de mercadorias attingio a 48% a diminuição das materias primas e artigos com applicação ás artes e industrias; a 54% a de manufacturas; a 26% a relativa a generos alimenticios.

Em 1913, quanto á exportação, baixou, esta, de lbs. 10.000.000 sobre a de 1912, e de lbs. 18.000.000 a de 1914, comparada com a de 1913.

O café, este, diminuiu, em 1914, quer em valor quer em quantidades exportadas, sendo de 2.000.000 o numero, a menos, de saccos exportados, e de lbs. 13.700.000 a differença do valor.

A borracha, que sobre uma temivel concurrencia de Ceylão e da Malasia, teve a exportação, em 1914, de 33.000 toneladas, no valor de lbs. 7.000.000, contra 36.232 toneladas, 1913, no valor de lbs. 10.000.000.

Dos outros productos de nossa exportação só o cacáo se liga, na sua maior exportação, a um desenvolvimento de cultura nos municipios do Sul deste Estado, especialmente nos de Ilhéos e Itabuna.

Facto novo é o da exportação, em Dezembro de 1914, de 1.400 kilogrammas de carnes em frigoriferos, exportação que, até 31 de Março deste anno, se elevou a 131.000 kilos.

Parece que a exportação de madeiras, até aqui bastante reduzida, vae crescer, tendo augmentado, especialmente na França, a procura desse producto, muito abundante na maioria de nossos Estados.



VIII

Progride, no mundo, o consumo do cacáo, como o attestam os seguintes algarismos:

Em 1909:

Estados-Unidos	7.935	toneladas
Allemanha	8.320	“
Inglaterra	9.857	“
França	14.871	“
Hollanda	9.656	“
Suissa	2.115	“
Italia	650	“
Hespanha	6.725	“
Somma	60,129	“

Em 1911:

Estados-Unidos	61.300	toneladas
Allemanha	50.000	“
Inglaterra	25.000	“
França	28.500	“
Hollanda	23.400	“
Suissa	10.300	“
Italia	2.400	“
Hespanha	6.300	“
	207.200	“

Só nestes oito paizes o consumo augmentou, em dois annos, de 244%, taxa obtida entre os algarismos de 60.129 e 207.200 toneladas do consumo de 1909 e de 1911. Os Estados-Unidos, sómente esta nação, consumiram, em 1911, 61.300 toneladas, ou mais 1.171 toneladas que os oito precitados paizes (60.129 toneladas) no anno de 1909.

O consumo na Europa e nos Estados-Unidos, calculado, no anno de 1913, em 400 milhões de libras, sobe a 530 milhões especializando-se o augmento na Norte-America, no Reino Unido, na Allemanha e na Hollanda.

Entre nós, se eleva a exportação de todo o paiz de 30.000 toneladas, em 1913, para 40.000 toneladas em 1914, sendo que, no corrente anno, até o ultimo dia de Agosto, a exportação já tinha chegado a 27.608 toneladas, contra, em igual periodo, a de 1914 (26.213 toneladas), a de 1913 (15.575 toneladas), a de 1912 (17.572 toneladas) e a de 1911, do pezo da 22.346 toneladas, crescendo de Agosto até Outubro em muito maior proporção.

A da Bahia, particularmente, se eleva de 26.949 toneladas, no anno de 1913, para o total, em 1914, de 36.680 toneladas, maximo até então alcançado, sendo obtidas no graphico de 1897 a 1914, em 1906, 1910, 1909, 1913, 1909, 1902, 1908, 1911 e 1914,

e nesta ordem, as maiores ordenadas. No anno que está passando, tudo indica que a linha de exportação do cacáo a mais alto se elevará, quer na quantidade exportada quer em preço.

O Brazil, todavia, não poude vencer a producção da Costa do Ouro, possessão ingleza na Africa, onde a colheita util se elevou de 9.000 toneladas, em 1907, a 56.000 toneladas em 1913, ficando, ainda, abaixo do que produzem o Equador e S. Thomé. Neste Estado, entretanto, só na região do Sul (Ilhéos, Itabuna, Belmonte e Cannavieiras) seria facil ter uma producção superior á do resto do mundo.

Mas, a explicar o não ser assim, se impõe, como exacta observação, a do *Anvers-Bourse*, jornal de Antuérpia, cujo parecer se ampliou, pelas seguintes palavras, no *Bulletin de la Société d'Expansion Belge vers l'Espagne et l'Amerique latine*:

«No Brazil a maior parte das prescrições, observadas na America Central e em Ceylão, são desprezadas. Contentam-se, geralmente, com as plantações da mandioca para proteger os cacoeiros e não se reconhecem os inconvenientes do plantio de mil cacoeiros por hectare. Ha falta de cuidados na cultura, e por isso as arvores produzem menos que na America Central.

«Na costa occidental da Africa, em Camerum,

custam as plantações 875 francos por hectare, para um maximo de 850 arbustos, dando cada pé dois kilos, o que assegura ao proprietario, do mesmo modo que em S. Thomé, uma renda de 1.250 francos.

«No Brazil, além disto, a difficuldade e carestia dos transportes por demais encarecem o custo da produção, cujo valor diminue á falta de tratamento.»

E a mais, como justissimo conselho, ainda disse:

«O Brazil, que monopolizou a cultura do café (16 a 18 milhões de saccos produzidos para um consumo de 17 a 20 milhões), bem poderia monopolisar, se o quizesse, a produção do cacáo. Do mesmo modo que, por não poderem lutar com o Brazil na produção do café, varios paizes abandonaram esta cultura, assim outros teriam de renunciar a do cacaoeiro, se o Brazil se occupasse, sériamente, sob o duplo ponto de vista—agricola e industrial, da produção do cacáo.

Para o paiz e, especialmente, para o nosso Estado—nada é mais digno de attenção. Basta lembrar o quanto tem contribuido o cacáo, nesta hora difficil das finanças nacionaes, para sustentar, no anno que corre, a renda orçamentaria da Bahia.



IX

Em meados de 1913, declara a Mensagem Presidencial de Maio deste anno, «deu-se coincidência na baixa concomitante do café e da borracha». E disto apura, considerando as mudanças bruscas que soffrem estas duas mercadorias, «que o desenvolvimento da nossa expansão economica é devido mais ás altas occasionaes dos preços do que ao augmento da quantidade dos nossos productos exportaveis».

Não é difficil verificar até onde chega a verdade desta sentença por uma simples approximação entre os algarismos estatísticos que representam as indicadas variações:

Quanto ao café, o movimento da exportação foi o seguinte:

Em 1908.....	12.658.457	saccas
« 1909.....	16.880.696	«
« 1910.....	9.723.738	«
« 1911.....	11.257.802	«
« 1912.....	12.080.303	«
« 1913.....	13.267.000	«
« 1914.....	11.271.000	«

sendo este o preço, por sacca de 60 kilos:

em 1908.....	29\$900
« 1909.....	31\$600
« 1910.....	39\$644
« 1911.....	53\$876
« 1912.....	57\$111
« 1913.....	46\$103
« 1914.....	39\$016

È, assim, sendo a mesma a quantidade exportada em 1911 e em 1914, o valor, nesse primeiro anno, attingio a 40.401 mil libras esterlinas, emquanto que, no segundo, não excedeo de 27.001 mil libras esterlinas.

Quanto á borracha, as palavras da Mensagem são, ainda, mais expressivas:

«A porcentagem da borracha sobre o total da exportação, que tinha sido de 43% em 1910, foi apenas de 15% em 1914».

«A producção na Amazonia», accrescenta, «que era ascensional até a safra de 1912-1913, vem diminuindo de lá para cá. Nos nove mezes da actual safra, comparada com aquella, já apresenta uma differença, para menos, de 6.500 toneladas, ao passo que a exportação de Ceylão e da Malasia, que era, em 1911, de 14.000 toneladas, attingio ao total de 64.000 em 1914, ou sejam 200% sobre a nossa».

Nesta mercadoria, especialmente, ha muito estamos perdendo terreno, ainda mais nos preços que na

quantidade da exportação, o que demonstra, exuberantemente, o nosso descuido, apesar dos repetidos avisos da experiencia e da critica, em face da produção estrangeira.

Desde 1912 desce a nossa exportação, 42.286 toneladas, em 1912, para 36.232 em 1913 e 33.468 toneladas em 1914. Sobre os preços a baixa é, ainda, maior:

Em 1910.....	9\$768 por kilo
« 1911.....	6\$195 «
« 1912.....	5\$709 «
« 1913.....	4\$296 «
« 1914.....	3\$886 «

Neste anno, até Junho, foi, ainda, menor a media, calculada em 3\$650 por kilogramma.

Na Bahia a quéda chega a ser assustadora:

a) baixa a exportação, no ultimo quinquenio, do maximo de 1910 (1.511 tons.) ao minimo, em 1914, de 420 toneladas;

b) reduz-se, successivamente, o preço, por kilo, de 9\$780 em 1910, a 6\$195 em 1911, a 5\$709 em 1912, a 4\$296 em 1913, a 3\$886 em 1914, quando o Estado exportou, só e só, 420 toneladas;

c) os direitos arrecadados diminuem de 512:411\$199, em 1910, a 73:541\$598 em 1914!

O café, por sua vez, cahe, na exportação, de 8.772 toneladas, em 1910, para 5.359 em 1914, baixando os preços de 660 rs. por kilogramma, em 1910, a 650 rs., em 1914, o mesmo peso.

Se não nos acontecem os males de S. Paulo com a crise do café e os da região amazonense com a crise da borracha, é porque a Bahia, devido a sua polycultura natural, encontra na produção do fumo e do cacáo seguras compensações.

Todos estes algarismos, muito mais que os outros da nossa exportação, bem indicam que não devemos esperar a valorisação de seus productos da alta occasional dos preços nas praças estrangeiras. É' necessario que a vantagem venha da sua maior quantidade e melhor qualidade na disputada concurrencia dos mercados.



X

Não sabemos por que motivo grangeou a feição ridícula, no tempo da monarchia, a sentença, muitissimo verdadeira, de que é o nosso «um paiz essencialmente agricola». Elle o é, de facto, e por muito tempo sel-o-á ainda. Se sobejam as industrias que, ligadas ás explorações da terra, nos pódem garantir inequivocas vantagens, está provado, em todo o periodo da Republica, que não resistem as outras á concurrencia da Europa, sempre que a nossa moeda se valorisa. As industrias fabris, estas, viveram e vivem, exclusivamente, da protecção official assegurada aos seos proprietarios pelas taxas proteccionistas do orçamento federal. Fóra d'ahi tem sido o seo caminho o da ruina, e se deixam, quando privilegiadas pelo imposto prohibitivo, lucros reaes, ás vezes, quantiosos aos que as exploram, é immensamente maior o prejuizo do consumidor, obrigado pelas determinações da lei a supportal-as, comprando por mais o que os mercados da Europa e da America do Norte lhe poderiam dar por muito menos.

A agricultura, ao contrario, como as industrias extractivas que a ella se vinculam ou della dependem, sustentam, de norte a sul, o paiz. O producto agricola é a nossa riqueza. Vivem delle, pela renda de sua exportação, todos os Estados. Mesmo em S. Paulo, onde a industria fabril mais se adeantou e até certo ponto está florescia, procedem da actividade agricola, na maxima parte, os recursos da receita orçamentaria.

De 68.191:781\$279, no ultimo exercicio publicado, a arrecadação effectiva dos impostos, cabe á exportação a somma de 40.979:157\$176, ou sejam 60%. Aqui, neste Estado, não é o facto differente: de 12.958:657\$966 a renda dos impostos em 1913, e de 11.882:526\$903 a mesma arrecadação em 1914, concorreram os impostos de exportação (direitos, estatistica e taxa do serviço agronomico) em 1913 com a somma de 7.561:249\$094 e com a de 7.784:166\$072 em 1914, ou sejam, no primeiro anno, 58% e, no segundo, 65%.

Se faltasse nestes, como nos outros departamentos do paiz, a producção agricola, não poderiam, todos, como a Nação, viver. Ao seo decrescimento ou menor valor, nos dias de crise, se filiam as grandes perturbações economicas, que tudo desorganizam. Quando o seo preço augmenta nos mercados estrangeiros, e

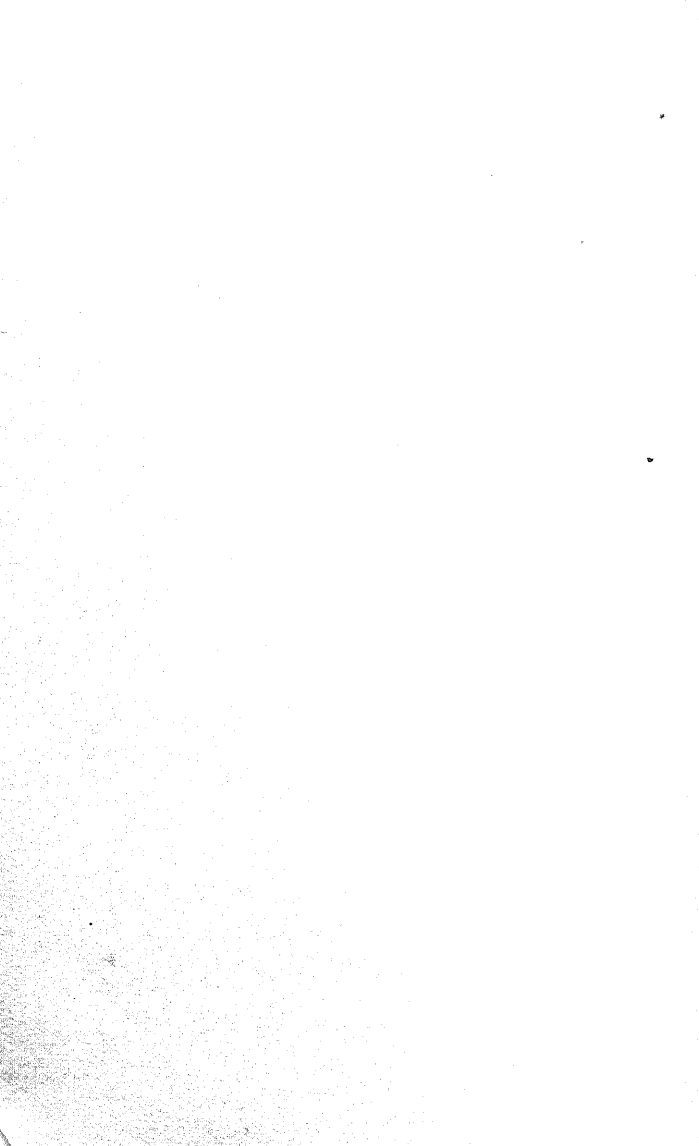
assim se valorisam os productos da nossa agricultura, parece, entre nós, que tudo renasce e está bem.

E, contudo, apesar do longo tempo decorrido após a nossa independencia, é, ainda, pequena a intervenção do homem na exploração da terra. Insufficiêntissimos os capitaes, tendo-se em vista as extensões inexploradas, é immensa a desproporção, onde ellas se cultivam, entre a capacidade do esforço que as aproveita e o valor nativo do solo. Quasi que este dá tudo, tanto são atrasados, em geral, os methodos da lavra e da cultura e os processos da exploração.

«Paiz essencialmente agricola», que tem na produção da terra as fontes de sua riqueza effectiva e util, é de extranhar, entretanto, que tenha de pedir á importação um não pequeno numero de artigos destinados á alimentação, especialmente os cereaes, as feculas, as farinhas e os grãos alimentticios.

Quer isto dizer que só ahi se apresenta para a actividade agricola um vasto campo de trabalho, de resultados já excellentes nos ensaios do Sul. Acima, pois, das industrias fabris, devemos cuidar das nossas grandes culturas e das que, parecendo de menor valor, reduzirão a somma de importação de mercadorias, que a terra nos dá e podemos e devemos produzir.

A agricultura é ainda, e será por longo tempo, a grande força do nosso poder economico.



XI

Não são diversas, em S. Paulo, as causas que mais têm contribuído em outros grandes Estados da Republica para o desequilibrio de seus orçamentos.

A 14 de Junho de 1914 declarava, a este respeito, o dr. Carlos Augusto Pereira Guimarães, vice-presidente do Estado, o seguinte:

«O exercicio financeiro registrou *ainda este anno um deficit* não pequeno. Para elle influiram diversas causas, entre as quaes sobresaem a menor arrecadação em diversos titulos da receita, e a circumstancia de ainda serem incluídas no orçamento ordinario verbas insufficientes para grandes obras e serviços, que deviam ser custeadas com recursos especiaes».

Refere-se o vice-presidente de S. Paulo, especialmente, aos melhoramentos materiaes, que, determinando os *deficits*, obrigam o Estado a grandes empréstimos, o que, entretanto, assim justifica:

«São, sem duvida, despezas necessarias, inadiaveis pela maior parte, e por isso perfeitamente justificaveis, sobretudo em um Estado ainda em formação, como o nosso, em que os serviços administrativos ou estavam por organisar ou eram insufficientemente dotados».

Que se deverá dizer do nosso Estado, que tanto se atrazou, dotado de uma renda effectiva bastante pequena para o custeio de suas reaes necessidades e que só nestes ultimos annos iniciou a obra do seu indispensavel renascimento?

A renda de impostos, em S. Paulo, se eleva a mais de 65 mil contos; e, comtudo, o vice-presidente dr. Carlos Guimarães declara haver em S. Paulo «uma despeza elevada e certa, em frente a uma receita insufficiente e sujeita a variações imprevistas».

O orçamento de 81.915:000\$000 deu uma receita de 76.007:986\$367, sendo de 7.816:205\$088 a renda extraordinaria, havendo, pois, uma differença, para menos, de 5.907:013\$633.

O valor official dos generos sahidos pelos diversos portos do Estado, e pela Estrada de Ferro Central do Brasil, attingio á somma de 554.429:000\$000, incluindo-se nesse total a de 454:933:651\$600, valor official de 9.477.784 saccas, com 566.667.053 kilos, de café, pertencentes ao Estado de S. Paulo.

O valor official da exportação paulista, não sujeita a impostos de sahida, foi avaliada em
70.992:985\$040.

A despeza ordinaria attingio a 95.695:311\$000 contra a orçada de 81.915:000\$000, sendo registrada a differença, para mais, de 13.780:311\$000,

A despesa total, porém, attingio a
 107.738:246\$000, assim distribuida pelas Secretarias
 do Estado:

Interior.....	26.926:143\$230
Justiça.....	19.661:159\$913
Agricultura.....	31.550:274\$468
Fazenda	29.600:198\$645
	<hr/>
Somma	107.738:246\$256

A divida externa, ao findar o exercicio de 1913, era de lbs. 6.974.362--12--3. A interna consolidada era do valor de 59.049:500\$000 e a fluctnante de
 68.228:211\$273.

O resgate da divida fluctuante começou a se fazer com os recursos de uma operação, por lettras a prazo curto, do valor de lbs. 4.200.000 desde que não foi possivel ultimar a grande operação de 10 milhões esterlinos, de que tiveram opção os banqueiros J. H. Schroder & C.

As dificuldades, como se vê, não exceptuaram o Estado de S. Paulo, que, por isso mesmo, trabalha para se libertar de suas nocivas influencias, restituindo aos seus cofres a ordem financeira que lhes falta, como aos outros Estados e á propria Nação.



XII

A estatística bancaria, organizada pela Directoria da Estatística Commercial do Ministerio da Fazenda, e de referencia aos sessenta e quatro principaes Bancos e filiaes existentes no Paiz, deo como mais expressivas verbas de seos balanços, no anno de 1914, as seguintes:

Activo:

Letras descontadas	262.139:000\$000
Emprestimos em c/c.....	391.829:000\$000
Depositos e cauções.....	1.487.023:000\$000
Caixa, em moeda corrente.....	311.511:000\$000

Passivo:

Depositos á vista.....	389:231:000\$000
» a prazo	260.742:000\$000
Titulos em garantia e pertencentes a terceiros.....	1.737.438:000\$000

No anno anterior, de 1913, tinham sido estas as cifras de cada uma das verbas precitadas:

Activo:

Letras descontadas.....	294.450:000\$000
-------------------------	------------------

Emprestimo e em c/c	440.312:000\$000
Depositos e cauções	1.283.362:000\$000
Caixa, em moeda corrente.....	214.272:000\$000

Passivo:

Depositos á vista	475.137:000\$000
" a prazo.....	253.298:000\$000
Titulos em garantia e pertencentes a terceiros.....	1.519.016:000\$000

As diferenças de um para outro anno assim se registram:

Em 1914

Activo:

Letras descontadas	—	32.311:000\$000
Emprestimos em c/c.....	—	49.483:000\$000
Depositos e cauções.....	+	203.661:000\$000
Caixa, em moeda corrente....	+	97.239:000\$000

Passivo:

Deposito á vista	—	85.906:000\$000
" a prazo.....	+	7.444:000\$000
Titulos em garantia e perten- centes a terceiros.....	+	218.422:000\$000

Indicam estes algarismos que os Bancos restringiram, quanto possivel, as operações de credito, tornando mais avultadas as garantias para as que tiveram de manter ou não puderam deixar de realizar.

O Sr. Presidente da Republica assignou o facto,

dizendo que «no activo soffreram diminuição as contas de empréstimos e letras descontadas, tendo havido augmento nas de deposito e cações e na de dinheiro em caixa»; que «no passivo houve augmento nas contas de garantia e deposito a prazo e diminuição nas contas correntes á vista».

O dinheiro em caixa em 1914, no valor total de 311.511:000\$000, era pertencente—aos Bancos estrangeiros 165.460:000\$000 e aos nacionaes 146.051:000\$.

Na Bahia o facto se passou do mesmo modo, e o Sr. Dr. Governador do Estado, 27 dias antes do Sr. Presidente da Republica, assignalava o facto para o caso particular da Bahia por esta observação:

«Aqui, a accentuar a crise, tivemos, desde Agosto, as difficuldades da navegação, que a guerra logo reduzio; o cerceamento, um a par do outro, do credito e dos negocios; a pressa, não raro inclemente, na exigencia das liquidações do debito bancario taes e de tamanho valor que, no anno de 1914, diminuiram dos Bancos em mais de 20.000:000\$000 as responsabilidades do commercio, enquanto que, reduzidas a menos de tres mil as retiradas dos depositos, subio de cinco mil e setecentos para nove mil contos o saldo de suas caixas, aparentemente defendidas contra o mesmo commercio, a cujas necessidades

mal attendem, indo por deante na furia das liquidações».

Esta affirmativa, em tudo verdadeira, foi assim detalhada: «Basta saber que, emquanto desceo, apenas, de 24.161:000\$000 em 1913 para 21.299:000\$000 em 1914 o total dos depositos á vista e a prazo, baixou de 57.164:000\$000 em 1913 para 37.020:000\$000, em 1914, a somma das lettras descontadas, dos emprestimos em conta corrente e das lettras a-receber, ou seja uma differença, para menos, de 20.144:000\$000 de responsabilidades satisfeitas.

A baixa do cambio, por derradeiro, cuja média, desde 1906, não recuou da taxa de $15 \frac{5}{32}$, tendo o seo minimo, em 1913, em 16 e o seo maximo de $16 \frac{5}{16}$ lançou no anno findo, de 1914, as suas grandes perturbações».

A acção dos Bancos, especialmente os estrangeiros, tem sido sempre, entre nós, muito limitada para o exercicio do credito e na hora, bastante grave, das crises de que ainda está soffrendo o nosso Paiz, ainda mais se restringio aquella acção, parecendo, em muitos casos, que os Bancos se fecharam, aparte uns certos privilegiados, que sempre os ha por toda a parte, ás necessidades da lavoura, da industria e do commercio.

A tentativa, tão annunciada, da creação dos Ban-

cos Americanos parece esquecida, e no pouco que se tem feito vão os factos provando que quasi nenhuma tem sido a sua real utilidade pratica, tanto os institutos americanos seguem a regra de emprestar pouco, por prazos curtissimos e grandes garantias.

Quando abundar o dinheiro mudarão os Bancos de systema; mas, a esse tempo, será tambem menos imperiosa a acção isolada de qualquer delles, tendo-se em vista a concurrencia a que todos terão de obedecer.





XIII

Toda gente repete que os Bancos estrangeiros funcionam, entre nós, sem capitaes correspondentes ás operações realizadas, sendo que os depositos feitos em suas caixas servem, especialmente, para as transacções de cambio, e cada vez menos aproveitam aos interesses do nosso commercio.

O facto é que, mesmo assim, crescem os seus saldos disponiveis, enquanto que não diminuem os embarços dos que, tendo de recorrer ao credito, procuram os institutos estrangeiros, ainda offerecendo grandes garantias.

Do augmento dos depositos não pôde restar duvida. Os algarismos officiaes, que se referem ao movimento, no Rio de Janeiro, do primeiro semestre deste anno, assignalam uma differença, para mais, de 82.731 contos, em 30 de Junho do corrente anno, sobre o valor da verba registada em 31 de Dezembro de 1914.

Das seguintes parcellas se origina essa differença:

Depositos, á vista e a prazo em 30 de Junho de 1915....	331.641:000\$000
Depositos, á vista e a prazo, em 31 de Dezembro de 1915.....	248.910:000\$000
Differença.....	82.731:000\$000

Ou, detalhando os depositos, por Banco e pela sua natureza:

DEPOSITOS Á VISTA

<i>London and Brazilian Bank</i>	52.787:000\$000
<i>London and River Plate Bank</i> ...	41.885:000\$00\$
<i>The British Bank</i>	32.136:000\$000
<i>Brasilianische Bank</i>	16.863:000\$000
<i>Allemão Transatlantico</i>	9.383:000\$000
<i>Germanico</i>	3.178:000\$000
<i>Español del Rio de la Plata</i>	—
<i>Banco Nacional Ultramarino</i>	14.755:000\$000
<i>The National City Bank</i>	9.117:000\$000
<i>Banque Française pour le Brésil</i> ..	491:000\$000
<i>Banco Italo-Belga</i>	3.274:000\$000
<i>Banque Française et Italienne</i>	32.214:000\$000
<i>Somma</i>	216.083:000\$000

DEPOSITOS Á PRASO

<i>London and Brazilian Bank</i>	30.070:000\$000
<i>London and River Plate Bank</i>	8.251:000\$000
<i>The British Bank</i>	23.558:000\$000
<i>Brasilianische Bank</i>	21.436:000\$000
<i>Allemão Transatlantico</i>	7.252:000\$000

<i>Germanico</i>	6.584:000\$000
<i>Español del Rio de la Plata</i>	4.846:000\$000
<i>Banco Nacional Ultramarino</i>	16.000:000\$000
<i>The National City Bank</i>	—
<i>Banque Française por le Brésil</i> ...	589.000:000\$000
<i>Banco Italo-Belga</i>	828.000:000\$000
<i>Banque Française et Italienne</i>	5.128:000\$000
	<hr/>
<i>Somma</i>	115.588:000\$000
<i>Valor total dos depositos á vista</i> ...	216.083:000\$008
	<hr/>
<i>Total</i>	331.671:000\$000

Com relação á insufficiencia dos capitaes, são os seguintes os registos relativos aos institutos do Rio de Janeiro, de origem estrangeira, que ali se têm divulgado, relativamente ás estatisticas do 1º trimestre deste anno:

O *London and River Plate Bank*—Capital de 1.500:000\$000 e uma divida á caixa matriz, de 5.440:000\$000.

O *Banco Allemão*—Capital de 3.000:000\$000 e uma divida de 7.564:000\$000.

O *Banco Germanico*—Capital 2.205:000:000 com uma divida de 6.003:000\$000.

O *Banco Español del Rio de la Plata*—1.600:000\$ de capital, com um debito, tambem, á caixa matriz, de 9.795:000\$000;

O *Banco Nacional Ultramarino* — 1.500:000\$000

de capital e uma divida, á caixa matriz, de
5.675:000\$000.

Nesse tempo, as responsabilidades por depositos
á vista eram, entre outras, as seguintes:

<i>River Plate Bank</i>	18.104:000\$000
<i>Banco Allemão</i>	5.003:000\$000
<i>Banco Germanico</i>	3.596:000\$000
<i>Banco Ultramarino</i>	10.000:000\$000

Tudo isto attesta, com effeito, a situação privi-
legiada dos Bancos estrangeiros, que, como se vê,
operam pelo seo credito e sem as garantias que a
mesma opinião brazileira exige para os nacionaes.



XIV

Entre as informações que a Inspectoria Federal das Estradas agora publica no primeiro volume, recentemente apparecido, de annexos ao Relatorio do ex-Ministro da Viação, dr. José Barbosa Gonsalves, e relativas ao anno de 1913, está a noticia da extincção das commissões de estudos da rêde cearense de Co-roatá a Tocantins, de Juazeiro a Therezina, de Uberaba a Villa Platina e da rêde estrategica do Rio Grande do Sul, as quaes haviam executado trabalhos de campo numa extensão de 1.620 kilometros.

E' de lamentar que a falta de recursos, porque o Congresso os não votou, tenha sido a razão allegada, quando são as Estradas de Ferro um dos melhores auxilios que pôde o Governo da Republica prestar ao desenvolvimento economico do Paiz, tanto mais quanto a expansão dos serviços ferro-viarios tem sido, por nosso mal, assaz morosa.

Em 31 de Dezembro de 1912, a extensão local das linhas federaes, em trafego, em construcção, com

estudos approvados, em estudos ou já estudadas, era de 35.848.622 kilometros, sendo o capital total garantido pela União, em ouro e em papel, na mesma data de 31 de Dezembro de 1912, de 171.235:781\$158.

Em 1913 a extensão das linhas em trafego apenas se elevou a 24.737.859 kilometros, não excedendo de 1.031.309 kilometros a extensão em trafego, inaugurada nesse anno e pertencente ás diversas rêdes fiscalizadas pela Inspectoria Geral das Estradas.

As responsabilidades do Governo eram: em papel de 11.521:419\$866, para um capital de 224.049:130\$646 de apolices emittidas para a construcção, encampação e garantia de juros; em ouro, convertido ao cambio de 16 d., de 32.386:328\$449, para um capital, tambem convertido, de 658.431:944\$335, de emprestimos para a construcção e encampação e de garantia de juros. Ou seja um total, de juros, de 43.907:748\$312, que se reduzem a 36.865:698\$947 pela diminuição das quotas de arrendamento, no valor de 5.216:530\$886, e do saldo das garantias, no valor de 1.765:518\$479.

Com o pagamento em apolices das estradas em construcção, até 31 de Dezembro de 1913, se elevou o capital a 139.649:242\$619, computados em.....
6.982:462\$130 os respectivos juros, sendo de.....
12.776:880\$726 e juros de 638:844\$036 o pagamento

em apolices na Viação Geral da Bahia—reducção de bitola e substituição do material rodante das linhas de Bahia a Alagoinhas e Central da Bahia, substituição da via permanente das linhas de Alagoinhas a Juazeiro e de Caravellas a Theophilo Ottoni.

Os certificados, para pagamento em dinheiro, importaram, no anno acima referido, em 54.897:090\$516, cabendo à Viação Bahiana a somma de 8.434:364\$178.

Com as encampações foi a importancia dispendida de 52.503:554\$413 em apolices e 122.433:041\$080 em titulos de 4% (valor ao par), sendo o applicado, na Bahia, nestes ultimos titulos de lbs. 2.265.000 para a Estrada de Ferro Bahia ao S. Francisco, lbs. 167.500 para o ramal do Timbó, de lbs. 1.150.000 para a Estrada de Ferro Central da Bahia.

Do capital da garantia de juros, do valor em papel de 31.896:333\$614 e em ouro do valor de..... 148.737.695\$574, nenhuma parcella se refere á Bahia.

Quanto aos emprestimos para construcção das Estradas fiscalizadas pela Inspectoria, foi o seo capital de lbs. 13.400.000, cabendo á Bahia o capital de lbs.... 2.400.000, com um producto, a cambio de 16., d. de lbs. 1.992.000.

Todos esses algarismos, realmente altos, não indicam, todavia, a satisfação de nossas necessidades

ferro-viarias, sendo que, na Bahia, o problema, a despeito do contracto federal existente, vae tendo soluções bastante retardadas, que, por isso mesmo, estão espaçando o desenvolvimento de grandes e opulentos trechos do nosso sólo, offerecidos á fecundidade do capital e ás creadoras energias do trabalho.



XV

São sempre retardadas as publicações da Inspectoria Federal das Estradas de Ferro, e, por isso, não é possível estudar mais ao alcance dos factos as estatísticas desses interessantes archivos.

As de 1913 só agora, no segundo semestre de 1915, foram editadas no primeiro volume do anexo ao Relatório do Sr. Ministro da Viação; desse modo, pois, para se conhecer o nosso desenvolvimento ferroviário é preciso aceitar os algarismos, nem sempre completos, da Mensagem presidencial, que, por último, tenha sido apresentada ao Congresso da Nação.

As nossas estradas, num total de 37.703.514 kilometros, representavam, em 1913, 24.737.859 kilometros em tráfego, 5.527.258 kilometros em construção e 7.138.397 kilometros com estudos approvados, resumindo-se, todas, em cinco diferentes classes, tres para os effectos de fiscalização na Inspectoria Federal das Estradas, e duas outras independentes della.

A Inspectoria comprehende as estradas de propri-

idade da União e arrendadas, as estradas com garantias de juros e subvenção kilometrica e as estradas sem garantias de juros. São as outras duas classes de estradas de propriedade e administração da União e de estradas concedidas pelos Estados.

As extensões em trafego, em todas as linhas do Paiz, que eram, em 1911, de 22.286.905 kilometros; em 1912 de 23.491.382 kilometros; em 1913 de. 24.737.859 kilometros, subiram, apenas, em 1914, a 26.562.280 kilometros.

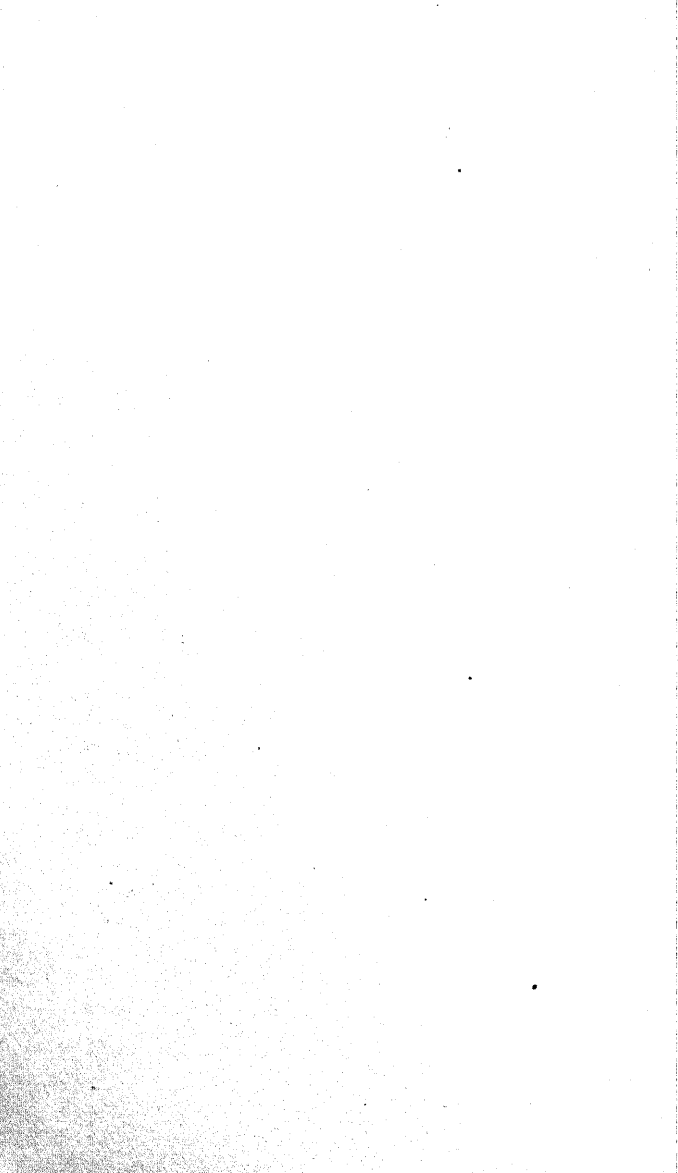
Foram, por consequencia, os accrescimos annuaes, segundo as informações do Sr. Presidente da Republica, cujos dados, até o anno de 1913, já se acham arrolados na estatistica da Inspectoria, de 1.204.477 kilometros em 1912; de 1.246.477 kilometros em 1913 e de 1.324.521 kilometros em 1914.

Não se deve crer que podesse ser mais limitado o nosso desenvolvimento ferro-viario. Depois de mais de cincoenta annos das nossas primeiras construcções, um augmento, em media, nos ultimos tres annos, de 1.258 kilometros por anno, com a lamentavel certeza de ter o Congresso Nacional, desde 1913, negado os creditos necessarios á construcção dos prolongamentos e ramaes, occorrendo, depois disto, a suspensão dos trabalhos em andamento em diversas rêdes contractadas.

Fóra dos recursos do imposto e dos empréstimos, para se haver, na União como nos Estados, as receitas necessarias ás despesas publicas, que crescem com as proprias necessidades, mais ou menos attendidas, dos varios departamentos da Nação, nenhum meio economico poderá garantir melhor as rendas publicas que a abertura das vias de communicacão, pelo qual, satisfeitas todas as condições do trabalho e do commercio, se ha de extender a nossa producção.

Nisto, acima de tudo, é preciso insistir; pois, que só assim as nossas riquezas se tornarão uma utilidade effectiva, habilitando a União e os Estados a se desobrigarem de suas responsabilidades e a attender aos interesses que lhes hão de garantir, sob o regimen da Lei, o bem estar.





XVI

Dos algarismos recebidos pela nossa estatística commercial, em 30 de Setembro ultimo, e relativos ao movimento dos nove primeiros mezes do anno corrente, se affirma o progressivo melhoramento da nossa importação e exportação, posto que, somente nesta se accentuem as vantagens, que sobre o movimento do anno passado vae tendo o deste anno.

A exportação, do valor de 678.496:000\$000, ou sejam, em ouro, $\text{R}.$ 35.641.000, representa um regular augmento sobre a de 537.241:000\$000, equivalentes a lbs. 34.671.000, valor da exportação dos nove primeiros mezes do anno passado.

Foi mesmo superior a exportação deste anno, até 30 de Setembro, á de 1911 e 1913 e só inferior á de 1912, cujo valor subio á cifra de 726.905:000\$000.

O café, entre os artigos exportados, foi o que mais avultou, tendo sido de 11.166.000 saccas a exportação de 1915, contra 7.336.000 saccas em 1914.

Seguem-se, quanto á quantidade, os seguintes productos:

	1914		1915
Assucar.....	10.136 tons.	58.889 tons.
Mate.....	42.967 "	57.052 "
Cacáo.....	27.993 "	33.389 "
Couros.....	26.504 "	28.839 "
Pelles.....	2.167 "	3.346 "

Diminuíram os outros productos, e, mais que todos, o algodão:

	1914		1915
Borracha.....	25.572 tons.	25.509 tons.
Fumo.....	25.025 "	17.347 "
Algodão.....	29.239 "	4.754 "

Quanto ao valor da exportação, são estes os algarismos, em mil libras esterlinas:

	1914	1915
Café.....	18.942	20.774
Borracha.....	5.467	4.895
Couros.....	1.512	2.186
Cacáo.....	1.312	2.106
Mate.....	1.234	1.339
Assucar.....	93	752
Fumo.....	1.446	742
Pelles.....	458	535
Algodão.....	1.805	249
Diversos productos.....	2.402	2.103
Somma.....	<u>34.671</u>	<u>35.641</u>

Em contos de réis, papel:

	1914	1915
Café.....	294.330	393,747
Borracha.....	85.044	93.160
Couros.....	23.186	42.003
Cacáo.	20.120	38.533
Mate.....	19.524	26.786
Assucar.....	1.519	14.305
Fumo.....	21.841	14.305
Pelles.....	7.216	10.298
Algodão	27.180	4.757
Diversos productos.....	37.281	40.561
	<hr/>	<hr/>
Somma.....	537.241	678.496

A variação de preço, em papel, foi, em media por kilogramma, nos nove primeiros mezes de cada um dos dous citados annos, a seguinte:

	1914	1915
Algodão.....	\$150	1\$000
Assucar.....	\$150	\$244
Borracha	3\$326	3\$662
Cacáo	\$714	1\$154
Café (sacca).....	40\$017	35\$263
Couros	\$875	1\$456
Fumo	\$873	\$825
Mate.....	\$454	\$469
Pelles	3\$309	3\$077

Ou, em Rs. ouro:

	1914	1915
Algodão.....	\$549	\$466
Assucar.....	\$081	\$113
Borracha	1\$913	1\$706

Cacáo	\$417	\$534
Café (sacca).....	22\$892	16\$537
Couros	\$507	\$674
Fumo	\$514	\$380
Mate	\$255	\$218
Pelles	1\$880	1\$426

O melhoramento na exportação tève, todavia, principalmente neste Estado, os seus maiores indices, de quantidade e de melhor preço, no mez ultimo de Outubro, sendo de notar que abundam por toda a parte os *stocks* de mercadorias a importar, o que attesta, como está verificado, o real crescimento da nossa exportação no anno corrente.



XVII

A importação, que vinha crescendo, continuadamente, desde 1908, e que muito baixou em 1914, não conseguiu, até os nove primeiros mezes do corrente anno, exceder á registada no mesmo prazo do anno anterior.

A partir de 1908, foram estes os algarismos da importação:

1908.....	567.271:636\$000
1909.....	592.875:927\$000
1910.....	713.863:143\$000
1911.....	793.716:446\$000
1912.....	951.369:558\$000
1913.....	1.007.495:000\$000
1914.....	561.210:000\$000

Mas, neste anno, até 30 de Setembro, e em comparação com os algarismos correspondentes ao quinquennio, não se elevaram, ainda, as mercadorias importadas, de Janeiro a Setembro, ao valor de 1914, o que assim se verifica:

1911.....	582.250:000\$000
1912.....	684.144:000\$000
1913.....	776.358:000\$000

1914.....	476.239:000\$000
1915.....	420.755:000\$000

É mais avulta a diferença, procurando-se a equivalencia da moeda, para ter-se o valor da importação, em ouro, que de Janeiro a Setembro, foi o seguinte:

	Lbs. 1.000
Em 1911	38.724
» 1912.....	45.609
» 1913.....	51.757
» 1914.....	30.729
» 1915.....	21.922

Com relação á exportação e importação das especies metallicas e notas de bancos estrangeiros, tambem de Janeiro a Setembro, foi esta a situação:

Anno	Exp.	Imp.
1911.....	36.410:000\$000	69.826:000\$000
1912.....	22.079:000\$000	39.679:000\$000
1913.....	79.815:000\$000	18.429:000\$000
1914.....	111.518:000\$000	12.781:000\$000
1915.....	92.256:000\$000	631:000\$000

Ou, pelo seo equivalente em ouro:

Anno	Exp. (1.000 lbs.)	Imp. (1.000 lbs.)
1911.....	2.405	4.655
1912.....	1.472	2.645
1913.....	5.321	1.229
1914.....	7.406	852
1915.....	4.863	33

Se bem que estes algarismos, de 1915, estejam sujeitos a rectificações, é justo dizer que de muito

baixou a nossa importação daquelles grandes valores dos annos de 1912 e 1913, ainda que, para um justo calculo, se devam levar em conta, no crescimento do valor, a alta geral dos preços e o augmento dos frétes.

Mas, se estas circumstancias fazem reduzir as utilidades adquiridas, se ha de reconhecer, agora, e em muito maior vulto, para o valor da importação, em face das mercadorias recebidas, aquellas circumstancias, porque nunca a tão alto se elevaram os seus preços nem a maiores indices chegaram os frétes.

Tudo considerado, porém, a nossa importação e a nossa exportação, como o movimento das especies metálicas, é facil verificar, pelos dados estatísticos, que a nossa situação geral, quanto ao commercio exterior, está melhorando.



XVIII

Sobre a deslocação dos mercados, de onde procedem os nossos productos de importação, ha que notar, especialmente, como principaes motivos de seu valor diminuido, as novas exigencias do credito pela redução dos prazos de pagamento e o excesso das garantias.

No curso normal das nossas transacções com os paizes estrangeiros, para lhes havermos as mercadorias de sua producção, necessarias ao nosso consumo, eram os pedidos de ordem commercial rapidamente attendidos. Neste Estado, e deve-se crer que o mesmo succedesse aos outros de igual importancia mercantil, sobejavam, augmentando a facilidade das transacções, as offertas para a venda e até as consignações, para os productos de immediato consumo.

Com a guerra, porém, tudo mudou. Mercadorias, em não pequeno numero, tiveram de ser procuradas em paizes que não estavam habituados a fornecel-as. A exigencia dos pagamentos tornou-se maior pela

reducção dos prazos, sendo frequente a imposição de serem realizados contra a entrega de documentos confiados aos bancos, com ordens as mais severas para sua cobrança.

Nos casos de installações, quasi grangeou o character de norma invariavel o pagamento antecipado, pelo menos, de um terço, para a acceitação das encommendas, ficando sem limite, por assim dizer, o tempo da entrega. Pelos perigos do mar, cresceo o custo dos seguros. Augmentaram, desmesuradamente, em virtude da falta ou incerteza dos transportes, os frétes. E, assim, para a mesma somma de mercadorias, subiram, com a alta de seos preços, as despezas da importação.

Tudo isto, que era bastante para explicar a reducção das utilidades importadas, se aggravou com outros embaraços oppostos á acção do nosso commercio, que não tem, a partir do credito, as facilidades de outr'ora.

Na vida industrial, a iniciativa se restringio, não sendo pequeno o numero de emprezas, que, á falta de capital, reduziram ou suspenderam os seos trabalhos. E aquellas, cuja actividade não precisava mais que os elementos de nutrição e os de conservação, logo se limitaram a pedir para o estrangeiro o que lhes era essencial.

Natural é que a exportação augmente, porque, além de se terem tornado cada vez mais necessarias á Europa e á America as mercadorias de nossa producção, quasi todas de origem agricola—o assucar, a borracha, o cacáo, o café, os couros, as pelles, as madeiras, as resinas, a herba mate, o fumo e um avultado numero de materias primas, o cambio baixo lhes garante uma melhoria de preços, que, não só satisfazem os interesses da cultura, como, largamente, recompensam o serviço commercial das trocas.

Não importamos, porém, tudo que nos é necessario e, em particular, os capitaes das emprezas, que, estando em movimento, tiveram de parar, prejudicando os Estados e a Nação, em cujo numero se destacam, como de maior importancia, as emprezas de construcção de portos e de estradas de ferro.

Diminuidas as rendas nacionaes e perturbada a ordem financeira dos Estados, o desequilibrio geral, reflectindo-se nas administrações, como no commercio e nas industrias, havia de produzir, por toda a parte e em tudo, esse máo estar que tanto nos prejudica.

Nada, porem, se ha de comparar, entre os effeitos perniciosos de guerra, quanto ao que experimentamos e soffremos, á restricção geral do credito, cuja ausencia, por si só, basta para explicar todos os embaraços da

nossa situação presente. Sem capital não pode haver trabalho, como sem credito não pode haver commercio nem industria, e só de difficuldades, em tão excepcional regimen, tem de ser o caminho das administrações.



XIX

E' expressiva em seos algarismos a estatística, até 30 de Setembro do corrente anno, do movimento dos Bancos, que funcçionam no Paiz, e pela qual, considerada, especialmente, a orientação dos institutos estrangeiros, se reconhecerá, por parte destes, o seo maior interesse em proseguir no empenho das liquidações, restringindo, cada vez mais, a utilização do credito. De extranhar, e por espantoso contraste, é o crescer da nossa confiança em quasi todos elles, quando as suas caixas se fecham para nós, sob a allegação de motivos de duvidoso valor, ou pelo excesso de garantias exigidas, que equivalem, no arrouxo das imposições, ás vezes irritantes, á propria repulsa.

São dados officiaes os do seguinte movimento bancario, até 30 de Setembro, na Republica, excepção feita dos que se não poderam colligir dos Bancos—Commercial do Maranhão e do Ceará, Melhoramentos do Jahú (S. Paulo), Commercio de Porto Alegre, Pelotense e Provincia do Rio Grande do Sul:

1915

Activo:

Capital a realizar.....	82.667:000\$000
Letras descontadas.....	231.028:000\$000
Emprestimo em c/c.....	389.703:000\$000
Letras a receber.....	274.111:000\$000
Valores caucionados.....	631.663:000\$000
Valores depositados.....	912.501:000\$000
Caixas matriz e filiaes.....	333.272:000\$000
Titulos e fundos pertencentes ao	
Banco.....	83.000:000\$000
Hypothecas.....	109.914:000\$000
Caixa, em moeda corrente.....	233.639:000\$000
Diversos.....	140.519:000\$000

Passivo:

Capital.....	323.248:000\$000
Fundo de reserva.....	42.673:000\$000
Depostos á vista.....	403.877:000\$000
Depositos a prazo.....	266.440:000\$000
Valores caucionados.....	1.794.829:000\$000
Caixas matriz e filiaes.....	316.129:000\$000
Valores hypothecarios.....	4.497:000\$000
Diversos.....	368.112:000\$000

A situação em 1914, relativa ao tempo decorrido

entre 1º de Janeiro e 30 de Setembro, era nesta data a seguinte:

1914

Activo:

Capital a realizar.....	68.719:000\$000
Letras descontadas.....	221.517:000\$000
Emprestimos em c/c.....	324.895:000\$000
Letras a receber.....	266.860:000\$000
Valores caucionados.....	533.790:000\$000
Valores depositados.....	813.862:000\$000
Caixas matriz e filiaes.....	304.188:000\$000
Titulos e fundos pertencentes ao Banco	51.041:000\$000
Hypotheças	103.259:000\$000
Caixa, em moeda corrente.....	140.519:000\$000
Diversos.....	80.442:000\$009

Passivo:

Capital.....	287.001:000\$000
Fundo de reserva.....	27.479:000\$000
Depositos á vista.....	315.439:000\$000
Depositos á prazo.....	172.516:000\$000
Valores caucionados.....	1.561.960:000\$000
Caixas matriz e filiaes.....	364.212:000\$000
Valores hypothecarios.....	4.634:000\$000
Diversos.....	268.112:000\$000

A relação entre as letras descontadas e os depo-

sitos á vista, assim se assignala pelos algarismos dos dous referidos annos:

ESTADOS	<i>Letras descontadas</i>	
	1914	1915
Amazonas	3	—
Pará.....	1.313	1.229
Maranhão.....	—	1.577
Ceará	238	1.676
Pernambuco.....	6.102	10.832
Bahia.....	8.487	3.773
E. Santo.....	450	302
Estado do Rio.....	2.798	3.284
Capital Federal.....	86.069	63.034
S. Paulo.....	75.935	76.693
Paraná.....	1.192	626
Rio Grande do Sul.....	4.671	34.977
Minas Geraes	34.259	33.025
	<hr/>	<hr/>
	221.517	231.028

Quanto aos depositos á vista, foi este o resultado, em 30 de Setembro:

ESTADOS	<i>Depositos á vista</i>	
	1914	1915
Amazonas	1.492	2.204
Pará.....	6.031	9.987
Maranhão.....	—	410
Ceará.....	305	787
Pernambuco.....	6.881	13.345
Bahia	6.506	19.350
E. Santo.....	382	614
Estado do Rio.....	1.600	1.991
Capital Federal.....	211.355	204.969
S. Paulo.....	72.669	124.433
Paraná.....	505	772
Rio Grande do Sul.....	1.841	18.200
Minas Geraes.....	5.582	6.815
	<hr/>	<hr/>
	315.439	403.872

Os depositos á vista augmentaram, pois, de 88.438:000\$000, augmento verificado em todos os Estados, tendo havido apenas diminuição de 6.386:000\$, na Capital Federal.

Os descontos diminuíram no Amazonas, Pará, Bahia, Espirito Santo, Paraná, Minas Geraes e no Rio, sendo que, neste Estado, os descontos baixaram de 8.487:000\$000, para 3.773:000\$000, enquanto que os depositos á vista subiram de 6.806:000\$000, para 19.350:000\$000.

No retrospecto de 15 de Novembro ultimo, em que o *Jornal do Commercio* examina o primeiro anno da administração financeira do Dr. Wenceslau Braz, Presidente da Republica, estão assignalados, em face das cifras acima referidas e de outras que as nossas estatisticas registraram, os esforços desenvolvidos, em materia de descontos, pelos Bancos Nacionaes, em opposição ao que fazem os Bancos Extrangeiros.

São estas as suas palavras, que os factos plenamente justificam:—«Os Bancos Nacionaes, por via de regra, têm descontado importancia equivalente, quando não superior, á dos respectivos depositos em conta corrente, ao passo que os Extrangeiros, negociando muito restrictamente, nesse sentido, buscam, sobretudo, as vantagens que podem lograr no movimento do cambio, cuja taxa, presentemente, não tem podido ser

amparada pelo Banco do Brazil. Facil lhes tem sido a absorpção do saque, representando uma crescente drenagem para o exterior. Elles são hoje credores de sommas consideraveis de suas matrizes, o que bem traduz a importancia das remessas feitas. A maior parte do producto da nossa exportação de café, de borracha, cacáo e outros productos, pode, virtualmente, considerar-se existente nessas matrizes. Por outro lado, as nossas sobras affluem, de preferencia, para os Bancos Extranjeiros, apezar das classes productoras, quando necessitam de recursos, recorrerem, sobretudo, aos Bancos Nacionaes, onde o credito é mais liberal.»

Outra não é, infelizmente, a verdade, cuja prova está nos algarismos, explicando o pequeno concurso dos Bancos Extranjeiros no auxilio prestado á actividade economica do Paiz.



XX

Em outubro ultimo accusavam os balanços de varios Bancos nacionaes, de referencia aos depositos de suas caixas e aos descontos realisados, as seguintes cifras:

Descontos:

Banco do Brazil.	14.273:000\$000
Banco Mercantil.....	9.562:000\$000
Banco Commercial.....	8.142:000\$000
Banco da Provincia do Rio Grande do Sul.....	4.876:000\$000
Banco do Commercio	3.832:000\$000
Banco da Lavoura e Commercio....	1.424:000\$000

Dinheiro em Caixa:

Banco do Brazil.....	22.918:000\$000
Banco Mercantil.....	15.607:000\$000
Banco Commercial.....	3.612:000\$000
Banco da Provincia do Rio Grande do Sul.....	2.648:000\$000
Banco do Commercio.....	3.430:000\$000
Banco da Lavoura e Commercio	1.380:000\$000

A relação entre o valor dos descontos feitos e as existencias em caixa logo attestam o retrahimento dos Bancos estrangeiros, pela comparação dos valores a que correspondem, em seos balanços, aquellas cifras, assim registradas:

Descontos:

British Bank.....	4.037:000\$000
Banco Español.....	2.121:000\$000
Deutsch Sudamerikanische.....	1.843:000\$000
Alleão-Transatlantico.....	1.815:000\$000
Ultramarino.....	1.230:000\$000
London River Plate.....	1.156:000\$000
Brasilianische Bank für Deutschland	6.320:000\$000

Dinheiro em Caixa:

British Bank.....	3.998:000\$000
Banco Español.....	1.930:000\$000
Deutsch Sudamerikanische.....	3.797:000\$000
Alleão-Transatlantico.....	7.189:000\$000
Ultramarino.....	6.443:000\$000
London River Plate.....	7.383:000\$000
Brasilianische Bank für Deutschland	7.177:000\$000

Bastante claros estes algarismos, ainda mais põem em relevo a acção dos Bancos estrangeiros junto aos das cifras dos depositos recebidos, deixando em evidencia o seo desapareço aos nossos interesses economicos, ao contrario do que acontece com os Bancos nacionaes.

Publicou, a este respeito, o grande órgão do Rio de Janeiro as seguintes palavras, que plenamente confirmam os votos aqui assignalados:

«Jogando com essas cifras e com as referentes aos depositos em conta corrente garantida, veremos ressaltar o retrahimento dos Bancos estrangeiros, em confronto com a acção dos nacionaes. No banco Mercantil, por exemplo, veremos que, tendo sido o movimento de depositos, em conta corrente garantida, de 6.168 contos, o de descontos ultrapassou essa importancia, attingindo a 9.562 contos; no Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, aquelle movimento foi de 4.876 contos e este de 6.168. Enquanto isso, o Deutsch-Sudamerikanische, com um movimento de 6.502 contos em conta corrente, descontou apenas 1.833 contos; o Allemão Transatlantico, com 4.276 em depositos em conta corrente, descontou somente 1.815; o Brasilianisch Bank für Deutschland, com 13.513, de depositos em contas correntes garantidas, descontou somente 6.320. O mesmo confronto, com resultados mais ou menos conducentes á mesma observação, pode ser feito com o British, o London, o Espanõl, o River-Plate, o Ultramarino. Um banco nacional modesto, o da Lavoura e Commercio, descontou com mais largueza para a praça do que o River-Plate e o Ultramarino. O Banco Mercantil descontou, por si só, mais, que

o British, o Espanõl, o Deutsch-Sudamerikanische e River-Plate, reunidos!

O Banco do Brazil descontou 14.273 contos, tendo em contas correntes garantidas 30.394 e em caixa 22.918. Se o governo já houvesse, de accordo com a lei da ultima emissão de papel-moeda, apparelhado convenientemente esse estabelecimento de credito, certamente a situação seria outra. O Banco, operando com mais folga em descontos e, por outro lado, fortalecendo suas agencias e fazendo redescontos, alargaria, ao mesmo tempo, sua acção salutar e a dos demais estabelecimentos bancarios, com parallelo desafogo para o commercio, industria e lavoura.»

Questão das mais importantes, convem não perdela de vista para os remedios que ella está a impôr, alguns dos quaes de facil applicação pelo commercio prejudicado.



XXI

Não são menos interessantes que as de outros institutos de credito as cifras, em 30 do Setembro, dos Bancos da Bahia. E' o mesmo retrahimento, a excessiva cautela de não emprestar ao commercio e ás industrias, sob a sempre repetida allegação de que lhes falta auctoridade para operarem, livremente, em credito. E, todavia, aos actos de sua injustificada desconfiança, corresponde, por parte do commercio, a crença em sua segurança, especialmente quanto aos Bancos estrangeiros.

Os descontos, que, em 1914, attingiram a 8.487:000\$000, baixaram, em 1915, a 3.773, ou sejam a menos 4.714:000\$000; e, do mesmo modo, baixaram, em 1915, a 12.920 os emprestimos em c/c, que, em 1914 tinham chegado a 18.982:000\$000. As caixas matizes e filiaes, que, entretanto, figuravam no activo de 30 de Setembro de 1914 pela somma de 4.506:000\$, ficaram registadas, no corrente anno, pela importancia de 7.798:000\$000, sendo que os bancos reu-

niram em suas caixas, contra a somma, em 1914, de 6.894:000\$000, o total, em 1915, de 10.670:000\$000.

Os depositos á vista, por outro lado, se elevaram de 6.806:000\$000, em 1914, a 19.350 em 1915, diminuindo de pouco os depositos a prazo, do valor de 9.753:000\$000 em 1914 e de 8.818:000\$000 em 1915.

Serviços á lavoura, excepção do *Banco Hypothecario*, não prestam os outros nenhuns, tendo fechadas para esse fim as respectivas carteiras. Mas o *Hypothecario*, devendo operar com os recursos de um grande emprestimo exterior, já contractado, não conseguiu, em virtude da guerra, collocar toda a sua primeira emissão realisada, que, até aqui, se reduziu, como negocio feito, a uma somma insignificante de obrigações postas em curso.

O seo trabalho está adstricto á massa em movimento dos negocios do antigo Banco da Lavoura, ás sommas apuradas do novo capital realisado e das obrigações que em Paris se collocaram. Mesmo assim é manifesta a utilidade do Banco e têm sido proveitosos os seus serviços.

Transacções de character propriamente commercial são em grande numero as que se fazem fóra dos Bancos, porque estes as recusam. As de apoio ás industrias são, quasi todas, de character particular.

Os institutos nacionaes, afóra a agencia do Banco

do Brazil, são fracos. Os outros, os estrangeiros, preferem operar em cambio e cobrança de saques, tendo as agencias um campo estreito de acção livre, porque as Matrizes trazem-nas, invariavelmente, avassaladas, pelas exigencias de sua excessiva fiscalisação.

Apezar de lhe não faltarem Bancos, precisa a Bahia de um novo e poderoso estabelecimento de credito mercantil, para cuja prosperidade e fortuna sobejam, em nossa praça, todos os elementos. Ella mesma, poderia organisal-o com exito, e para isto não seria necessario mais que aproveitar, no instituto novo, os capitaes, inteiramente seos, que a praça deposita, a prazo e á vista, nos Bancos estrangeiros. Para uma tão vantajosa iniciativa, utilissima ao exercicio do credito em nossa praça, não lhe faltam os capitaes nem as competencias.



XXII

A Directoria de Estatística Commercial, subordinada ao Ministerio da Fazenda, publica, todos os mezes, em confronto com o occorrido nos annos do ultimo quinquennio, o movimento geral da importação e o da exportação, com os seus valores em contos de réis (*papel*) e em mil libras (*ouro*), detalhando as quantidades importadas e exportadas e as variações do preço unitario dos nossos principaes artigos de sahida.

De 3 em 3 mezes, feita a comparação entre o anno corrente e o anterior, a publicação se valorisa pela minucia dos factos, estabelecido o exame do commercio exterior, por mercadorias, como o do movimento bancario, que é feito por instituto de credito, e o do movimento maritimo, em que se dá conta, porto a porto, dos navios nacionaes e estrangeiros, pelas suas bandeiras, numero e tonelagem dos que entram e sahem.

De anno em anno, rectificadas todas as observações, tudo se consolida por um trabalho definitivo e

completo, constituindo no Paiz a nossa melhor estatística, tão detalhada como exacta.

Esse trabalho, que, entre nós, só uma vez foi publicado, comprehendendo os annos de 1910, 1911 e 1912, com duas columnas em branco para os registros de 1914 e 1915, segue, em geral, as normas do Boletim Mensal do Commercio da Belgica com os paizes estrangeiros, e que era editado sob as vistas do Ministerio das Finanças, em Bruxellas.

No plano de tão importante registo, a importação é dada pela discriminação das mercadorias, pelas suas quantidades, valores, origens e destinos, excepção feita das mercadorias em transitio, que se não incluem nessa estatística, tudo de accordo com as facturas consulares.

As quantidades são arroladas em funcção do peso liquido real das mercadorias; os valores, pelo custo da mercadoria no paiz de procedencia e pelo frete e despezas até o porto brasileiro de destino, constituindo, todos, na sua somma, o valor livre a bordo.

Esses valores são expressos em *moeda papel*, representando o das facturas consulares, reduzidos á taxa média mensal do cambio á vista, e tambem em *ouro*, equivalendo á moeda-papel reduzida, segundo a sua depreciação cambial, ou o custo real da importação a

se pagar ao estrangeiro, se o nosso mil réis estivesse valendo 27 *dinheiros* esterlinos.

A exportação comprehende, exclusivamente, a que se faz para o estrangeiro e, pois, não regista a que, entre si, fazem os Estados com os elementos da sua producção, originando-se deste facto as apparentes divergencias notadas nos registos federaes e estaduaes da exportação, cujo computo é fixado, no Ministerio da Fazenda, pelas declarações dos manifestos.

Os detalhes abrangem a procedencia e destino das mercadorias e tambem os valores, que são calculados, para a representação do valor da mercadoria posta a bordo, no Brazil, pelos preços correntes em cada praça exportadora, accrescidos das despezas até o navio de transporte.

São minuciosas, ainda, na utilissima estatistica do Ministerio da Fazenda, as tabellas do movimento maritimo, organisadas de accordo com as listas das Alfandegas, Mezas de Rendas e Collectorias dos Portos da Republica, sendo a tonelagem a liquida de registro.

De alta importancia é, nessa estatistica official do Governo da Republica, a comparação feita entre os valores da estatistica brasileira de importação e os das estatisticas estrangeiras de exportação para o Brazil, posto que, neste particular, não seja possivel exigir um extremo rigor, especialmente nos casos da expor-

tação brasileira, examinada em face da importação estrangeira correspondente, porque nem sempre é possível determinar, com exactidão, o destino real das mercadorias, que o nosso Paiz exporta.

Os graphics completam esse notavel trabalho, pelo qual se póde, com maior segurança, apurar, com relação ao commercio exterior, o movimento economico do nosso Paiz.

Pena é que as estatisticas trimensaes não tenham ainda a extensão e o detalhe do registo similhante, que, até o 2º semestre de 1914, o Ministerio das Finanças, na Belgica, todos os mezes publicava, e que o grande livro das estatisticas de 1910, 1911 e 1912 não tenha, até agora, sido completado, por nova edição, com o conveniente registo das estatisticas de 1913 e 1914.



XXIII

É pequena no Estado a produção do algodão, tanto que, insufficiente para a actividade de suas fabricas, aliás de numero reduzido, a Bahia carece importal-o. Não lhe faltam, todavia, terras excellentes para uma cultura extensa e remuneradora. Ha mesmo, em zonas do sertão, localidades especiaes e afamadas para essa agricultura, onde a produção do algodoeiro, em quantidade e qualidade, em nada é inferior ás melhoies especies do Egypto.

Mas, infelizmente, está estacionaria em todas ellas a cultura. A despeito das sementes distribuidas pelo Governo, umas nacionaes—de Pernambuco, do Rio Grande do Norte e da Parahyba, outras estrangeiras, não se tem adeantado a industria, submettida, nos seus trabalhos, sem nenhuma systematização, ao dominio dos methodos antigos, quando o descaso não é o seu regimen.

O nosso algodão, bastante valioso, pelo comprimento medio e resistencia de suas fibras, pelo dia-

metro e qualidade de seus fios, offerece ainda a vantagem da productividade. Na Georgia e Carolina do Sul, dá um alqueire de terreno de 400 a 1.360 kilogrammas: na Lusiania, de 970 a 1.210; no Missouri, de 730 a 750; na India, de 730 a 820; ao passo que no Brazil a sêda-anta dá, em media, de 3.500 a 4.130 kilos. Apezar disso, de pouco tem augmentado a nossa producção, visto que, de 209.000 para todo o Brazil, o numero de fardos, em 1.900, de 500 libras, em 1913 a estatistica não lhe contou um numero de fardos superior a 300.000, sendo consideravel a importação em fios.

Concorrem para esse resultado o desconhecimento dos methodos racionais de cultura, a falta de selecção das sementes e a degenerescencia da planta, além de que, na utilização do producto, são ainda muito atrasados os methodos adoptados.

A producção mundial, em 1913, por numero de fardos, foi a seguinte, e no seo quadro se verá a posição secundaria do Brazil:

Estados-Unidos.....	15.800.000
India Ingleza.....	3.400.000
Egypto.....	1.340.000
China.....	1.200.000
Brazil.....	300.000
Asia Central.....	250.000
Mexico.....	168.000
Japão.....	25.000

sendo inferiores os algarismos da produção de cerca de trinta outros paizes diferentes.

A nossa importação, entretanto, do algodão em fio, tem crescido, sendo até 1912 os seus registros os seguintes:

1908.....	2.483.000	kgs.
1909.....	2.489.000	»
1910.....	3.261.018	»
1911.....	3.372.000	»
1912.....	3.990.220	»

Quanto á exportação, que outr'ora a tivemos, em condições regulares, para a Inglaterra, Portugal, Alemanha, França, Estados-Unidos, Russia, Belgica, Italia, Argentina e Hespanha, ella bastante decresceo, baixando da quantidade de 32.137.678 kilogrammas, no valor de 24.336:417\$ em 1902, para 3.564.715 kilogrammas, no valor de 3.295:092\$000, em 1908, quando, de novo, começou a subir aos seguintes indices:

<i>Anno</i>	<i>Pezo</i>	<i>Valor</i>
1909.....	9.968.114 kgs.	9.435:087\$000
1910.....	11.160.114 »	13.456:004\$000
1911.....	14.646.909 »	14.704:000\$000
1912.....	15.773.942 »	15.560:000\$000

Na Bahia, especialmente, a exportação que se faz é pequena e se destina, em cerca de um terço da produção, ao Estado de Minas-Geraes, na zona de seus limites, por ser mais custoso o transporte para a nossa Capital, onde estão situadas as fabricas de manufactura

de algodão, as quaes, além do que recebem da Europa e da America, tambem o importam de Sergipe, Pernambuco e Alagôas e, em geral, do norte do Paiz.

Tem a Bahia, entretanto, meios de fazer prosperar essa mal tratada e utilissima cultura, porque, como dissemos, lhe sobejam as terras apropriadas, principalmente nos Municipios de Bom Jesus, Conquista, Jacaracy, Monte-Alto, Caetité, Riacho de Santa Anna, Umburanas, Brotas de Macahubas, Villa Bella das Palmeiras, Morro do Chapéo, Feira de Sant'Anna, Villa Velha, Ituassú, Serrinha, Jequié e outros.

A Republica pensa, agora, e já não era sem tempo, em dar expansão á cultura necessaria do algodoeiro, e por isso foi creado, pelo Decreto n. 11.475, de 5 de Fevereiro, do corrente anno, na conformidade da authorisação contida no art. 79, n. 8, da vigente Lei do Orçamento, o «*Serviço do Algodão*», cujo fim é promover, entre nós, o desenvolvimento racional da producção dessa malvacea, instruindo e auxiliando os lavradores que se dedicam á sua cultura.

Em S. Paulo é objecto de attenção, ha alguns annos, a importante cultura, tendo sido a colheita de 1913 a maior que o Estado registou nos seis ultimos lustros, elevando-se a 2.654.497 arrobas, em caroço, contra 1.249.214 arrobas da safra do anno anterior, derivando o accrescimo não só do augmento da area

plantada, como do alto rendimento, que variou entre 120 e 250 arrobas, em caroço, por alqueire.

A Bahia deverá pôr o seo melhor cuidado e esforço em semelhante conquista, que, dilatando o campo de sua actividade economica, lhe augmentará a riqueza por uma producção da preciosa fibra, que baste ao consumo de suas fabricas e sobeje no mercado, para as necessidades, cada vez maiores, da exportação.





XXIV

No diagramma da nossa exportação, de 1914, figura, em primeiro lugar, o *cacão*, seguindo-se-lhe o *fumo*, os *productos industriaes*, os *couros*, o *assucar*, o *café* e os *charutos* e *cigarros*, e, em valor inferior a mil contos, cada um dos outros da nossa pauta.

O cacão, cuja exportação cresce, com pequenas e passageiras quedas, desde 1898, teve os seus mais altos indices de sahida em 1908, 1911 e 1914. Neste ultimo anno se verificou a sua maior exportação, registada pelo numero de 623.537 volumes, com o pezo, em kilogrammas, de 37.227.713, no valor official de 22.065:121\$492..

Esta exportação assim se divide:

Para os Estados (Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.....)	770.439 kilgrs.
Para o Exterior (23 cidades da Europa e da America).....	37.457.274 “
Total.....	<hr style="width: 10%; margin: 0 auto;"/> 37.227.713 kilgrs.

Por ordem de quantidade, segundo os destinos.
foram estas as maiores exportações:

Para New-York.....	11.153,694	Tons.
“ Southampton.....	6.411,508	“
“ Hamburgo.....	5.499,610	“
“ Liverpool.....	3.582,339	“
“ Havre.....	3,179,991	“
“ Copenhague.....	1,967,829	“
“ Londres.....	963,287	“
“ Bristol.....	667,680	“
“ Buenos Aires.....	579,826	“
“ Bordeaux.....	521,264	“
“ Bremen.....	441,803	”
“ Marseille.....	441,355	“
“ Rotterdam.....	256,929	“
“ Amsterdam.....	208,330	“
“ Bergen.....	180,153	“
“ Lisboa.....	101,600	“
“ Montevideo.....	93,974	“
“ Trieste.....	89,750	“
“ Genova.....	86,500	“
“ Antuerpia.....	11,900	“
“ Valparaizo.....	8,965	“
“ Napoles.....	6,000	“
“ Vienna.....	2,987	“
Para o Exterior.....	<hr/> 36.457,274	Tons.

Tendo sido de 40.766,740 tons. a exportação total do paiz, para os portos estrangeiros, de 36.457,274 a da Bahia, se verifica que só este Estado concorreo, na exportação do cacáo, para o exterior, com a parcella de 89,4% sendo 10,5% a contribuição de todos os outros Estados.

No corrente anno, até 30 de Setembro, a exportação total do paiz, para o estrangeiro, já se elevava a 33.389 toneladas, e, considerada a grande exportação da Bahia, no mez ultimo, de Outubro, tudo autorisa a affirmativa de exceder a produção do cacáo, neste Estado e no Paiz, á de todos os annos anteriores.

Até 30 de Setembro, a differença, para mais, nos algarismos da exportação para o exterior, já é consideravel:

Em 1911.....	24.411 Tons.
« 1912.....	19.412 «
« 1913.....	18.416 «
« 1914.....	27.993 «
« 1915.....	33.389 «

Ou seja: 19,2%, em 1915, mais que em 1914; 83,7% mais que em 1913; 72,0% mais que em 1912; 36,7% mais que em 1911.

Esta exportação, posto que comprehenda a de quasi todo o paiz, e a deste seja o segundo algarismo da produção mundial (em 1911—de 250.200 toneladas e agora maior), não é, ainda, em face das terras desoccupadas, a que poderá produzir o sul da Bahia.

Produção e consumo crescem continuamente: de 122.526 toneladas, em 1903, foi o consumo mundial, em 1911, de 232.200 toneladas; de 126.512 em 1903, eleva-se a produção, em todo o mundo, a

250.000 toneladas, sendo esta a produção dos principais paizes:

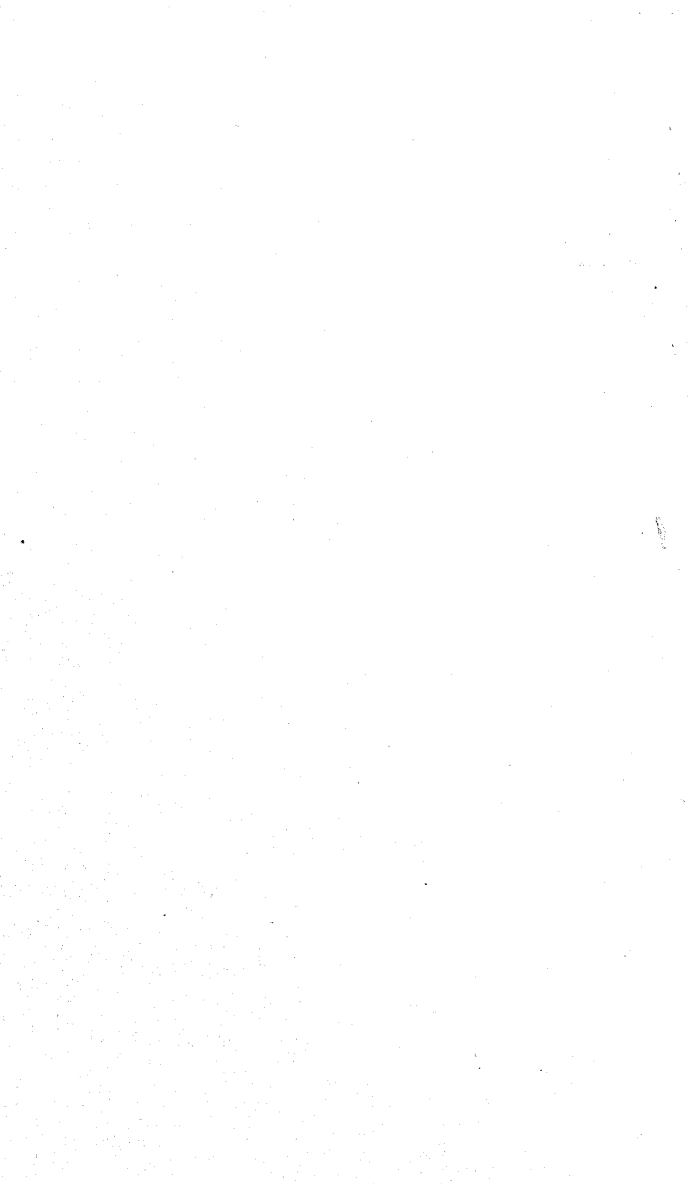
Equador	40,300	Tons.
Brazil.....	39,500	«
Costa do Ouro.....	35,000	«
S. Thomé.....	33,500	«
Trindade.....	24,200	«
S. Domingos.....	20,000	«
Venezuela.....	18,000	«
Granada.....	6,000	«
Colonias Hollandezas.....	5,000	«
Ceylão.....	4,300	«
Lagos.....	3,800	«
Indias Hollandezas.....	3,000	«
Outros paizes.....	17,600	«
Total	250,000	Tons.

Se a exportação da Bahia tem augmentado bastante e deve crescer muito mais, attestando, pois, o desenvolvimento da nossa produção, que, de 1897 a 1914, se elevou a muito além do quadruplo, é necessario não esquecer o que se passa na Africa equatorial, desde a terminação do caminho de ferro do Koumani, por onde se alastra, com immensa expansão, a cultura do cacãoeiro, largamente seguida em Lagos, Dahomey, Camerum, na Costa do Ouro, na Costa do Marfim e na Liberia, a iniciativa e o exemplo do Gabão. As novas plantações, em larga extensão, têm, em geral, de 2 a 7 annos de idade, e os resultados da cultura

fazem grande concorrência á Bahia. Basta saber que, em 1911, a Costa do Ouro, contra as 39.500 toneladas do Brazil, das quaes 25.500 da Bahia, já exportava a avultada somma de 35.000 toneladas.

É tempo, pois, de aproveitar melhor essa nossa grande riqueza, do plantio aos methodos de cultura e aos processos do aproveitamento commercial do precioso grão, bastando lembrar a sua importancia economica pela somma dos recursos fornecidos á receita do Estado, nestes ultimos dez annos, de 1905 a 1914, na cifra arrecadada de 28.434:313\$841. Tamaõha fortuna merece todos os cuidados.





A estatística, segundo os dados reunidos pelo professor Leo Zehnter, ex-director da Escola Agrícola de São Bento das Lages, neste Estado, e antigo director, na ilha de Java, da Estação Experimental de Salatiga, constante do seu livro—*O cacoeiro no Estado da Bahia*, publicado, em 1914, na cidade de Berlim, demonstra, a não deixar duvida, o desenvolvimento crescente, entre nós, da cultura de tão preciosa planta.

Na memoria de Joaquim Rodrigues de Souza, de 1852, que aquelle livro recorda, estão detalhadas, de 1834 a 1850, as estatisticas das exportações, que nesse tempo, se apuraram: 447 saccos, de 60 kgs. cada um, em 1834; 1852 saccos em 1840; 5065 em 1850.

Em 1870, dez annos depois, e segundo os dados officiaes, a exportação subia a 10.669 saccos, no valor de 204:158\$334. Em 1870, fixado em 355:471\$602 o valor official, augmentava para 23.917 saccos a exportação, que, ainda, se desenvolveo assim até o anno passado:

Em 1880.....	27.811	saccos
» 1890.....	58.376	»
» 1900.....	202.190	»
» 1910.....	418.706	»
» 1911.....	536.969	»
» 1912.....	494.205	»
» 1913.....	449.155	»
» 1914.....	611.324	»

Por colheita, segundo outras estatísticas, organizadas, em geral, pela casa Wildberger & Comp., desta praça, são os seguintes os algarismos da produção:

Em 1900—01.....	193.200	saccos
» 1901—02.....	233.009	»
» 1902—03.....	293.484	»
» 1903—04.....	245.747	»
» 1904—05.....	304.442	»
» 1905—06.....	219.916	»
» 1906—07.....	384.002	»
» 1907—08.....	419.667	»
» 1908—09.....	449.523	»
» 1909—10.....	484.739	»
» 1910—11.....	489.101	»
» 1911—12.....	493.217	»
» 1912—13.....	384.780	»
» 1913—14.....	612.495	»
» 1914—15.....	487.543	»

Tres municipios—os de Ilhéos, Cannavieiras e Belmonte, no primeiro dos quaes se inclue a proce-dencia de Itabuna, já elevada, ha poucos annos, a mu-nicipio, dão a quasi totalidade do cacáo produzido na Bahia, pois que o de diversas outras localidades só na

safrá de 1912 a 13 se eleva a 18,3%, não excedendo de 13% na safra de 1910 a 11, sendo mais baixos os seus índices em todas as outras safras, a começar de 1900, quando a produção não foi além da taxa de 7,5%.

Ilhéos é o grande productor, variando a sua contribuição, a partir da safra de 1900 a 1901, de 49% em 1901-02 a 64,9% em 1908-09. Diminue a produção de Cannavieiras, enquanto cresce a de Belmonte.

Em 1914 e 1915 foi esta a proporção, convindo saber que as safras se contam de Abril de cada anno a Março do anno seguinte:

Safra de 1913—1914

Ilhéos (inclusive Itabuna)....	saccos	60%
Belmonte.....	»	14%
Cannavieiras.....	»	9,8%
Outras procedencias.....	»	16,2%

Sufra de 1914—1915

Ilhéos (inclusive Itabuna)...	saccos	57%
Belmonte.....	»	14%
Cannavieiras.....	»	9%
Outras procedencias.....	»	20%

Zonas principaes de cultura do cacoeiro, as de Valença, Taperoá, Santarém, Cammamú, Barra do Rio de Contas, Ilhéos, Itabuna, Una, Cannavieiras, Belmonte, Porto Seguro e Caravellas, em geral, o sul do Estado, é, sem duvida, bastante grande a sua cres-

cente producção. Mas, considerando-se, em face do rapido desenvolvimento dessa cultura na Africa equatorial, que o cacoeiro, plantado pela primeira vez em Ilhéos, no anno de 1755, começou a ter exploração regular em 1836, é justo reconhecer o longo tempo perdido nessa agricultura, quando, em curtos annos de trabalho, aquella logo nos excedeo pelos algarismos de sua exportação. Tanto de notar é o facto quanto de bom conselho, é o aviso de ser necessaria a maior precaução, para que a Bahia não venha a sentir, como grave ameaça, ou reconhecido perigo, a influencia de seos concurrentes.

Não devemos perder os nossos grandes mercados de consumo, que são a Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos e a França, variando, de 1905 a 1914, as acquisições na seguinte proporção (*A*—esses paizes, *B*—os diversos Estados do Brazil e outros paizes da Europa e da America):

<i>Annos</i>	<i>A</i>	<i>B</i>
Em 1905.....	92,3%	7,7%
» 1906.....	94,8%	5,2%
» 1907.....	93,3%	6,7%
» 1908.....	92,3%	7,7%
» 1909.....	93,7%	6,3%
» 1910.....	90,5%	9,5%
» 1911.....	91,9%	8,1%
» 1912.....	92,6%	7,4%
» 1913.....	93,0%	7,0%
» 1914.....	91,1%	8,9%

Nesta hora feliz, em que o cacáo enriquece a receita do Estado e dos Municipios que o produzem, e os seus beneficios se repartem, nas ultimas safras abundantes, entre o agricultor e o commerciante, deixando sobras para os intermediarios da Europa e da America, que os levam aos mercados de consumo, é prudente ter em lembrança a necessidade de melhorar a cultura do cacaoeiro, admittindo nos campos os methodos adelantados, e a de facilitar, nas zonas das plantações, os transportes de seus productos, que, ainda, convem tractar, preparar e acondicionar melhor, tudo em proveito do seu valor.





XXVI

São as estatísticas dos Srs. Wildberger & C^a, negociantes exportadores desta praça, organisadas, ha longos annos, pelas entradas, mez a mez, no porto da Bahia, as que melhor assignalam a colheita do cacáo no Estado.

Por ellas logo se reconhece, em face da expressão de seos algarismos, que foi a safra de 1913 a 1914 a maior da Bahia, com uma producção total de 612.495 saccos de 60 kgs. cada um, ou sejam, em toneladas, 36.740.700, das seguintes procedencias:

Ilhéos.....	368.055	saccos
Belmonte.....	87.485	“
Cannavieiras.....	60.449	“
Barra do Rio de Contas.....	46.219	“
Diversos.....	39.890	“
Santarém.....	7.919	“
Porto Seguro.....	1.540	“
Valença.....	938	“
Somma.....	612.495	saccos

Na safra seguinte, de 1914 a 1915, finda em Abril deste anno, a collecta diminuiu em 124.952

saccos, sendo seo total expresso pelos seguintes numeros:

Ilhéos.....	278.407	saccos
Belmonte.....	70.545	«
Cannavieiras.....	43.818	«
Barra do Rio de Contas.....	39.814	«
Diversos.....	38.268	«
Santarém.....	13.264	«
Valença.....	1.991	«
Porto Seguro.....	1.436	«
Somma.....	487.543	saccos

A producção de Santarém cresce, a partir da safra de 1900—01, da sòmma de 1.488 saccos ao total de 13.264 saccos, na safra de 1914—15, emquanto que o municipio de Cannavieiras não alcança, mesmo na safra maior de 1913—14 (60.449 saccos), a producção já obtida na safra de 1910—11 (64.421 saccos) e de 1909—10 (72.619).

A safra corrente, de 1915 a 1916, começada em Maio deste anno, deo, nos seis primeiros mezes, até 31 de Setembro ultimo, uma producção mais avultada que a de todas as safras completas dos annos anteriores, excepção feita das registadas em 1908—09 (449.523 saccos), em 1909—10 (484.739 saccos), em 1910—11 (489.101 saccos), em 1911—12 (493.217 saccos) e nas safras, acima indicadas, de 1913 a 14 e de 1914 a 15. Tudo permite garantir que o augmento

de 1915 a 1916 excederá todos os outros, attendendo a que as medias semestraes da producção são as seguintes:

1900—01.....	96.600	saccos
1901—02.....	116.505	«
1902—03.....	146.742	«
1903—04.....	122.874	«
1904—05.....	152.221	«
1905—06.....	159.958	«
1906—07.....	192.001	«
1907—08.....	209.834	«
1908—09.....	222.267	«
1909—10.....	242.369	«
1910—11.....	244.551	«
1911—12.....	246.609	«
1912—13.....	192.390	«
1913—14.....	306.248	«
1914—15.....	243.772	«
1915—16.....	442.477	«

Esta safra corrente, pela procedencia de suas entradas, tem os seguintes indices:

Maio a Outubro 1915—16:

Ilhéos.....	237.988	saccos
Belmonte.....	70.521	«
Diversos.....	50.564	«
Cannavieiras.....	41.795	«
Barra do Rio de Contas.....	29.557	«
Santarém.....	7.964	«
Valença.....	2.289	«
Porto Seguro.....	1.799	«
	<hr/>	
	442.477	saccos

Ilhéos, em cujo quadro se inclue a producção de Itabuna, dá, exceptuada a safra de 1913—14, em um

só semestre, o primeiro da safra de 1915—16, a produção, com pequenas diferenças, de todas as safras anteriores.

<i>Ilhoés</i>	<i>Produção</i>
1900—01 (anno)	102.213 saccos
1901—02 "	112.781 "
1902—03 "	149.931 "
1903—04 "	126.919 "
1904—05 "	172.840 "
1905—06 "	185.249 "
1906—07 "	227.509 "
1907—08 "	246.637 "
1908—09 "	291.232 "
1909—10 "	224.770 "
1910—11 "	284.535 "
1911—12 "	282.280 "
1912—13 "	208.993 "
1913—14 "	368.055 "
1914—15 "	278.407 "
1915—16 " (um semestre)....	237.988 "

Mantida, para os seus desenvolvimentos naturaes, esta situação, o cacáo valerá, no orçamento do Estado, como uma de suas melhores fontes de receita, assegurando á nossa agricultura do sul os beneficios da prosperidade, ainda maior com os melhoramentos do producto.

Neste particular é preciso nada esquecer, considerando que, igual a nossa cultura á das zonas da Africa equatorial, terá a Bahia sobre ellas a vantagem de um maior rendimento pela superioridade de suas terras em todo o sul do Estado.

XXVII

Tem crescido, nestes ultimos tempos, a exportação do nosso cacáo para os Estados-Unidos, toda ella para a cidade de New-York, onde, de anno em anno, avulta, de varias procedencias, o consumo de tal mercadoria.

De 1905 a 1914, foram os seguintes, em número de saccos de 60 kgs., os algarismos dessa exportação:

Em 1905.....	67.511	saccos
“ 1906.....	134.685	“
“ 1907.....	111.302	“
“ 1908.....	118.089	“
“ 1909.....	115.993	“
“ 1910.....	67.982	“
“ 1911.....	119.607	“
“ 1912.....	109.653	“
“ 1913.....	172.082	“
“ 1914.....	186.139	“

Exportação, esta, que melhor se aprecia, no seo

volume e importancia, pelo confronto com os algarismos da exportação geral da Bahia, assim registada:

Em 1905.....	287.103	saccos
« 1906.....	384.827	«
« 1907.....	358.641	«
« 1908.....	504.461	«
« 1909.....	479.359	«
« 1910.....	414.838	«
« 1911.....	530.528	«
« 1912.....	464.428	«
« 1913.....	473.965	«
« 1914.....	623.537	«

Maior de 90%, excepção feita do anno de 1914, a exportação da Bahia para a Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos e a França, assim ella se dividio entre esses quatro paizes:

	<i>E. Unidos</i>	<i>Os tres outros paizes</i>
Em 1905.....	24,4%	67,9%
« 1906.....	35,0%	59,8%
« 1907.....	31,0%	62,3%
« 1908.....	23,4%	68,9%
» 1909.....	24,2%	69,5%
« 1910.....	16,3%	74,2%
« 1911.....	22,5%	69,4%
« 1912.....	23,6%	69,0%
« 1913.....	36,3%	56,7%
« 1914.....	29,8%	61,3%

No corrente anno, de 1º de Janeiro a 1º de Outubro ultimo, ainda, e de mnito, cresceo a exportação da Bahia para New-York, nada menos que um augmento de 84.352 saccos, no mesmo periodo de

nove mezes, sobre a exportação de 1914 e de 103.398 saccos sobre a de 1913, tambem em igual periodo:

De Janeiro a 1.º de Outubro:

Em 1913.....	100.199 saccos
» 1914.....	119.245 «
« 1915.....	203.597 «

O Pará forneceo, apenas, no mesmo tempo, as seguintes quantidades:

Em 1913.....	3.683 saccos
« 1914.....	11.123 «
« 1915.....	14.368 «

Convem, por se saber o campo que offerece a cidade de New-York á producção do nosso cacáo, indicar, para o periodo acima referido, de Janeiro a 1º de Outubro, os algarismos de sua importação no corrente anno, que são estes:

Importação de: Jan. a 1º Out. de 1915

Sanchez.....	254.879
Bahia.....	203.597
Trinidad.....	136.520
Africa.....	181.010
Venezuela.....	133.431
Guayaquil.....	153.432
Cuba.....	17.151
Granada.....	18.196
Pará.....	14.368
Hayti.....	15.908
Suriman.....	6.805
Ceylon.....	7.549
Java.....	6.901
Columbia.....	1.562
Maracaibo.....	5.296
Jamaica.....	20.636
Diversos.....	2.821

Total..... 1.179.562

Nos annos anteriores, de 1914 e 1913, e no mesmo periodo, de nove mezes, tinha sido esta *a importação*:

<i>Janeiro a 1º de Outubro</i>	<i>1914</i>	<i>1913</i>
De Sanchez.....	214.542	161.223
“ <i>Bahia</i>	119.245	100.199
“ Trindad.....	145.273	107.145
“ Africa.....	168,790	196.328
“ Venezuela.....	73.318	67.306
“ Guayaquil.....	117.309	100.501
“ Cuba.....	13.368	12.195
“ Granada.....	16.336	16.100
“ <i>Pará</i>	<i>11.123</i>	<i>3.683</i>
“ Hayti.....	11.981	5.719
“ Suriman.....	16.424	11.290
“ Ceylon.....	6.190	15.884
“ Java.....	5,660	11.891
“ Columbia.....	1.658	2.293
“ Maracaibo.....	1.826	4.812
“ Jamaica.....	10.354	5.758
“ Diversos.....	1.584	4.900
Total.....	<u>935.690</u>	<u>827.512</u>

Importação crescente—de 827.512 saccos em 1913, de 935.690 em 1914, de 1.179.562 saccos em 1915, para a qual concorreo a Bahia, pela sua exportação para New-York, com 12,108% em 1913 (100.199 saccos), com 12,754% em 1914 (119.245 saccos) e com 17,260% em 1915 (203.597 saccos).

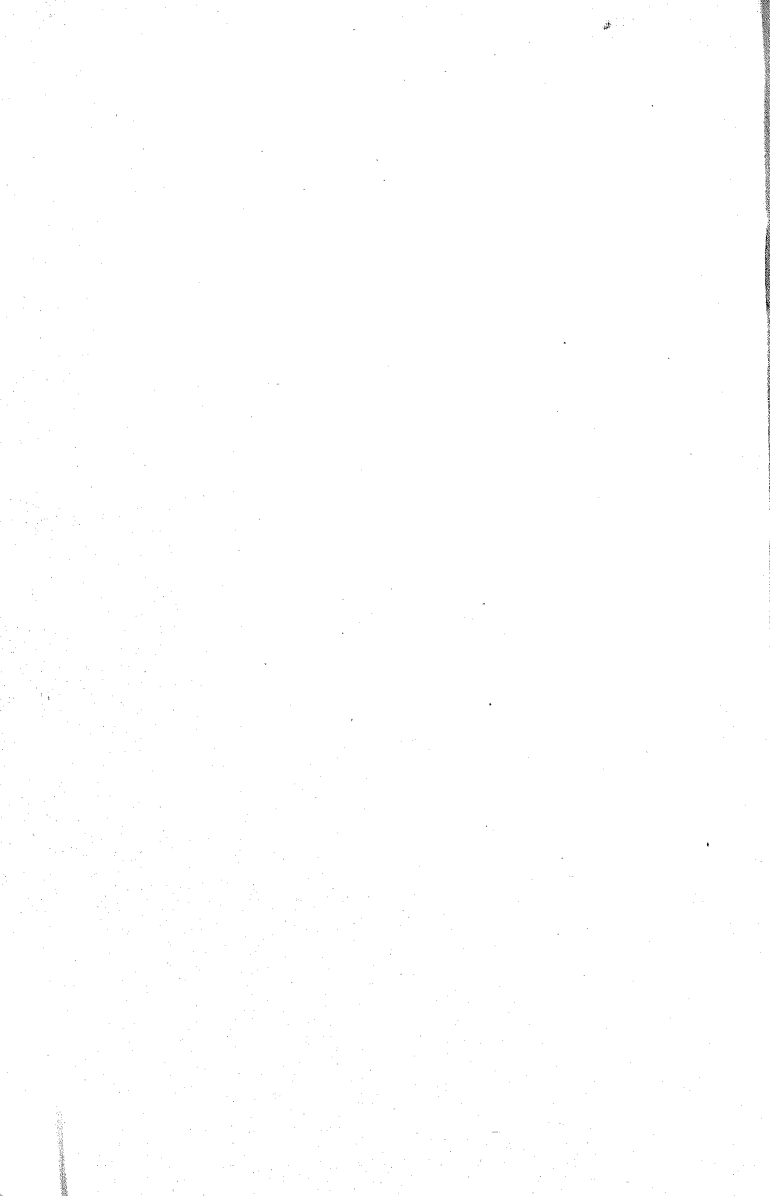
Só New-York, pois, poderá absorver, para o seo consumo, toda a nossa producção, ainda assim (de

623,537 saccos no anno de 1914) insufficiente para as suas necessidades.

Tudo está em que o nosso producto chegue áquelle mercado em bôas condições de qualidade e preço, podendo supportar a concurrencia dos outros paizes productores, de numero cada vez maior.

Imprudente será descançar nos resultados de agora, quando, abundante a safra, se altearem os preços, crendo a Bahia que poderá vencer, como productora do cacáo, sem melhorar a cultura e o commercio de tão procurada e importante mercadoria.





XXVIII

De 1880—81 a 1888—89, ainda no regimen que se extinguiu com a revolução de 15 de Novembro, primeiro dia da Republica, no anno de 1889, variou a renda dos direitos de exportação do cacáo, de 1880 a 1886, pela taxa de 6% sobre o valor official, de 50:199\$000 a 137:960\$000; de 1886 a 1888, fixada a taxa em 34 réis por kilogramma, de 80:366\$000 a 116:818\$000, firmada em 7% a taxa da tributação.

Depois da Republica, mantida até 1891 a taxa de 7%, cresce a renda de 79:564\$000 a 219:139\$000; sobe de 364:425\$000, em 1892, a 782:933\$000 em 1893, duplicada, nestes dous annos, de 7 para 14% a taxa de exportação; baixa em 1894, elevada, então, a taxa a 15%, taxa que se manteve, sem alteração, até o anno de 1901, ao valor de 780:016\$000, que cresce, progressivamente, até a somma de 2.095:976\$000 em 1898, reduzindo-se, em 1899, a 1.952:339\$000, para subir, de novo, a 2.387:094\$000, em 1900, e descer, novamente, a 1.822:785\$000 em 1901.

Augmentando o imposto, de 15% sobre o valor official, pelas taxas, creadas em 1902, de estatistica e de contribuição para o Banco Agricola, a renda do cacáo exportado leva ao Thezouro, de 1902 a 1904, respectivamente, as sommas de 2.353:395\$000, 2.027:869\$000 e de 2.420:300\$000.

A partir de 1905, reduzidos de 15% para 14% os direitos de exportação e conservadas as taxas de estatistica e a do Banco Agricola, a renda se assignala, até o anno derradeiro, de 1914, pelas seguintes cifras:

<i>Annos</i>	<i>Réis</i>
1905.....	1.599:320\$000
1906.....	2.307:154\$000
1907.....	3.613:324\$000
1908.....	3.462:079\$000
1909.....	2.748:082\$000
1910.....	2.234:221\$000
1911.....	3.004:480\$000
1912.....	2.917:271\$000
1913.....	2.964:247\$000
1914.....	3.584:210\$000
	<hr/>
10 annos.....	28.434:393\$000

De 1834—35 até 1859—60, não houve imposto, variando a arrecadação, de 1860—61 a 1879—80, sob a taxa constante de 6%, de 12:347\$000 (1860—61) a 55:282\$000, sendo, entre as variações de anno a anno,

a renda minima de 7:804\$000 em 1861—62 e a maxima de 77:886\$000 em 1878—79.

Na curva da arrecadação realisada, de 1880 a 1914, a renda minima teve o valor de 50:199\$000 em 1880—01 e a maxima o valor de 3.613:324\$000 em 1907, ou mais 29:114\$000 que no apurado do anno ultimo de 1914.

Nos ultimos dez annos, de 1905 a 1914, a renda total do cacáo attingio ao valor de 28.434:393\$841, ou, em media, 2.843:439\$384, sendo a renda media annual do valor total da exportação, effectuada pela Directoria de Rendas, da importancia de 6.926:060\$871 contos de réis. Quer isto dizer que, em media annual, concorreo o cacáo, na exportação do Estado, destes ultimos dez annos, com a quota de 41%.

Avizinhando os factos no calculo das medias por um tempo de cinco annos, ter-se-á:

a) *Direitos totaes arrecadados pela Directoria de Rendas sobre a exportação do cacáo:*

Em 1910.....	2.234:221\$586
« 1911.....	3.004:480\$595
« 1912.....	2.917:271\$224
« 1913.....	2.964:247\$853
» 1914.....	3.584:210\$917
	<hr/>
Somma.....	14.706:432\$175
<i>Media annual.....</i>	<i>2,940:886\$435</i>

b) *Total dos impostos de exportação arrecadados pela Directoria de Rendas:*

Em 1910.....	6.931:586\$409
“ 1911.....	7.560:150\$088
“ 1912.....	7.988:333\$890
“ 1913.....	7.456:468\$777
“ 1914.....	7.725:976\$666
	<hr/>
Somma.....	37.662:515\$530
<i>Media annual.....</i>	<i>7.532:503\$606</i>

c) *Total dos impostos arrecadados pela Directoria de Rendas:*

Em 1910.....	9.043:907\$904
“ 1911.....	9.886:783\$849
“ 1912.....	10.477:369\$145
“ 1913.....	10.084:548\$668
“ 1914.....	9.682:324\$595
	<hr/>
Somma.....	49.174:937\$163
<i>Media annual.....</i>	<i>9.834:987\$432</i>

d) *Total dos impostos arrecadados pelas diversas estações do Estado:*

Em 1910.....	11.653:746\$249
“ 1911.....	12.339:715\$584
“ 1912.....	13.113:775\$723
“ 1913.....	13.053:494\$908
“ 1914.....	11.989:367\$109
	<hr/>
Somma.....	62.150:099\$573
<i>Media annual.....</i>	<i>12.430:019\$914</i>

Representa, pois, a media annual da arrecadação destes ultimos cinco annos, de 1910 a 1914, dos di-

reitos totaes cobrados pelo Estado sobre a exportação do cacáo (2.930:886\$435), para outros departamentos do paiz e para o estrangeiro.—

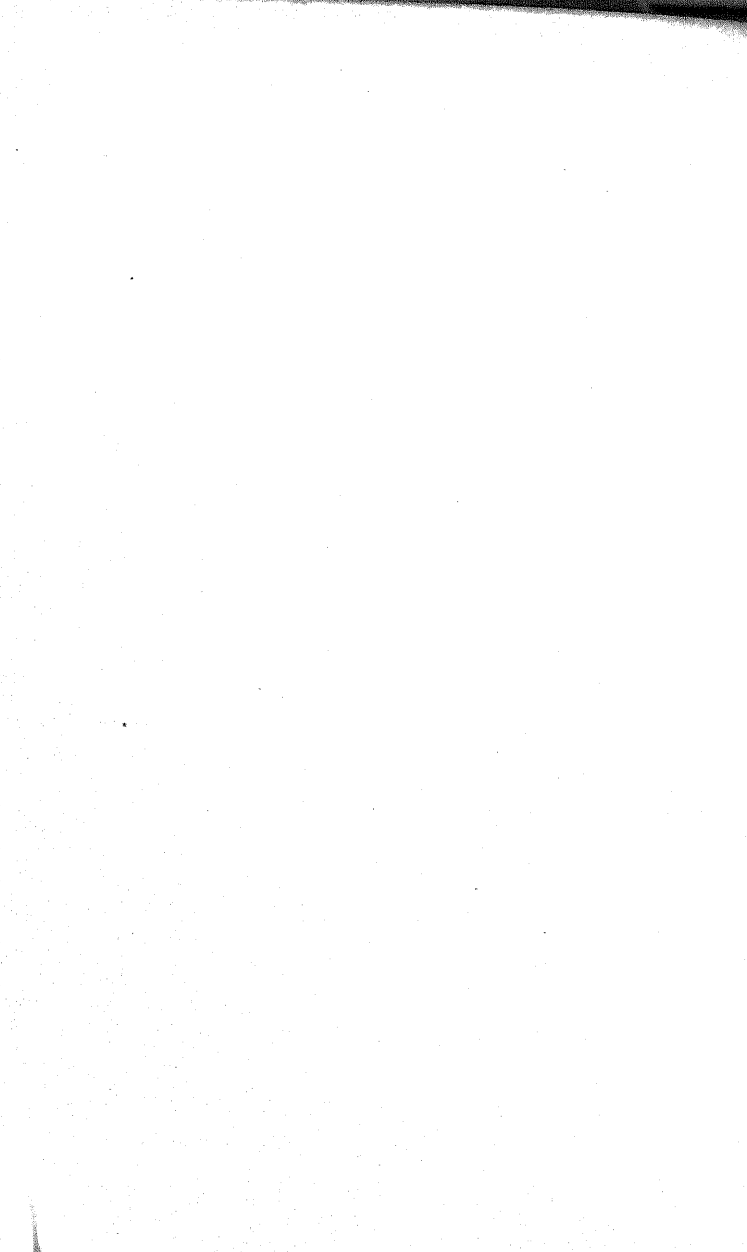
39,0% da exportação total arrecadada pela Directoria de Rendas;

29,9% da arrecadação total da mesma Directoria, pela exportação e por outros impostos;

23,6% da arrecadação total do Estado pelo imposto de seos orçamentos.

Basta considerar a influencia destas porcentagens na receita tributaria do Estado, para que se comprehenda com que interesse e cuidado deverá a Bahia acautelar e defender a progressiva producção e valorisação do cacáo nas suas excellentes terras do sul, até que, melhorado o nosso regimen fiscal, possa o Estado ir reduzindo gradualmente, como convem, os direitos de sahida, approximando-se, cada vez mais, da hora feliz da exportação livre.





XXIX

O Sr. Ministro da Fazenda, na introdução do relatório que acaba de apresentar ao Sr. Presidente da Republica, assim resumio o movimento da receita e despesa apuradas, no paiz, nestes ultimos cinco annos, convertidos ao cambio de 16 d. a renda e os dispendios em ouro:

Em 1914:

Renda de importação.....	181.675:678\$109
« interior.....	74.111:659\$394
» de exportação.....	4.837:087\$659
« « consumo.....	36.258:224\$685
Outras rendas.....	78.215:956\$859
Receita geral.....	375.098:606\$706
Despesa geral.....	636.781:122\$000
<i>Deficit</i>	261.682:515\$294

Em 1913:

Renda de importação.....	343.598:668\$666
« interior.....	109.250:415\$290
« de exportação.....	8.412:011\$606
« « consumo.....	65.091:019\$315
Outras rendas.....	123.892:670\$256
Receita geral.....	650.244:815\$133
Despesa geral.....	783.604:568\$000
<i>Deficit</i>	133.359:753\$867

Em 1912:

Renda de importação.....	348.241:432\$974
" interior.....	102.721:707\$682
" de exportação.....	8.361:207\$116
" " consumo.....	62.638:821\$064
Outras rendas.....	107.350:056\$995
Receita geral.....	629.313:225\$831
Despeza geral.....	794.544:869\$000
<i>Deficit</i>	165.231:643\$169

Em 1911:

Renda de importação.....	317.241:432\$974
" interior.....	89.031:945\$858
" de exportação.....	9.669:568\$270
" " consumo.....	59.768:965\$243
Outras rendas.....	107.041:577\$685
Receita geral.....	583.178:293\$906
Despeza geral.....	686.867:111\$000
<i>Deficit</i>	103.688:817\$094

Em 1910:

Renda de importação.....	288.747:171\$496
" interior.....	78.653:161\$062
" de exportação.....	19.866:541\$559
" " consumo.....	54.628:428\$094
Outras rendas.....	82.278:534\$165
Receita geral.....	524.173:836\$376
Despeza geral.....	612.338:386\$000
<i>Deficit</i>	38.164:545\$624

Ou, no quinquenio, o *deficit* de 752.127:277\$048, assim determinado:

Receita (1910—1914).....	2.762.008:778\$000
Despeza (1910—1914).....	3.514.136:056\$000
<i>Deficit</i>	752.127:278\$000

E o Sr. Ministro, explicando as medidas postas em pratica contra tão afflictiva situação, extendida, em 1914, a todos os Estados da Republica, isto escreveo:

«As operações de credito tornaram-se irrealizaveis no estrangeiro. A declaração de guerra precipitou os phenemenos; tivemos de celebrar um novo accordo sobre o pagamento da divida interna consolidada; decretamos a moratoria; emittimos 250.000:000\$000 de notas inconversiveis; suspendemos o troco na Caixa de Conversão; o cambio baixou rapidamente a 10 3/16 e as apolices geraes de 840\$000, mais ou menos, a 797\$000.»

E acrescentou:

«Nem com esses recursos desafogada ficou a situação. Balanceados os compromissos do Theouro, e após reciificações feitas até hoje, ficou evidenciado terem de ser pagos, ainda, mais de 36.000:000\$000, ouro, e 310.000.000\$000, papel. Isto em phase de receitas fracas e em baixas progressiva, e sem contar perto de 2 1/2 milhões esterlinos, a pagar em Londres, para resgatar a firma do Brazil »

O Sr. Ministro terminou do seguinte modo a pintura do sombrio quadro:

«Nenhuma previsão baseada era licito adeantar sobre a duração e o exito da guerra, apenas iniciada. E desses factores dependeriam: o aspecto do mercado financeiro; o intercambio mundial; as receitas federaes; a possibilidade de novos accordos no estrangeiro; a productividade do ambiente economico e tantos outros elementos formadores das deliberações a adoptar.»

Para o Paiz e para os Estados, esta era a situação; e, todavia, não faltaram as opiniões rebelladas contra os seus governos, attribuindo-lhes, no periodo mais grave da crise, a responsabilidade pelo que estava succedendo e tinha como aggravante, contra as receitas orçamentarias diminuidas, a dupla crise da difficuldade dos transportes maritimos e da collocação dos nossos productos no estrangeiro.

No anno que corre, principalmente depois de Maio, tudo parece melhorar, posto que todos os effeitos da desorganisação combatida não podessem ser promptamente vencidos.

A Bahia, na hora amarga dos grandes embaraços de 1914, encontrou no credito, que tem sido honrado, a primeira solução de allivio pela emissão das apolices populares de 6%, com as quaes reduzio muitos de seus compromissos e pôde levar por deante trabalhos e obras, que de modo nenhum deveriam ser adiados.

Com o augmento das rendas de exportação, solveo e está custeando outras obrigações do Estado, sendo certo que tudo normalisarà, se as rendas do Thesouro não decahirem, de novo, para os indices baixos na arrecadação dos impostos.

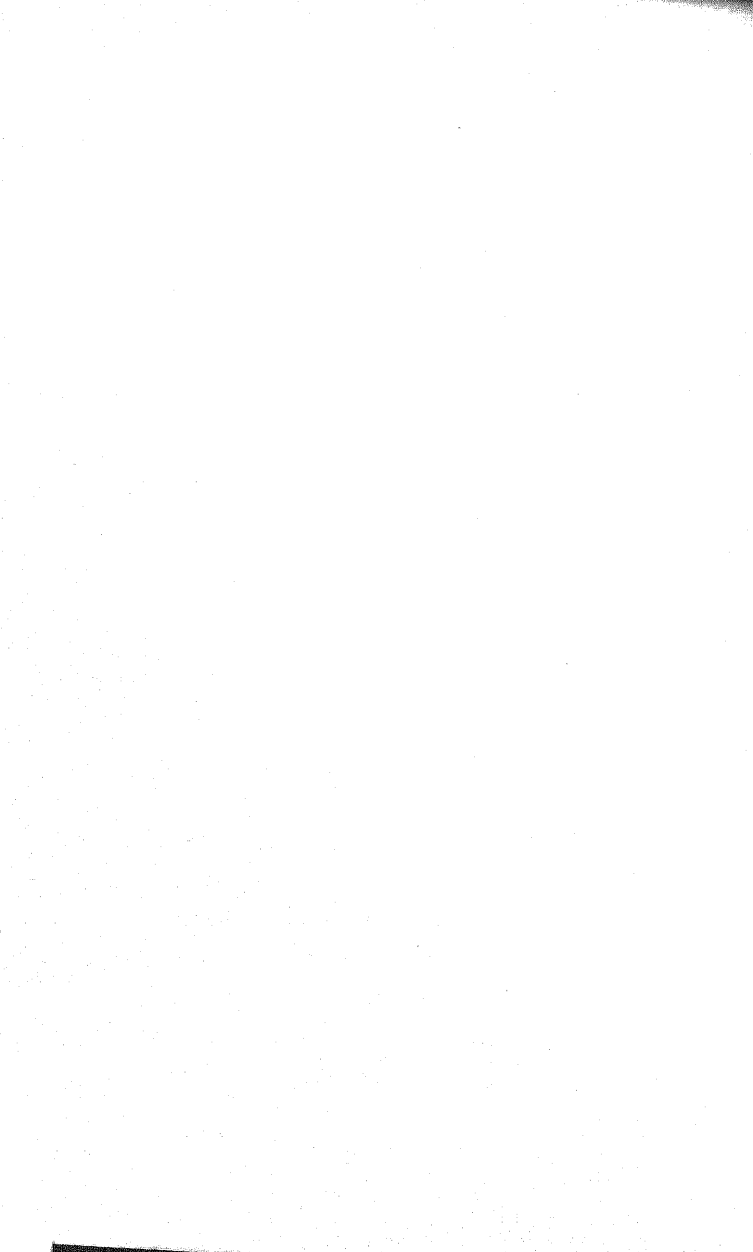
A exportação, pois, que realmente de muito melhorou, attesta a nossa capacidade de resistencia, tendo

em geral crescido, com a massa das mercadorias saídas para o exterior, os preços do seu valor commercial.

Excepção feita do algodão e do fumo, avultou, em todo o Paiz, nestes nove mezes do anno de 1915, a quantidade das mercadorias exportadas no periodo correspondente do anno de 1914; 58.880 toneladas de assucar, em 1915, contra 10.136, em 1914; 25.509 toneladas de borracha, contra 25.572; 33.389 toneladas de cacáo, contra 27.933; 669.965 toneladas de café, contra 441.303; 28.839 toneladas de couros, contra 26.504; 57.052 toneladas de matte, contra 42.967; 3.446 toneladas de pelles, contra 2.167 em 1914.

Os males de hontem, entretanto, não estão extinctos, convindo persistir no esforço associado de todos os que se interessam pela ordem financeira e economica do Paiz, para que se apresse por soluções capazes a cessação de seus effeitos.





XXX

No exercicio financeiro de 1914, que, sem nenhum exaggero, se pode chamar o anno da «grande crise», tamanha que, por effeito da guerra, se extendeo ao mundo, perturbando a vida de todos os povos, foi entre nós o *deficit*, e de um modo geral, o regimen verificado no balanço orçamentario da União e dos Estados. Attestam-no, com origem em documentos officiaes, os seguintes algarismos:

UNIÃO:

Despeza (1914).....	636.781:122\$000
Receita (1914).....	375.098:606\$706
	261.682:515\$294
<i>Deficit</i>	

ESTADOS (1914):

<i>Amazonas</i>	Desp.....	13.393:137\$201
	Rec.....	9.373:699\$112
		4.019:438\$089
	<i>Deficit</i>	
 <i>Pará</i>	Desp.....	9.543:368\$536
	Rec.....	8.196:850\$775
		1.346:517\$761
	<i>Deficit</i>	

<i>Maranhão</i>	Desp.....	3.539:947\$000
	Rec.....	2.994:320\$466
	<i>Deficit</i>	<u>545:625\$534</u> =====
<i>Piauí</i>	Desp.....	2.007:279\$650
	Rec.....	1.476:037\$429
	<i>Deficit</i>	<u>531:242\$221</u> =====
CEARÁ	Rec.....	4.251:225\$000
	Desp.....	3.897:918\$000
	<i>Saldo</i>	<u>353:307\$000</u> =====
<i>Rio Grande do Norte</i>	Desp.....	2.148:880\$359
	Rec.....	1.938:193\$100
	<i>Deficit</i>	<u>210:687\$259</u> =====
<i>Parahyba</i>	Desp.....	3.392:217\$000
	Rec.....	3.117:166\$000
	<i>Deficit</i>	<u>275:051\$000</u> =====
PERNAMBUCO	Rec.....	13.763:489\$760
	Desp.....	12.761:894\$700
	<i>Saldo</i>	<u>1.001:595\$060</u> =====
ALAGOAS.....	Rec.....	2.674:779\$000
	Desp.....	2.672:192\$000
	<i>Saldo</i>	<u>2:587\$000</u>

<i>Sergipe</i>	Desp.....	3.733:105\$792
	Rec.....	2.018:109\$175
	<i>Deficit</i>	<u>1.714:996\$616</u>
<i>Bahia</i>	Desp.....	17.544:204\$672
	Rec.....	15.661:123\$333
	<i>Deficit</i>	<u>1.883:081\$330</u>
<i>Espirito Santo</i>	Desp.....	3.663:910\$492
	Rec.....	3.387:597\$811
	<i>Deficit</i>	<u>276:312\$681</u>
<i>Districto Federal</i> ...	Desp.....	46.158:618\$872
	Rec.....	38.186:532\$852
	<i>Deficit</i>	<u>7.972:086\$020</u>
<i>Rio de Janeiro</i>	Desp.....	16.916:518\$050
	Rec.....	10.437:245\$266
	<i>Deficit</i>	<u>6.479:272\$784</u>
<i>S. Paulo</i>	Desp.....	100.159:860\$773
	Rec.....	65.711:403\$534
	<i>Deficit</i>	<u>34.448:457\$239</u>
<i>Paraná</i>	Desp.....	9.300:460\$865
	Rec.....	5.975:066\$158
	<i>Deficit</i>	<u>3.325:394\$707</u>

<i>S. Catharina</i>	Desp.....	2.781:566\$262
	Rec.....	2.342:571\$945
	<i>Deficit</i>	<u>438:994\$317</u>
<i>Rio Grande do Sul</i>	Desp.....	19.555:880\$852
	Rec.....	17.652.784\$201
	<i>Deficit</i>	<u>1.903:096\$651</u>
<i>Minas</i>	Desp.....	33.914:512\$846
	Rec.....	24.215:591\$935
	<i>Deficit</i>	<u>9.698:020\$911</u>
MATTO GROSSO....	Rec.....	3.523:080\$905
	Desp.....	3.287:005\$675
	<i>Saldos</i>	<u>236:075\$230</u>
<i>Goyaz</i>	Desp.....	946:432\$404
	Rec.....	619:127\$034
	<i>Deficit</i>	<u>327:305\$370</u>

Somente, pois, apresentaram saldos, no balanço orçamentario de 1914, os Estados do Ceará, na importancia de 353:307\$000; de Pernambuco, na importancia de 1.001:595\$060; de Alagoas, na importancia de 2:587\$000; de Matto Grosso, na importancia de

236:075\$230; ou seja um saldo total de 1.593:564\$290.

Os *deficits* importaram em 337.078:991\$793, sendo:

<i>União</i>	261.682:515\$294
<i>Estados e Districto Federal</i> ..	75.496:676\$499
	<hr/>
Somma	337.078:991\$793

Foram os orçamentos de maiores *deficits*, segundo os algarismos precitados, os da União, de São Paulo, de Minas Geraes, do Districto Federal, do Rio de Janeiro, do Amazonas, do Paraná, do Rio Grande do Sul, da Bahia, de Sergipe e do Pará, sendo os *deficits* dos outros inferiores a mil contos.

Pela sua porcentagem sobre o valor da arrecadação realisada, foi a seguinte a situação dos *deficits*:

Sergipe.....	85 %
União.....	69 %
Rio de Janeiro.....	62 %
Paraná.....	56 %
Goyaz.....	54 %
São Paulo.....	52 %
Amazonas.....	42 %
Minas-Geraes.....	40 %
Piauhy.....	35 %
Districto Federal.....	20 %
Santa Catharina.....	18 %
Maranhão.....	18 %
Pará.....	16 %
Bahia.....	12 %
Rio Grande do Norte.....	11 %
Rio Grande do Sul.....	10 %
Parahyba.....	8 %
Espirito Santo.....	8 %

A situação exacta dos Estados, como da União,

ficará apurada, no anno de 1914, juntando-se a estas indicações as responsabilidades de seos compromissos.

Tamanho desequilibrio entre a receita e a despeza da Nação e dos Estados, determinando os *deficits* apontados, quando, faltando a importação, não havia transporte para a sahida dos nossos productos, nem onde collocal-os no estrangeiro, phenomenos, estes, de desastrosa intensidade em todo o segundo semestre do primeiro anno da guerra européa, explica, claramente, as perturbações soffridas por todo e paiz na sua ordem financeira, no anno de 1914, e para a qual contribuiram bastante os desacertos e compromissos do passado.



XXXI

Tendo-se em vista a procura na Europa dos generos da nossa exportação, cujo transporte, embora subordinado a grandes irregularidades, não soffre mais as faltas e aquelles graves embaraços dos primeiros mezes que se seguiram, depois de Agosto de 1914, aos movimentos da guerra, devem ser considerados bastante baixos os seus preços, ouro. Excepção feita dos *couros*, do *cacão* e do *assucar*, que estão em alta, diminuíram na exportação os preços medios, de Janeiro a Setembro do corrente anno, dos outros productos — o *café*, a *borracha*, o *matte*, o *fumo*, o *algodão* e as *peles*, que, no mesmo periodo de tempo, tiveram cotações maiores em 1914 e, em geral, no anno de 1913.

Demonstram, claramente, esta verdade os seguintes algarismos:

Preços, ouro, ao kilo de CACÃO, e seu valor em papel:

Em 1913 (Janeiro a Setembro.)	{	\$486	<i>ouro</i>
	{	\$821	<i>papel</i>

Em 1914	»	«	{	\$417	ouro
				{	\$719	papel
Em 1915	«	«	,.....	{	\$534	ouro
				{	1\$154	papel

Quanto ao ASSUCAR:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....				{	\$107	ouro
				{	\$180	papel
Em 1914	«	«	,.....	{	\$081	ouro
				{	\$150	papel
Em 1915	«	«	,.....	{	\$113	ouro
				{	\$224	papel

E. de referencia aos COUROS:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....				{	\$545	ouro
				{	\$920	papel
Em 1914	«	«	,.....	{	\$507	ouro
				{	\$875	papel
Em 1915	«	«	,.....	{	\$674	ouro
				{	1\$338	papel

O CAFÉ, producto da grande exportação, apresenta estas sensíveis diferenças, para menos, no seu preço medio por kilogramma:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....				{	\$463	ouro
				{	\$781	papel
Em 1914	«	»	,.....	{	\$382	ouro
				{	\$667	papel
Em 1915	«	«	,.....	{	\$276	ouro
				{	\$588	papel

Da mesma sorte se verificam diminuições para os outros productos:

BORRACHA:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....				{	2\$660	ouro
				{	4\$488	papel

Em 1914	"	"	{	1\$913	<i>ouro</i>
				{	3\$326	<i>papel</i>
Em 1915	"	"	{	1\$706	<i>ouro</i>
				{	3\$652	<i>papel</i>

MATTE:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....	{	\$327	<i>ouro</i>
	{	\$552	<i>papel</i>
Em 1914 " "	{	\$255	<i>ouro</i>
	{	\$454	<i>papel</i>
Em 1915 " "	{	\$218	<i>ouro</i>
	{	\$459	<i>papel</i>

FUMO:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....	{	\$503	<i>ouro</i>
	{	\$848	<i>papel</i>
Em 1914 " "	{	\$774	<i>ouro</i>
	{	\$874	<i>papel</i>
Em 1915 " "	{	\$380	<i>ouro</i>
	{	\$825	<i>papel</i>

ALGODÃO:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....	{	\$530	<i>ouro</i>
	{	\$894	<i>papel</i>
Em 1914 " "	{	\$549	<i>ouro</i>
	{	\$930	<i>papel</i>
Em 1915 " "	{	\$466	<i>ouro</i>
	{	1\$000	<i>papel</i>

PELLES:

Em 1913 (Janeiro a Setembro).....	{	2\$101	<i>ouro</i>
	{	3\$546	<i>papel</i>
Em 1914 " "	{	1\$880	<i>ouro</i>
	{	3\$309	<i>papel</i>
Em 1915 " "	{	1\$423	<i>ouro</i>
	{	3\$077	<i>papel</i>

Nos preços, papel, desde que o commercio dos productos de exportação é feito em ouro, ha a vantagem

da conversão para a nossa moeda, o contrario do que acontece na importação, em que a depreciação do nosso papel encarece o custo das mercadorias obtidas no estrangeiro.

A differença das quantidades exportadas—899.081 toneladas em 1915 (em nove mezes) contra 630.906 em 1914, no mesmo prazo de tempo, bastante correio para assegurar, contra o valor de lbs. 34.671.000 em 1914, o de lbs. 35.641.000 em 1915, ou sejam, a mais, lbs. 1.070.000 para os nove productos da nossa principal exportação.

Houve, em augmento da exportação, alguns productos novos, especialmente as *carnes resfriadas e congeladas*, sendo os seguintes os algarismos, em 1915, do seo movimento:

PROCEDENCIAS:

De 1º de Janeiro a 31 de Outubro:

Pará.....	3.592	kgs.
Rio de Janeiro.....	87.998	»
Santos.....	4.479.484	»
	<hr/>	
Somma.....	4.571.074	kgs.

De 1º a 12 de Novembro:

Rio de Janeiro.....	476.252	kgs.
Santos.....	1.606.836	»
	<hr/>	
Total.....	6.654.162	kgs.

DESTINOS

França.....	73.238	kgs.
Estados Unidos.....	983.149	»
Italia.....	2.018.948	»
Gran-Bretanha.....	3.578.827	»
	<hr/>	
	6.654.162	kgs.

VALOR EM PAPEL

a) Pará.....	2:800\$000
Rio de Janeiro.....	363:568\$000
Santos.....	4.289:126\$000
	<hr/>
Somma.....	4.655:494\$000
b) França.....	51:648\$000
Estados Unidos.....	676:418\$000
Italia.....	1.371:792\$000
Gran-Bretanha.....	2.545:636\$000
	<hr/>
Somma.....	4.655:494\$000

Tendo augmentado a importação (lbs 30.729.000, em 1915, contra lbs. 21.922.000 em 1914) e tambem a exportação (lbs. 35.641.000, em 1915, contra lbs. 34.671.000 em 1914), assignalando-se, a mais, a existencia de exportações novas, que devem crescer, é de esperar que a nossa situação continue a melhorar nas relações do commercio exterior, como é indispensavel que se desenvolva e fortaleça no movimento interno da nossa producção e commercio.



XXXII

De Setembro para Outubro, no corrente anno, de 1915, modificou-se do seguinte modo, nos institutos de credito da Bahia, a situação dos depositos a prazo:

Em 31 de Outubro.....	8.476:000\$000
Em 30 de Setembro.....	8.818.000\$000

Diferença, para mais.....	342:000\$000

Cresceram, porem, e quantiosamente, os depositos á vista:

Em 31 de Outubro.....	23.175:000\$000
Em 30 de Setembro.....	19.350:000\$000

Diferença, para menos.....	3.825:000\$000

No anno anterior, em Setembro e Outubro, a situação tinha sido esta;

a) Depositos a prazo:

Em 31 de Outubro.....	8.809:000\$000
Em 30 de Setembro.....	9.753:000\$000

Diferença, para menos.....	944:000\$000

b) Depósitos á vista:

Em 31 de Outubro.....	10.121:000\$000
Em 30 de Setembro.....	6.806:000\$000
	<hr/>
Diferença, para mais.....	3.375:000\$000

Uns e outros depósitos, reunidamente, nos dois referidos annos, têm estas cifras:

Em 30 de Setembro de 1914.	16.559:000\$000
Em « « de 1915.....	28.168:000\$000
	<hr/>
Diferença, para mais em 1915...	11.909:000\$000
Em 31 de Outubro de 1914	18.930:000\$000
Em « « de 1915.....	31.656:000\$000
	<hr/>
Diferença, para mais, em 1915...	12.721:000\$000

O movimento, entretanto, das letras descontadas, do valor de 8.487 contos em 30 de Setembro de 1914 baixa, em 30 de Setembro de 1915, a 3.773 contos; e em 31 de Outubro, tendo, em 1914, o valor de 4.429 contos, baixa, em 1915, a 4.167 contos.

As sommas em caixa, da importancia de 6.894 contos em Setembro de 1914, sobem no mesmo mez, em 1915, a 16.670 contos; e, em Outubro de 1914, da importancia de 8.945 contos, se assignalam, em 1915, pelo valor de 16.456 contos.

É o mesmo retrahimento no curso dos negocios, a mesma cautela, a mesmissima má vontade ou desconfiança, em formal opposição á crença com que o nosso

commercio entrega aos Bancos os seus capitães disponíveis, nada menos, em 31 de Outubro de 1915, de 8.476 contos em deposito a prazo e 23.175 contos em deposito á vista.

Se é verdade que, em todo o paiz, cresceram em 31 de Outubro, de 1914 para 1915, os depositos á vista (de 328.172 para 403.122 contos), e da mesma sorte os depositos a prazo (de 169.689 para 266.931 contos), e assim tambem as sommas em caixa (de 254.972 para 313.803 contos), é um facto a maior quantia das letras descontadas, do valor, em 1914, de 221.333 contos, e do valor, em 1915, de 236.141, sendo as seguintes as differenças do movimento nestes titulos do activo dos Bancos:

PARA MAIS:	LETRAS DESCONTADAS	
	1914	1915
Maranhão.....	—	1.577:000\$000
Ceará.....	94:000\$000	1.702:000\$000
Pernambuco....	6.446:000\$000	12.213:000\$000
Estado do Rio..	2.809:000\$000	3.579:000\$000
S. Paulo.....	78.085:000\$000	80.668:000\$000
Rio G. do Sul..	5.349:000\$000	35.210:000\$000
PARA MENOS:		
Pará.....	1.326:000\$000	1.253:000\$000
Bahia.....	4.429:000\$000	4.167:000\$000
Espirito Santo.	400:000\$000	308:000\$000
Capital Federal	86.391:000\$000	62.381:000\$000
Paraná.....	1.119:000\$000	622:000\$000
Minas Geraes..	34.885:000\$000	32.441:000\$000
Sommas.....	221.333:000\$000	236.141:000\$000

Quanto ao dinheiro em caixa, em 31 de Outubro, só na Capital Federal e em Minas Geraes o seo valor diminue:

AUGMENTOS:	DINHEIRO EM CAIXA:	
	1914	1915
Amazonas.....	1.887:000\$000	3.733:000\$000
Pará	4.998:000\$000	12.122:000\$000
Maranhão.....	—————	882:000\$000
Ceará.....	831:000\$000	2.238:000\$000
Pernambuco...	8.879:000\$000	9.438:000\$000
Bahia	8.945:000\$000	16:456:000\$000
Espirito Santo.	677:000\$000	702:000\$000
Estado do Rio.	624:000\$000	717:000\$000
S. Paulo	92.753:000\$000	115.732:000\$000
Paraná	1.583:000\$000	2.043:000\$000
Rio G. do Sul.	7.794:000\$000	28.786:000\$000
DIMINUIÇÕES:		
Capital Federal	117.753:000\$000	114.425:000\$000
Minas Geraes..	8.248:000\$000	6.669:000\$000
Somma.....	254.972:000\$000	313.803:000\$000

Accentua-se, pois, a necessidade da criação, neste Estado, de um novo estabelecimento de credito, a cuja actividade se offerece um largo campo de operações de toda a ordem, não faltando as garantias que deverão abonar-as. A praça tem em si mesma, nos seos capitalistas e depositantes, os recursos necessarios a esse fim.

Só os depositos á vista, existentes nos Bancos, orçam por 23.175 contos, quando o capital de todos

elles não excede, desde 1914, de 5.106 contos, sendo as suas reservas de 758 contos.

O valor, que representa, agora, o total das letras descontadas, foi outr'ora, bastantes vezes, a somma de empréstimos de alguns dos nossos negociantes de fumo e assucar, que, em geral, sempre cumpriram os seus deveres. A praça, a julgar os nossos institutos de credito pelas suas operações correntes de commercio, está sem Bancos. Os que existem, medrosos e cheios de desconfiança, têm a sua freguezia de privilegiados, preferindo operar como nucleos de cobrança e agencias de cambio. São muitos limitados os seus serviços nas funções que lhes deveriam caber. Os estrangeiros, principalmente, são avaros, fugindo, por systema, aos negocios de desconto e aos adeantamentos, ainda que garantidos, aos pequenos negociantes. Industria e agricultura, estas, não podem contar com elles. O mesmo credito real bem pouco lhes merece.

Póde, todavia, o Estado, pelos seus capitalistas e negociantes de grosso tracto, corrigir esta lamentavel situação, fundando o nosso Banco, de descontos e depositos, de que a Bahia carece. Ao primeiro movimento de iniciativa capaz tudo será feito, e necessario é, mesmo indispensavel, que isto se faça.

XXXIII

Aqui, como em toda parte, ainda nos paizes de maior cultura e de mais adeantada civilisação, os impostos novos, qualquer que seja a sua justiça, motivam sempre grandes clamores. Ninguem, seja onde fôr, acceita de bôa vontade, ou pelo menos, resignadamente, as innovações tributarias que determinem accrescimos na receita dos orçamentos, e pois, exijam do contribuinte maiores sacrificios. Só o tempo, em materia de impostos, gera sobre os direitos da lei, a tolerancia dos que devem pagal-os. Parece que o costume, mais que a razão, os auctorisa. Antes d'isso, emquanto o habito não está instituido, a queixa é constante contra os impostos, que, de ultimo, se crearam e só se tornam cobraveis, após as primeiras luctas de sua admissão, quando as respectivas taxas, depois de muito discutidas, baixam aos menores valores. Fóra deste caminho, assim mesmo difficil, a resistencia é tenaz e as reclamações, ás mais das vezes attendidas, deixam nos echos de seo triumpho a impressão de se ter evitado uma iniquidade.

Não foi por outro motivo que ficou sem effeito, na lei do orçamento vigente, a disposição que mandava cobrar em ouro 4% dos impostos constantes de suas tabellas, ou verbas especiaes da receita, para occorrer com o seo producto ao pagamento dos juros e amortisação da divida externa.

«Já se pagava muito», tanto se disse, o que aliás não é a verdade, porque a Bahia, entre as grandes unidades da Federação, sem excluir nessa conta a propria União, é o Estado em que menos impostos se pagam.

Tomando por base a arrecadação de 1914, do valor de 15.661:123\$333, estimada em dois e meio milhões de habitantes a população do Estado, cabe á Bahia, por habitante, a quota de 6\$265. Mas, na somma de 15.661:123\$333 da renda do Estado, estão incluidos 3.671:756\$224 da receita de suas Estradas de Ferro, dos serviços de navegação, da renda dos titulos de dominio do Estado e da venda e legitimação de terras publicas, o que reduz a renda dos impostos a.....
11.989:367\$109:

Receita das Estradas de Ferro.....	1.153:184\$417
Receita dos serviços de Navegação..	2.321:128\$307
Renda dos titulos de dominio do Estado.....	184:148\$500
Venda e legitimação de terras publicas.....	13:295\$000
Somma.....	3.671:756\$224
Receita das taxas e impostos.....	11.989:367\$109
Renda do Estado.....	15.661:123\$333

Ninguem ha de dizer que o preço das passagens e o frete das mercadorias, em estradas de ferro e linhas de navegação, como a renda de titulos do dominio do Estado e o producto da venda de terras do seo patrimonio, sejam impostos ou taxações tributarias do orçamento.

O valor effectivo, por consequencia, dos impostos, cobrados em 1914, não excede de 11.989:367\$109, ou sejam, para a Bahia e por habitante, 4\$757.

Se, entretanto, recahe o imposto no consumidor, que, em verdade, é quem o paga, no caso das contribuições indirectas, tracte-se do que mandamos para o exterior ou de lá recebemos, pois que o tributo é um elemento de composição do preço de venda em qualquer mercado, é evidente que as taxas das nossas exportações, remetidas para os outros Estados e para os paizes estrangeiros, não incidem nos habitantes da Bahia, o que logo reduz a 4.205:201\$037 a importancia dos impostos pagos ao Thezouro, directa e indirectamente, pela população do Estado.

Renda total de 1914.....	15.661:123\$333
Rendas patrimoniaes, no mesmo anno.....	3.671:756\$224
	<hr/>
Renda total dos impostos.....	11,989:367\$109

Renda total dos impostos de exportação (Collectoria e Directoria de Rendas) envolvida no preço de venda das mercadorias exportadas.....	7.784:166\$072
<hr/>	
Impostos pagos pela Bahia ao The- souro do Estado.....	4.205:201\$037
Ou sejam, por habitante, 1\$682!	
Em 1913 foi esta a situação:	
Arrecadação do Estado.....	16.819:617\$010
Ou sejam, 6\$729 por habitante.	
Menos: rendas patrimoniaes.....	3.777:163\$452
<i>Rendas dos impostos</i>	13.042:453\$558
Ou sejam, por habitante, 5\$296!	
Menos: impostos de exportação....	7.561:204\$096
<hr/>	
Impostos pagos pela Bahia.....	5.481:204\$462
Ou sejam, por habitante, 2\$192!	

Para os dois annos, portanto, de 1913 e 1914, em media e por habitante, se verifica, para a quota de impostos pagos pela Bahia, a cifra de 1\$937!

Na União, de 1912 a 1914, a receita, comprehendendo os impostos de importação, de consumo e da interior, os de exportação e de outras verbas, foi o seguinte:

Em 1910.....	524.173:836\$376
Em 1911.....	583.178:293\$906
Em 1912.....	629.313:225\$831
Em 1913.....	650.244:815\$133
Em 1914.....	375.098:606\$706

No anno de 1914, porem, a renda de impostos não excedeo de 292.045:562\$188, como, em 1913, não foi alem da cifra de 517.940:103\$271.

Para o total, por consequencia, de 22.724.000 habitantes de população do paiz, são os seguintes os quocientes dos pagamentos por habitante:

Para a receita total:

Em 1913	28\$614
Em 1914.....	16\$506

Para a renda dos impostos (exceptuadas as verbas de exportação, da receita patrimonial e outras de serviços especiaes):

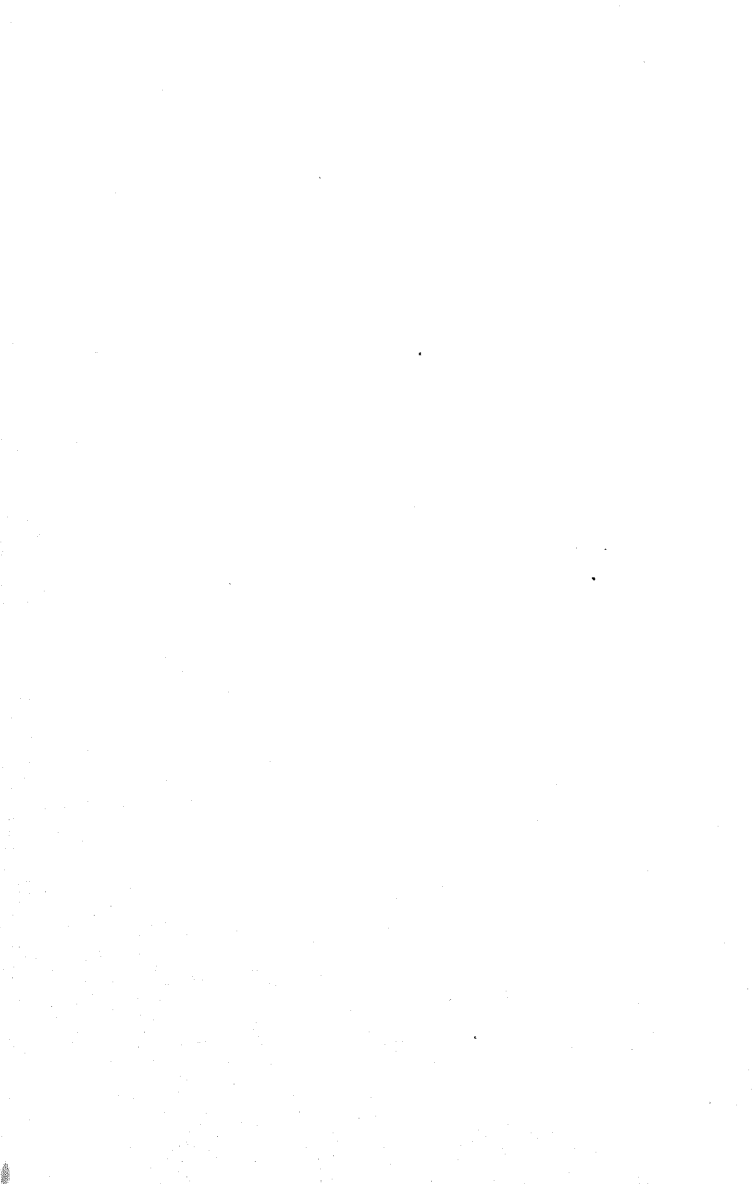
Em 1913.....	22\$791
Em 1914	12\$851

Em media, pelo calculo dos dois annos:

Quota, por habitante, da receita total do paiz.....	25\$702
Quota, por habitante, da renda dos impostos no paiz.....	14\$678

A quota, por habitante, na media dos dois ultimos annos, de 1913 e 1914, de impostos pagos pela Bahia, não excedeo de 1\$937, ou seja uma differença, para menos, por habitante, de 12\$741!

Esta differença, se melhora no confronto dos quocientes dos diversos Estados com o da Bahia, é em geral, bastante vantajosa para a Bahia, onde o imposto é cobrado sem aperto e sem excessos.



XXXIV

A arrecadação da Bahia, realizada em 1913 (16.819:617\$010) e em 1914 (15.661:123\$333), em cujas cifras se incluem as receitas patrimoniaes e a renda total da exportação, regista, para a sua população de dous e meio milhões de habitantes, os seguintes quocientes:

Em 1913.....	6\$729 por habitante
Em 1914.....	6\$265 " "

Excluidas as rendas patrimoniaes, para se ter a arrecadação total dos impostos, os quocientes serão estes:

Em 1913	5\$216 por habitante
Em 1914.....	4\$757 " "

Excluidas, ainda, as rendas da exportação para se ter a somma dos impostos que incidem, propriamente, no Estado da Bahia, serão os seguintes quocientes:

Em 1913.....	2\$192 por habitante
Em 1914.....	1\$682 " "

Considerando-se, para todos os Estados e o Dis-

tricto Federal, as receitas realizadas no anno de 1914, tudo comprehendido — as rendas patrimoniaes e a somma dos impostos de exportação, e tendo-se em vista a população de cada Estado pela estimativa do ultimo *Anuario Economico do Brazil*, foram os seguintes, em face da receita total, as contribuições de cada Estado no anno de 1914:

	<i>População</i>	<i>Quota por hab.</i>
Districto Federal.....	1.000.000	38\$186
Amazonas.....	400.000	23\$434
S. Paulo.....	3.000.000	21\$913
Matto Grosso.....	246.000	14\$321
Pará.....	660.000	12\$419
Paraná.....	550.000	10\$863
Rio Grande do Snl.....	1.650.000	10\$698
Rio de Janeiro.....	1.200.000	8\$697
Pernambuco.....	1.500.000	8\$509
Espirito Santo.....	400.000	8\$468
Bahia.....	2.500.000	6\$265
Minas Geraes.....	4.600.000	5\$264
Parahyba do Norte.....	600.000	5\$195
Maranhão.....	600.000	4\$990
Rio G. do Norte.....	400.000	4\$845
Santa Catharina.....	500.000	4\$685
Ceará.....	900.000	4\$231
Sergipe.....	500.000	4\$036
Piauhy.....	425.000	3\$473
Alagoas.....	800.000	3\$341
Goyaz.....	293.000	2\$113

Neste exame, para que os seus algarismos indiquem a quota real dos impostos pagos por habitante, é preciso excluir a quota correspondente ás rendas patrimoniaes, de valor insignificante na grande maioria dos Estados do Norte e que na Bahia, em 1914, importaram em 3.671:756\$224 e, em 1913, em.....

3.767:163\$452; e para a quota dos impostos que incidem em cada Estado excluir, ainda, o valor dos impostos de exportação.

Este trabalho, porém, não pôde, desde já, ser feito, porque não estão publicados, na maioria dos Estados do norte e sul do Paiz, os dados officiaes da estatistica financeira de 1914. O que ahi está, entretanto, deixa bem clara a situação da Bahia, em relação á quota que pagam os seos habitantes no computo da arrecadação total, sendo que a quota dos impostos que incidem no Estado de S. Paulo importou em 76.052:284\$018, ou sejam 25\$350 por habitante, ou mais 18\$621 por habitante que a quota geral da Bahia no anno de 1913.

Para ter a quota dos impostos que incidiram em S. Paulo, é preciso eliminar:

Rendas patrimoniaes....	7.148:415\$425
Impostos de exportação.	41.118:393\$686
	<hr/>
Somma.....	48.226:809\$111
Arrecadação total.....	76.052:284\$018
	<hr/>
Total dos impostos que incidiram no Estado.....	27.785:474\$907
ou sejam, por habitante, 9\$595, quando na Bahia esse quociente não excedeo, em 1913 de 2\$192, sendo, portanto, a quota de S. Paulo, por imposto pago e por habitante maior que a da Bahia em	7\$403

N No Pará, em relação ao anno de 1914, a quota

exclusiva de impostos que incidiram no Estado attinge á cifra de 3\$756 por habitante contra 1\$682 por habitante na Bahia, assim determinada:

Arrecadação total de 1914	8.196:850\$775
Rendas patrimoniaes.....	1.287:125\$407
	<hr/>
Renda total de impostos..	6.909:725\$368
Impostos de exportação..	4.430:282\$604
	<hr/>
Total de impostos que incidiram no Estado.....	2.479:442\$764
ou sejam, para 660.000 habitantes, uma quota de impostos por habitante de.....	3\$756

Razão ha, pois, em affirmar que excepção feita do Estado de Minas-Geraes, segundo demonstram os algarismos, é o da Bahia, entre os grandes departamentos da Nação, o que ao seo Thesouro menos impostos paga.



XXXV

A exportação realizada pela Bahia para o estrangeiro, de 1º de Janeiro a 30 de Setembro do corrente anno, bem como, em igual periodo, a dos dous annos anteriores, foi, pelo seo valor, a seguinte:

Em 1913.....	46.393:000\$000
Em 1914.....	49.285:000\$000
Em 1915.....	69.502:000\$000

sendo esta a sua equivalencia em ouro:

Em 1913.....	27.492:000\$000
Em 1914.....	28.688:000\$000
Em 1915.....	32.120:000\$000

A differença, para mais, entre o valor exportado, papel, de 1915 para 1914, é de 20.217:000, ou sejam 41% e, em ouro, de 3.432:000, ou sejam 11,9%.

A exportação total para o exterior, de 1º de Janeiro a 31 de Dezembro, em 1913 e 1914, foi, entretanto, esta:

	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>
Em 1913.....	61.812:271\$000	36.629:501\$000
Em 1914.....	64.578:332\$000	36.281:769\$000

Verifica-se, pois, que a exportação deste anno, em nove mezes, já excedeo, no valor, papel, á de todo o anno de 1913 em 7.690:000\$000, tambem papel, entre os annos de 1913 e 1914, e de 2.817:000\$000, tambem papel, entre os annos de 1914 e 1915, sendo os seus valores os seguintes:

	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>
Em 1913.....	41.117:000\$000	24.366:000\$000
Em 1914.....	24.220:000\$000	13.854:000\$000
Em 1915.....	21.403:000\$090	9.954:000\$000

Os dous factos, da exportação e da importação da Bahia, nos referidos nove mezes, que vão de Janeiro a Setembro, se generalisaram em todo o paiz. A exportação só diminuiu, de 1914 para 1915, pela differença, papel, de 12.092:000\$000, nos Estados do Amazonas, do Rio Grande do Norte, da Parahyba, de Sergipe e Matto-Grosso, augmentando nos outros. A importação, esta, decresceo, embora de pouco, em todos os Estados. Valores apurados de ambas são os seguintes:

EXPORTAÇÃO	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>
Em 1915.....	678.516:000\$000	316.812:000\$000
Em 1914.....	537.241:000\$000	308.182:000\$000
Differença.....	141.275:000\$000	8.630:000\$000

sendo o valor medio, em mil réis papel, de um conto de réis ouro, em 1914, de 1:743\$000 e, em 1915, de 2:142\$000.

IMPORTAÇÃO	<i>Papel</i>	<i>Ouro</i>
Em 1914.....	476.239:000\$000	273.150:000\$000
Em 1915.....	420.754:000\$000	194.858:000\$000
Diferença.....	55.485:000\$000	78.292:000\$000

sendo o valor de um conto de réis ouro, em 1914, de 1:743\$000 papel, e, em 1915, de 2:159\$000.

Estes algarismos, pela importação de Outubro, de 28.322:000\$000, como, ainda, pela exportação, do mesmo mez, de 67.489:000\$000 em 1914 e de 122.628:000\$000 em 1915, se modificam do seguinte modo:

EXPORTAÇÃO (<i>papel</i>)	<i>Em 1914</i>	<i>Em 1915</i>
Jan. a Setembro.....	537.241:000\$000	678.516:000\$000
Outubro.....	67.489:000\$000	122.628:000\$000
Sommas.....	604.730:000\$000	801.144:000\$000
Menos.....		604.730.000\$000
Diferença para mais, em 10 mezes.....		196.414:000\$000
IMPORTAÇÃO (<i>papel</i>)	<i>Em 1914</i>	<i>Em 1915</i>
Jan. a Setembro.....	476.239:000\$000	420.754:000\$000
Outubro.....	28.322:000\$000	60.473:000\$000
Sommas.....	504.561:000\$000	481.227:000\$000
Menos.....		504.561:000\$000
Diferença para menos, em 10 mezes...		23.334:000\$000

A importação, de Janeiro a Outubro do corrente anno, de especies metallicas e notas de Bancos estrangeiros, baixou de lbs. 852.000 a lbs. 33.000 e a exportação se reduziu de lbs. 7.519.000 a lbs. 5.032.000.

Não houve no corrente anno, até Setembro, exportação para a Allemanha, Austri-Hungria, Belgica, China, Colombia, Equador, Japão, Mexico, Ilha da Madeira, Canadá, Nova Zelandia, Singapura, Terra-Nova, Indo-China, Rumania, Russia, Samos, Suissa, Turquia Européa e Venezuela.

Os paizes que receberam maior valor de productos brasileiros foram os seguintes:

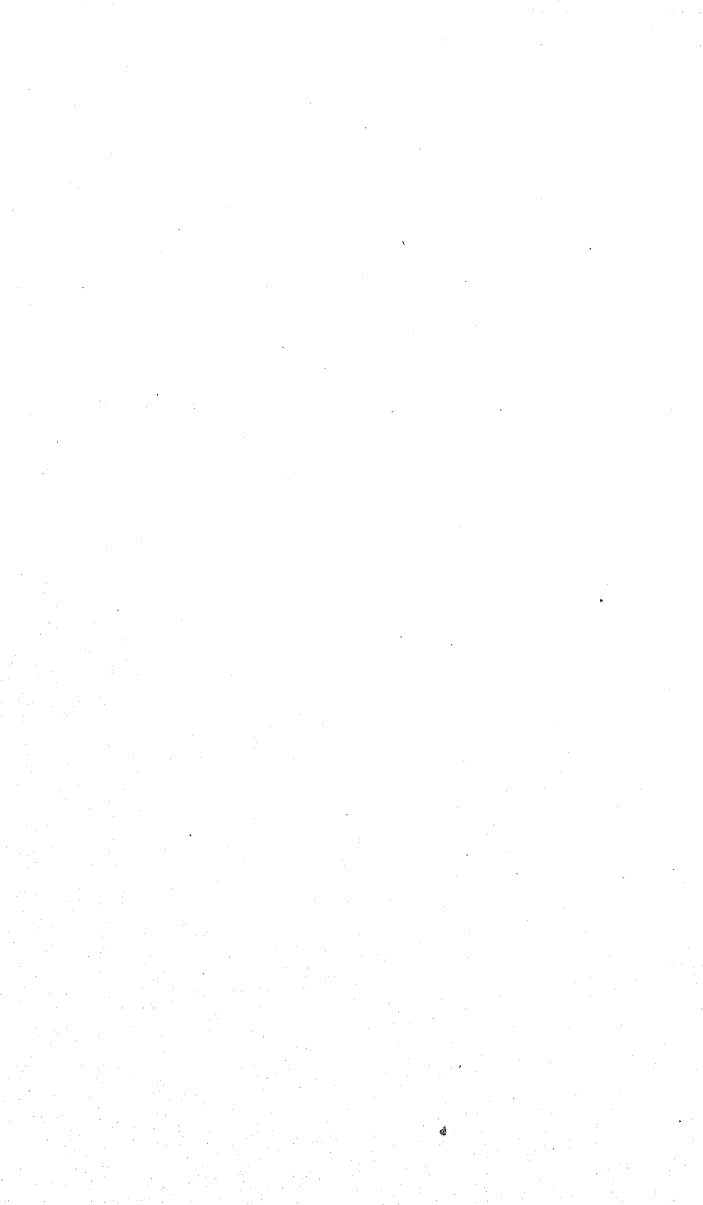
Estados Unidos.....	279.759:000\$000	(papel)
Grã-Bretanha.....	95.821:000\$000	«
França.....	73.645:000\$000	«
Suecia.....	54.303:000\$000	«
Hollanda.....	52.371:000\$000	«
Argentina.....	38.687:000\$000	«
Italia.....	14.640:000\$000	«
Dinamarca.....	13.497:000\$000	«
Uruguay.....	12.240:000\$000	«
Noruega.....	11:439:000\$000	«
	<hr/>	
	646.382:000\$000	
33 outros paizes.....	32.134:000\$000	«
Total até Setembro....	<hr/>	
	678.516:000\$000	

Os Estados-Unidos, entre os 66 paizes que, no corrente anno, importaram os nossos productos, deram

a contribuição de 41,2 %, a Inglaterra a de 12,6 % e a França a de 10,8 %.

Por todas estas cifras, de facil confronto entre o que tem occorrido no presente anno e o que se observou no anno passado, é licito affirmar, desde já, antes mesmo de conhecidos os registos de Novembro e Dezembro de 1915, que as nossas relações, no anno que esta a findar, quanto ao commercio exterior, bastante melhoraram.





XXXVI

Antes de 1908, quando se realisou, no Rio de Janeiro, a grande Exposição Nacional desse anno, era a estatistica das nossas industrias e estabelecimentos de commercio um problema sem solução. Cuidara-se, até então, com um certo zelo e progressivo interesse, da estatistica do nosso commercio exterior, do movimento financeiro do Paiz e das Provincias, depois Estados, da construcção e trafego das nossas estradas de ferro e do movimento, em nossos portos, dos navios nacionaes e estrangeiros, que os frequentavam. De estatistica industrial e agricola, em geral, de estatistica da producção, como de outras de consideravel importancia, nada havia formado. Documentos esparsos, de registos singulares e irregularmente feitos, falhos e quasi sempre incompletos, extranhos, no seo arranjo, ao pensamento de qualquer systematisação de ordem scientifica, isso era quanto no genero existia. O trabalho do *Centro Industrial do Brazil*, publicado, no precitado anno de 1908, a parte relativa ás industrias extractiva e agricola, e, em 1909,

a referente ás industrias de transporte e fabril, foi, na especie, o primeiro ensaio de valor, logo traduzido em varias lingoas e largamente divulgado no paiz e no estrangeiro. Depois d'elle, e em seguida ao primeiro Boletim, tambem de 1908, da *Directoria Geral de Estatistica*, então pertencente ao Ministerio da Viação e hoje a cargo do Ministerio da Agricultura, é que se deo aos respectivos serviço uma organização mais ampla e, tanto quanto possivel, convenientemente aparelhada.

Mesmo assim, tendo melhorado bastante os serviços da estatistica industrial, após as successivas reformas, de 1907, 1910 e 1911, da *Directoria Geral de Estatistica*, pela criação, no Ministerio da Agricultura, das suas diversas *Inspectorias*, que têm reunido sobre os assumptos de sua especialidade technica um sem numero de utilissimas informações, o arrolamento das nossas industrias é, ainda, imperfeito. O levantamento definitivo do censo agricola do Brazil, projectado em 1914, esse, nenhuns resultados offereceo, até porque o respectivo inquerito, ainda em seos primeiros trabalhos, foi suspenso. Quanto ao censo industrial, terminada, como se acha, a indagação de Março de 1913, é de crer que exprimam a verdade dos factos os registos e informações colligidas, pelo menos, sobre os estabelecimentos sujeitos aos impostos de consumo nas quatorze industrias que o inquerito

abrangeo: as de *sal, tecidos, phosphoros, velas, perfumarias, especialidades pharmaceuticas, bebidas, vinagre, conservas, calçados, chapéos de sol e bengalas, fumo e cartas de jogar.*

No arrolamento de 1908, feito pelo *Centro Industrial do Brazil*, sobre as 97 industrias existentes no paiz, foram, em synthese, os seguintes os algarismos apurados:

Numero de industrias.....	97
» » estabelecimentos.....	3.258
» » Operarios.....	151.841
Capital das fabricas.....	665.976:663\$000
Valor total da producção.....	741.536:108\$000

Na distribuição pelos Estados foi o seguinte o que se apurou:

Alagoas.....	45	fabricas
Amazonas.....	92	»
Bahia.....	78	»
Ceará.....	18	»
Districto Federal.....	670	»
Espirito Santo.....	4	»
Goyaz.....	135	»
Maranhão.....	18	»
Matto-Grosso.....	15	»
Minas-Geraes.....	531	»
Pará.....	54	»
Parahyba do Norte.....	42	»
Paraná.....	297	»
Pernambuco.....	118	»
Piauhy.....	3	»
Rio Grande do Norte.....	15	»
Rio Grande do Sul.....	314	»
Rio de Janeiro.....	207	»
Santa Catharina.....	173	»
S. Paulo.....	326	»
Sergipe.....	103	»
Total dos Estabelecimentos.....	3.258	

Na Bahia eram estes, especificadamente, o numero e situação das fabricas existentes:

	N.	Operarios	Capital
Assucar (Usina)....	7	1.011	3.714:000\$000
Artigos de marmore.	2	14	18:000\$000
Bebidas	6	29	85:800\$000
Calçado	3	300	312:000\$000
Cerveja	1	3	15:00\$000
Chapés de feltro e lan	1	200	1.637:000\$000
Chocolate	1	16	48:000\$000
Colla	1	1	25:000\$000
Fiação e tecelagem..	13	4.080	16.258:400\$000
Fumos preparados..	13	3.667	2.491:000\$000
Fundições.....	3	40	83:000\$000
Luvas.....	1	6	15:000\$000
Malas e bolças.....	1	8	15:000\$000
Massas alimenticias.	4	26	51:000\$000
Moagem de cereaes..	2	6	35:000\$000
Moveis e decorações.	3	91	495:000\$000
Papel e papelão.....	2	25	28:000\$000
Perfumarias	1	8	80:000\$000
Productos ceramicos.	1	20	120:000\$000
Productos chimicos..	1	12	80:000\$000
Roupas brancas.....	4	167	682:000\$000
Sabão e velas.....	3	10	55:000\$000
Sal	1	200	1.250:000\$000
Serrarias e carpintarias	1	8	40:000\$000
Vassouras e escovas.	1	5	10:000\$000
Totales.....	78	9.964	27.643:200\$000

A produção total destas fabricas foi, então, de 25.077:962\$000, inferior, em 2.565:238\$000, á importancia do seo capital.

Vê-se bem, sobre as imperfeições deste arrola-

mento, que semelhante situação, positivada no certamen de 1908 pela carencia de productos da industria nos mostruarios da Bahia, riquissimos de materias primas e productos naturaes, mudou. Na estatistica de 30 de Junho de 1912, divulgada pelo *Anuario do Brazil Economico* de 1913, era este o registo da Bahia:

Fabricas (numero de grandes estabelecimentos).....	83
Capital (em francos).....	47.295.333
Produção (em francos).....	43.318.270
Numero de operarios.....	10.009

Para todo o paiz accusava o mesmo registo os seguintes algarismos:

Fabricas (numeros de grandes estabelecimentos).....	3.664
Capital (em francos).....	1.217.326.278
Produção (em francos).....	1.352.996.668
Numero de operarios.....	168.764

Indicações, as que se guardam nestes numeros, já permittem, até certo ponto, uteis exames e confrontos de grande ensino, attestando pelo esforço que fazem, agora, os nossos governos, e tambem os particulares e as associações, em approximal-as dos factos, o quanto está interessando a todos a estatistica, bem ouvida, assim a sentença de JACQUES BERTILLON:—«A estatistica tem para o administrador a mesma importancia que o conhecimento da resistencia dos materiaes para o constructor... É tão necessaria ao industrial quanto ao commerciante, ao operario, ao sabio e ao philosopho.»

XXXVII

A grande difficuldade na organização da estatística industrial é a *informação*, tanto mais intensa quanto maior é o numero de informantes necessarios á collecta dos dados que se buscam reunir. De um modo geral é esse ó embaraço opposto ao preparo das estatísticas, ainda quando, tractando-se de funcionarios, a informação é um dever. Uns respondem bem aos questionarios distribuidos, outros mal, reduzindo-lhes a importancia, outros, ainda, o que é peor, nada respondem.

Para explicar esta difficuldade na formação da estatística do «registro civil», a que se ajunta a da reluctancia da população em attender ás exigencias da lei, organisou a *Directoria de Estatística*, do Ministerio da Agricultura, um mappa estatístico, por Estados, sobre os cartorios informantes, de 1911 a 1914.

Nada menos de 802, em 3.600 cartorios, nada informaram em 1911, sendo 2.477 os que deram informa-

ções completas e 321 os que as forneceram insufficientes. Até 1914 a situação tem sido esta para os 21 departamentos da Nação:

	<i>N. de Inf. Inf.</i>			<i>Omissos</i>
	<i>cartorios compl.</i>	<i>incompl.</i>		
	100%	%	%	%
Em 1911.....	3.600	69	9	22
Em 1912.....	5.701	64	11	25
Em 1913.....	3.756	61	11	28
Em 1914.....	3.817	34	29	37

A Bahia figura assim:

	<i>N. de Inf. Inf.</i>			<i>Omissos</i>
	<i>cartorios compl.</i>	<i>incompl.</i>		
	100%	%	%	%
Em 1911.....	493	44	14	42
Em 1912.....	499	39	19	42
Em 1913.....	520	34	16	50
Em 1914.....	532	20	23	57

Isto é: deixaram de mandar informações, em 1911, 208 cartorios: em 1912— 211; em 1913—259 e em 1914 —304 cartorios. Só o Districto Federal não teve omissões de 1911 a 1913, registando-se, em 1914, a de 1 em 21 cartorios, dos quaes 8 remetteram, sobre o registo civil, informações incompletas. Foram os de S. Paulo e do Rio Grande do Sul os cartorios que melhor informaram, e, acima de todos os departamentos da Nação, o do Rio Grande do Sul, pois que, em 1911, apenas 2 cartorios, num total de 281, não

mandaram informações; em 1912—3 em 291; em 1913—14 em 301; e em 1914—18 em 311 cartorios.

Estas indicações deixam a claro, de um modo positivo, como é difficil nos serviços de estatistica a collecta das informações. São muitos os que não querem se incomodar com o *trabalho de informar*, e não raro, qual acontece no caso das industrias, o proprio interesse, por má comprehensão dos factos, impede o fornecimento das informações pedidas, especialmente, por fugirem os seus proprietarios ao imposto, as que se referem á producção de cada fabrica.

São mais faceis, permitindo que se organisem com relativa perfeição, as estatisticas fundadas sobre os registos officiaes de character coercitivo, e como taes, inevitaveis: a da nossa importação, porque as alfandegas seguem, pelo dever fiscal, as entradas, nos diversos pontos do paiz, de todas as mercadorias vindas do estrangeiro, ou que passam, por cabotagem, de uns para outros Estados; a da exportação nacional, porque, submettida a taxas orçamentarias, é obrigada aos registos de pezo, numero de volumes e valor, para o calculo, por especie de producto, dos direitos a pagar, conhecendo-se, então, a sua qualidade e destino; a da receita e despeza da União e dos Estados, porque, arroladas nas repartições respectivas, deixam nellas todas as indicações do seu movimento, que as:

Mensagens e os Relatorios publicam, dando contas, segundo o estabelecido em lei, ao Poder Legislativo; em geral, as que se ligam ao lançamento de impostos e ao pagamento de tributos.

Desse modo é que poude ser feito, com maior aproximação da verdade, o registo, em 1911, dos estabelecimentos industriaes do Paiz, nas especies attingidas pelo imposto de consumo, arrolamento que assignala a existencia, nesse anno, de 11.335 estabelecimentos industriaes, ou fabricas, e de 251.221 casas de commercio classificadas segundo as taxas que lhes foram impostas.

A estatistica das fabricas, segundo os impostos pagos de consumo, foi a seguinte:

Fabricas de fumo e cigarros.....	2.118
“ de bebidas diversas e cerveja.	1.544
Fabricas de phosphoros.....	30
“ de calçados.....	4.542
“ de velas.....	11
“ de perfumarias	272
“ de espccialidades pharmaceu- ticas.....	523
Fabricas de vinagre.....	319
“ de conservas alimentares.....	291
“ de cartas de jogar.....	7
“ de chapéos e guardas-chuva..	534
“ de bengalas.....	20
“ de tecidos diversos.....	190
“ de sal.....	834
Somma.....	<u>11.335</u>

O total dos impostos pagos por essas fabricas attingio ao valor de 39.965:411\$627, sendo de notar, quanto

á producção, que as 4.542 fabricas de calçados produziram 12.577.578 pares de calçados, pagando de consumo 1.825:530\$650.

Na estatistica das casas de commercio, arroladas pelo numero de 251.221 eram de grosso trato 2.910, e de retalho, de primeira classe, 1.894, de segunda 16.639 e de terceira 229.778, figurando a Bahia pelos seguintes algarimos:

Casas de grosso tracto.....	257
" de retalho, de 1ª classe.....	26
" " " , " 2ª "	388
" " " , " 3ª "	15.423
	<hr/>
Somma.....	16.094

A distribuição, no total, pelos Estados está assim registada:

S. Paulo.....	55.247	casas de commercio
Minas Geraes.....	34.573	" "
Rio Grande do Sul.....	27.288	" "
Districto Federal.....	16.659	" "
Pará.....	16.357	" "
Bahia.....	16.094	" "
Ceará.....	15.487	" "
Rio de Janeiro.....	15.186	" "
Pernambuco.....	8.673	" "
Paraná.....	8.495	" "
Amazonas.....	7.534	" "
Santa Catharina.....	5.495	" "
Espirito Santo.....	5.286	" "
Maranhão.....	4.705	" "
Parahyba do Norte.....	4.462	" "
Sergipe.....	2.210	" "
Rio Grande do Norte...	1.663	" "
Alagoas.....	1.901	" "
Piauhy.....	1.661	" "
Matto Grosso.....	1.173	" "
Goyaz.....	1.080	" "

Somma..... 251.221

Sob esta base, a que fornecem os impostos, desde que os de industrias e profissões dos nossos orçamentos abrangem todas as fabricas e casas de commercio da Bahia, é facil conseguir com segurança, senão para todas as indicações estatísticas, ao menos para o computo geral dos estabelecimentos que possui o Estado, um arrolamento rigorosamente certo.

Esta contribuição está feita para o anno de 1914, tendo o Governo do Estado promovido o seo registo pelos lançamentos da Directoria de Rendas e das Collectorias de todo o Estado.

Será interessante examinal-a, bem como as outras estatísticas, que não são muitas, de que dispõe a Bahia, onde este servico, ensaiado no segundo anno da Republica, ficou privado, desde a reforma de 1896, da repartição que, convenientemente aparelhada e de anno a anno desenvolvida, deveria systematisal-o.



XXXVIII

O «imposto de industrias e profissões», cobrado na Bahia pelas taxas da Tabella n. 2 do orçamento em vigor (Lei de 27 de Agosto de 1914), e, ha muitos annos, elemento constitutivo do regim tributario do Estado, comprehende:

- as companhias e sociedades anonymas;
- os bancos e agencias bancarias;
- as companhias e agencias de seguro;
- as caixas de pensão;
- as agencias de companhias ou empresas de navegação;
- os mercadores ambulante;
- os agentes de casas exportadoras;
- os trapiches, armazens e depositos;
- as officinas e as fabricas;
- os grandes estabelecimentos industriaes e usinas;
- os hoteis, restaurants e casas de pensão;
- os cafés, pastelarias e *bars*;
- as casas de diversão;
- as profissões superiores de medico, advogado, engenheiro e outras;
- os negocios, em geral, e industrias de qualquer especie.

Precedendo a cobrança das diversas taxas o seo

lançamento, na capital pela Directoria de Rendas e nas localidades do interior pelas collectorias do Thezouro, em numero, actualmente, de 125, é claro que esses lançamentos, convenientemente classificados, darão a conhecer a existencia no Estado das suas casas de commercio, estabelecimentos industriaes, officinas e fabricas, facilitando, alem disto, para a organização da estatistica industrial do Estado, a pesquisa, quanto ás fabricas e usinas, do seo capital, numero de operarios, quantidade e valor da producção, capacidade e força dos motores utilizados.

O arrolamento das Collectorias, no lançamento de 1914, offerece os seguintes resultados:

Casas de vender espiritos-fortes.....	7.551
» de diversos generos.....	6.610
» de molhados.....	1.873
» de fazendas.....	2.681
Açougues.....	919
Padarias.....	309
Hoteis.....	106
Casas de bilhares.....	42
Marchantes.....	656
Soltadores de gado.....	378
Mercadores ambulantes.....	364
Compradores de fumo.....	344
» de diamantes.....	89
» de couros e pelles.....	133
» de café.....	78
» de algodão.....	51
» de madeiras.....	44
Agentes de casas exportadoras.....	120

Tropeiros	181
Pharmacias	151
Medicos	77
Advogados	61
Dentistas	21
Embarcações	19
Officinas	710
Engenhocas	4.540
Usinas	51
Alambiques e distilarias	187
Olarias	224
Fabricas diversas	291
Salinas	23
Serrarias	39
Cortumes	18
Pescarias	7
Cinemas	6

Em numero de 20.670, segundo este lançamento, os contribuintes, no interior do Estado, do imposto de industrias e profissões, foi orçado o seo valor, para a arrecadação, em 1.367:384\$151.

O lançamento do *imposto sobre a renda*, pelo qual se deve aferir a existencia das propriedades territoriaes, deo, no interior do Estado, para a arrecadação de 1914, o numero de 29.284 propriedades lançadas, segundo a taxa de 0,2. % sobre o valor venal das mesmas, inclusive o das bemfeitorias de cultura, em 181:954\$948, ou sejam 90.977:474\$000 para o seo valor venal.

Na Capital o lançamento, em 1915, do imposto

de industrias e profissões, que não diverge muito do lançamento de 1914, deo o seguinte resultado:

Casas de Commercio.....	2.005
Officinas.....	265
Fabricas diversas.....	93

sendo o seu valor total, afóra o que, em diversos casos, é cobrado por taxas sobre o dividendos, de 1.655:558\$780.

Não está ahí, de certo, a estatística industrial do Estado, mas não só se verificam, por esse arrolamento, as falhas do registrado, em 1911, pelo *Anuario do Brazil Economico*, como por elle se torna facil apurar, por um trabalho de classificação dos dados recolhidos pelos ultimos lançamentos, e de informações, de detalhe, que os completem para o fim estatístico, a existencia, em especies, das nossas casas de commercio, como o numero e a situação real das industrias do Estado.



XXXIX

Os primeiros registos apurados, no Rio de Janeiro, sobre os Bancos que ali funcionaram no mez ultimo de Novembro, não alteram a situação e normas dos estabelecimentos de credito existentes no Paiz.

O que succedeo em Outubro, e já havia acontecido em Setembro, se reproduzio sem alteração, no mez derradeiro, revelando, com as cautellas de suas administrações em evitar os negocios novos, a preocupação de liquidar os antigos.

Parece que, fóra desse cuidado, não têm, actualmente, os institutos de credito outros intuitos. Elementos da actividade economica, immediatamente vinculados ás necessidades do trabalho, os Bancos vivem, por assim dizer, extranhos ao meio commercial, reservado aos estrangeiros o privilegio da confiança que o proprio commercio nega aos nacionaes, especialmente nos Estados onde esse facto se manifesta com maior evidencia.

N E, todavia, mesmo no Rio, se não comparam os

serviços realmente prestados ás nossas industrias e ás proprias necessidades do commercio pelos Bancos nacionaes com os que, de muito menor valor, lhes concedem os estrangeiros. Nem será mistér recordar, entre os Bancos nacionaes, para referir e numerar aquelles serviços, o do Brazil, ligado, em toda sua historia, nos dias de abundancia como nos tempos das crises inquietadoras, aos movimentos de toda actividade economica do Paiz, mantendo em dois regimens differentes um prestigio sempre igual nas suas relações com o Governo da Nação.

O Banco Mercantil do Rio de Janeiro, de mais recente creação, conta valiosos serviços á praça do Rio, a par de uma segurança e credito que o destacam para a linha dos nossos institutos de melhor nome.

Vistos em conjuncto, de par com os estrangeiros, não se lhes reconhecem, pelas operações de cada mez, no corrente anno, melhoramentos na expansão do credito, senão a inquietação de restringil-o.

Os seguintes algarismos do movimento bancario, em Novembro, em comparação com o que se registou em Setembro e Outubro deste mesmo anno, deixam reconhecer a verdade :

ACTIVO (1915)	Set.	Out.	Nov.
Capital a realizar	40.733	45.733	45.733
Letras descontadas.	63.034	62.385	66.593
Emprestimo em c/c.	132.362	128.380	125.353
Letras a receber	99.988	102.651	102.650
Valores caucionados.	237.366	236.040	246.808
Valores depositados	521.032	523.921	518.582
Caixa matriz e filiaes	171.059	190.084	180.652
Títulos e fundos perten-			
centes ao banco	44.924	45.016	45.096
Hypothecas	1.747	1.754	1.723
Dinheiro em caixa	121.902	114.485	126.677
Diversos	67.820	72.195	73.767
Total.	1.506.967	1.522.640	1.533.634
PASSIVO (1915)	Set.	Out.	Nov.
Capital	166.859	166.859	166.859
Fundo de reserva.	8.154	8.154	8.154
Depositos á vista	204.696	201.384	214.012
Depositos á prazo.	66.899	67.427	67.835
Valores depositados	820.247	822.577	827.793
Caixa matriz e filiaes.	90.162	91.298	85.578
Valores hypothecarios.	992	902	964
Diversos	148.715	163.949	162.439
Total.	1.506.967	1.522.640	1.533.634

Nos Estados ainda é peor a situação, parecendo que o credito em todos elles se fecha, dia a dia, á actividade dos que, do commercio, da agricultura e da industria, precisam, sob as mais amplas garantias, attender ás exigencias e ás responsabilidades de suas occupações e trabalhos.

XL

A borracha amazonense, mais que outro qualquer producto da exportação nacional, explica, sob o ponto de vista economico-financeiro, o perigo a que estão sujeitos os Estados de uma só cultura. A exclusiva variação do preço no mercado mundial, ainda quando não se estreitem, sob o pezo de imprevistas ou insuperaveis influencias, os Algarismos da produção local, basta á determinação das peiores crises, levando da florescencia á miseria as terras expostas áquelle tão funesto regimen. E, para os seos governos, quando, no esquecimento de todas as lições da experiencia, elles fundam no valor isolado dessa produção a garantia dos recursos indispensaveis ao custeio das despesas publicas, é fatal na hora incerta das «baixas», o vexame, ou supplica, das grandes perturbações administrativas, a que, de prompto, não podem chegar com real proveito nenhuns remedios.

A exportação da borracha tem effectivamente, no

Amazonas, no ultimo quinquennio, os algarismos das seguintes quantidades:

	<i>Total</i>	<i>Diff. para 1910</i>
Em 1910	9.879.688 kgs.	
» 1911	8.765.427 »	1.114.261 kgs.
» 1912	10.756.256 »	876.568 »
» 1913	8.264.316 »	1.615.372 »
» 1914	8.468.147 »	1.411.541 »

O valor official dessa exportação varia, entretanto, sem nenhuma proporção com as quantidades exportadas:

		<i>Diff. para 1910</i>
Em 1910	85.752:449\$199	
» 1911	58.710:378\$953	27.042:070\$241
» 1912	57.458:582\$855	28.293:866\$344
» 1913	32.504:549\$899	53.247:899\$300
» 1914	27.310:691\$830	58.441:757\$369

Desproporção, entre a quantidade e o valor, que logo avulta entre os numeros approximados:

	<i>Quant. em tons.</i>	<i>Valor em contos</i>
Em 1910	9.880	85.752
» 1911	8.765	58.710
» 1912	10.756	57.459
» 1913	8.264	32.505
» 1914	8.468	27.311

Isto é: a quantidade diminue, cresce e torna a diminuir e, de novo, recresce; o valor diminue sempre, baixando, de anno em anno, até o indice da espontanea differença, entre 1910 e 1914, de 58.441:000\$000.

Diminue, em 1911, a quantidade de 11% e baixa

o valor de 51%; augmenta, em 1912, a quantidade de 8% e, comtudo, baixa o valor de 32%; diminue a quantidade, em 1913, de 12% e o valor, este, ainda baixa a menos 62% que o de 1910; diminue, finalmente, a quantidade, em 1914, de 14%, ou menos 1% que em 1913 na differença sobre a exportação de 1910, e o valor, mais que nunca, baixa a menos 68%!

Que orçamento se poderia manter, sob o regimen das mesmas taxas, aliás altissimas no Amazonas, para a exportação da borracha, com um tão consideravel desequilibrio? O resultado tinha de ser o que se registou para a arrecadação da renda ordinaria do Estado:

Em 1910.....	15.835:905\$889
» 1911.....	10.822:668\$240
» 1912.....	10.857:603\$444
» 1913.....	6.490:806\$077
» 1914.....	5.690:839\$578

desde que os direitos da exportação da borracha não attingiram a mais de

Em 1910.....	14.836:235\$238
» 1911.....	9.999:031\$526
» 1912.....	9.824:010\$705
» 1913.....	5.604:536\$987
» 1914.....	4.635:006\$869

Nos dias prosperos, sem que faltassem os riscos das variações de quantidade e valor da borracha, unico

producto importante da exportação amazonense, que, por assim dizer, faz a receita do orçamento do Estado, foram estas as arrecadações por direitos de sahida:

Em 1897-1898.....	19.315 contos
Exercicio semestral de 1898.....	7.403 »
» de 1899.....	22.961 »
» » 1900.....	12.125 »
» » 1901.....	15.273 »
» » 1902.....	22.305 »
» » 1903.....	16.919 »
» » 1904.....	17.025 »
» » 1905.....	12.875 »
» » 1906.....	11.566 »
» » 1907.....	11.709 »
» » 1908.....	8.605 »
» » 1909.....	13.693 »
» » 1910.....	15.153 »
» » 1911.....	10.214 »
» » 1912.....	10.260 »
» » 1913.....	5.998 »
» » 1914.....	5.283 »

A renda interna, sempre inferior a mil contos, 26 5 vezes, em 18 exercicios, de 1897 a 1915, excedeo de mil contos:

Em 1899.....	1.130:676\$679
» 1901.....	1.064:515\$592
» 1904.....	1.317:048\$460
» 1905.....	3.140:635\$172
» 1906.....	1.564:026\$919

S. Paulo, ainda que com immenso tempo perdido, reconheceo, afinal, os males e perigos da monocultura,

e tudo faz, ha alguns annos, por ter uma producção agricola variada, a que reúne os beneficios de sua progressiva actividade industrial.

A Bahia, neste particular, sempre foi um Estado feliz. Elle tem todas as culturas, tanto as do norte como as do sul do paiz, e por isso o valor de sua exportação, que tende a se expandir cada vez mais, não soffre o perigo das grandes quedas.



XLI

Sobre os efeitos e males da enorme e violenta depressão que soffreo o Amazonas, em virtude da crise da borracha, no seu coefficiente economico, disse o Governador desse Estado, a 10 de Julho deste anno, o seguinte.

«Os efeitos dessa depressão economica ahi estão, aos olhos de todos, a se manifestarem por toda a parte, em todas as actividades, desde as grandes empresas, organizadas durante o extraordinario periodo anterior e calcadas, financeiramente, em elementos economicos não mais existentes, até ás grandes e pequenas casas commerciaes desta praça, todas ellas atravessando enormissimas difficuldades financeiras, algumas já fallidas e outras na imminencia de não supportarem até a benigna tributação estadual ás industrias e profissões.»

No Pará onde a crise da borracha, igual á do Amazonas, deixou sentir as mesmas e nocivas influencias, variando o seu valor official, do maximo, em 1899, de 84.517 contos, ao minimo, em 1914, de 20.846 contos, baixando, neste ultimo anno, a 4.060

contos os direitos cobrados, que, no anno de 1899, se tinham elevado ao maximo de 18.593 contos; no Pará, apesar de suas tremendas difficuldades de ordem economica, não baixou a menos de oito mil contos, nos ultimos tres annos, a receita arrecadada, por se não fundarem, exclusivamente, na borracha as taxas de seos orçamentos,

Neste Estado, no anno de 1910, a renda da borracha attingio á somma de 753:100\$409, e logo desceo, nos annos seguintes, até 1914, ás cifras.

Em 1911.....	de	512:411\$199
» 1912.....	»	585:847\$259
» 1913.....	»	116:692\$178
» 1914.....	»	73:541\$598

sem que, na receita total, se modificassem por enormes differenças as rendas da exportação, desde que, variadas as culturas, uns productos substituiram os outros:

Direitos de exportação

Em 1910.....	9.043:907\$903
» 1911.....	9.886:783\$849
» 1912.....	10.416:852\$962
» 1913.....	10.081:748\$603
» 1914.....	9.691:727\$785

No Pará são consideraveis as variações, posto que, por não dispôr somente da borracha, conservasse a

renda da exportação, como parcella da receita geral, um coefferiente superior ao do Amazonas:

Direitos de exportação

Em 1910.....	15.088:501\$895
» 1911.....	9.919:778\$018
» 1912.....	9.863:036\$982
» 1913.....	5.595:948\$452
» 1914.....	4.430:282\$604

No Amazonas a situação foi esta:

Direitos de exportação

Em 1910.....	15.153:577\$659
« 1911.....	10.214:086\$555
« 1912.....	10.260:659\$884
« 1913.....	5.998:444\$152
« 1914.....	5.283:566\$327

A relação para a receita total ordinaria assim se exprime, em face da importancia dos direitos de exportação, nos tres Estados:

	<i>Bahia</i>	<i>Pará</i>	<i>Amazonas</i>
Em 1910.....	64%	74%	95%
« 1911.....	69%	87%	54%
« 1912.....	59%	72%	94%
« 1913.....	59%	61%	92%
« 1914.....	61%	54%	93%

Na expressão destes algarismos logo se verifica:
 1º Que na Bahia, sobre apresentar uma certa regularidade no valor da exportação, variando os seus

coeficientes de 59 a 69% tem na receita, fóra da exportação, coeficientes que, por sua vez, variam de 41 a 31%, ou seja para os dous casos uma differença que não excede de 10%, e, por consequencia, que a renda total ordinaria não está inteiramente sujeita ás quedas da exportação, como as diversas parcelas desta não soffrem excessivas dependencias pela variação de valor de um dos seus productos;

2º Que no Pará, sendo exaggerada a quota orçamentaria da exportação, pois que, tendo attingido ao maximo de 87%, a sua variação é extraordinaria, indo de 54%, áquelle coeficiente, ou seja uma variação de 33%, sufficiente á determinação dos grandes desequilibrios;

3º Que no Amazonas, sob a vantagem apparente de uma constancia no coeficiente orçamentario da exportação, que, no ultimo quinquennio, apenas variou de 92 a 95%, se assignala o incomparavel desastre de depender a renda do Estado da exportação, e esta, exclusivamente, de um só producto, explicando semelhante mal—o facto de baixar a renda de 15.835 contos, em 1910, a 10.823 contos, em 1911, a 10.857 contos, em 1912, a 6.490 contos, em 1913, e a 5.690, em 1914, o que é uma situação para a desordem, o desbarato e a ruina.

Em S. Paulo, que não está sujeito, como o Pará.

e o Amazonas, ao dominio de uma só cultura, havendo apenas, ainda que grande, predominancia na producção do café, e que, quanto ao orçamento, conta outros titulos de rendas de diversas especies, alguns dos quaes, como o imposto de transmissão, de avultada receita, em S. Paulo o predominio do café e os factos de ordem economica, que dahi se derivam, bastam a explicar as variações da receita, que, desde 1905 até 1914, motivam os *deficits* do Estado, crescentes desde 1908, quando foi o seu valor de 11.097:593\$898 até o anno ultimo de 1914, quando o *deficit*, que já tinha chegado a 31.730:259\$789, em 1913, subio, em 1914, a 34.448:457\$239.

Na exportação, pelos direitos cobrados, houve differenças entre o minimo de 17.476\$:822\$310 e o maximo, até 1913, de 40.979:157\$176.

A Bahia, sob este ponto de vista, tem uma situação de tranquillidade; mas isto não basta, attendendo que a producção das nossas mercadorias exportaveis está tendo um grande desenvolvimento, especialmente o cacáo, o fumo e a borracha, em diversos paizes, e, pois, deve o Estado se habilitar, para a concorrência nos grandes mercados mundiaes, a produzir muito, offerecendo as grandes vantagens economicas da melhor qualidade e do menor preço.

XLII

A fertilidade do valle amazonense inspirou a Humboldt, o grande sabio, este julgamento, que ha longos annos foi recebido, entre os naturaes da região como uma sentença de infallivel verdade:—«O vasto e fertil valle do Amazonas será, em proximo futuro, um grande centro de civilisação e o celleiro do mundo».

E, todavia, jazem aquellas terras, até agora, em profundo atrazo; e, sobre o valor de sua capacidade productiva, o que se tem apurado, com a prova dos factos, é a inexistencia, quasi total, da agricultura. O «celleiro do mundo» permanece vazio, carecendo, não raro, que o suppram, para as necessidades locaes, outros mercados. A febre do «ouro negro» determinou o abandono dos campos, onde é nenhuma a actividade agricola, e a concentração do trabalho, sem ordem nem disciplina, na extracção da borracha, cuja decadencia, como industria, a bastante tempo se accentúa, empobrecendo a população e arruinando o Estado.

Nos seguintes quadros, da exportação de 1913 e 1914, se verifica a penosissima verdade:

EXPORTAÇÃO DE 1914		<i>Direitos de sahida</i>
Borracha		5.808:600\$083
Castanha.....		119:034\$958
Cacáo.....		9:754\$380
Guaraná.....		23:770\$900
Outros generos.....		13:316\$020
Pirarucú.....		23:957\$011
Total		<hr/> 5.998:444\$152

EXPORTAÇÃO DE 1914		<i>Direitos de sahida</i>
Borracha		4.757:182\$567
Castanha.....		380:396\$991
Cacáo.....		44:969\$645
Guaraná.....		21:774\$255
Outros generos.....		14:597\$710
Pirarucú.....		53:648\$241
Total		<hr/> 5.283:566\$327

As quantidades de borracha exportada, variando os preços, em 1913, de 3\$098 a 5\$615, e, em 1914, de 3\$736 a 3\$820, foram as seguintes :

Em 1913	8.494.734 kgs.
Em 1914.....	8.787.914 »

Sob o dominio destes factos, a desordem e a imprevidencia na exportação da borracha e o repudio

ao trabalho agrícola, escreveu o Governador Dr. Freitas Pedrosa, na sua Mensagem de 1º de Julho deste anno, estas sensatas palavras :

«Não devemos, os principaes responsaveis actuaes pelos destinos deste Estado, perder de memoria que, apesar dos exemplos frisantes de estrangeiros que cultivaram por processos scientificos a «hevea brasiliensis», de que os amazonenses suppunham haver um monopolio natural, não está ainda firmada entre nós a convicção de que é preciso proceder do mesmo modo nas terras deste Estado.

«Continúa imperecível, intransigente a todos os argumentos, avêso a todos os exemplos, o preconceito de que a variada riqueza regional, exposta á industria extractiva, repelle o dispendio de tempo e de trabalho na cultura nacional de nossas terras; entretanto, o Amazonas está a exigir, immediatamente, o plantio das seringueiras, do cacáo e da castanha, ao lado do do milho, do arroz, e da mandioca.»

E, com igual criterio, ainda escreveu :

«Esse problema da transformação das industrias existentes no Amazonas e do desenvolvimento da sua agricultura é mais importante do que á primeira vista se afigura, não só por depender d'elle a nossa propria existencia politica e a estabilidade da nossa população, que só se radicará ao solo amazonense após o abandono dessa vida economica, nomade e incerta nos resultados, da industria extractiva, como porque a sua solução apresenta difficuldades immensas, que só poderão ser removidas por uma nova orientação, continuada da administração publica, agindo pela pro-

paganda, auxilios e exemplos, que se façam sentir desde as escolas primarias do Estado até ás mais altas camadas da sociedade».

Antes disso continuará o Amazonas no regimen dos orçamentos instaveis, em que, na successão do tempo, se modifica a sua receita pelas sommas arrecadadas da exportação, que dão, num exercicio financeiro 19.315:000\$000 e se contam, no seguinte, pelo total de 7.403:000\$000; que baixam, em tres annos, de 15.153:000\$000 a 5.998:000\$000, creando na vida administrativa do Estado disequilibrios tremendos.

No corrente anno, que está a findar, vae a peor caminho a desordem, pois que a receita do primeiro trimestre, de Janeiro a Março, não foi além de..... 1.745:904\$270, quando no mesmo periodo de 1914 se elevou á somma de 2:437:218\$607, ou seja uma differença, para menos, de 691:314\$337, oriunda da arrecadação de menos 528:028\$556 de direitos da sahida da borracha, de menos 63:252\$077 na exportação de outros generos e de menos 100:033\$704 na arrecadação de outras especies, sendo que a borracha exportada baixou do total de 3.217.652 kilogrammas, no primeiro semestre de 1914, a 2.854.400 kilogrammas no primeiro semestre deste anno.

E' indiscutivel, pois, a necessidade da transformação do Estado, cujas riquezas naturaes são variadas

e abundantissimas, além de que possui o solo de todas as qualidades indispensaveis á florescencia de culturas remuneradoras, que compensem as variações da producção e preço da borracha, assegurando ao Estado, que o sabio Humboldt assignalara como devendo ser o «calleiro do mundo», uma situação economica prospera e estavel, pela qual se ha de garantir, corrigindo os males do passado, a sua ordem financeira.



XLIII

Pode-se dizer que o anno de 1914, com relação ás finanças do Paiz e dos Estados, foi o anno da «angustia». Depois da guerra européa, declarada a 3 de Agosto, não haverá exaggero em chamal-o «o anno da desgraça». De norte a sul, diminuindo, consideravelmente, as rendas publicas, faltando o credito, reduzindo-se a menos de metade as importações, cessando, durante longo tempo, a ordem e a segurança e, por muitas e repetidas vezes, a mesma existencia dos transportes para o exterior, e embaraçada, no interior, a vida do commercio em crise, arrastado com os Bancos até a moratoria, levadas as industrias, de mal em mal, até a inercia, e submettida a agricultura aos meios isolados de sua propria acção, desapparecendo, de toda a parte, o dinheiro, nas caixas mercantis como nos Thezouros, exhaustos, da administração publica, onde, continuando as despezas, cresceram espantosamente, pelos *deficits* e os novos compromissos, as responsabilidades, dir-se-ia que um immenso catacylsmo, de horriveis desastres, estava envolvendo a Nação.

O Governo Federal, poder mais forte, na dificuldade da situação e sob o inclemente sitio das piores sujeições, corre a escala de todos os recursos e expedientes financeiros, chegando até o novo *Funding*, auctorisado pelo Decreto de 3 de Outubro, até as emissões de apolices e lettras de todas as especies, até a emissão de papel-moeda.

Não é de extranhar que os Estados, mais fracos e com menor auctoridade para enfrentar a crise, que a guerra tanto aggravou, não tivessem podido subtrahir-se aos effeitos de seos males, quando a União, dispondo de maior prestigio e tendo mais facil o caminho das providencias, não conseguiu, de prompto, evital-os e, até hoje, lucta no empenho, absolutamente necessario, de dominal-os e vencel-os.

De surprehender, menos, talvez, que de lamentar, é a posição de S. Paulo, apontado aos outros departamentos da Nação como o exemplo, o grande Estado—da ordem, do progresso e da prosperidade, o Estado de invejadas finanças pelos seos altos orçamentos e o seo Thezouro farto.

Sempre attendido, desde o regimen passado, pelo Poder Central, e, na Republica, sempre considerado e satisfeito nos seos menores desejos pela União, ainda quando separado, politicamente, de seos gover

nos, padece S. Paulo, na crise de 1914, os mesmos embaraços e agonias dos outros Estados do paiz.

Na liquidação da receita e da despesa, fechado o balanço do orçamento pela cifra de 267.643:730\$521, inclusive o movimento de fundos, se verifica entre o arrecadado, do valor de 65.711:730\$534, e o despendido, do valor de 100.159:860\$773, um *deficit* de 34.448:457\$239, maior, em 2.718:197\$450, que o de 1913, que attingio ao valor de 31.730:259\$789.

O *deficit*, aliás, é, desde 1905, o regimen financeiro do grande Estado do sul, sendo estes os numeros do seo registo.

<i>Annos</i>	<i>Deficits</i>
Em 1905	44.514:043\$433
« 1906	2.621:641\$765
« 1907	2.169:520\$833
« 1908	25.295:215\$480
« 1909	11.097:588\$597
« 1910	13.732:738\$571
« 1911	19.913:680\$233
« 1912	21.002:886\$854
« 1913	31.730:259\$789
« 1914	34.448:457\$239
	206.526:038\$505

Nos annos anteriores, a partir de 1889, primeiro da Republica, até 1904, contou, ainda, S. Paulo, contra oito annos de saldos, no valor, em somma, de 58.436:716\$694, sete annos de *deficits*, na importancia de 41.347:730\$205, sendo, portanto, os *deficits* orça-

mentarios do Estado, de 1889 a 1914, do total de 189.437:052\$016.

Quando se accentuou, em Agosto de 1914, a grande crise deste anno, já o Estado tinha contractado, em 27 de Janeiro, o emprestimo de Lbs. 4.200.000 com os Srs. Henry Schröder & Comp., de Londres, emprestimo que representava a primeira parte do de dez milhões esterlinos, permittindo os recursos obtidos que o Thezouro de S. Paulo podesse, até certo ponto, supportar a crise. Já em 1913, a 8 de Abril, tinha o Estado realisado um emprestimo externo, para a valorisação do café, no valor de Lbs. 7.150.000, alem do anteriormente feito com o Governo Federal. Mesmo assim, teve o Governo de S. Paulo a necessidade de emittir apolices, e, durante o exercicio, 38.866:565\$898 de letras do Thezouro.

No balanço de 1914, encerrando a 27 de Fevereiro de 1915, era esta a situação do seo passivo:

Emprestimos externos, em numero de oito, calculados ao cambio de 27.....	263.244:526\$075
Divida interna fundada (apolices)	60.856:500\$000
Divida fluctuante.....	14.601:067\$926
Apolices do auxilio agricola.....	450:000\$000
Adeantamentos recebidos no paiz e no estrangeiro.....	5.827:028\$627
Letras do Thezouro (saldo).....	27.176:029\$492
Contas diversas.....	933:485\$899
Somma	<hr/> 387.688:638\$019

Este passivo se completa pelo activo liquido do patrimonio do Estado, no valor de 69.017:884\$003, para a importancia total do balanço, de..... 456.706:522\$022.

No activo desse mesmo total figuram as seguintes verbas:

Proprios do Estado.....	255.263:208\$000
Titulos pertencentes ao Estado....	2.431:184\$970
Divida activa.....	21.986:125\$030
Emprestimo a 19 Bancos de cus- teio rural.....	950:000\$000
Café armazenado.....	106.023:777\$584
Despeza da valorisação a ser amor- tisada.....	20.570:352\$409
Saldos pora 1915.....	49.481:874\$029
	<hr/>
Somma	456.706:522\$022

Ao cambio de hontem, de 12, em que o agio é de 124 %, o valor da divida externa de S. Paulo, fixada, em 1914, pela importancia de 263.244:526\$075, seria, em papel, do total de 329.055:657\$593.

E, todavia, o Sr. Sampaio Vidal, Secretario da Fazenda, reconhecendo o character *sombrio* de uma tal situação, declara que ella não é desanimadora em face dos elementos de resistencia que possui o Estado.

Deve-se pensar que os grandes Estados, de culturas variadas e garantidos valores de exportação, o mesmo podem dizer, desaffligindo-se dos males que, pelos *deficits* orçamentarios, lhes embaraçam a prosperidade financeira, desde que nesse bem ponham os governos os seus maiores cuidados.



XLIV

No meio das amarguras em que vive S. Paulo, pela situação de suas finanças, de incessantes e avolumados *deficits* orçamentarios e crescidas responsabilidades, cada vez maiores, no passivo do seu balanço, um facto ha, digno de menção, que muito deve contentar-o: é, fóra do café, o da sua producção agricola e industrial, cujo valor, no anno de 1914, attingio á somma de 311.575:215\$832, assim distribuida :

PRODUCCÃO AGRICOLA

Algodão.....	2.167:297\$000	
Fumo.....	3.731:625\$000	
Assucar.....	7.620:590\$000	
Aguardente e alcool	35.076:765\$000	
Arroz.....	15.507:408\$000	
Feijão.....	28.824:000\$000	
Milho.....	66.415:800\$000	159.343:485\$000

PRODUCCÃO INDUSTRIAL

Chapéos de cabeça	8.814:263\$168	
Chapéos de sol e chuva.....	995:773\$142	
Bengalas.....	3:650\$832	
Calçados.....	20.320:095\$000	

Bebidas.....	32.039:163\$300	
Vinagre	925:970\$740	
Conservas	460:713\$000	
Cartas de jogar....	185:392\$000	
Especialidades		
pharmaceuticas..	804:159\$468	
Perfumarias	1.756:067\$852	
Phosphoros.	3.605:642\$950	
Fumos e seos pre-		
parados..	34.459:784\$460	
Tecidos.....	47.712:254\$920	
Velas.....	148:800\$000	152.231:730\$832
Total.....		<u>311.575:215\$832</u>

É, todavia, é muito maior, especificadamente, o numero das mercadorias que, por serem da producção do Estado, sahem livremente, isentas dos impostos de exportação, pagando apenas uma pequena taxa de expediente, que, em 1914, não foi além da cifra de 134:693\$359 para 117.172.678 kgs., no valor official de 89.259:014\$440 :

VALOR OFFICIAL

a) Pela E. F. Central do Brazil....	59.822:471\$550
Pela Recebedoria de Santos.....	27.332:061\$590
Por outras estações.....	2.104:481\$300
Somma.....	<u>89.259:013\$440</u>

PEZO EM KILOGRAMMAS

b) Pela E. F. Central do Brazil....	56.823.137
Pela Recebedoria de Santos.....	54.973.152
Por outras estações.....	5.376.383
Somma.....	<u>117.172.678</u>

TAXA (DIREITOS COBRADOS)

c) Pela E. F. Central do Brazil....	74:345\$100
Pela Recebedoria de Santos.....	54:979\$500
Por outras estações.....	5:368\$759
	<hr/>
Somma.....	134:693\$359

O café, apesar de tudo, faz, no orçamento de S. Paulo, a renda da exportação, do valor, em 1914, de 34.854:923\$343 :

Direitos de exportação sobre o café	34.759:612\$871
Direitos de exportação sobre o fumo	23:493\$272
Direitos de exportação sobre a lenha	237\$200
Direitos de exportação sobre os couros.....	71:580\$000
	<hr/>
Somma.....	34.854:923\$343

Isto é: a exportação do Estado representa, na cifra da arrecadação geral de 1914, do valor de 65.711:403\$534, a taxa de 53%, e o café, no valor da arrecadação, a grande quota de 99%.

Em 1913 o mesmo facto se deo, não sendo, pois, diferentes os resultados :

Arrecadação do Estado.....	76.007:686\$387
Direitos de exportação.....	40.979:157\$176
	<hr/>
Diferença (outras rendas)	35.032:829\$211

ou seja de 53, 9% a quota da exportação.

Os productos dessa exportação assim se discriminaram, quanto aos direitos pagos :

Café.....,.....	40.944:059\$846
Fumo.....	27:885\$330
Lenha.....	153\$000
Couros.....	7:059\$000
	<hr/>
Somma.....	40.979:157\$176

ou seja de 99% a quota do café na exportação do Estado.

Foi, todavia, o anno de 1913, a partir de 1892, aquelle em que se verificou a maior contribuição do café na renda orçamentaria de S. Paulo, assim ordenada :

<i>Renda do café</i>	<i>Annos</i>
40.944:059\$846.....	Em 1913
36.665:120\$243.....	» 1912
34.759:612\$871.....	» 1914
33.492:267\$383.....	» 1897
33.210:696\$576.....	» 1909
32.396:699\$960.....	» 1895
31.989:404\$656.....	» 1901
29.282:311\$338.....	» 1900
29.950:730\$698.....	» 1899

Nos outros 14 annos, a contar de 1892, foi a renda sempre menor, registando-se a minima, do valor de 17.470:489\$310, em 1910.

Não foram, pois, os direitos do café os que mais influíram na queda da renda paulista senão outros,

entre os quaes, como de maior valor, o de *transmissão*, que deo :

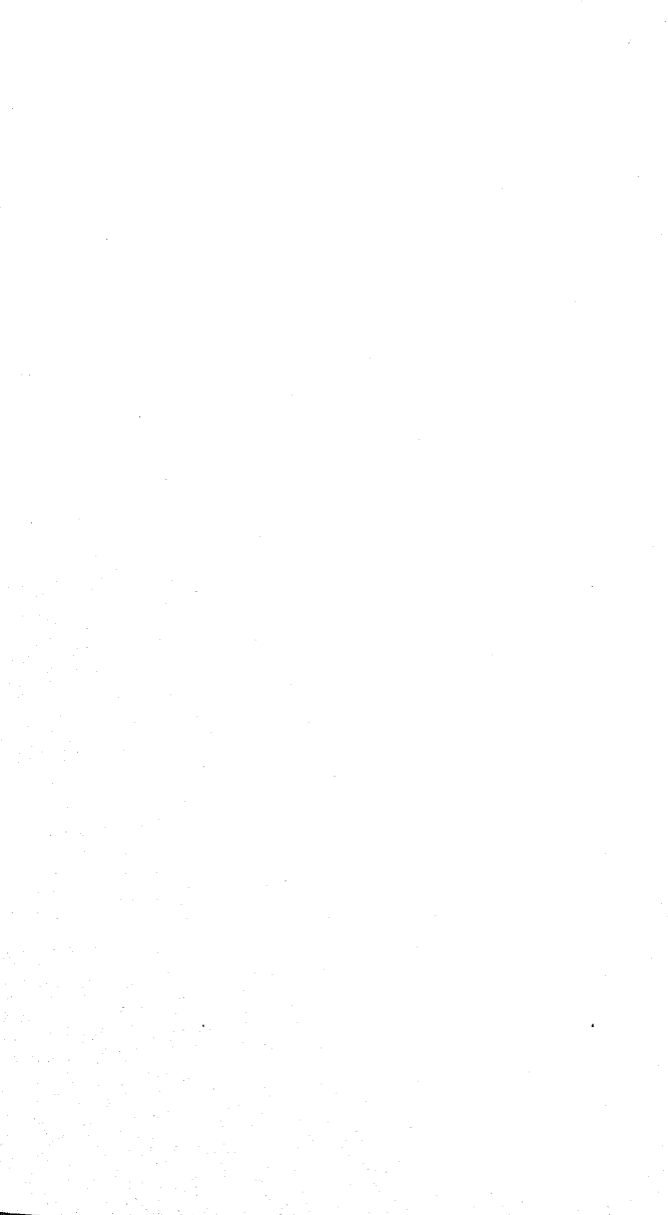
Em 1910.....	5.555:895\$926
« 1911.....	12.701:703\$508
« 1912.....	14.350:784\$155
« 1913.....	8.312:344\$244
» 1914.....	4.964:940\$827

Auspicioso é, em verdade, o facto da produção paulista, agricola e industrial, a qual, aparte o café, sendo largamente consumido no Estado, ainda deixa sobras para a exportação, só diminuida, por effeito da crise, em 1913 e 1914 :

	<i>Quantidade</i>
Em 1910.....	88.566.487 Kgs.
« 1911.....	108.714.346 »
« 1912.....	120.195.137 »
« 1913.....	112.020.382 »
« 1914.....	117.172.678 »

Tal indica e attesta o cuidado no desenvolvimento economico do Estado, creando-lhe riquezas novas para a fortuna particular e publica e uma mais dividida utilização do capital e do trabalho, posto que o café continue a dominar como a grande fonte de seus valores commerciaes e a maior contribuição de sua renda orçamentaria.

O que resta, pois, a fazer e conseguir nesse sentido é muito, mesmo em S. Paulo, e, sob o ponto de vista industrial, muito mais nos outros e diversos departamentos do paiz.



XLV

O valor official da exportação geral de São Paulo, no anno de 1914, attingio á alta somma de.....
505.834:821\$740, assim distribuida:

I—SUJEITA A DIREITOS:

Café.....	386.217:930\$700
Couros.....	238:600\$000
Fumo.....	303:339\$800
Lenha.....	2:372\$000
	386.762:242\$500

II—ISENTA DE DIREITOS:

Generos sahidos pela E. F. Central do Brazil.....	59.822:471\$550
Idem, idem, pelo porto de Santos.	27.332:061\$590
Idem, idem, por outros portos de sahida.....	2.104:481\$300
	89.259:014\$440

III—MERCADORIAS EM TRANSITO:

611.063 saccas de café do Estado de Minas.....	29.331:068\$800
10.052 saccas de café do Estado do Paraná.....	482:496\$000
	29.813:564\$800

Ou, pela reunião das tres sommas parciaes, o total de 505.834:821\$740:

Exportação sujeita a direitos.....	386.762:242\$500
Exportação livre de direitos.....	89.259:014\$440
Exportação em transito.....	29.813:564\$800
Somma total.....	<u>505.834:821\$740</u>

Mesmo assim, com uma tão grande exportação, que deixou, de direitos, a somma de 34.854:923\$343, afóra o total de Frs. 40.209.726.073 da sobretaxa com applicação especial, exportação, essa, em que o café, na quantidade de 8.046.207 saccas, contribuiu com a importancia de 34.759:612\$871, não poude o Thezouro de S. Paulo escapar, no balanço de sua receita e despeza, ao *deficit* de 34.448:457\$239, regimen que, ha muitos e seguidos annos, está supportando.

Orçada a receita em 79.195:000\$000, verifica-se na sua arrecadação uma differença de 13.483:596\$466, oriunda das seguintes verbas:

Do imposto de transmissão <i>inter-vivos</i>	8.035:059\$173
Da taxa addicional.....	1.072:597\$114
Do imposto de transmissão <i>causa-mortis</i>	914:586\$557
Da renda de indemnisações.....	1.459:330\$262
De diversos impostos.....	2.784:018\$592
Somma.....	<u>13.965:591\$698</u>
Menos: valor, em somma das verbas cuja arrecadação augmentou...	481:995\$232
<i>Differença verificada</i>	<u>13.483:596\$466</u>

A despeza, fixada em 79.174:694\$668, subiu ao valor de 100.159:860\$773, havendo, pois, um excesso, na importancia de 20.985:166\$105, assim determinado:

Serviço de agoas (adducção do rio Cotia).....	6.740:956\$268
Construcção da Nova Penitenciaria.	1.969:080\$706
Novas construcções da Estrada de Ferro Sorocabana.....	1.288:609\$542
Construcção de predios escolares..	2.230:937\$367
Diversos serviços, para cuja despeza foram abertos creditos especiaes e supplementares.....	14.880:608\$212
Somma.....	<u>27.110:192\$095</u>
Menos: saldos de algumas verbas.	<u>6.125:025\$990</u>
Excesso verificado.....	20.985:166\$105

Não seria possivel que, faltando agoa na cidade de S. Paulo, o seo Governo, incumbido desse serviço, lhe dêsse a solução do repudio e do abandono, como acontece, ha alguns annos, ao nosso Municipio, desta capital, que, por falta de mais uma bomba e de um novo reservatorio, de compensação, não aproveita as agoas que lhe sobejam nas reprezas da Bolandeira, mantendo um regimen de distribuição insufficiente e imperfeita. Como desprezar as obras, de reconhecida urgencia, da Sorocabana? Porque proporcionar ao Estado um prejuizo maior para os cofres, suspendendo as obras em andamento da nova Penitenciaria, dos novos predios escolares e, assim, outras?

Reconhece o Presidente de S. Paulo a perturbação trazida ás finanças do Estado, nos dias da crise, pelos dispendios com essas obras e serviços outros, extraordinarios. O mesmo disse o seo Secretario da Fazenda: «O governo vio-se obrigado a suspender a maior parte das obras publicas, *custeando apenas aquellas cujo adiamento seria prejudicial*».

Foi o criterio da Bahia, que não continuou as do edificio do Palacio do Congresso, do Archivo do Estado e Bibliotheca Publica, como as da Villa Policial e do Museo-Escola, não encetando, siquer, as do novo Desinfectorio e do novo Hospital de Isolamento, ambas necessarias. Abandonar não podia as da Avenida 7 de Setembro, que, alem de proxima terminação, deixariam a cidade, se não fossem concluidas, no mais lamentavel estado; as do Palacio do Governo e do Palacio da Acclamação, onde, se fossem suspensas, as damnificações do tempo destruiriam, com o que estava feito, o capital já empregado; as do Hospicio S. João de Deus, que era, em verdade, uma immundicie e uma vergonha, e a cujas enfermarias não cessam de chegar, vindos de toda a parte, os infelizes privados da razão; as da Estrada de Ferro de Nazareth, que, destruida pela inundação de Janeiro em dois terços do seo percurso, não podia ser fechada ao trafego, sacrificando os interesses agricolas e commer-

ciaes de uma das mais productivas zonas do Estado, alem de sacrificar, de todo o modo, os interesses economicos da Bahia. E, quanto á Navegação Bahiana, cujo *deficit*, em 1912, 1913 e 1914, nunca attingio á somma de 40:000\$000, fôra extravagante e perigoso suspender os seos serviços, porque, triplificado o preço do carvão, augmentado, de muito, o preço, em geral, do custeio de seos navios, e retirada, por motivos de politica, a subvenção federal, o seo *deficit* tinha, fatalmente, de crescer para uma cifra altissima, de excepção.

Necessario é, passados os males da crise de 1914, que, embora diminuida nos seos effeitos, se extendeo ao anno corrente e dura ainda, luctar pelo restabelecimento financeiro deste, do de S. Paulo. como de todos os Estados do paiz, e, mais que destes departamentos nacionaes, da União, onde a desordem excedeo as peiores previsões e conjecturas.

A Bahia já está melhorando, e tudo auctorisa crer, em vista das colheitas realisadas e da producção dos seos principaes generos exportaveis, que, áparte a borracha, bastante se desenvolve, e que terá, daqui por diante, uma situação tranquillã. S. Paulo, segundo os calculos da estatistica geral do consumo do café e os da sua producção, espera concorrer com 12 milhões na producção mundial de 19

milhões de saccos, estando avaliado em 22 milhões de saccos, para 1916, o consumo de todos os paizes, que foi, em 1913, de 17 milhões, em 1914 de 18 e meio milhões, e, em 1915, de 21 milhões de saccos. A natural tendencia, em todo o paiz, é melhorar, e para esse resultado trabalham, na União e nos Estados, os seos governos.

E' de muito desejar que similhante e justa esperança se traduza em effectiva realidade.



XLVI

Não conseguiu, ainda, a Bahia ter uma renda, oriunda das Collectorias, ou estações arrecadadoras do interior do Estado, maior de 2.500 contos annuaes. A contribuição apurada tem sido sempre menor:

Em 1909.....	1.669:639\$242
« 1910	2.253:460\$885
« 1911.....	2.406:859\$586
« 1912.....	2.428:447\$533
« 1913.....	2.485:215\$964
« 1914.....	2.049:519\$166

É, contudo, o esforço do Thezouro é incessante para obter, pelo menos, a renda annual de 3.000 contos, que, com justa razão, se suppõe poder ser elevada, na conformidade das taxas orçamentarias, a cinco mil. Tres mil contos seriam uma contribuição de 1\$363 por habitante, o que se não pode dizer que fosse ou seja muito.

São diversas as causas do que acontece, prejudicando a receita do Estado; mas, de um modo geral, se resumem, todas, na insufficiencia e outras imperfei-

ções da acção fiscalizadora. O governador do Estado, examinando o assumpto na Mensagem deste anno, apresentada ás Camaras em 7 de Abril, isto lhes disse:

«Onde tem faltado, por causas diversas a effectiva fiscalisação do Thezouro, por agentes seos, que façam os lançamentos e arrecadem os impostos, vigiando, pois, a acção dos Collectores e instruindo-os no dever de suas responsabilidades, vacilla a receita entre a fixidez dos algarismos do passado e o decrescimento das cifras do presente. Parecem taes Collectorias, assim desvirtuadas na sua funcção de arrecadar, estar *«fôra do Thezouro»*.

No anno anterior, e, pois, em 1914, tinham sido estas as palavras do Governo:

«Torna-se imperiosa a fiscalisação das estações arrecadoras do interior, no interesse, antes de outro, de lhes evitar a sujeição partidaria, muitissimo perturbadora de sua ordem; e, sob outros aspectos, para instruir os seos responsaveis nas funcções que exercem, para impedir as astucias do lançamento, e, onde ha exportação, as fraudes do contrabando.»

Nesta exacta enumeração de causas se apontam e se reconhecem os defeitos da arrecadação das Collectorias e da capacidade de seos responsaveis, que, excepção feita dos bons Collectores, a politica por demais protege, embaraçando a mesma vigilancia do Governo: os lançamentos falhos ou iniquos, segundo os, prepara a desidia ou a paixão; a acção incerta, vacillante, re-

tardada e, não raro, indifferente na cobrança dos impostos, cujos valores se accumulam nos quadros da divida activa; o pouco caso na collecta das taxas que não dependem de lançamentos, ou o interesse, por motivos diversos, em evital-a; a ignorancia, muitas vezes, do exactor, que não sabe fazer valer os seus deveres; a incapacidade, emfim, para ver e a fraqueza de impedir os contrabandos, quando não é a cumplicidade, entre os astuciosos, a força que os ampara e garante.

Sempre que o Thezouro intervem, agindo com a auctoridade do Governo, para corrigir as faltas e os abusos, tudo muda nas Collectorias, e a renda logo cresce e, na maior parte dos casos, avulta.

O mal, entretanto, não é só da Bahia, senão que o é de todos os Estados, até da União, que dispõe, com pessoal numeroso e bem pago, de um aparelho fiscal mais completo e melhor defendido.

S. Paulo, mais, talvez, que os outros Estados, se queixa, amargamente, de semelhante situação, que lhe determina o sacrificio de uma renda de mais de seis mil contos.

«Outro ponto da administração, que nos tem impressionado muito, escreveo, no corrente anno, o Secretario da Fazenda desse Estado, é a falta de uma fiscalisação organisaada e permanente das estações arrecadadoras. Contando o Estado 156

Collectorias, o Thezouro, entretanto, não possui órgãos regulares de fiscalisação que exerçam uma vigilancia constante sobre os seus trabalhos. Normalmente, estão sujeitas apenas á remessa do lancete mensal e ao recolhimento dos saldos. Como se fazem os lançamentos, como são arrecadadas as rendas nas transmissões de propriedades *inter-vivos*, nos inventarios, impostos sobre o capital e outros, e quaes as providencias para a cobrança da divida activa, são factos de capital importancia, que escapam á fiscalisação do Thezouro. É admiravel como temos vivido tão alheios a esses trabalhos das estações fiscaes, sem órgãos inspectores que acompanhem a sua acção.

«Verdade é que as consequencias dessa falha têm sido deploraveis. O Estado deixa de arrecadar com segurança mais de seis mil contos por anno, com essa falta de fiscalisação.»

De referencia aos contrabandos na fronteira de Minas, e relativamente ao café, São Paulo tem as mesmas queixas que a Bahia, em relação á borracha e aos couros, e soffre, do mesmo modo que este Estado, grandes prejuizos.

No melhoramento da arrecadação está, portanto, um seguro meio de augmentar a renda dos Estados, superior, de certo, ao recurso sempre ingrato e, ás vezes, perigoso, da creação de novos impostos.

É certo que todos os Estados, segundo a confissão de seus governos nas Mensagens de cada anno, se esforçam por conseguil-o, fazendo evitar os abusos de

toda a ordem, que, na successão do tempo, se vão reconhecendo, como factos, nas estações arrecadadoras e pelas quaes bastante se restringe a receita calculada dos orçamentos. Na Monarchia já era assim, sendo da esperar, graças á attenção que esse mal está agora merecendo, que as faltas e abusos, tanto quanto possível, de prompto se corrijam.



XLVII

Na arrecadação total deste Estado, em 1914, menor que a do exercício do anno anterior pela differença de 1.158:493\$677, e inferior ao calculo do orçamento da lei n. 1005, de 23 de Agosto de 1913, em 2.859:376\$667, figura a parcella do *imposto de industrias e profissões* com o valor de 2.025:904\$689, assim distribuido:

Arrecadação pela Directoria de Rend- das, ou receita da Capital.....	1.219:260\$226
Arrecadação pelas Collectorias, ou re- ceita do interior do Estado.....	806:644\$463
Total.....	<hr style="width: 100%; border: 0.5px solid black;"/> 2.025:904\$689

Ou seja a contribuição do interior do Estado de 39,8 % e a da Capital de 60,2 %, e, para a Bahia, estimada em dois milhões e meio a sua população, uma quota, em função do referido imposto, de 810 rs. por habitante.

A exportação tève a seguinte renda:

Direito (taxas diversas).....	6.181:356\$343
Imposto de estatistica.....	1.168:091\$155
Taxa do Serviço Agronomico.....	434:718\$574
Somma	<hr style="width: 100%; border: 0.5px solid black;"/> 7.784:166\$072

Sendo:

De mercadorias sahidas pelo porto da Capital.....	7.725:976\$666
De mercadorias sahidas por diversos pontos do interior.....	58:189\$406
Somma	<u>7.784:166\$072</u>

A differença da renda entre o producto de um e do outro imposto, o primeiro dos quaes, o de *indus-trias e profissões*, se poderá, sem nenhuma impropriedade, chamar «o imposto sobre o commercio», e o segundo, por ser cobrado sobre os productos, em geral, da exploração agricola, «o imposto da agricultura», é de 5.758:261\$383:

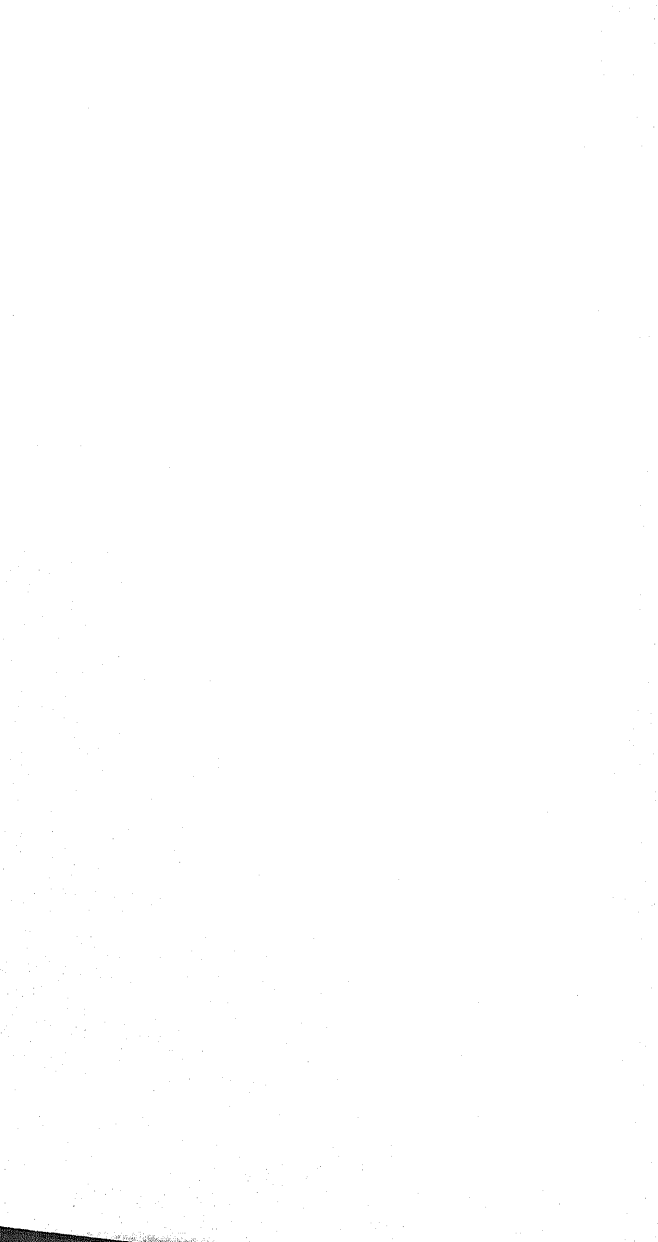
Impostos de exportação.....	7.784:166\$072
" de industrias e profissões..	2.025:904\$689
Differença.....	<u>5.758:261\$383</u>

ou sejam a mais, na renda dos impostos de exportação, 28,9 %.

Um facto, e de grande importancia para os contribuintes de cada uma dessas duas especies de impostos, cumpre observar. Qualquer que seja o preço de compra das mercadorias adquiridas pelo commercio para o seo negocio, entram os impostos pagos, ou a pagar, na composição do preço da venda (custo, impostos, outras despezas e lucro), e, pois, é o consu-

midor quem, afinal, paga os impostos de industrias e profissões, somente *adeantados* pelo commercio.

No caso da exportação de mercadorias nossas o facto é differente. Porque o preço da aquisição é dado no estrangeiro; em geral, na Europa e na America, segundo o seu valor actual nos mercados, os impostos ficam sendo uma despesa obrigatoria, ligada ao custo da producção: maior o preço da compra, maior será o lucro do agricultor, podendo, no caso de baixa, descer o valor do producto até um indice inferior ao das despesas de custo. O agricultor, num ou noutro caso, é quem paga o imposto de exportação, descontado no valor dos productos que lhe compram. A repercussão para o consumidor só ocorre nos mercados estrangeiros, onde os productos se distribuem, para os impostos que o agravam nos paizes de venda. O commercio nosso só adeanta, entre nós, o imposto que logo cobra do agricultor. Lucros ou perdas, elle os tem da especulação mercantil, não influindo em ambos o valor do imposto, visto que entre a mercadoria e o tributo se guarda, quanto ao preço da compra e segundo a taxa, uma relação inversa: maior o tributo, menor para o agricultor o preço offerecido; menor o imposto, maior, para o agricultor, o valor da venda de seus productos. Em principio, portanto, como na realidade das coisas, paga o *productor*, nas merca-

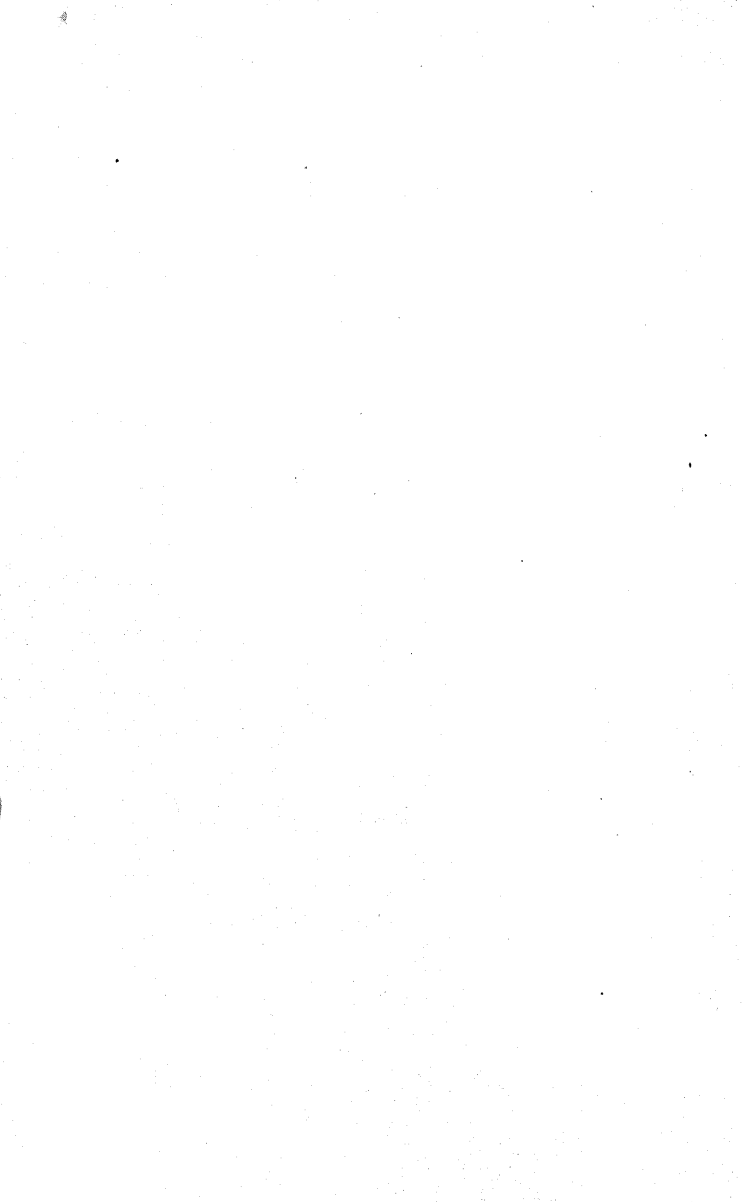


XLVIII

É a mesma por toda a parte, no paiz inteiro, a inquietação pela ordem financeira, buscando cada um dos Estados, como a União, restabelecer o equilibrio orçamentario, prejudicado, no anno de 1914, pela diminuição das rendas publicas, o inconsiderado augmento das despezas, a restricção do credito e a baixa do cambio. A União, mais que os Estados, apesar da amplitude dos seus recursos de defeza, parece ter soffrido mais, tendo sido arrastada a uma situação de verdadeira calamidade, da qual, a despeito de melhorada no corrente anno, ainda não poude libertar-se.

O capital estrangeiro que, de 1908 a 1913, nos chegara pela media annual de 31 milhões esterlinos, se reduzio, em 1914, a pouco mais de 6 milhões, desamparando o desenvolvimento de todas as nossas fontes de producção e, especialmente, as novas obras, em andamento, de estradas de ferro e portos, que, em geral, paralyzaram.

O commercio exterior, este, de muito desceo na



XLVIII

É a mesma por toda a parte, no paiz inteiro, a inquietação pela ordem financeira, buscando cada um dos Estados, como a União, restabelecer o equilibrio orçamentario, prejudicado, no anno de 1914, pela diminuição das rendas publicas, o inconsiderado augmento das despezas, a restricção do credito e a baixa do cambio. A União, mais que os Estados, apesar da amplitude dos seus recursos de defeza, parece ter soffrido mais, tendo sido arrastada a uma situação de verdadeira calamidade, da qual, a despeito de melhorada no corrente anno, ainda não pode libertar-se.

O capital estrangeiro que, de 1908 a 1913, nos chegara pela media annual de 31 milhões esterlinos, se reduziu, em 1914, a pouco mais de 6 milhões, desamparando o desenvolvimento de todas as nossas fontes de producção e, especialmente, as novas obras, em andamento, de estradas de ferro e portos, que, em geral, paralyzaram.

O commercio exterior, este, de muito desceo na

massa global de seus negocios: de $\text{R}\$$ 144.519,085 em 1912, para $\text{R}\$$ 138.896.481 em 1913, para $\text{R}\$$ 91.059.000 em 1914, ou seja, do terceiro para o segundo anno, uma differença de 34% e, para o primeiro, uma differença de 37%.

A exportação, excepção feita do Ceará, de Pernambuco e da Bahia, baixou, de 1913 para 1914, em nada menos, em media, de 22,7%:

Menos 100 %—no Piauhy
“ 58,4 %—em Sergipe
“ 41,6 %—no Rio Grande do Norte
“ 37,2 %—no Rio Grande do Sul
“ 33,4 %—na Parahyba
“ 28,0 %—em S. Paulo
“ 26,4 %—no Espírito Santo
“ 23,5 %—no Pará
“ 23,4 %—em Matto Grosso
“ 23,0 %—no Paraná
“ 20,4 %—no Rio de Janeiro
“ 20,3 %—no Maranhão
“ 19,9 %—no Amazonas
“ 14,3 %—em S. Catharina
“ 3,9 %—em Alagoas

sendo assim distribuida, quanto aos paizes de destino, a diminuição:

34,30 %—nos da Europa
4,87 %— “ “ America
35,10 %—em diversos
<hr/>
22,70 %—em media

A baixa na importação, do valor, em media, de

44,2% abrangem todos os Estados, sendo estas as reduções:

No Ceará.....	66,7 %
« Pará	53,4 %
« S. Paulo.....	50,4 %
« Paraná.....	50,2 %
« Piauí.....	49,2 %
« Amazonas.....	48,8 %
« Espírito Santo.....	47,8 %
« Bahia.....	46,1 %
« Rio de Janeiro.....	42,0 %
« Rio Grande do Sul.....	41,1 %
« Maranhão.....	40,8 %
« Sergipe.....	39,5 %
« Rio Grande do Norte.....	36,9 %
« Parahyba.....	32,7 %
« Alagoas.....	31,7 %
« S. Catharina.....	30,5 %
« Matto Grosso.....	30,4 %
« Pernambuco.....	25,3 %
	<hr/>
Em media.....	44,2 %

sendo assim notadas, quanto aos paizes de origem, as diferenças:

Da Europa.....	48,7 %
Da America.....	35,5 %
De Diversos.....	10,6 %
	<hr/>
Em media.....	44,2 %

Quantidade, preço e valor soffreram, em geral, na exportação, grandes reduções: na quantidade, dos nove principaes productos que a Nação exporta, só

augmentaram a do *cacão* e a do *assucar*; nos preços, só cresceram os do *fumo*, do *algodão* e do *assucar*.

O liquido das diferenças, em função das quantidades, foi o seguinte:

Exportação a menos.....	142.402.474 kgs.
« a mais.....	37.501.360 «
Liquido.....	104.901.114 kgs

O liquido das diferenças, em função do valor, foi este:

Exportação a menos..	238.131:698\$000	Lbs.	19.027.762
Exportação a mais....	12.532:658\$000	«	615.290
Liquido.....	225:599:040\$000	ou Lbs.	18.412.472

ou separando, no valor, as diferenças provenientes da quantidade e do preço para os 104.901.114 kgs. de mercadorias exportadas:

Diminuição do valor em função das quantidades.....	90.468:800\$000	ou Lbs.	5.555.342
Diminuição do valor em função dos preços.....	135.130:240\$000	ou Lbs.	12.857:130
Total da diminuição do valor.....	225.599:040\$000	ou Lbs.	18.412.472

O desequilíbrio, com origem nestes factos, tinha de ser, como o foi, consideravel, reflectindo-se, desastrosa-

mente, na administração publica e, de um modo geral, em todas as relações, directas e indirectas, da actividade mercantil, promovendo no paiz inteiro, em todas as suas classes, as peiores desorganisações.

Nos Estados, entretanto, aggravando todas as responsabilidades, de modo igual ao que succedia na União, ficou o pezo das despezas que, no primeiro momento, não era possivel diminuir, tendo-se em vista, com os direitos pessoaes dos funcionarios, as necessidades materiaes dos serviços publicos. Não escaparam aos males desta situação as nossas industrias, especialmente as dependentes do capital estrangeiro, então de todo retrahido.

O cambio, por fim, que desde 1906, se estava mantendo na taxa media de 15 d., e baixou, subitamente, depois do mez de Agosto de 1914, a menos de 11 d., não conseguindo, mesmo no corrente anno, se elevar a mais de 13, completou o desastre de tamanhas perturbações na vida nacional.

Medidas de toda a ordem têm sido adoptadas no paiz inteiro, umas de reflexão patriotica, outras determinadas pelas proprias circumstancias, para que cessem, gradualmente, os effeitos da nossa situação, que aliás reproduz, neste grave momento de todas as nações e de todos os governos, os males que os affligem.

N E' mistér, todavia, insistindo nas providencias 31

salvadoras, que tem sido combinadas, e noutras que a capacidade e o patriotismo pensam inspirar, não esquecer que as soluções financeiras se ligam, essencialmente, á situação economica dos paizes que estão na sua dependencia, e que, portanto, é de salutar aviso lhes abandonar os interesses, acreditando que a crise se possa debellar, de um modo definitivo; pelo exito de indicações occasionaes, especialmente as que, embora indispensaveis, cream novos compromissos, e; pois, nos augmentam, no custeio das despezas publicas, as responsabilidades.

Promover o desenvolvimento da producção, offerecendo-a, nas melhores condições de qualidade e preço, aos mercados nacionaes e estrangeiros, é, acima de todas, a grande providencia. Outra não tem sido, nas horas amargas das desorganisações perigosas, entre as nações que sabem defender-se, a politica dos grandes estadistas.



XLIX

Em communição, destes ultimos dias, dirigida da America do Norte, e por funcionario de uma das nossas agencias consulares nesse paiz, ao Sr. Ministro da Agricultura, se lhe mostrou, sob calculo certo e seguro, a conveniencia da exportação de nossas fructas, especialmente o *abacaxi*, que ali é muito procurado e se vende a preço alto, em condições de garantir ao productor e aos intermediarios lucros compensadores.

Não é a primeira vez que isto se diz nem fôra preciso que alguém o dissesse, para que o Brazil ficasse sabendo a incontestavel verdade. Mas o facto é que essa exportação, como a de outras fructas, não passou, ainda, em nosso commercio, do periodo dos ensaios, faltando, talvez, a lhe auctorisar os movimentos de maior expansão, as grandes culturas systematisadas, de character industrial, segundo succede na California com a exploração da laranja.

Até 1912, data das ultimas estatisticas completas,

a exportação de fructas, aparte a que se realisa de uns para outros Estados, não excedeo do valor, em moeda papel, de nove mil contos de réis:

Em 1910.....	6.142:157\$000
Em 1911.....	6.388:452\$000
Em 1912.....	8.916:327\$000

Poucos, todavia, foram as fructas e fructos, exportados: o *abacate*, da Bahia, Pernambuco e Santa Catharina; os *abacaxis*, do Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo e Santa Catharina; as *bananas*, de S. Paulo, Pará e Santa Catharina; as *castanhas*, do Amazonas e Pará; os *côcos* e *coquilhos*, de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; as *laranjas*, de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul; as *tangerinas*, do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul; outros, não especificados, de varias procedencias.

Em 1911 e 1912 foram estes os seus valores a bordo:

	Em 1911	Em 1912
Abacates.....	30\$000	60\$000
Abacaxis.....	144:593\$000	108:963\$000
Bananas.....	2.110:948\$000	2.150:840\$000
Castanhas.....	3.984:733\$000	6.557:981\$000
Côcos.....	17:410\$000	29:920\$000
Coquilhos.....	47:368\$000	9:120\$000
Laranjas.....	53:881\$000	38:244\$000
Tangerinas.....	10:465\$000	10:055\$000
Diversos.....	19:024\$000	11:144\$000
Totaes	6.388:452\$000	8.916:327\$000

Só as *bananas*, entre as fructas, e as *castanhas*, entre os fructos, representam, segundo estas indicações, maiores valores. O mais, na importancia de 292:771\$000 em 1911, e de 207:506\$000 em 1912, ou excluidos, como fructos, os *coquilhos*, de 245:403\$000 em 1911 e de 198:836\$000 em 1912, é, como exportação, insignificante.

S. Paulo offerece, todavia, na exportação das bananas, enviadas, na quasi totalidade do seo algarismo de sahida, para a Argentina e o Uruguay, a maior contribuição:

Em 1910.....	757.983 cachos	637.752\$000
“ 1911.....	987.910 “	872.302\$000
“ 1912.....	1.219.288 “	1.219:300\$000
“ 1913.....	23.481.399 kgs.	1.677:304\$000
“ 1914.....	29.529.675 “	1.051:983\$500

Esta exportação, entretanto, é nenhuma, considerando-se o consumo de 13.000.000 de cachos em New-York, de 3.500.000 em Londres, de 1.700.000 em Berlim e Hamburgo; de 500.000 a 600.000 em Paris, onde a preciosa fructa se vende a preço caro, afóra outras cidades, na Eûropa e na America, de menor consumo, sendo que para nenhuma dellas corre o Brazil com a sua producção.

As bananas consumidas na Eûropa são, em geral, dos Açores, Canarias, Madeira e de diversas regiões da Africa. As que chegam aos Estados-Unidos proce-

dem das Antilhas, de Costa Rica e do Sul do Panamá, onde as principaes plantações pertencem a uma grande e poderosa empresa, a "United Fruits", que dispõe, para os seus transportes, de diversos caminhos de ferro, despachando por semana quatro a cinco navios, com a carga média de 30.000 cachos cada um.

Na Bahia é facillima a cultura da bananeira, contando-se por mais de vinte as variedades usuaes; e, comtudo a Bahia não figura, desde 1910, entre os Estados exportadores da excellente fructa, que, muitas vezes falta nos seus proprios mercados para o consumo local. A produção, que não exige o emprego de grandes capitães, é altamente remuneradora, podendo-se ter por hectare de terra, com intervallo de dois metros de uma a outra planta, 2.000 a 2.500 pés de bananeiras.

Não cuidamos aqui, na Bahia, como devia ser, dessa industria agricola, e, pela mesma indifferença, vamos deixando em abandono a cultura da laranjeira, que, entretanto, faz, por antigo aproveitamento de *mudas* sahidas desta Capital, dos ferteis terrenos do Cabulla, uma bôa parte da riqueza de exportação da California.

Não é, pois, de desaproveitar nem esquecer a lembrança do funcionario consular brasileiro, que, dos Estados Unidos, solicitou a attenção do Sr. Minis-

tro da Agricultura para que fosse desenvolvida a exportação do abacaxi e, em geral, das nossas fructas, que encontram no mercado de New-York facil sahida e bom preço.

A Bahia bem pode ser, sem maior esforço, um grande elemento de tão util exportação, explorando, pelo menos, a cultura da bananeira, que dá em todo o Estado, e sempre encontrará faceis mercados para o seo utilissimo commercio.



L

«Importações» ha que não se justificam, todas essas de mercadorias que o paiz póde, facilmente, produzir, ou, se iniciada a sua producção, não lhe seria custoso desenvolvê-la. Porque ha de o Brazil receber do estrangeiro o sal commum? nada menos, em 1913, de 60.805.729 kgs., no valor de..... 2.351:365\$000, e em 1914, 50.295.715 kgs., na importancia de 2.175:064\$000? Onde o motivo da importação de biscoutos e bolachas, de alhos, de batatas e cebolas? Onde a desculpa, ainda, para ser provido o nosso consumo de toucinho pelos fornecimentos da Europa e da America? Acaso não poderia a Nação, por cultura inteiramente sua, ter todo o milho de que carece? Será, porventura, difficil alargar para maiores indices, nos registos da producção nacional, a colheita do arroz, que nos veio de fóra, em 1913, na quantidade de 7.777.361 kgs. e preço de 2.299:493\$000, e, no anno de 1914, na quantidade de 6.535.033 kgs. e custo, em nossos portos, de 1.760:673\$000? Deveria o paiz precisar do xarque da Argentina e, especial-

mente, do feijão e outros cereaes, que ali abundam? É razoavel importar tijollos e telhas para as construções, quando subejam, em todos os Estados, sem excepção de um só, as melhores argillas, de todas as especies e variedades?

O Sr. Joaquim Nabuco, ainda na Monarchia, e que, muitos annos depois, no tempo da Republica, foi o nosso primeiro Embaixador junto ao governo de Washington, disse, uma vez, da tribuna publica, recomeçando, ao tornar de Londres, a propaganda das idéas abolicionistas, victoriosas, em 1888, pela aurea Lei de 13 de Maio, que, se muitas das «importações» do paiz lhe attestavam o atrazo, uma, especialmente, deveria envergonhal-o—*a de palitos*, que o commercio mandava buscar na Europa e de lá recebia, para vender.

Tantos annos passados, e, apezar de sermos o «paiz das madeiras», que as possui, dos mais diversos typos, em incalculavel abundancia a situação não mudou.

Em 27 portos nacionaes entraram, em 1910, vindos da Allemanha, da Argentina, dos Estados-Unidos, da França, da Grã-Bretanha, da Hespanha, da Hollanda, da Italia, do Japão, de Portugal, da Suissa e do Uruguay, de nada menos de doze paizes

differentes, os «*palitos de mesa*», que, ao que parece, não sabemos produzir.

É curiosa, até o anno de 1912, a estatística do Ministerio da Fazenda.

<i>Palitos importados</i>	
Em 1910.....	55.510 kgs.
» 1911.....	80.966 »
» 1912.....	104.145 »

<i>Valor a bordo no Brazil</i>	
Em 1910.....	241.701\$000
» 1911.....	387.217\$000
» 1912.....	444.699\$000

É por kilogramma, respectivamente, os preços de 2\$450, 2\$546 e 2\$530, sendo o equivalente em ouro, para o total da importação (*mil réis ouro*), de. ... 143:358\$000 em 1910, de 229:071\$000 em 1911, de 263:525\$000 em 1912.

Portugal, mais que os outros paizes nomeados, fez a *importação de palitos*:

	<i>Quantidade</i>	<i>Valor em papel</i>
Em 1910.....	57.811 kgs.	238:525\$000
« 1911.....	89.310 «	385:137\$000
« 1912.....	102.112 «	436:994\$000

Quanto aos portos de destino, foram os seguintes os principaes:

	<i>Quantidade em kgs.</i>		
Rio de Janeiro.....	{	24.891.....	em 1910
		44.180.....	« 1911
		50.340.....	« 1912
Santos.....	{	11.830.....	« 1910
		15.070.....	« 1911
		22.556.....	« 1912

Bahia.....	{	5.092.....	«	1910
		9.371.....	«	1911
		6.003.....	»	1912
Pernambuco.....	{	3.931.....	«	1910
		6.521.....	«	1911
		5.041.....	«	1912
Pará.....	{	3.479.....	«	1910
		4.097.....	«	1911
		4.657.....	«	1912
Manáos.....	{	2.770.....	«	1910
		1.577.....	«	1911
		2.193.....	«	1912
Porto Alegre.....	{	2.103.....	«	1910
		2.405.....	«	1911
		3.744.....	«	1912

Subsistiram, nos dois ultimos annos, as importações:

	<i>Quantidade</i>	<i>Valor em papel</i>
Em 1913.....	112.551 [*] kgs.	457:139\$000
« 1914.....	75.553 «	278:348\$000

No anno que findou, embora diminuida a massa geral das importações, que tanto decresceram em 1914, não faltou, entre os artigos de manufactura, a importação dos *palitos de mesa*, que o Sr. Joaquim Nabuco, ha trinta annos passados, tanto exprobrava.

É, realmente, lamentavel que o Brazil importe o milho, o feijão e outros cereaes; que tenha de pedir ao estrangeiro o sal e o toucinho; que precise receber, como os palitos de mesa e outros artigos de immediato consumo, de facil obtenção em nosso paiz, o pinho em tóros, pranchas e taboas; madeiras em bruto,

serradas, lavradas e folheadas, e até madeiras para a fabricação de phosphoros—7.878.111 kgs, em 1913, no valor de 466:001\$000, e 6.418.638 kgs. em 1914, na importancia de 359.201\$000.

Deve-se presumir que semelhantes factos, em que se assignala, como grave erro, o nosso descuido, hão de, afinal, cessar, tanto mais quanto, em opposição a elles, se reconhece a applicação do nosso esforço pelo exito de culturas mais difficeis e de industrias que não podemos possuir.



L.I

Na renda total, ordinaria e extraordinaria, do Estado de Minas, referente ao triennio decorrido entre os annos de 1911 a 1913, o que continuou a acontecer, foi a exportação o titulo dominante, e, entre os productos exportados, se manteve o predominio do café.

Pelas medias apuradas, que serviram de base aos orçamentos dos annos seguintes, de 1914 e 1915, foi este o resultado:

Renda (media triennial) ordinaria e extraordinaria.....	28.018:801\$600
---------------------------------------------------------	-----------------

Renda de exportação:

a)	Ordinaria.....	12.235:069\$942		
b)	Extraordinaria..	3.500:506\$367		15.735:576\$309

Differença.	12.283:225\$291
-------------	-----------------

O café, elemento maximo da exportação, deo uma contribuição maior de dous terços da arrecadação total:

a)	Impostos cobrados em 1911.....	6.645:835\$582		
	“ “ “ 1912.....	9.475:841\$700		
	“ “ “ 1913.....	8.412:197\$561		

Somma.....	24.533:874\$843
------------	-----------------

Em media: 8.177:658\$281.

b) Sobre taxa do café em 1911.....	2.926:480\$135
" " " " " 1912.....	3.577:602\$007
" " " " " 1913.....	3.997:436\$960
Somma.....	<u>10.501:519\$102</u>

Em media: 3.500:506\$397.

Renda media total da expotação do café:

Media dos impostos.....	8.177:958\$281
" da sobre-taxa.....	3.500:506\$367
Media total.....	<u>11.678:464\$648</u>
Exportação total (media).....	<u>15.235:576\$309</u>
Exportação, media, dos outros pro- ductos.....	4.057:111\$661

Foi, portanto, de 74 % sobre o valor total da renda de exportação, a contribuição do café.

Sob o ponto de vista da produção do Estado, embora se manifestem na formação do seu expoente economico variações dependentes da quantidade e preço do café, é auspicioso reconhecer que esta mercadoria não excede de 50% ao valor de produção das outras.

Assim, se, no computo da exportação total de 1913, diminuiu, no valor de 8.687:349\$800, a do café, o valor dos demais productos alcançou uma cifra, em verdade, satisfactoria:

Valor global da exportação.....	222.131:000\$000
" do café.....	103.139:000\$000
" dos outros productos	<u>118.992:000\$000</u>

Pelas suas especies, attestando uma melhor distribuição dos generos, que se exportaram, da produçção do Estado, foram os seguintes os seus algarismos.

a) Quanto ao peso:

Da industria agricola.....	248.673.123 kgs.
" mineral.....	223.084.894 "
" pastoril.....	75.794.255 "
" manufatura...	15.215.374 "

b) Quanto ao valor:

Da industria agricola....	mais de 116.000.000\$000
" mineral....	" 11.000.000\$000
" pastoril....	" 83.000.000\$000
" manufatura	" 10.000.000\$000

Os generos da produçção geral, no referido anno de 1913, tiveram a seguinte escala na formaçção do seu valor:

Café.....	103.132.000\$000
Milho.....	3.134.000\$000
Agoas mineraes.....	2.933.000\$000
Arroz.....	2.764.000\$000
Madeiras.....	1.948.000\$000
Feijão.....	1.158.000\$000
Batatas.....	884.000\$000
Cascas.....	847.000\$000
Diversos.....	844.000\$000

O café em 1912, teve o valor de 111.828.000\$000 e

em 1911 o valor de 78.141:000\$000; o arroz o de 5.117:000\$000 em 1912 e de 4.350:000\$000 em 1911, o feijão o de 2.078:000\$000, em 1912, e o de.... 5.948:000\$000 em 1911; o milho o de 3.738:000\$000, em 1912, não tendo tido em 1911 valor de destaque.

A produção de generos manufacturados foi a seguinte em 1912 e 1913:

	1912	1913
Fumo em rolo.....	5.965:000\$000	4.234:000\$000
Tecidos.....	2.940:000\$000	2.996:000\$000
Assucar.....	1.094:000\$000	496:000\$000
Aguardente.....	990:000\$000	1.144:000\$000
Rapaduras.....	344:000\$000	415:000\$000
Artefactos de ferro....	—	290:000\$000
Diversos.....	1.961:000\$000	1.826:000\$000

A industria extractiva, pelos seus diversos productos de exportação, offereceo os seguintes valores em 1912 e 1913:

	1912	1913
Ouro.....	7.992:000\$000	6.996:000\$000
Manganez.....	1.129:000\$000	2.020:000\$000
Cal.....	1.665:000\$000	1.884:000\$000
Diversas.....	1.029:000\$000	466:000\$000

Onde, porem, se accentúa a actividade economica do Estado, desenvolvendo-se por uma produção progressiva de generos de facil utilização, principalmente nos Estados visinhos, é no que se refere á industria

pecuaria e seus productos correlatos, que, no triennio de 1911 a 1913, tiveram os seguintes valores:

1911

Gado.....	41.364:000\$000
Manteiga.....	8.567:000\$000
Queijos.....	8.511:000\$000
Aves.....	4.455:000\$000
Leite.....	3.550:000\$000
Toucinho.....	2.403:000\$000
Sola.....	1.004:000\$000
Ovos.....	779:000\$000
Carnes.....	631:000\$000
Diversos.....	479:000\$000

1912

Gado.....	46.442:000\$000
Queijos.....	8.168:000\$000
Manteiga.....	7.883:000\$008
Aves.....	5.243:000\$000
Leite.....	3.830:000\$000
Toucinho.....	3.679:000\$000
Sola.....	1.066:000\$000
Carnes.....	1.096:000\$000
Ovos.....	1.024:000\$000
Diversos.....	368:000\$000

1912

Gado.....	44.653:000\$000
Queijos.....	12.949:000\$000
Manteiga.....	9.326:000\$000
Aves.....	4.690:000\$000
Leite.....	4.410:000\$000
Toucinho.....	3.232:000\$000
Carnes.....	1.198:000\$000
Ovos.....	1.067:000\$000
Sola.....	932:000\$000
Banha e couros.....	438:000\$000
Diversos.....	253:000\$000

São, pois, elementos dominantes na exportação para o exterior e para diversos Estados da União—o café, o gado, os queijos, o ouro, as aves, o leite, a manteiga, o fumo, o milho, o toucinho, as aguas mineraes, o arroz, os tecidos, o manganez, as madeiras, a cal, as carnes e o feijão, supprindo, pois, a variada producção que se utiliza nos Estados do Paiz, o numero relativamente pequeno dos generos que se exportam para o exterior.

Esta variedade de producção, no que é a Bahia, quanto a industria agricola, um Estado typico, dependendo, apenas, de exploração as suas abundantissimas riquezas mineraes, garante com bastante segurança a situação economica de Minas, influindo de modo favoravel na sua situação financeira.

Todos os Estados deveriam produzir assim: agricultura variada, e, a par do crescente desenvolvimento da pecuaria e suas industrias correlatas, o aproveitamento, pela exportação das materias primas, onde existirem minas, dos seus valiosos productos.



LII

É insufficiente a nossa produção de milho, tanto que, de longa data, o importamos, especialmente, da Argentina, do Paraguay e do Uruguay, sendo insignificante a parcella dos Estados-Unidos, que, entretanto, offercem na produção mundial de 3.715.252.800 *bushels*, ou sejam 1.077.452.312 hectolitros (o *bushel*, medida ingleza, corresponde a 29 litros), a contribuição de 2.725.367.400 *bushels*, ou pouco mais de 73%.

A importação brasileira, nestes ultimos cinco annos, foi a seguinte:

	<i>Quantidade</i>	<i>Valor (papel)</i>
Em 1910.....	2.996.609 kgs.	304:193\$000
“ 1911.....	4.274.167 “	446:620\$000
“ 1912.....	6.279.418 “	611:098\$000
“ 1913.....	8.893.159 “	895:319\$000
“ 1914.....	1.121.987 “	135:231\$000

A Argentina, nessa importação, que serve a quasi todos os nossos Estados, entra com cerca de 90%, ás vezes mais, sendo de notar que, como paizes exportadores os Estados-Unidos só utilizam, em

media, 2,29% de sua consideravel producção, emquanto a Argentina, que produz, em media, 151.015.000 *bushels*, ou 43.794.350 hectolitros, envia, para os paizes importadores, nada menos de 55% do total de suas colleitas.

O Brazil, entretanto, com relação ao consumo do milho, não deveria precisar do concurso de outro qualquer paiz, porque, além de ser das mais faceis a sua lavoura, a do milho é, entre nós, das culturas menos expostas á acção das molestias e dá geralmente, em todos, os Estados. Não fôra de surprehender que a nossa producção, aliás ignorada no computo das estatisticas nacionaes, igualasse ou excedesse á da Republica Argentina, tendendo, no seo gradual desenvolvimento, para os Algarismos que os Estados Unidos já alcançaram, graças aos estimulos officiaes e aos beneficios da propaganda.

Os «*Clubs de Milho*», organisados pelo governo norte-americano, são um desses meios de animação, pelos quaes, além dos premios, ali se attrahe aos campos, para tão util cultura, até os rapazes de 10 a 18 annos de idade.

O Dr. Hunnicutt, que conhece muito bem aquella organização americana, propoz ao Ministerio da Agricultura estabelecê-la em nosso paiz, fundando, além

dos «clubs», uma «Associação Nacional de Clubs de Milho» com séde em S. Paulo ou no Rio de Janeiro.

O Ministro não só accitou como applaudio a idéia, dirigindo ao sr. Hunnicutt a seguinte carta:

«Li o projecto da «exposição de milho», publicado no numero de 15 de Novembro, das «*Chacaras e Quintaes*». Examinei, igualmente, seo plano de organização de «Clubs de Milho». A ambos venho trazer meo sincero applauso e a segurança da minha collaboração. Em paiz como o nosso, onde o milho dá, admiravelmente, em todas as zonas não se comprehende como se deixa de intensificar sua producção, tanto quantitativa como qualificativamente. O problema é, pois, obter, com o minimo do esforço, o maximo de rendimento util no aproveitamento do cereal produzido. Innumerous são os problemas a solver nesse sentido. De um delles se incumbe o ensino agronomico, preparando gerações futuras de agricultores esclarecidos. Mas a urgencia da questão impõe se obtenham resultados *immediatos*: esses provirão da emulação resultante das exposições regionaes e ainda da porfia entre os membros dos «Clubs de Milho» de determinada zona, entre os primeiros premiados de zonas contiguas, e, assim por diante, até se distinguir o melhor plantador do paiz inteiro. Sua concurrencia sadia e o exemplo immediato dado aos cultivadores visinhos darão prompts fructos, que o desenvolvimento economico do Brazil exige. A idéa é fecunda. O exito dos «Clubs de Milho» poderá ser o ponto de partida para se fundarem associações congeneres para outros ramos de producção agricola».

Pensa o Sr. Humieutt que são os seguintes os meios de estimular, neste paiz, a producção do milho:

1º — Instrucção pelos jornaes e revistas; nas escolas primarias e secundarias; por exposições; pelo ensino ambulante; propaganda por meio de clubes de milhos, organisados entre os rapazes;

2º — Adopção do systema de cultura moderna;

3º — Emprego de todas as machinas que possam augmentar a producção, diminuindo o custeio e o numero de braços;

4º — Uso de adubos chimicos e estrumes de curral (milhares e milhares de toneladas de estrumme são desperdigados em nossas fazendas, annualmente);

5º — Uso do afolhamento ou rotaçào de culturas;

6º — Uso de adubação verde, principalmente com leguminosas;

7º — Selecção rigorosa de sementes feitas nas plantas e não no paiol;

8º — Trabalho cuidadoso e scientifico na criação de raças de milho, melhores e mais productivas;

9º — Maior cuidado na conservação do milho;

10º — Maior proveito das novas estradas de ferro, ha pouco abertas ao trafego, que vêm pôr muitas zonas, até agora quasi inacessiveis, em facil alcance dos grandes mercados.)

Não ha, todavia, no Relatorio do Ministerio da Agricultura, publicado no segundo semestre de 1915, noticia especial sobre o plano dessa animação á cultura do milho, parecendo que, se a idéia não foi abandonada, está esquecida, o que é de lamentar, porque a

cultura do milho, planta de triplice valor, alimentar, forragineo e industrial, prospera, mais ou menos, excepção feita do barro frio e dos terrenos alagadiços e arenosos, em qualquer solo, nos logares de pequena elevação, como nos de altitude, cuja quota não exceda de 800 metros acima do nivel do mar.

O *Centro Industrial do Brazil*, que, em 1908 e 1909, fez escrever um excellente trabalho sobre a nossa agricultura, que pena foi não ter sido continuado e melhorado em novas e successivas edições, isto disse: —«Não ha terra, entre nós, que, se tendo recusado á producção de qualquer outro vegetal, não sirva para esse genero de cultura, qualquer que sejam os processos adoptados e tambem a constituição chimica e mineralogica do solo.»

É, contudo, a importação de 1907, ultima de que dá conta aquelle trabalho, de quantidade de 9.312.952 kilos e valor de 950:826\$000, não diverge muito da importação de 1913, do peso de 8.893.159 kilos e valor de 895:319\$000. A de 1914 não pode servir para o estudo desses confrontos, porque, nesse anno, que foi o da «grande crise», tudo se separou do curso normal das cousas.

É, porem, auspicioso notar que a producção do milho está sendo mais cuidada em S. Paulo, Minas e em Pernambuco.

A Bahia, não se saberá porque, é um nome que falta em todos os escriptos e ensaios estatísticos da producção da preciosa gramínea, que, entretanto, floresce no Estado com excepcional exuberancia, indicando a conveniencia economica de sua cultura racional, a permittir grandes sobras do consumo interno para serem utilizadas na exportação.

Deve-se crer, como julga o Sr. Hannicutt, que a cultura do milho, desde que se torne effectiva a propaganda de suas vantagens, ha de interessar, no seu proprio proveito, a todo o Paiz.



LIII

E', entre as nossas industrias agricolas, a do assucar a que, neste Estado, apresenta, após o estabelecimento das *usinas*, uma organisação melhor. Embora, entretanto, assim seja, e a despeito do muito que, aqui mesmo, se tem escripto sobre ella desde os tempos do antigo regimen, se ignora a exacta producção e o consumo de assucar no Estado, mal, aliás, que se estende ao Paiz e não tem sido possivel corrigir.

Sabe-se com o maior rigor a estatistica da exportação, quer para o exterior, quer para os outros Estados, como se conhecem os algarismos da producção das *usinas*, posto que a nota estatistica de 1910, publicada pelo Ministerio da Agricultura, sobre a *Industria Assucareira* (usinas e engenhos centraes) tenha eliminado de seos quadros, á falta, certamente, de informações, algumas das nossas *usinas*, que, sendo em numero de vinte, ali figuram pelo numero de onze.

Em 1840 eram, na Bahia, 800 os engenhos de assucar, aparte as engenhocas, em avultado numero,

que fabricavam assucar, rapaduras e aguardente; e, nesse tempo, calculada a media da exportação entre os annos de 1839 a 1850, se registaram para ella os seguintes algarismos:

	QUANTIDADE	PREÇO (<i>papel</i>)
Assucar	89.838.376 lbs.	5.349:957\$000
Aguardente.....	1.222.348 cans.	236:966\$000
Melado e melaços	28.203 ms.	3:860\$000
Rapaduras.....	4.399 arb.	5:511\$000

O relatorio de 1858, do Mintsterio do Imperio, dá para a media dos valores da exportação, nos annos de 1852 a 1857, as seguintes cifras:

	QUANTIDADE	PREÇO (<i>papel</i>)
Assucar branco....	33.635.456 lbs.	2.549:803\$957
Assucar mascavo..	67.290.224 "	4.385:110\$820
Aguardente	1.728.430 "	497:436\$000

Em annos mais proximos, a exportação da Bahia para o estrangeiro baixou bastante, como se deprehende dos seguintes algarismos:

	QUANTIDADES	PREÇO (<i>ouro</i>)
1902.....	6.274.599 kgs.	342:321\$000
1903.....	711 "	111\$000
1904.....	122 "	18\$000
1905.....	46.620 "	7:766\$000
1906.....	1.152.242 "	71:090\$000

Foi a seguinte, até 1914, a exportação total, de todos os Estados, para o estrangeiro:

	QUANTIDADES	PREÇO (<i>ouro</i>)
1902.....	136.757	8.319:171\$000
1903.....	21.888	1.764:800\$000
1904.....	7.861	831:004\$000
1905.....	37.746	3.608:476\$000
1906.....	84.948	5.388:546\$000
1607.....	12.857	1.206:220\$000
1908.....	31.578	2.716:141\$000
1909.....	68.483	5.968:214\$000
1910.....	58.823	6.284:591\$000
1911.....	36.208	3.633:902\$000
1912.....	4.771	498:257\$000
1913.....	5.367	575:941\$000
1914.....	31.860	3.313.440\$000

Nestes ultimos annos, de 1909 a 1914, a exportação da Bahia, inclusive a realisada para os Estados, pelo seu valor em moeda papel, não excedeo das seguintes cifras:

	QUANTIDADES	VALOR (<i>papel</i>)
1909.....	16.875.262 kgs.	3.712:351\$140
1910.....	13.669.807 «	3.100:800\$010
1911.....	12.814.736 «	2.881:685\$610
1912.....	6.415:333 «	2.451:908\$420
1913.....	7.430.086 «	2.309:129\$270
1914.....	11.428.111 «	2.566:120\$350

A exportação, entretanto, effectiva, porque a acima indicada comprehende a que se registrou na Directoria de Rendas, pelos despachos pagos, foi menor de 11.361.011 kgs., e no valor de 2.510:550\$702,

sendo que, para o estrangeiro, só se exportaram as seguintes quantidades:

	QUANTIDADES	VALOR (<i>papel</i>)
Montevideo.....	141.000 kgs.	32:400\$000
Bordeaux.....	60.000 "	13:800\$000
Liverpool.....	12.000 "	3:360\$000
Porto.....	846 "	190\$960
Lisbôa.....	360 "	83\$400
Somma.....	214.206 "	49:834\$360
Exportação para os Estados do Paiz..	11.146.805 "	2.460:716\$350
Total.....	11.361.011 "	2:510:550\$710

E', pois, evidente que a exportação annual do assucar da Bahia, que era, entre os annos de 1839 a 1850, do valor, em media, (*papel*) de 5.349:957\$000 e, entre os annos de 1852 a 1857, de 6.934:914\$777, baixou consideravelmente, visto que o maximo do valor alcançado, entre os annos de 1909 e 1914, é de 3.712:351\$140. Como, entretanto, se diminuiu o numero de engenhos (*typo antigo*) em actividade, augmentou o das *usinas e engenhos centraes* de assucar, e, em grande proporção, o das *engenhocas*, espalhadas no reconcavo e pelo sertão do Estado, é licito affirmar que o consumo do assucar cresceu extraordinariamente, concorrendo as *usinas* com a seguinte producção:

1905 a 1906.....	409.478	saccos, de 60 kgs. cada
1906 " 1907.....	359.619	" " " " "
1907 " 1908.....	277.603	" " " " "

1908 a 1909.....	416.269	saccos de 60 kgs. cada
1909 « 1910.....	476.850	« « « « «
1910 « 1911.....	392.493	« « « « «
1911 « 1912.....	316.982	« « « « «
1912 « 1913.....	331.846	« « « « «

O assucar forneceo á exportação de Pernambuco, nos dous ultimos exercicios de 1913 e 1914, a seguinte contribuição: contra as 11.428 toneladas da Bahia, no exercicio de 1914, do valor de 2.566:120\$350, a somma de 138.478 toneladas, no valor de..... 31.710:525\$060; no de 1913, contra as 7.430.086 toneladas da Bahia, no valor de 2.309:139\$270, o total de 130.812 toneladas, no valor de 38.627:522\$690, sendo em 1909 a exportação do assucar, em Pernambuco, do valor official de 26.941:000\$000, em 1910, do valor official de 24.836:000\$000, em 1911 do valor official 21.520:000\$0000 e em 1912 do valor official de..... 38.628:000\$000.

D'ahi é que resulta ter cobrado, em 1914, o Estado de Pernambuco, de direitos pelo assucar que exportou, a somma de 2.469:673\$710 e a Bahia, no mesmo anno, a de 25:661\$338 pela maior quantidade do assucar produzido e exportado e pela taxa, muito maior, cobrada na exportação, do valor de 8% quando o orçamento da Bahia cobra apenas 1%.

Não se justifica, porem, que a Bahia, que sempre foi um grande productor de assucar e dispõe de terras

excellentes, sendo que as melhores de Pernambuco e de outros Estados productores de assucar, como o de São Paulo e do Rio, não se podem comparar aos massapês de S. Amaro, S. Francisco, do Iguape e outras, na evolução dessa industria, cuja organização actual é bastante adiantada, tenha ficado, como capacidade productora, em posição tão inferior. Nem se comprehende como a industria do assucar, favorecida entre nós na sua exportação, tenha, em geral, creado para os cultivadores e *usineiros* uma situação que não corresponde á de prosperidade dos productores dos outros Estados, especialmente os usineiros de Pernambuco.

Ha, pois, soluções de que está carecendo essa industria na Bahia, depois das quaes poderá o Estado, quanto ao assucar, contar com um avultado accrescimo de valor na sua exportação e maiores quotas na receita do Thezouro.



LIV

São dois os principaes productos da exportação pernambucana: o assucar e o algodão. O primeiro, filiado a uma industria exigente, que tem na agricultura a sua base immediata, concorreo para a arrecadação do ultimo exercicio financeiro do Estado, que se liquidou, o de 1914, com a somma, proveniente de direitos, de 2.469:673\$710, sendo de 31.710:526\$060 o valor official dos 138.478.339 kilogrammas exportados. O segundo, do valor official de 11.159:437\$210 para a quantidade exportada de 13.115.817 kilogrammas, forneceo á receita do Thezouro a contribuição de 1.185:624\$990.

Todos os outros, do valor official de.....
10.417:454\$240, deram ás rendas do Estado a quota de 656:478\$490, sendo o valor total da arrecadação, oriunda da exportação, da somma de 4.311:777\$190.

O *assucar*, pois, deo para a renda da exportação 57,3%, ou mais de metade do seu valor, o *algodão* 27,5% e os demais productos (alcool e bebidas

alcoolicas, bagas de mamona, caroços de algodão, cera, oleos e azeite, couros, madeiras, pelles de cabra e carneiro, polvora, ouro, prata, cobre e outras mercadorias) 15,2%.

Aquelle valor de 4.311:777\$190, de direitos de exportação cobrados pela «Recebedoria do Estado», se eleva a 4.437:390\$200 com a parcella de impostos, da mesma natureza, arrecadados pelas Collectorias, ou sejam 32,3 % da receita total, de 13.763:459\$760, em que se incluem as taxas industriaes de agoa e exgottos, a primeira no valor cobrado de 480:139\$750 e a segunda no valor, tambem arrecadado, de 263:106\$350.

Ha, entretanto, na producção do assucar brasileiro, quer de Pernambuco, que tem nessa mercadoria a sua principal industria, quer dos outros Estados, onde, em contraste com a cultura atrazada e rotineira da canna de assucar, o fabrico do assucar se aperfeiçoa todos os dias, um grande problema a resolver: o da collocação do producto que sobeja á exportação para o exterior, avaliado, em 1910, pelo deputado Dr. José Bezerra, hoje Ministro da Agricultura, em 1 milhão de saccos, de 60 kilogrammas cada um, sendo de 3 milhões o consumo interno.

Procedia a difficuldade da situação inferior do Brazil na producção mundial do assucar, que, no

mesmo anno de 1910, a revista *American Sugar Industry*, de Chicago, assim estimava:

PRODUCCÃO		
Assucar de Canna	8.566.814	toneladas
" " beterraba.....	8.503.970	"
Somma.....	17.070.784	toneladas

a) Paizes productores do assucar de canna:

India Ingleza.....	2.262.150	toneladas
Cuba.....	1.507.271	"
Java.....	1.248.836	"
Hawai.....	514.222	"
Louisiania e Texas.....	316.091	"
Australia e Polynesia.....	303.378	"
Porto Rico.....	299.736	"
Brazil.....	291.608	"
Mais de vinte paizes outros, de produccão inferior, cada um, á do Brazil.....	1.823.522	"
Somma.....	8.566.814	toneladas

b) Paizes productores do assucar de beterraba:

PRODUCCÃO		
Allemanha	2.589.869	toneladas
Russia	2.108.760	"
Austria Hungria.....	1.522.785	"
França.....	711.172	"
Norte America.....	462.529	"
Belgica	283.222	"
Hollanda.....	216.888	"
Italia.....	183.400	"
Suecia.....	173.804	"
Dinamarca	109.000	"
Hespanha	70.000	"
Roumania	50.000	"
Canadá.....	8.700	"
Servia.....	7.441	"
Bulgaria	3.700	"
Suissa.....	2.700	"
Somma.....	8.503.970	toneladas

Em 17.070.784 toneladas de assucar, produzido por um grande numero de paizes, era, pois, de 291.608 toneladas a producção do Brazil, ou seja 1,7 % da producção mundial.

Descontados nessas 291.608 toneladas, ou sejam 4.860.133 saccos, os 3 milhões do consumo interno brasileiro, ficavam para a exportação 1.860.333 saccos offerecidos aos paizes estrangeiros, sob a concurrencia de 279.652.933 saccos de assucar, distribuidos pelos mercados de consumo na proximidade dos centros de producção.

Foi por isso que o Dr. José Bezerra, em reunião de industriaes e lavradores, occorrida na *Sociedade Nacional de Agricultura*, do Rio de Janeiro, propoz, para que fôsse feita a exportação das sobras *a qualquer preço*, um plano de valorisação, que, immensamente combatido, logo cahio, dizendo delle o «Jornal do Commercio» o seguinte, no seo Retrospecto Commercial de 1911:

«O que pretendiam os productores de assucar, reunidos na *Sociedade Nacional de Agricultura*, era restaurar o *dumping* decahido, mas, desta vez, consideravelmente aggravado, transformado em monopolio.

«Vêjam-se os termos da proposta: todo o assucar exportado, tanto para o exterior como para os mercados nacionaes, seria sujeito a direitos de sahida superiores a 20 %, salvo, porém, se o re-

mettente fosse o *grupo*, o *syndicato*, a *companhia*, ou que melhor neme tenha, que os proponentes intentavam organizar, porque a estes os 20 % pagos seriam restituídos, á guisa de premio, em recompensa do incommensuravel sacrificio de se prestarem a ser os *unicos* exportadores do assucar, não só para o estrangeiro, mas até para os Estados da Republica».

Se a medida não era bôa, outra, entretanto convinha adoptar, desde quando, abundante a producção mundial, sobejava a do nosso paiz, em relação ao seo consumo.

Basta saber que o assucar de beterraba, da producção de 50 mil toneladas, em 1840, subio, em 1910, a 8.503.970 toneladas, e o de canna, da producção de 1.100.000 toneladas, cresceo, em 1910 até a somma de 8.566.814 toneladas, sendo avaliada a nossa, pela Junta dos Corretores, do Rio de Janeiro, nesse ultimo anno, em 5.183.109 saccos.

A segurança do lucro procurado estaria num maior rendimento industrial da canna de assucar, que só em casos excepcionaes, como ainda hoje succede, attingia a 8 %, a menos que a producção mundial diminuísse ou o consumo mundial crescesse, segundo o que se tem verificado após a guerra européa.

O problema, pois, está de pé e interessa vivamente, como o Estado de Pernambuco, que tem na exportação do assucar a principal parcella do seo

orçamento, os demais Estados productores, inclusive o da Bahia, com as suas vinte *usinas* e numerosissimas fazendas de plantio e cultura da canna de assucar.

É o problema é tão serio que o preço do assucar, em 1914, no mercado do Rio, não excedeo, para o typo *usina*, de 250 réis, quando, em 1912, variou de 400 a 700 reis, em 1911, de 360 a 470 reis, em 1910, de 240 a 310 réis, em 1909, de 240 a 340 reis e em 1908, de 500 a 560 reis, sendo que as ultimas cotações do anno passado não lhe deram valores de mais altas compensações.

É de presumir que o assumpto deve occupar, neste momento, a attenção do Sr. Ministro da Agricultura, que, como industrial, delle sempre cuidou, alem de interessar, seriamente, os lavradores, proprietarios de fabricas e Estados productores de assucar.



LV

A estatística do commercio exterior do paiz, referente aos mezes, do anno passado, decorridos até o de Novembro, e que somente foi assignada a 29 de Dezembro ultimo, accentúa, de modo positivo, o melhoramento, a partir de Agosto, da nossa importação e o crescimento geral da exportação, posto que o algarismo de sua somma não tivesse attingido á cifra correspondente de 1912.

A importação até Julho de 1915 não apresenta, effectivamente, qualquer vantagem sobre a do anno anterior:

VALOR EM CONTOS DE RÉIS (*papel*)

	1914	1915
Janeiro.....	71.709	29.478
Fevereiro	57.658	34.397
Março.....	55.988	46.414
Abril.....	58.300	50.049
Maió.....	51.095	54.170
Junho.....	48.295	50.123
Julho.....	41.373	51.283

De Agosto por deante muda a situação:

	1914	1915
Agosto.....	41.373	51.334
Setembro.....	32.916	53.501
Outubro.....	28.322	60.473
Novembro.....	26.413	45.492

Mas, apreciados em conjunto estes numeros, logo se verifica que a *importação* não melhorou, mantendo, com pequena differença para menos, o apurado de 1914, menor em 43 % que o de 1913:

IMPORTAÇÃO DE:	VALOR EM CONTOS DE RÉIS (<i>papel</i>)		
1911 (até Novembro)	715.532—		
1912 “ “	852.645—	mais	19, %
1913 “ “	932.086—	mais	4,3 %
1914 “ “	530.974—	menos	43,0 %
1915 “ “	526.719—	menos	0,8 %

Pelo valor em ouro ainda mais se salientam as differenças, sobre as quaes influe o cambio:

IMPORTAÇÃO DE:	VALOR EM LBS, 1.000		
1911 (até Novembro)	47.610		
1912 “ “	56.843—	mais	19,4 %
1913 “ “	62.139—	mais	7,3 %
1914 “ “	33.681—	menos	45,7 %
1915 “ “	27.282—	menos	19,0 %

Na exportação, bastante desenvolvida, as vantagens são incontestáveis:

EXPORTAÇÃO	VALOR EM CONTO DE RÉIS (<i>papel</i>)	
	1914	1915
Janeiro.....	91.714	84.010
Fevereiro	77.326	76.720
Março.....	69.110	100.161
Abril.....	61.886	84.056
Maió.....	56.619	60.120
Junho.....	56.231	47.640
Julho.....	48.999	60.069
Agosto.....	24.728	81.211
Setembro.....	50.628	84.529
Outubro.....	69.489	122.628
Novembro.....	68.437	111.758
Somma.....	<u>673.167</u>	<u>912.902</u>

É, pois, de 36,6 % o augmento da exportação, sendo o de Outubro o mez da maior exportação de 1915, quando, em geral, cresceram as rendas dos Estados. O da Bahia, que tinha tido, em 1915, na *Directoria de Rendas*, a arrecadação de 958:191\$137, registou, em 1915, a de 2.880:637\$971.

A differença do valor em ouro, que determina o augmento, de 1914 para 1915, de 13 %, deixa em relevo, para a exportação em papel, a vantagem, devida ao cambio, de 22,6 %, que, convem dizello, se aproveita aos exportadores, não compensa de modo nenhum os males gravissimos da baixa cambial.

No quinquennio foi o seguinte o valor, em ouro, da exportação:

	VALOR EM LBS. 1.000
Em 1911 (até Novembro)	59.173
« 1912 « «	65.968
« 1913 « «	38.176
« 1914 « «	42.013
« 1915 « «	47.497

A situação, quanto ao movimento das especies metallicas e notas de Banco estrangeiras, apresenta, nos onze mezes de 1915, decorridos de Janeiro a Novembro, as seguintes variações: *exportação* de 96.381:000\$000, ou lbs. 5.072.000, em 1915, contra a de 115.222:006\$000, ou lbs. 7.605.000, em 1914; *importação* de 631:000\$000, ou lbs. 33.000, em 1915, contra o de 12.731:000\$000, ou 852.000, em 1914.

O movimento global do commercio exterior, segundo estes algarismos collectados, nos dois periodos, pelo Ministerio da Fazenda, assim se avalia:

	<i>1914 (onze mezes)</i>	<i>1915 (onze mezes)</i>
Exportação de mercadorias.....	673.167:000\$000	912.902:000\$000
Importação de mercadorias.....	530.974:000\$000	526.719:000\$000
Exportação de especies metallicas.....	115.222:000\$000	96.381:000\$000
Importação de especies metallicas.....	12.731:000\$000	631:000\$000
Somma.....	1.332.094:000\$000	1.536.633:000\$000

A differença de 204.539:000\$000, ou 15,3 %, representa a taxa do accrescimo em 1915, o que significa dizer que a situação está melhorando.

Convem lembrar que as cifras do Ministerio da Fazenda não comprehendem as exportações realisadas de uns para outros Estados, e, pois, não exprimem o movimento da exportação geral do paiz, senão a que é feita, nos diversos portos da Republica, para o exterior.

Não é menos interessante, sob o ponto de vista das especies exportadas, a estatistica de Novembro.

Quanto ás quantidades, para os nove principaes artigos da exportação, são estes os algarismos:

	1914 (nove mezes)	1915 (nove mezes)
Café	597.480 tons.	907.140
Matte	53.589 "	72.192
Assucar.....	29.065 "	59.074
Cacáo.....	35.548 "	42.574
Couros	29.558 "	35.300
Borracha	30.265 "	31.930
Fumo	26.265 "	24.921
Algodão	30.088 "	5.228
Pelles.....	2.323 "	4.108

Só as quantidades exportadas de fumo e de algodão diminuíram, augmentando todas as outras, especialmente, pela importancia do seu valor, o *café*, que regista um accrescimo de 53,5%,

Quanto ao valor, em moeda papel, foi esta a variação:

	1914 (nove mezes)	1915 (nove mezes)
Café.....	388.308:000\$000	545.792:000\$000
Borracha.....	101.642:000\$000	120.133:000\$000
Couros.....	26.294:000\$000	52.642:000\$000
Cacão.....	25.834:000\$000	52.434:000\$000
Matte.....	24.414:000\$000	34.068:000\$000
Fumo.....	22.936:000\$000	20.599:000\$000
Assucar.....	6.120:000\$000	14.430:000\$000
Pelles.....	7.640:000\$000	12.717:000\$000
Algodão.....	27.941:000\$000	5.496:000\$000
Somma....	631.129:000\$000	858.311:000\$000
Diversas.....	42.038:000\$000	54.591:000\$000
Total.....	673.167:000\$000	912.902:000\$000

Em relação aos preços por unidade, valor medio, se apurou este resultado.

	1914	1915
Algodão (kilogramma)	\$545	\$487
Assucar	\$102	\$114
Borracha	1\$871	1\$742
Cacão	\$406	\$566
Café (sacca).....	21\$439	16\$736
Couros (kilogramma).	\$505	\$686
Fumos.....	\$508	\$388
Matte.....	\$248	\$217
Pelles.....	1\$841	1\$423

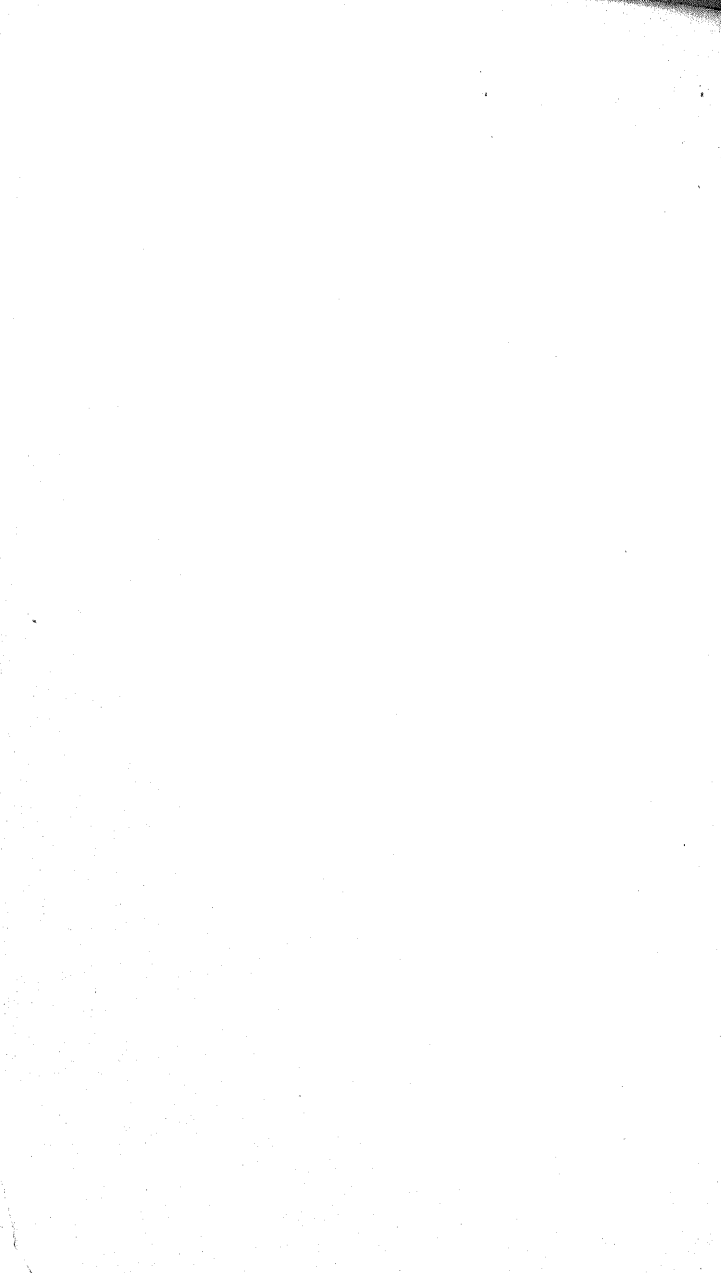
Excepção feita do assucar, do cacão e dos couros, diminuíram os preços de todas as outras mercadorias,

derivando, portanto, das quantidades exportadas e da baixa do cambio os maiores lucros da exportação.

São estes os factos, e, porque a situação de Dezembro não os modifica senão na somma das quantidades e valores, não ha que mudar na apreciação de suas influencias economicas e financeiras no anno que findou.

A lição, que elles encerram, é sempre a mesma: a conveniencia de augmentar a exportação de nossas riquezas agricolas e a vantagem de valorizar os seus productos pelo aperfeiçoamento das culturas e industrias correlatas e, consequentemente, pela redução do seu custo de producção.





LVI

São diversas, segundo as épocas, as fontes da estatística da produção mundial do café, registada, de 1852 a 1907, no livro—O BRAZIL, do «Centro Industrial», por Sylvio Ferreira Rangel, da *Sociedade Nacional de Agricultura*, e, depois d'isto, mais auctorisadas que outras, quanto a nós, abrangendo todo o tempo da sua existencia, as que se filiam ás observações e lançamentos da *Directoria da Estatística Commercial*, do Ministerio da Fazenda.

A estimativa, mais ou menos exacta, e calculada, invariavelmente, em função do que exportam os paizes productores e do que consomem os importadores, assignala, como de maior importancia, este facto: a produção brasileira, se não está só, conserva a seu favor, na concorrência dos mercados, diferenças que lhe asseguram uma situação privilegiada. O Brazil produz, em media, 70 a 75% do café que o mundo consome.

Nos ultimos 15 annos tem variado as safras, segundo as ultimas declarações do Sr. Presidente da Republica, «entre os extremos de 20.000.000 saccas

(de 60 kilogrammas cada uma) em 1906-1907 e.....
11.000.000 em 1910-1911. A exportação para o exterior se regista pelos seguintes algarismos:

1902.....	13.157.383	saccas
1903.....	12.927.239	»
1904.....	10.024.536	»
1905.....	10.820.661	»
1906.....	13.965.800	»
1907.....	15.680.172	»
1908.....	12.658.000	»
1909.....	16.881.000	»
1910.....	9.723.738	»
1911.....	11.257.802	»
1912.....	12.080.303	»
1913.....	13.267.449	»
1914.....	11.271.000	»
1915 (onze mezes)....	15.119.000	»

O consumo mundial, que tem augmentado bastante, era em 1912, nos seguintes paizes, o destas cifras:

Estados-Unidos.....	7.065.190	saccas
Allemanha.....	2.847.188	«
França.....	1.855.188	»
Austria-Hungria.....	939.615	»
Belgica.....	669.368	»
Hollanda.....	649.800	»
Italia.....	460.444	»
Argentina.....	234.832	»
Inglaterra.....	219.520	»
Russia.....	196.014	»
Suissa.....	177.015	»
Egypto.....	119.248	»
Algeria.....	125.626	»
Canadá.....	108.145	»
Chile.....	80.000	»
Ilha de Malta.....	5.668	»
Japão.....	1.396	»
Somma.....	15.754.277	saccas

Superior a produção do café aos algarismos do seu consumo, sem prejuizo, entretanto, da supremacia brasileira, maiores baixas teriam occorrido, nestes ultimos annos, nos respectivos preços, se a providencia da *valorisação*, muitissimo bem calculada e preparada, e executada com o maior discernimento, não tivesse impedido a calamidade. Foi uma medida sabia e salutar, acertadissima. Onde, entretanto, subsiste o perigo da desvalorisação, que de todo convem evitar nos seus ruinosos effeitos, como uma necessidade nacional, é na enorme desproporção entre o café exportado e os demais productos da nossa exportação. Os seguintes valores, dados em numeros redondos, deixam a claro essa affirmativa pelo confronto entre a porcentagem do café e a dos demais productos na composição do valor total das mercadorias exportadas:

Em 1910

(*papel*)

Valor total da exportação..	939.413:000\$000	100,0%
» do café exportado...	385.493:000\$000	41,0%
» de outros productos.	553.920:000\$000	59,0%

Em 1911

» total da exportação..	1.003.925:000\$000	100,0%
» do café exportado....	606.529:000\$000	60,4%
» dos outros productos	397.396:000\$000	39,6%

Em 1912

Valor total da exportação..	1.119.737:000\$000	100,0%
» do café exportado....	698.371:000\$000	62,3%
	<hr/>	<hr/>
» dos outros productos.	421.366:000\$000	37,7%

Em 1913

» total da exportação...	972.730:000\$000	100,0%
« do café exportado.....	611.670:000\$000	68,8%
	<hr/>	<hr/>
« dos outros productos.	361.060:000\$000	31,2%

Em 1914

» total da exportação....	750.980:000\$000	100,0%
» do café exportado....	439.707:000\$000	58,5%
	<hr/>	<hr/>
» dos outros productos..	311.273:000\$000	41,5%

Em 1915 (11 mezes)

» total da exportação....	912.902:000\$000	100,0%
» do café exportado.....	545.792:000\$000	59,5%
	<hr/>	<hr/>
» dos outros productos..	367.110:000\$000	40,5%

Considerando o segundo producto de grande valor, que é a borracha, entre cerca dos duzentos que o paiz exporta para o estrangeiro, ver-se-á a influencia com que estas duas mercadorias, ellas somente, mo-

dificam o total da nossa exportação. São estes os coeficientes da borracha:

<i>Em 1910</i>	<i>papel</i>	
Valor total da exportação...	939.413:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	376.972:000\$000	40,1 %
<i>Em 1911</i>		
» total da exportação...	1.003.925:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	226.395:000\$000	22,5 %
<i>Em 1912</i>		
» total da exportação...	1.119.737:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	241.425:000\$000	21,5 %
<i>Em 1913</i>		
» total da exportação...	972.730:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	155.631:000\$000	15,9 %
<i>Em 1914</i>		
» total da exportação...	750.980:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	113.598:000\$000	15,2 %
<i>Em 1915 (11 mezes)</i>		
» total da exportação...	912,902:000\$000	100,0 %
» da borracha exportada	120.133:000\$000	13,1 %

Reunindo estas porcentagens, o resultado, que logo faz exigir sobre o assumpto a maior meditação, é este:

	<i>Contribuição do café</i>	<i>Da bor- racha</i>	<i>Total</i>
Em 1910.....	41,0 %	40,1 %	81,1 %
« 1911.....	60,4 %	22,5 %	82,9 %
« 1912.....	62,3 %	21,5 %	83,8 %
« 1913.....	68,8 %	15,9 %	84,7 %
« 1914.....	58,5 %	15,2 %	73,7 %
« 1915(11 ms.).....	59,5 %	13,1 %	72,6 %

O Sr. Presidente da Republica, sem juntar á affirmação, certa e segura, a prova, agora exhibida, disse a respeito do facto, cuja lição, senão aviso e conselho, os algarismos destas porcentagens encerram, o seguinte:

«As fortes oscillações a que estão sujeitos os dous principaes productos, o café e a borracha, constituindo um facto anormal, que convem assignalar, colloca a estabilidade economica do Paiz, não na dependencia directa do desenvolvimento do volume da nossa producção, mais nas mudanças bruscas que soffrem, systematicamente, aquellas duas mercadorias. Até hoje não houvera coincidência na baixa, concomitante, do café e da borracha, facto que se realisou em meiodos de 1913 e que se pronunciou no anno passado. Dahi se apura que o desenvolvimento da nossa expansão economica é devido, muito mais, ás altas occasionaes dos preços, do que o augmento da quantidade dos nossos productos exportados».

Só não disse o Sr. Presidente, que o remedio para o caso do café será sempre possivel, pela valorisação do producto, enquanto o Brazil mantiver, como até agora, o predominio da producção, desenvolvendo-se com esta o consumo geral da mercadoria; e que, de referencia á borracha, o remedio tende, para nós, a ser nenhum, desde que, crescendo no extrangeiro, continuadamente, a producção da borracha, o

nosso producto é offerecido aos mercados em condições que cada vez mais o affastam da concorrência.

Necessario é, pois, ter attenção não só no augmento de producção das outras mercadorias exportaveis, como ainda, e para todas, não se alheiar o productor de conseguil-as nas melhores condições economicas.



LVII

Das influencias do cambio no custeio dos emprestimos externos, tanto mais nocivas quanto mais se reduz a sua taxa, não é licito descrever. O facto, de si mesmo evidente, accentúa a superioridade das operações internas, se estas pudessem ter a extensão das outras, em que, pela variação do preço do ouro, o valor dos juros e das amortisações, em geral, tanto augmentam.

O emprestimo de 1888, da ex-Provincia da Bahia, mais que qualquer outro, em todo o paiz, sobejamente demonstra a incontestavel verdade. Contrahido ao typo alto de 91%, ou 455 francos por cada titulo de 500 francos, juros de 5% e amortisação accumulativa de 1%, e tendo produzido, em moeda papel,..... 6.317:947\$445, em cinco prestações aos cambios de $27 \frac{3}{8}$, $27 \frac{5}{16}$, $28 \frac{1}{4}$, 28 e $27 \frac{3}{16}$, nunca succedeo, nos 27 annos decorridos após a data do seo contracto, em 18 de Dezembro de 1888, que o seo custeio se fizesse, uma só vez fosse, sob o regimen dessas taxa.

A Bahia tem-no pago a todas as taxas, e, no anno de 1898, dez annos após o contracto de Dezembro, pagou até a taxa de 5 $\frac{5}{8}$ d.; sendo que, em 31 de Dezembro de 1913, a somma dos pagamentos realisados já ascendia ao formidavel total de..... 22.689:359\$924, continuando a dever, como capital restante, a somma de 10.949.000 francos, ou *mais de metade do emprestimo total* (do valor de vinte milhões de francos), ou, convertida á taxa cambial desse tempo, do valor de 16 d., 6.514:655\$000, ou, depois do pagamento effectuado de cerca de 23.000:000\$000, *mais que o total recebido de todo o emprestimo!*

Só as differenças de cambio, no pagamento realisado de 22.689:359\$924, subiram á consideravel cifra de 12.256:669\$197!

E para que esse ruinoso emprestimo? Para se pagar com elle o debito de 1.570:000\$000, de uma letra e do saldo credor da conta corrente do Banco da Bahia e se resgatar 4.129:700\$000, do valor das apolices de 7%, que a ex-Provincia tinha emittido. Se estes dous debitos tivessem sido conservados no seo capital, como o está, até hoje, *o do capital recebido do emprestimo de 1888*, e tivessem sido pagos, exclusivamente, a 10% (dobro dos juros do emprestimo) os juros da divida ao Banco da Bahia (1.570:000\$000) e

a 7%, conforme seos titulos, os das apolices da ex-Provincia, no valor satisfeito, de 4.129:700\$000, o dispendio do Thezouro, sem mudar a situação dos dous debitos, teria sido, até hoje, de 12.044:133\$000, quando, até Dezembro de 1914, esse dispendio attingio á somma de 22.689:359\$924.

Illustre financista nosso, apreciando o desastre dessas perniciosas influencias do cambio baixo no pagamento externo da divida federal, disse, com apoio nos factos, que, nos annos das peiores taxas, «as differenças de cambio chegaram a absorver mais de uma quarta parte do total da receita publica», lembrando, entre outros, estes exemplos: Uma remessa de Lbs. 3.770.065 ou 33.515:877\$850, ouro, feita em 1891, tinha custado 37.635:492\$634, papel, importando a differença de cambio em 4.119:614\$784; para remetter, em 1897, Lbs. 3.254:852-3-6 e Frs..... 18.656.080, tudo correspondendo a 35.521:232\$298, ouro, teve o Thezouro de despender 106.373:125\$696 em papel, verificando-se que a differença de cambio importou em 70.851:893\$398.

No «Retrospecto» do *Jornal do Commercio*, do anno economico e financeiro de 1914, está publicada, para o julgamento das differenças de cambio sobre o custeio da divida externa federal, que o orçamento de 1914

fixou em 51.765:406\$927, ouro, a seguinte e bem interessante tabella:

	<i>Valor em Papel</i>
Ao cambio de 16 d.	87.343:200\$000
“ “ “ 15 “	93.166:080\$000
“ “ “ 14 “	99.815:808\$960
“ “ “ 13 “	107.496:187\$680
“ “ “ 12 “	116.457:600\$000
“ “ “ 11 “	127.043:595\$840
“ “ “ 10 “	139.749:120\$000
“ “ “ 9 “	155.237:980\$800
“ “ “ 8 “	174.686:400\$000
“ “ “ 7 “	199.637:440\$800
“ “ “ 6 “	232.915:200\$000

Ao cambio de 12, que, em media, tem estado em curso, a differença seria esta:

Valor do custeio da divida externa federal.....	51.765:406\$927
Valor do mesmo custeio, ao cambio de 12 d.....	116.457:600\$000
Valor do acrescimo.....	<u>64.692:193\$073</u>

Ou seja uma differença, para mais, de 124%, de muito mais do dobro.

Maior seria essa differença se, custeada, effectivamente, a dinheiro a divida externa, da União e da maioria dos Estados, mantendo-se, ainda, o volume das importancias anteriores, o cambio, assim creada a necessidade de mais avultadas remessas de ouro, desse mais pelo encarecimento das especies metallicas.

«No momento actual», disse, com muito acerto, o referido *Retrospecto*, «se a relação de que resulta a taxa cambial, só comprehendesse os dous termos—*ouro e papel circulante*, A BAIXA DO CAMBIO TERIA SIDO CONSIDERAVELMENTE MAIOR. Mas a massa de papel inconversivel, augmentada pela recente emissão, foi, de alguma sorte, compensada *pela grande diminuição da importação e da somma a pagar no exterior, por se ter contrahido novo FUNDING*, e tambem porque se acha consideravelmente diminuido o numero de Brasileiros que no exterior viviam de rendimentos remettidos do Brazil.

«Desse equilibrio», ainda accrescenta, dá prova o nosso balanço de contas, que, em seguida, resumimos; e, se só dependesse d'elle a taxa cambial, é claro que esta devia ter permanecido estavel, na base em que por tanto tempo se manteve».

O balanço é este:

Valor da exportação de mercadorias em 1914.....	Lbs.	45.511.000
Valor da exportação de especies monetarias.....	«	8.257.000
Saldo do balanço de commercio, no anno anterior....	«	2.059.701
Capital novo, levantado em ouro	«	6.000.000
Somma.....	«	<u>62.827.701</u>

Valor da importação de mercadorias em 1914.....	Lbs.	35.439.000
Valor da importação de espécies monetarias	«	852.000
Importancia em que são orçados os demais encargos a attender no exterior, Lbs. 25.000.000, menos a somma dispensada, pelo <i>Funding</i> , cerca de Lbs 4.500.000...	«	20.500.000
Somma	«	<u>56.791.000</u>

Ou seja, de *saldo disponível*, a somma de Lbs. 6.036.701, entre o valor das exportações (Lbs..... 62.827.701) e o das importações (Lbs. 56.791.000).

O *Funding*, pois, que não é um empréstimo que se possa normalmente recomendar, muito vale nas épocas de crise, semelhante á de 1914, como operação utilissima, de absoluta vantagem, não só porque allivia os orçamentos de arrecadações diminuidas, como ainda porque, dando satisfação ao custeio de obrigações, não torna necessaria a remessa de ouro para o estrangeiro, quando, em geral, a taxa cambial, levada a indices inferiores, oneraria de muito o valor, em papel, dos pagamentos que o *funding* supprio. Sua influencia sobre a propria taxa cambial não é um valor, quando, tratando-se de grandes remessas de ouro o *Funding* affasta do mercado uma concorrência que, como a do Governo Federal, é sempre de vulto.

No caso da Bahia, variando de 15 a 20\$000 o valor da libra, entre as taxas de 16 e 12 e sendo de Lbs. 259.000 o custeio medio annual dos seus emprestimos externos, só a differença de cambio pesaria no orçamento da despeza pelo valor de 1.495:000\$000 a accrescentar á differença de 1.583:000\$000, oriunda do augmento do valor da libra entre as taxas de 27 e 16 d., tudo isso sem contar a importancia relativa ao valor, par, do custeio do serviço, na cifra de.....
2.301:992\$000.

Problemas, estes, muito complexos, e subordinados ás mais diversas dependencias, não podem ser apreciados pela opinião facil dos que julgam estas cousas sem a necessaria madureza.

O *Funding*, que o Governo Federal realisou, como uma insupprivel necessidade das finanças da Nação, e a Bahia bem a tempo contractou sob o peso das circumstancias, está sendo uma aspiração de diversos Estados do Paiz, que precisam regularisar os seus debitos no estrangeiro ou sentem a necessidade de evitar que possam os mesmos ficar em má situação.

Em finanças, quando se trata de obrigações a cumprir, não ha margem para o sentimentalismo.

LVIII

Duas casas francezas pediram, ultimamente, a exportadores brasileiros, por intermedio do Ministerio da Agricultura, o fornecimento de «grandes quantidades» de cêra de canaúba: a casa Fourchet, de Lyon, e a *Societé Générale des Cires Françaises*, de Montluçon.

Não é uma novidade o pedido. A Allemanha, ha muito tempo, nos comprava essa mercadoria da nossa industria extractiva, sempre em quantidade bastante superior á fornecida á Argentina, Belgica, Estados Unidos, França, Gran-Bretanha, Hespanha e Uruguay. De anno para anno cresciam mesmo as suas aquisições, que, do valor de 524:853\$000, em 1901, por 478.164 kgs. importadas, subiram, em 1905, a 1.832:735\$000 por 1.007.024 kgs. recebidas, ascendendo, em 1912, ao valor de 3.256:916\$000 por 1.821.529 kgs. obtidas em nossos mercados.

Nos annos ultimos de 1913 e 1914 a exportação brazileira da cêra de carnaúba já tinha um certo vulto:

	<i>Quantidade</i>	<i>Valor</i>
Em 1913.....	3.867.108	6.592.653\$000
“ 1914.....	3.315.693	5.511.990\$000

Nos tres annos anteriores o registo desta exportação guarda as seguintes indicações:

		<i>Valor a bordo</i>
Em 1910.....	2.680.986 kgs.	4.308.819\$000
“ 1911.....	3.214.152 “	5.856.606\$000
“ 1912.....	3.099.102 “	5.450.861\$000

Ou, pelo seo valor em ouro:

	<i>Em mil réis ouro</i>
Em 1910	2.525:813\$000
“ 1911.....	3.460:385\$000
“ 1912.....	3.230:139\$000

sendo os preços por kilogramma, em moeda papel, de 1\$607 em 1910, de 1\$822 em 1911 e de 1\$750 em 1912.

As procedencias, que de pouco se tem modificado, foram as seguintes em 1911 e 1912:

	<i>Em 1911</i>	<i>Em 1912</i>
Belem do Pará....	11.451 kgs.	28.410 kgs.
S. Luiz (Maranhão).....	37.445 “	94.408 “
Ilha do Cajueiro...	886.120 “	917.899 “
Camocim.....	— “	9.082 “
Fortaleza.....	1.253.592 “	1.238.711 “
Natal.....	21.871 “	2.392 “
Pernambuco.....	911.415 “	669.669 “
Bahia.....	89.486 “	138.531 “
Rio de Janeiro....	2.772 “	— “
Somma	3.214.152 “	3.009.102 “

De 1901 a 1905 tinha sido esta a exportação total do paiz:

	<i>Quantidade</i>	<i>Valor (papel)</i>
Em 1901.....	997.190 kgs.	1.043:781\$000
« 1902.....	1.547.171 «	1.698:875\$000
« 1903.....	1.925.955 «	2.661:601\$000
« 1904.....	1.995.546 «	4.067:567\$000
« 1905.....	1.896.557 «	3.291:126\$000

A cárnaubeira é uma planta de muitas utilidades, pois que nada se perde do que ella tem e dá, e tudo se aproveita: o tronco, a casca, as folhas, as raizes, os fructos e a cêra. Sobrevive ás outras plantas das regiões seccas ou aridas, florescendo nas mesmas epochas em que faltam, prolongadamente, as chuvas. Humboldt chamou-a—«a arvore da vida», e Ferdinand Denis, no seo conhecido e bem vulgarizado livro sobre o Brazil, disse della «que é a carnaubeira uma arvore á qual se prende a existencia de uma população inteira».

Por occasião do certamen nacional de 1908, realisado no Rio de Janeiro, a Bahia, onde é abundantissima a carnaubeira, exhibio, no jardim do seo lindo Pavilhão, uma construcção decorativa, em fórmula de corêto, para conter 40 pessoas, toda ella feita, exclusivamente, com material da preciosa planta: as columnas, o travejamento, a cobertura, as grades, os ornatos, vendo-se ali, alem da propria construcção, o

lenho, as materias primas, os fructos, as sementes, a cêra, as fibras e os productos industriaes da interessante palmeira. O Dr. Barboza Rodrigues, notavel scientista brasileiro e Director, então, do Jardim Botânico, conseguiu do Dr. Arlindo Fragoso, Delegado do Governo da Bahia, e membro da Commissão que representava o Estado e da qual era Presidente o Dr. José Joaquim Seabra, tendo servido com elle, alem do referido Delegado, o general Dyonisio de Cerqueira, o Dr. Afranio Peixoto e o engenheiro Sergio de Carvalho, que lhe fosse dada, para figurar, no Jardim Botânico, aquella curiosa construcção, o que, findo o certamen, logo se verificou.

A cêra da carnauba é, porventura, o seo principal producto, o que lhe attribue, acima de outras, a qualidade de planta industrial e lhe assegura, com tendencia para grandes desenvolvimentos, o valor de exportação.

Da *cêra*, que reveste as folhas novas da carnaúba, escreveram os Drs. Wencesláo Bello e Monteiro da Silva o seguinte:

«A *cêra* se apresenta sob o aspecto de uma materia pulverulenta sêcca, de côr cinerea, de cheiro especial, agradavel, sem sabor, unctosa ao tacto, soluvel no alcool e no ether, fusivel na temperatura de 85°,5, sendo que nesta temperatu-

ra póde ser facilmente purificada, sendo passada atravez de uma peneira.

«A cêra não é encontrada nas folhas antigas, pendentes da haste, porque basta qualquer choque, mesmo o movimento determinado pelo ar nas folhas, para que seja disseminada a grandes distancias».

Os portos principaes da exportação brasileira são os de Fortaleza e Recife; mas, o da Bahia está em condições de não ter competidor, porque a carnaubeira é planta que enche todas as regiões do S. Francisco, deixando aos naturaes a sua utilização grandes vantagens.

Os productos da carnaúba têm, pois, no Estado uma grande importancia para o consumo, sendo facil desenvolver o seo aproveitamento para a exportação da cêra, de valor economico bastante consideravel, attendendo ao preço medio da unidade da cêra, que é, na Europa e nos Estados Unidos, o producto procurado e, especialmente, aos coefficients de producção, computados em 1.807 grammas de cêra, por cada 100 folhas de fornecimento de uma palmeira, ou mais tratando-se das melhores terras, quando a producção pode attingir até o maximo de 6.250 grammas por grupo de 100 folhas.

O mal actual, na Bahia, como em todo o norte do Brazil, é que a cêra provém de carnaubaes esponta-

neos, abandonados, de velha data, ao seu florescimento nativo, quando é necessario, para tel-os em melhores condições economicas, estabelecer a cultura racional, systematisada, como se faz em Ceylão, onde, entretanto, a planta chegou por sementes levadas do nosso Paiz.

Temòs tudo, mas, em tudo se verifica que a acção do homem, para bem aproveitar as nossas riquezas naturaes, é, ainda, na industria extractiva, como na agricola, bastante limitada.



LIX

Ao tempo da Exposição Nacional de 1908 figurava a industria de fição e tecidos, segundo os dados estatísticos que, então, se reuniram, com um capital de 268.370:903\$000, avaliado em 665.576:663\$000 o capital das 38 industrias em actividade no paiz. A producção era de 171.110:108\$000, sendo de 741.536:108\$000 a das outras industrias. O numero de operarios não excedia de 51.992, calculado em 151.841 o de todas as fabricas da industria nacional.

As seguintes relações indicavam, em 1908, a posição da industria de tecidos, que contava, nesse anno, 194 unidades fabris, sendo o arrolamento geral de 3.258 estabelecimentos.

Relação do capital.....	40,32 %
« da producção.....	23,07 %
« do n. de operarios.....	34,24 %
« do n. de fabricas.....	5,06 %
« da producção para o capital.....	63,70 %

Indiscutível a preeminencia da industria de tecidos pelo capital nella empregado e o valor de sua produ-

ção, era, todavia, uma das ultimas, pelo coefferente de relação, de 63,7%, entre esses factores — a produção e o capital, no que, aparte as industrias do sal (33,0%) e dos fumos (44,1%), todas as outras a excediam, cabendo á industria do xarque (617,6%) o maximo d'aquella relação.

Esses elementos, *capital e produção*, estavam assim distribuidos, na referida industria de tecidos do paiz:

<i>Estados</i>	<i>Capitales</i>	<i>Produção annual</i>
Districto Federal... ..	76.032:259\$000	42.839:532\$000
S. Paulo.....	54.083:690\$000	44.990:510\$000
Rio de Janeiro.....	46.329:457\$000	22.674:900\$000
Pernambuco.....	19.241:660\$000	9.844:073\$000
Minas Geraes.....	17.734:372\$000	13.647:151\$000
Bahia.....	16.258:400\$000	10.861:650\$000
Maranhão.....	11.382:900\$000	4.882:992\$000
Rio G. do Sul.....	8.695:000\$000	9.025:000\$000
Alagoas.....	5.489:887\$000	4.134:764\$000
Sergipe.....	4.458:400\$000	2.616:105\$000
Ceará.....	2.405:000\$000	1.668:600\$000
Parahyba.....	1.778:000\$000	1.151:921\$000
Santa Catharina.....	1.702:000\$000	534:820\$000
Piauhy.....	1.069:878\$000	986.700\$000
Rio G. do Norte.....	875:000\$000	739:500\$000
Parauá.....	675:000\$000	150:200\$000
Espirito Santo.....	160:000\$000	362:500\$000
Somma.....	268.370:903\$000	171.110:918\$000

Quanto ao numero de estabelecimentos, ou fabri-

cas, e o dos operaios incumbidos de seus trabalhos, era a seguinte a situação :

<i>Estados</i>	<i>N. de Fa- bricas</i>	<i>N. de Ope- rarios</i>
Districto Federal.....	22	10.281
S. Paulo.....	30	9.738
Rio de Janeiro.....	25	7.140
Pernambuco.....	8	3.700
Minas Geraes.....	37	4.792
Bahia.....	13	4.080
Maranhão.....	13	3.762
Rio G. do Sul.....	9	2.418
Alagoas.....	5	2.080
Sergipe.....	4	1.288
Ceará.....	6	962
Parahyba.....	1	561
Santa Catharina.....	13	360
Piauhy.....	1	289
Rio G. do Norte.....	1	320
Paraná.....	5	171
Espirito Santo.....	1	50
	194	51.992

Eram, como até hoje, de muito maior numero, entre as fabricas de tecidos, as de *algodão*, sendo pequeno o numero de fabricas de tecidos de *juta, lã, aramina, linho e seda*.

As de algodão se contavam, entre as 194 da industria de tecidos, pelo numero de 161, com o capital de 234.428.403\$000, uma producção annual de

135.025:668\$000 e o numero de 46.000 operarios, assim divididos pelos Estados:

		<i>Capital</i>	
36	fabricas em Minas.....	17.284:372\$000	
15	“ no Dist. Federal.....	70.452:259\$000	
19	“ no Est. do Rio.....	43.899:457\$000	
23	“ em S. Paulo.....	38.946:190\$000	
6	“ em Pernambuco.....	17.801:660\$000	
12	“ na Bahia.....	15.758:400\$000	
12	“ no Maranhão.....	10.482:900\$000	
5	“ em Alagoas.....	5.489:887\$000	
4	“ em Sergipe.....	4.458:400\$000	
6	“ no Ceará.....	2.405:000\$000	
23 em	{ Rio Grande do Sul.....	7.449:878\$000	
			Parahyba.....
			Santa Catharina.....
			Piaulhy.....
			R. Grande do Norte.....
	{ Paraná.....		
<hr/>			
161	fabricas. Somma.....	234.428:403\$	

A producção, segundo a ordem do seo valor era a seguinte:

<i>Fabricas do:</i>	<i>Producção</i>
Districto Federal.....	36.737:332\$000
S. Paulo.....	29.150:510\$000
Rio de Janeiro.....	19.468:900\$000
Minas Geraes.....	11.371:151\$000
Bahia.....	10.412:320\$000
Pernambuco.....	9.219:674\$000
Maranhão.....	4.150:000\$000
Alagôas.....	4.134:764\$000
Os outros Estados.....	10.481:018\$000
Somma.....	135.025:668\$000

A relação entre a producção e o capital era, pois,

de 57,6% ou sejam 576\$000 de produção por cada 1.000\$000 de capital.

Em 1914, segundo a estatística do *Centro Industrial do Brazil* ha dias publicada no Rio de Janeiro, e que é a ultima estatística da industria nacional de tecidos, era esta a situação:

	<i>Augmento</i>
Numero de fabricas.....	109
" " operarios	22.104
Valor do capital 368.144:000\$000	99.773:000\$000
" da produção 278.289:000\$	107.178:000\$000

Estes augmentos representam, sobre os algarismos de 1908, as seguintes porcentagens:

Numero de fabricas	mais 56,1 %
" de operarios	" 42,4 %
Valor do capital	" 37,1 %
" da produção	" 62,6 %

As fabricas de tecidos, só de algodão, attingiram ao valor de 237.499:000\$000, relativo á produção, assim distribuida:

	<i>Produção</i>
Alagôas.....	5.900:000\$000
Bahia.....	14.300:000\$000
Ceará.....	1.620:000\$000
Districto Federal.....	57.570:000\$000
Espirito Santo	1.100:000\$000
Maranhão.....	9.780:000\$000
Minas Geraes	20.000:000\$000
Parahyba	1.800:000\$000
Paraná	612:000\$000
Pernambuco	15.000:000\$000
Piauhy	1.100:000\$000
Rio Grande do Norte	720:000\$000
Rio Grande do Sul.....	5.000:000\$000
Rio de Janeiro.....	29.500:000\$000
Santa Catharina.....	1.300:000\$000
S. Paulo.....	64.897:000\$000
Sergipe.....	6.300:000\$000
Somma	<u>237.400:000\$000</u>

A distribuição pelos Estados foi assim registada:

	<i>N. de fa- bricas</i>	<i>N. de ope- rarios</i>
S. Paulo.....	78	23.590
Minas	59	8.048
Districto Federal....	35	11.595
Estado do Rio	27	7.991
Santa Catharina	15	463
Paraná	8	173
Alagoas.....	10	2.010
Bahia	13	5.505
Ceará.....	10	990
Espirito Santo.....	3	230
Maranhão	13	3.870
Parahyba do Norte..	1	580
Pernambuco	9	3.720
Piauhy	1	300
Rio Grande do Norte .	1	280
Sergipe	8	2.979
Rio Grande do Sul..	12	2.582
	<hr/>	<hr/>
Somma.....	303	74.906

Não ha, pois, duvida sobre a melhor situação das fabricas de tecidos, no anno de 1914, ou sete annos após a estatistica feita para o serviço da Exposição Nacional de 1908.

Apezar, todavia, dessa melhor situação e das excepçoes vantagens asseguradas á industria de tecidos pelas tarifas proteccionistas, que impedem a importação, por muito menor preço, dos generos similares da industria estrangeira, aquella nossa industria

não se considera em condições de prosperidade, tendo sido innumerous os seus embaraços no anno da crise, aggravados em 1915 pela alta do algodão.

Tudo seria de outra maneira, em proveito dos industriaes e do Paiz, se a actividade destes, como os seus capitaes, tivessem preferido as industrias agricolas, que promettem, garantidamente, as mais altas compensações ao esforço dos que lidam em seus trabalhos.

A defeza das nossas industrias, que não supportam a concurrencia estrangeira, pelos privilegios de tarifas exaggeradas, senão absurdas, além de condemnaveis, como systema, para as industrias de tecido, é um regimen que não pode subsistir nem durar.



Ha uma accentuada tendencia da União, especialmente nos momentos de crise de suas rendas tributarias, em augmentar os impostos nas suas taxas e especies. Parece que este é o meio mais facil de concertar os orçamentos desfalcados. Ê curiosa, quanto aos contribuintes, a docilidade, apenas murmurante, com que elles se submettem ás novas exigencias do fisco federal, promptificando-se a pagar, sem grandes protestos, os tributos que sempre recusaram aos Estados, embora instituidos, por pequenas taxas, em condições de absoluta modicidade.

O imposto de consumo, creado sob o pensamento de compensar a depressão das rendas alfandegarias, e que produziu, no anno de 1897, a somma de 1.978:439\$091, logo subio, por um continuo desenvolvimento, ás cifras de 36.693:000\$000 em 1900, de 35.232:000\$000, em 1905, de 54.628:000\$000, em 1910, alcançando o seo maximo, de 65.091:000\$000, em 1913. Se baixou, em 1914, por effeito das perturbações desse

anno, que se seguiram, como factos naturaes, á calamidade da guerra, reduzindo-se a 47.653:000\$000 a cifra de sua arrecadação, presume-se que, em 1916, ou no exercicio corrente, não dará menos de 71.000:000\$000.

O orçamento da receita, que constitue a Lei n. 3.070 A, de 31 de Dezembro de 1915, assim avalia o producto, a cobrar, dos impostos de consumo:

Sobre o fumo.....	12.500:000\$000
“ bebidas	15.530:000\$000
“ phosphoros.....	10.500:000\$000
“ o sal.....	4.160:000\$000
“ calçados	2.250:000\$000
“ perfumarias.....	930:000\$000
“ especialidades pharmaceuticas	910:000\$000
“ conservas	2.280:000\$000
“ vinagres	260:000\$000
“ velas.....	390:000\$000
“ bengalas.....	29:000\$000
“ tecidos.....	14.340:000\$000
“ espartilhos... ..	104:000\$000
“ vinhos estrangeiros	3.800:000\$000
“ papel de forrar casa.....	203:000\$000
“ cartas de jogar	155:000\$000
“ chapéos.....	2.140:000\$000
“ discos para gramophone	25:000\$000
“ louças e vidros.....	140:000\$000
“ ferragens	500:000\$000
Somma.....	<hr/> 71.146:000\$000

Ha, nesse calculo, a differença das taxas augmen-

tadas. No orçamento para 1915 já tinham sido consignados diversos accrescimos, tambem votados para outros capitulos da receita. Com elles se conformaram, sem discrepancia, todos os contribuintes. Accordo, o que é de duvidar, ou respeito ás intransigencias do fisco federal, ou certeza da inutilidade de quaesquer reacções, embora calmas e revestidas de garantias legitimas contra os excessos da propria lei, o certo é que a União, aparte as fraudes, não encontra embaraços na cobrança dos impostos de sua receita.

Nos Estados, em geral, tudo se passa de modo bem diverso, influindo para a manutenção das difficuldades, que todos os dias se verificam na arrecadação, a condescendencia ou maior tolerancia de seos governos.

Na Bahia, por mais justo que seja o imposto sobre o alcool e as bebidas alcoolicas, nunca foi possivel cobral-o regularmente. Quando lançado, provocou sempre a queixa e o protesto, e, de uma vez, motivou agitações.

Mesmo na sua fórmula actual, de habilissima combinação pelo destino que lhe foi dado, de substituir, em somma equivalente á cifra de sua producção, os impostos de exportação, mesmo assim continúa a ser insignificante o valor apurado.

Os termos da lei, conservados no orçamento para o anno corrente (Lei n. 1.122, de 21 de Agosto de 1915), dizem assim:

Art. 8.º § 10—40 rs. por litro de vinhos de meza, cervejas, aguardentes, cognac, licores e vinhos capitosos, consumidos no Estado ficando isento o alcool desnaturado.

«O Governo regulamentará esta disposição especial, attendendo, entre outros, a estes dois objectivos principaes: receber, por intermedio do negociante, esse imposto de consumo, mediante declaração das quantidades expostas, ou mediante arbitragem dos lauçadores do Estado, feita sobre as quantidades remetidas com o respectivo destino.

«O Governo estabelecerá multas até 500\$000 e prazos para os pagamentos.

«De tres em tres mezes o Governo fará reduzir, em quantia equivalente á somma arrecadada, os impostos de exportação dos productos agricolas, distribuindo esse beneficio entre esses mesmos productos, conforme o mais razoavel criterio».

Camaras e Governo, associados na responsabilidade da lei, não quizeram, pois, esse imposto *para augmento da receita do Estado*, senão para alliviar com a sna renda os impostos de exportação dos productos agricolas, medida que, considerada sob qualquer ponto de vista, só applausos deve merecer.

Que outra aspiração mais nobre poderá caber aos Estados, no sentido de auxiliar e estimular o trabalho de sua agricultura, senão, a par do desenvolvimento

dos transportes, a gradual redução das taxas de sahida de seos productos? Pois não são os tributos que pesam sobre as mercadorias exportaveis um elemento de accrescimo, ás vezes, bem alto no preço de commercio e outras vezes, como succede em alguns Estados, em dadas occasiões, insuportavel ao custo de sua producção?

A renda, entretanto, do imposto, entre nós, sobre o alcohol e as bebidas alcoholicas, avaliada, no orçamento Federal, para 1916, em 15.530 contos, para 1915 em 15.600 contos, para 1914 em 10.000 contos, para 1913 em 9 mil contos e para 1912 em 7.800 contos, não produziu na Bahia em nenhum desses annos, a somma, ao menos de 350 contos, tendo sido a seguinte, na Capital do Estado, a sua arrecadação:

Em 1911.....	81:904\$676
« 1912.....	83:308\$416
« 1913.....	141:508\$327
« 1914.....	120:886\$684

Insignificante é tambem o producto do imposto sobre a renda proveniente de emprestimos de dinheiro, com ou sem garantia, e o da renda havida do capital applicado á propriedade territorial, cobrada á razão de 0,2 % sobre o valor venal da mesma, feito ainda o desconto de 40% do mesmo valor, a titulo de bemfeitorias.

É incalculavel a reluctancia do contribuinte na satisfacção desse imposto, por maiores que sejam, como o têm sido, as concessões de prazos dadas pelo Governo e de prazo e despenza de multas votadas pelas Camaras. Ninguem quer pagal-o, especialmente na Capital, onde a arrecadação só se realiza sob a dependencia de sua obrigação para a validade de transações, em que o pagamento do imposto se torna um dever indispensavel e insubstituivel.

Depois do orçamento para 1915, a que se refere a Lei n. 1.064, de 27 de Agosto de 1914, foi estabelecida a cobrança de 4 % em ouro, sobre os diversos impostos, destinando-se a um fundo especial para occorrer ao pagamento juros e amortisação da divida externa. A crise de 1914, que se extendeo com maior intensidade até o primeiro mez do 2º semestre de 1915, não permittio que fosse a arrecadação effectuada, posto que este accrescimo não correspondesse, no exercicio financeiro de 1915, para o total dos impostos orçamentarios, a uma differença de renda maior de 400 contos.

Em todos os Estados os factos se passam, em parte, da mesma maneira, embora o coefficiente de imposto, por habitante, seja na Bahia muito menor que o da maioria dos grandes Estados.

Ha, evidentemente, na repartição das rendas entre

a União e os Estados, uma penosa desproporcionabilidade, em virtude da qual não podem os primeiros, sem gravíssimos perigos para as administrações, dispensar ou mesmo reduzir as taxas de exportação, que, constituindo a principal fonte de suas receitas, são um entrave ao desenvolvimento economico dessas unidades da Federação.

Não se póde com bons fundamentos dizer que o regimen actual é o melhor, principalmente porque, dispondo a União de todos os recursos de ordem financeira, são poucos os que constituem, especialmente em épocas de crise, o direito dos Estados.

Demais, o mesmo contribuinte estabeleceu na pratica, com relação ao imposto, a lei de sua preferencia: á União elle paga tudo, seja o que fôr; ao Estado, por mais justo e necessario que seja o imposto, elle nada quer pagar.





LXI

São abundantísimas na Bahia as fibras vegetaes que a industria, com o maior proveito, pôde utilizar. No certamen de 1908, onde o Estado reunio, em mostruarios completos, excellentes especimens de suas numerosas e variadas materias primas naturaes, figuraram as fibras, despertando a curiosidade e a admiração de todo o mundo, especialmente dos estrangeiros, numa farta exhibição de amostras de todo o genero, abrangendo, a par das especies conhecidas, um sem numero de typos novos de tão valiosa riqueza textil.

N'um vasto quadro, de cerca de quarenta metros quadrados de área, que se prolongava, para acima do chão, por um estrado de oito metros de comprimento e dois e meio de largura, se extendiam, entre artefactos communs e alguns productos de melhor industria, as fibras dos sertões bahianos, etiquetadas com seguras indicações geographicas e de ordem scientifica, mas, infelizmente, sem nenhuma outras de natureza economica e commercial. Era tudo alli n'aquella assom-

brosa collecção, a riqueza revelada, incitando o interesse ao exame e ao estudo. Nada, porem, testemunhava o aproveitamento, a exploração, o uso industrial, a existencia, siquer, de quantidades accumuladas ou que, sem difficuldade, se pudessem obter para o tracto mercantil e subsequentes fornecimentos regulares.

As fibras, propriamente dictas, na Bahia como no resto de Paiz, são riquezas, por assim dizer, inexploradas. Nenhum commerciante acceitaria a responsabilidade de remettel-as para a industria estrangeira, como não se arrisca o capital a aviventar, entre nós, qualquer industria, que, organizada em ordem, tenha na utilização das fibras vegetaes o seo destino. O caso, em S. Paulo, da *aramina*, que, nesse Estado, se cultiva nos municipios de S. Roque, Bahurú, Piracicaba, Ribeirão Preto, Taubaté, Franca, Villa Bomfim, Batataes, Cravinho, Sertãozinho, Casa Branca, S. Simão, Funil, Iguape e, especialmente, em toda a zona de Campinas e que, vendida na capital, alimenta a fabrica da Moóca, é uma excepção.

Tem, todavia, commercio regular, neste Estado, a PIAÇABA, que Martius denominou—*attaléa funifera*, especie que se oppõe, na região amazonense, á *leopoldinia piassaba*, de Wall, plantas, uma e outra, da nossa flora e exclusivas do Brazil.

Fibras e fructos da *attaléa funifera*, a piaçaba e o coquilho, são elementos normaes da nossa exportação, procedentes, quasi sempre, de localidades proximas ao littoral bahiano, desde os municipios de Nazareth, Divina Pastora, Palame, Valença, Camamú, Barcellos e Marahú, até Olivença, Una, Porto-Seguro, Trancoso, Villa-Verde e Cannavieiras. Cultura não ha nenhuma.

A exploração, realisada em terras do patrimonio do Estado, quasi sempre clandestinamente, sob o processo das devastações barbaras, prepara, pela selva-geria dos *tiradores*, verdadeiros «vandalos», a destruição dos palmeiraes. Basta saber que, impellida pela inquietação do lucro facil, chega essa gente, muitas vezes, a *arrancar* as plantas, que, assim, arruinam e matam.

Fizeram-se, quanto ao coquilho, nos primeiros tempos da republica, algumas experiencias, logo abandonadas, para o seo aproveitamento como combustivel, o que, de certo, não foi novidade, porquanto, desde o meiado do seculo derradeiro, se tinha utilizado desse modo o fructo da *attaléa funifera* em transportes da nossa capital para Cachoeira e S. Amaro.

Os *coquilhos*, classificados a par dos *cócos* na estatistica de nossa exportação, interior e exterior, têm estas cifras de registro:

<i>Annos</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Valor official</i>
1910.....	7.921 volumes	60:215\$000
1911.....	5.224 »	39.687\$000
1912.....	1.197 »	8.486\$000
1913.....	7.133 »	50.768\$000
1914.....	7.798 »	56.530\$000

A *piaçaba* oferece algarismos mais altos na estatística de exportação do Estado:

<i>Annos</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Valor official</i>
1910.....	1.397.159 kgs.	439:708\$250
1911.....	1.498.297 »	464:252\$710
1912.....	1.733.232 »	527:482\$300
1913.....	1.687.217 »	491:495\$650
1914.....	2.002.925 »	508:787\$660

A estatística da exportação para o exterior, organizada pelo Ministerio da Fazenda, guarda estes dados:

<i>côcos</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valor official</i> (papel)
1910.....	1.369 centos	13.685\$000
1911.....	1.726 »	17.410\$000
1912.....	2.369 »	29.920\$000
1913.....	1.823 «	30.548\$000
1914.....	1.820 »	24:621\$000

<i>COQUILHOS</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valor official</i> (papel)
1910.....	550.712 kgs.	66:086\$000
1911.....	394.728 »	47.368\$090
1912.....	76.002 »	9:120\$000
1913.....	485.019 »	58:202\$000
1914.....	796.118 »	113:609\$000

PIAÇABA	Quantidades	Valor official (papel)
1910.....	1.125.827 kgs.	488:882\$000
1911.....	1.349.023 »	571:103\$000
1912.....	1.581.500 »	702:745\$000
1913.....	1.457.050 »	574.465\$000
1914.....	1.781.535 »	653:368\$000

Os preços, sem justa razão, são agora iguaes ou inferiores aos da media do quinquennio de 1901 a 1905 —de 125 rs. para o coquilho e de 576 rs. para a piaçaba, por kilogramma:

COQUILHO	Preço por kg.
1910.....	120 rs.
1911.....	120 »
1912.....	125 »
1913.....	120 »
1914.....	142 »

} Media: 125 rs.

PIAÇABA	Preço por kg.
1910.....	434 rs.
1911.....	423 »
1912.....	444 »
1913.....	396 »
1914.....	366 »

} Media 412 rs.

Da Bahia, pois, se deve dizer que, neste assumpto das fibras vegetaes, ella tem tudo a fazer: aproveitar, racionalmente, as fibras que se não exportam e que até hoje não foram objecto de commercio; defender, quanto

ás que se exportam e entram no computo mercantil das transacções communs, as plantas de que se originam e que a exploração dos *tiradores*, todos os dias, reduz e, afinal, ha de aniquilar.

A situação do Brazil é a mesma da Bahia, sendo as fibras uma riqueza real, sobre a qual se dão aos mercados estrangeiros, repetidamente, copiosas informações, mas que, entretanto, não têm existencia no commercio para o serviço, muitissimo necessario ás industrias, das trocas economicas.



LXII

O orçamento de S. Paulo para o corrente anno, na conformidade do que estabelece a Lei n. 1.492, de 29 de Dezembro de 1915, fixa a despesa desse Estado em 80.648:399\$770, inclusive o saldo, calculado, de 45:053\$684, e orça a sua receita em 80.648:399\$770, uma e outra assim distribuidas:

RECEITA:

Ordinaria.....	77.438:399\$770
Extraordinaria.....	3.210:000\$000
	80.648:399\$770
Somma.....	80.648:399\$770

DESPEZA:

Secretaria do Interior.....	24.683:174\$200
« do Segurança.....	18.183:695\$000
« da Agricultura.....	14.296:126\$992
« da Fazenda.....	23.440:348\$896
	80.603:346\$086
Somma.....	80.603:346\$086
Saldo.....	45:053\$684
	80.648:399\$770

A renda dos tributos, avaliada, em 64.037:000\$000
compreende as seguintes verbas;

a) Impostos de exportação....	38.785:000\$000
b) Transmissão de propriedade	6.900:000\$000
c) Imposto de sello.....	1.400:000\$000
d) Imposto de viação.....	2.500:000\$000
e) Impostos sobre a proprie- dade urbana.....	2.151:000\$000
f) Imposto sobre o capital:	
Imposto de commercio....	3:000:000\$000
Emprezas industriaes.....	150.000\$000
Sociedades anonymas.....	1.200:000\$000
Sobre o capital particular de emprestimo.....	1.200:000\$000
Sobre immoveis, não cafeei- ros, e predios urbanos destinados a aluguel...	1.700:000\$000
g) Imposto sobre loterias.....	780:000\$000
h) Imposto sobre subsidios e vencimentos.....	800:000\$000
i) Imposto de consumo de aguardente.....	650:000\$000
j) Impostos por diversas taxas.....	2.821:000\$000
	<hr/>
Somma.....	64.037:000\$000

O plano da receita é, em geral, o mesmo do orça-
mento da Bahia. Somente os tributos são mais nume-
rosos e mais altas as respectivas taxas, contribuindo a
exportação com cerca de 62'1. da renda dos impostos,
fóra desta cifra a sobretaxa de 5 francos por sacca de

café exportado, o que dá, em media, a renda, com applicação especial, de Frs. 55.000.000.

Na receita total, excluidas esta sobretaxa, que não figura no calculo orçamentario, e as rendas patrimoniaes e industriaes, no valor de 13.401.399\$770, fica sendo a sua importancia de 67.247.000\$000, ou sejam, por habitante, para uma população de 3 milhões, 22\$415.

O orçamento da Bahia, do valor de.....
18.130.307\$000 para a receita calculada, e sendo as rendas patrimoniaes e industriaes do valor de.....
4.290:500\$000, exige a contribuição, por habitante, de 5\$535, ou seja uma differença, a favor da população da Bahia, de 16\$880. Quer isto dizer que, em media, cada habitante da Bahia deve pagar ao Thesouro 75% menos do que cada habitante d S. Paulo deve pagar ao erario desse Estado, não se levando em conta, todavia, o imposto da sobretaxa.

Na despeza pezam sobre o orçamento paulista, e em muito maior escala, as verbas que bastante contribuem na Bahia para onerar o seo orçamento, destacando-se acima de todas a do pessoal, que ali avulta, por serem, entre outros motivos, mais numerosas as repartições e mais divididos os diversos serviços publicos.

São de grande importancia as seguintes:

a) Para juros diversos da divida externa, da interna fundada e da divida fluctuante, representada por letras do Thezouro, por depositos do cofre de Orphãos e fiança em dinheiro.....	11.118:303\$464
b) Para differenças de cambios	4.568:500\$536
c) Para aposentados, reformados e funcionarios em disponibilidade.....	1.526:740\$896
d) Para subvenções e auxilios a Casas Pias e instituições diversas.....	1.964:050\$000
e) Para garantia de juros, por contractos e obrigações diversas.....	500:000\$000

São altas, na despesa orçamentaria, as verbas de diversos serviços publicos, destacando-se, entre outras as seguintes:

Instrucção Publica primaria, secundaria e superior.....	18.096:401\$000
Hospicio de Alienados.....	1.013:200\$000
Serviço Sanitario.....	2.197:160\$000
Administração da Justiça..	2.015:280\$000
Serviço Policial.....	1.662:520\$000
Prisões do Estado.....	1.727:380\$000
Força Publica.....	12.302:115\$992
Obras Publicas em geral...	3.427:440\$000
Contractos e subvenções de serviços.....	3.566:366\$998
Serviço de aguas e exgottos, inclusive o custeio do tramway da Cantareira.	3.349:320\$000

Só o pessoal do ensino primario custa, annualmente, 13.930.440\$000, ou mais que a renda total dos tributos, inclusive a receita extraordinaria, do orçamento da Bahia, para 1916; só o pagamento do pessoal da Directoria e Secretaria do Serviço Sanitario custa mais, posto de lado o pessoal dos diversos institutos, laboratorios, hospitaes e commissões sanitarias do Estado, que todo o serviço da Saude Publica da Bahia.

Deve-se crer que o conselho do Dr. Sampaio Vidal, Secretario dos negocios da Fazenda do Estado de S. Paulo, dado no seu relatorio de 1914, quando disse que a «restauração financeira desse Estado dependia de um conjuncto harmonico de providencias, umas do Poder Legislativo, outras do Poder Executivo», fosse bem ouvido. De outra sorte não se comprehenderia, após tantos annos de seguidos «deficits», um orçamento de tão avultadas cifras e pelas quaes, para manutenção dos serviços existentes, precisa São Paulo pedir a cada um dos seus habitantes uma quota de contribuições tres vezes maior do que a estabelecida no orçamento da Bahia, no valor de 5\$535, por habitante, quando a de S. Paulo vae além da importancia de 22\$000 por habitante.

Dir-se-á que S. Paulo é o café, producto sem

concurrentes no mercados do Mundo, como o não são os outros do paiz, e por isso mesmo susceptivel de ser valorizado nas horas amargas das crises.

E' isto uma verdade; mas não o é menos que, apesar disto, soffre S. Paulo, pelos seus orçamentos altos, de prodigos serviços e luxuosissimas despezas, as angustias de uma situação financeira que o orgulho de seus filhos já não impede de chamal-a, em justa confissão, de assustadora.



LXIII

E' incontestavel a vantagem da «informação», que move a curiosidade, ou satisfaz o interesse, nos serviços de expansão economica. Prompta e segura, esclarecida e capaz, tão minuciosa quanto bem orientada e, sobretudo, de feição pratica no que indica ou adverte, a informação habilita o commercio de todas as coisas, capitaes ou mercadoria, avisinhando para a actividade das trocas, nas suas diversas relações, os que produzem dos que consomem. Sem a informação, elucidativa ou avisadora, que dá a conhecer, de um para outro paiz, a existencia de utilidades negociaveis, a sua importancia economica e o seu valor, seria impossivel a propaganda dos productos que chegam aos mercados novos e para os quaes, na successão do tempo, se buscam, como ensaios, as primeiras collocações e, em seguida, accentuando-se a procura da necessidade, a estima mercantil. Não pôde haver offertas para os generos desconhecidos ou cujas qualidades se ignoram para as preferencias sobre os de outras origens.

Tudo está, para o exito da propaganda, que esta se faça com methodo, disciplina e ordem, sob as garantias de provas que a concurrencia dos interesses não possa desmentir.

Neste particular *os escriptorios de informação*, como o que o nosso Paiz mantem na capital da França, prestam inestimaveis serviços, especialmente quando se lhes reunem, para a propaganda pratica, exposições permanentes de productos, que todos veem e podem examinar, multiplicando, de perto, as indagações sobre o seo valor de commercio e as vantagens de sua prestabilidade para as transformações da industria e os usos immediatos do consumo.

«*O Escriptorio de Informações do Brazil, em Pariz*», disse, ha pouco tempo, o seo Director, Sr. Delphim Carlos B. Silva, «está collocado em situação de servir muito efficazmente de traço de união entre os productores e exportadores brazileiros e os consumidores e importadores europeos; áquelles indica os novos mercados, á medida que estes se abrem, assim como as modificações que vão soffrendo os já estabelecidos, alguns dos quaes, certamente, adquirirão maior importancia, em detrimento de outros; informa aos mesmos productores e exportadores sobre as classificações e cotações das mercadorias, materias primas e

demais artigos que o Brazil pôde exportar, bem como sobre a importancia da procura, dos contractos em perspectiva e dos negocios a realisar; proporcionallhes, em resumo, todos os dados e esclarecimentos praticos, que os habilitem a tomar parte, com vantagem, na concurrencia para o fornecimento avultado de toda a especie, que, durante longo tempo, ainda, os paizes d'além mar terão que fazer á Europa e de cujos beneficios poderá aproveitar, em larga escala, o nosso commercio de exportação».

Não é de pequena importancia lembrar, a este respeito, a ignorancia em que se manteve, por longo tempo, a mesma França sobre as nossas madeiras, quando esse paiz, importando de outros, nos cinco annos decorridos entre 1909 e 1913, 1.959.000 toneladas metricas de madeiras de toda a especie, não quiz do nosso Paiz, pelo desconhecimento dessa maravilhosa riqueza de todos os nossos Estados, mais de 1.400 toneladas, sendo a contribuição dos outros, onde essa mercadoria vae faltando e tanto tem encarecido, verdadeiramente notavel, segundo o demonstram, pelas diversas procedencias, os seguintes algarismos :

<i>Procedencias</i>		<i>Quantidades</i>	
		Tons.	Metricas
Russia	900.000	Tons.	Metricas
Suecia.....	500.000	“	“
Estados Unidos...	130.000	“	“
Austria Hungria..	94.000	“	“
Allemanha.....	90.000	“	“
Argentina.....	31.000	“	“
Colonias Francezas	30.000	“	“
Belgica.....	24.000	“	“
Roumania.....	20.000	“	“
Haity.....	19.500	“	“
Noruega.....	15.000	“	“
Japão.....	14.500	“	“
Colonias Inglezas.	12.500	“	“
Mexico.....	12.000	“	“
Turquia.....	9.500	“	“
Hespanha.....	9.000	“	“
Cuba.....	8.000	“	“
Col. Hollandezas..	6.500	“	“
Italia.....	6.500	“	“
Sião.....	5.000	“	“
Nicaragua.....	2.000	“	“
Brazil.....	1.400	“	“
Outros paizes.....	8.100	“	“
Total.....	1.950.000	“	“

De toda a parte vieram, pois, as madeiras para a França, sendo mesquinho o fornecimento do Brazil, que, entretanto, possui, como se apurou na grande Feira Nacional de 1908, numerosas especies e, n'uma extensão incalculavel, variedade dos melhores typos, para todos os mistéres da industria.

Os mostruarios do Escriptorio de Pariz, uma vez

convenientemente organizados, logo autorisaram 105 pedidos de informações e a remessa, para estudos e experiencias, de 234 amostras de madeiras differentes, sendo que se estendeu sobre as nossas melhores madeiras, na ultima exposição de Lion, a admiração conseguida na Exposição Permanente de Pariz.

Digna, talvez, de maiores reparos é a infima importação brasileira do fumo, que a Régie, entretanto, recebia da nossa produção, na importancia de $\frac{1}{7}$ do que exportavamos, pelos portos de Hamburgo e Bremen.

O Escriptorio age, agora, para que se modifiquem esta e outras relações da nossa produção com o commercio exterior. Só no serviço de informações, deo o Escriptorio cerca de 7.000, tendo distribuido, no anno de 1914, cerca de 5.906 publicações.

Na Exposição Permanente tem os nossos mostruarios 5.013 amostras differentes, sendo de 1.362 o numero das que se distribuiram na propaganda pratica de productos.

Conta o Brazil, na Europa, mais outro Escriptorio da especie do que o Governo Federal mantem em Pariz, o de Genebra, além das Camaras de Commercio de Pariz, Bruxellas e Hamburgo.

O Sr. Ministro da Agricultura, no Relatorio de 1915, declara que milhares de interessados visitam,

annualmente, o Escriptorio do Brazil em Genebra, e põe em justo relevo os resultados produzidos por elle sobre a propaganda do *matte* e do *café*. Da influencia da Camara de Commercio Brasileira de Hamburgo, se registam os movimentos do Reichstag Allemão contra as falsificações do café.

Serviço utilissimo, é indispensavel que todos os Estados tenham na Europa, por intermedio desses Escriptorios, uma assidua propaganda de seus productos, mutiplicando-se as informações, convenientemente documentadas, sobre os que elles exportam sem a possivel extensão, e que a industria européa pode, no seo e em nosso interesse, largamente aproveitar.

Não será admirando as nossas proprias riquezas, conservadas no solo, e ao abandono de toda a exploração, que as faremos estimar, porque, só depois que se tornam utilidades, é que serão valores.

O trabalho e a propaganda, em tão indispensavel conquista, são tudo : o trabalho para a effectividade da producção; a propaganda para que, conseguidos os productos, estes possam encontrar mercados em que circulem, facilmente, para as trocas commerciaes do seo destino.

LXIV

Marcam os primeiros ensaios da cultura do fumo na Bahia a epoca da «descoberta», sendo que bem cedo figura na exportação do Brazil para a Metro-pole, entre as riquezas agricolas que aqui se acharam e foram sendo aproveitadas, a das folhas dessa estimada planta, que, antes do europeu, já os indigenas utilisavam.

Nas chronicas de Gabriel Soares, vindo ao Brazil em 1570, onde viveo, como agricultor, pelo tempo de 17 annos, está a noticia da cultura e usos do fumo:

«A folha desta herva», são palavras suas, «como é secca e curada, é muito estimada dos indios, mamelucos e dos portuguezes, que bebem o fumo della, ajuntando muitas folhas destas, torcidas uma com as outras e mettidas em um canudo de folha de palma e põe-lhe fogo por uma banda e como faz braza mettem este canudo pela banda na bocca e sorvem-lhe o fumo para dentro, até que lhe sahe pelas ventas fóra».

Na *Balança Commercial*, velho documento de nossa historia economica, se registam, quanto á ex-

portação, do fumo, os dados de 1797, a 1818; e, de mais longe, se guardam outros, «attestando a importância da Bahia na cultura e produção do fumo», no *Discurso Preliminar, Hitorico Introductivo com natureza de descripção economica da Comarca e Cidade da Bahia*, precioso manuscrito, que os «Annaes da Bibliotheca Nacional, em seo volume XXVII, divulgaram.

Mas, assim antiga, a cultura do fumo não se adelantou na Bahia, posto que dissesse a seo respeito o Cons. Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque, no livro que publicou, em 1865, com o titulo de «*Manual da Cultura, Colheita e Preparação do Tabaco*», que era a Bahia o logar em que a planta «se trata com o maior esmero e o fumo é melhor preparado».

«Todas as provincias do Imperio», tal o seo dizer, «produzem tabaco; mas a da Bahia foi, desde os tempos coloniaes, como ainda hoje o é, o assento principal desta lavoura e onde a planta se trata com o maior esmero e o fumo é melhor preparado.

Não são, de certo, os de hoje os processos rudimentares dos indigenas, que os civilisadores aprenderam para as primeiras culturas da colonia e pelas quaes se fizeram, para Portugal e Africa, as primeiras exportações. Mas afóra os ensaios actuaes dos campos Suerdick, onde as culturas se realisam, com

immensa vantagem, pelos methodos racionaes, a producção, quasi ao desprezo de toda a regra, se effectua, no Estado inteiro, pela só excellencia do solo bahiano, sobejando aquellas terras em que, ha cerca de um seculo, como as de Cachoeira, S. Felix, Muritiba, S. Gonçalo e varias outras, o fumo dá com a mesma exhuberancia, rivalisando na qualidade com os melho- res de varios paizes da America, em que, nativos ou transplantados, os fumos se notabilisaram.

Sergio de Carvalho, incumbido de traçar uma monographia do fumo para o grande livro do certamen de 1908, escripto sob a responsabilidade do *Centro Industrial do Brazil*, o mesmo disse:

«A Bahia, a primeira região cultivadora do fumo, ficou estacionaria nas praticas que recebeu com as tradições historicas dos primeiros colonisadores. Percorrendo-se os centros mais importantes de producção, sente-se que por ali domina a superstição das praticas rotineiras, que se communicam de geração em geração, e nenhuma continuidade indicativa da indiferença por taes assumptos, despertam aos seus interessados mais directos».

Esta opinião não é diversa daquella que expendeu o Dr. Francisco Vicente Vianna, na sua *Memoria Historica sobre o Estado da Bahia*:

«Se a cultura intelligente e periodicamente reforçada pelas restituções e pelo processo das lavras aperfeiçoades viesse a vingar entre os cultivadores do fumo, é certo que nenhum outro paiz

se avantajaria ao nosso em semelhante fama, porque em nenhum encontrará elle mais sympathia e mais recursos de trabalho.

«A importação que fazemos do fumo de Sumatra e de Cuba para capas de charutos é a demonstração mais positiva de que reconhecemos a excellencia desse producto, que, entretanto, só é superior ao nosso porque resulta de processos de bonificações mais racionaes».

É certo que a Bahia tem zonas de preferencia para a cultura do fumo; mas é tambem verdade que elle dá em toda a parte, mesmo quando os cultivadores o tratam sem cuidado.

Basta saber que é a cultura do pobre, do pequeno lavrador, dos que, á falta de recursos, não raro, a empreendem, mesmo sem capitaes. Ainda assim são sempre altos os algarismos da producção, mantendo a Bahia absoluta preeminencia entre os diversos Estados productores—Minas, S. Paulo, Santa Catharina, Goyaz, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Piauhy, Rio Grande do Norte, e Rio Grande do Sul, sem contar outros departamentos em que a producção é insignificante.

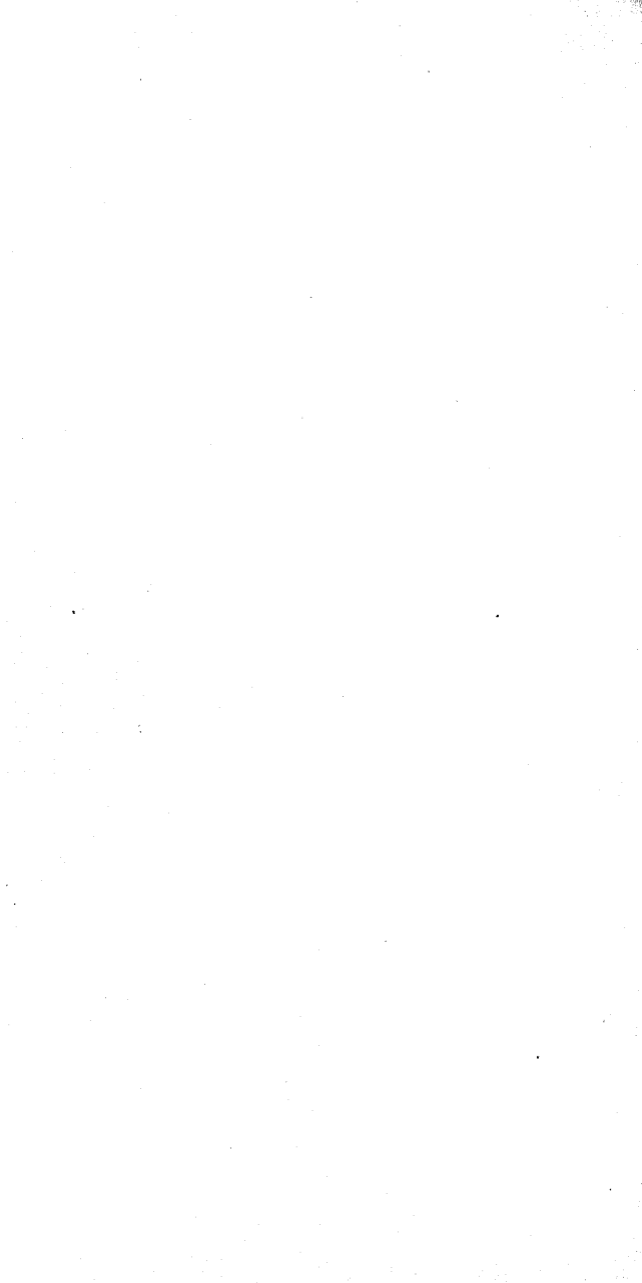
Na exportação para o exterior se renovam os documentos desta affirmativa, considerando-se a relação entre o total da exportação do Brazil e a da Bahia:

	<i>Total exportado</i>	<i>Exp. da Bahia</i>
1908.....	15.263.864 kgs.	14.612.910 kgs.
1909.....	29.781.757 "	27.457.125 "
1910.....	34.148.779 "	33.179.492 "
1911.....	18.489.122 "	18.017.027 "
1912.....	24.705.584 "	24.102.016 "
1913.....	29.387.835 "	25.236.121 "
1914.....	26.980.448 "	26.212.714 "

Nada mais expressivo que estes algarismos, demonstrando a posição que guarda o fumo da Bahia, pelo seu valor no computo da exportação nacional.

Tratado sem arte, sem obediencia, em geral, a nenhum systema, ao abandono de toda selecção, e exportado sem as necessarias bonificações, que de muito lhe fariam crescer o valor industrial, é o fumo uma grande riqueza da Bahia, cuja importancia ha de augmentar, progressivamente desde que se lhe dê os cuidados de que carece a sua cultura racional.

Como parcella de nossos orçamentos na renda da exportação, bem se o pode comparar a esta outra grande riqueza, que é o cacáo e da qual guarda o fumo, entre os annos de 1897 e 1914, esta singular differença: a de nunca ter descido o fumo aos menores indices da exportação do cacáo; a de nunca ter subido o cacáo ao registro maximo da exportação do fumo.



LXV

A *Sociedade Nacional de Agricultura*, que tantos serviços tem prestado ao paiz, organisa, neste momento, as bases da «Conferencia Algodoeira», cuja séde, até agora, não está marcada. Ainda que os seus effeitos não passem das communicações theoricas, accumulando sobre o importante assumpto, nos pareceres dos especialistas, os estudos de cada opinião, mesmo assim será a Conferencia uma reunião utilissima. Materia nenhuma da nossa actividade agricola está por tal forma esclarecida, que possa dispensar, sob a allegação de particularisar principios, aquellas contribuições, até porque, na corrente actual desses exames, já se não faz nenhum que dispense, com a investigação scientifica, os informes de feição commercial e de ordem economica.

Demais o sr. Ministro da Agricultura, que inspirou e dirige a Conferencia, estabeleceu, como insuprivel necessidade, a conveniencia de se lhe imprimir um character pratico, precisamente o que, de sua pro-

pria orientação, recommenda a *Sociedade Nacional de Agricultura*.

O inquerito de 1908 está velho e falho. Não diz a situação actual da cultura da preciosa malvacea, que encontra em numerosos Estados, especialmente no norte e no centro do paiz, extensos campos e zonas adequadas ao seu facil e vantajoso desenvolvimento. Ha questões que, communs a todas as culturas, se repetem como problemas sem effectiva solução: as referentes, principalmente, á organização do trabalho, ás difficuldades do credito e á falta de transportes. Mas, se assim é, não virá mal em lembral-as de novo, discutindo o seu modo de ser e os meios de attendel-as.

Como propugnar, sob qualquer ponto de vista, o melhoramento da cultura do algodoeiro e de outras plantas uteis ao nosso consumo ou exportação, abandonando os assumptos a que se prendem a sua lavoura e o seo commercio? Accaso será possivel, sem essas indagações, animar a iniciativa dos agricultores e decidir o Governo, tanto da União como dos Estados, ás medidas de impulso e auxilio que se fazem necessarias?

O facto da observação é evidente: abundam no paiz as terras adequadas á cultura do algodeiro, sobejando, em varios departamentos da Nação, aquellas em que, sem maiores penas nem cuidados, a producção se realisa, pela qualidade e a quantidade, em condições de

vantajosa compensação. E, comtudo, essa produção não tem tido desenvolvimento proporcional ás necessidades internas da industria do algodão. Por que?

Na estatistica do nosso commercio exterior, de 1913, o algodão, como materia prima, está registado, na importação do paiz, pela quantidade de 3.500.992 kilogrammas, no valor, em papel, de 9.900:531\$000, não baixando em 1914, apesar dos embarços das crises desse anno, a menos de 2.108.375 kilogrammas, no valor de 7.171:154\$000. Ha dez annos, em 1906, era a mesma a importação—de 2.590.429 kilogrammas, procedente de treze paizes diversos.

A exportação, registada, em 1913, em 37.423.616 kilogrammas e, em 1914, em 30.434.137 kgs., era, em 1906, de 31.652.577 kgs., o que attesta, senão decrescimento, uma situação que pouco variou, tanto mais de notar, quanto, em 1800, só as provincias de Pernambuco, Bahia, Pará e Rio de Janeiro, segundo as estatisticas de Appelt, exportavam, de algodão, 11 milhões de kilogrammas, que, em 1865, subiram a 22 milhões e foram, em 1874, até a cifra de 78 milhões de kilogrammas.

As nossas fabricas, certamente, consomem uma grande quantidade da produção nacional; mas, a despeito deste facto, são de surprehender e inquietar os estreitos limites em que se encerra a nossa lavoura de

algodão, quando o paiz conta, em condições admiraveis, os dois grandes elementos de que mais necessita a valiosa planta—o clima e o solo.

No inquerito, a se apurar na Conferencia, sobre a situação actual da cultura do algodoeiro e da industria do algodão, só este beneficio compensará o esforço de organizal-a, alem de que é legitimo esperar de seus trabalhos, praticamente orientados, outras e numerosas vantagens.

A Conferencia, pois, merece ser animada e deve ter o apoio dos governos dos Estados e de quantos se interessam, verdadeiramente, pelos interesses da nossa producção.



LXVI

A *Conferencia Algodoeira*, se vingar, como é de crer, o pensamento da *Sociedade Nacional de Agricultura*, comprehenderá os «plantadores,» os «industriaes» e os «commerciantes de algodão». Politicos e doutores, excepção feita dos que lhe estão promovendo a organização, esses, foram excluidos. O convite ao Dr. Carlos Moreira, cathedratico de Entomologia no Museu Nacional, se explicará, talvez, pelo alto valor scientifico do professor, tanto que a indicação do seu nome se apoiou na lembrança de haver o Governo Federal lhe confiado o estudo, no proprio local, da praga dos bezouros, que atacam, em Pernambuco, a lavoura de canna e, em Minas, os arzoaes.

Os Estados, assim foi combinado, só poderão ter como seus representantes, na Conferencia, agricultores. Este exclusivismo não será, certamente, absoluto: Nada ha de impedir, por exemplo, que representem a Bahia os agronomos Sergio de Carvalho e Gustavo d'Utra, professor, o primeiro, do Museu Nacional e o

segundo da Escola Superior de Agricultura, tendo occupado o ultimo, anteriormente, o cargo de cathedratico de Agronomia na Escola de S. Bento das Lages e exercido varias commissões, por incumbencia de S. Paulo, no Instituto Agronomico de Campinas e na Europa. Depois, quem excederá, na Conferencia, a qualquer um delles, como competencias profissionaes nos assumptos que em suas reuniões se vão discutir? Gustavo d'Utra, em assumptos agricolas, é um especialistas de notoriedade, sendo sem conta os seus estudos, já publicados, sobre a maior parte, inclusive a do algodoeiro, de nossas culturas. Sergio de Carvalho, auctor da *Cultura do Fumo*, nos repositorios, de 1908, do «Centro Industrial do Brazil,» o consultor tecnico, por longos annos, da antiga secção de Agricultura do Ministerio da Viação e, junto a varios Ministros, do Ministerio da Agricultura, é, entre os nossos scientists, um dos que mais conhecem a Bahia agricola e, pois, com segurança, saberá dar sobre ella, com relação ao algodão, os melhores informes.

Salva a extranha idéa da «Sociedade Nacional de Agricultura» o seu intento. Ella quiz preferir, naturalmente, na representação dos Estados os que têm immediatos interesses, como cultivadores, nos debates e resoluções da Conferencia. Não podia, pois, eliminar dessa representação, como os industriaes e commer-

cientes de algodão, as grandes competencias no assumpto, sejam, ou não, de agricultores os seus nomes.

A presença dos industriaes, como o reconheço a «Sociedade de Agricultura», é absolutamente necessaria. Ha um sem numero de questões que só elles, pela sua pratica e experiencia, sabem dizer e explicar: as que, acima de outras, se referem á qualidade das fibras do algodão, á sua extensão e resistencia.

Na «Memoria», de Heitor de Sá, publicada em 1908, ha, a este respeito, a seguinte passagem:

«Em relação ao cumprimento das fibras, Ager as classifica assim:

Pernambuco.....	15 a 17 linhas francezas
Bahia	12 » 15 « «
Sea-Island	11 » 13 « «
Louisiana.	8 » 10 « «
Smyrna.....	7 » 9 « «

«Devido a isto e ao que fica patente no quadro que se refere ao cumprimento, grossura e resistencia da fibra, onde figuram diversos algodões brasileiros e de outros paizes, já no começo do seculo passado eram os nossos algodões classificados na 1ª classe, sendo o afamado *Sea-Island*, em relação ao cumprimento, considerado em Manchester como inferior aos do norte do Brazil.

«Ultimamente, devido ao aperfeiçoamento dos machinismos, ao cuidado da cultura intelligente e racional, veio o Sea-Island a occupar o primeiro logar, ficando o nosso em segundo».

Sobre a desvalorisação, que occorre na epoca da colheita, no acondicionamento e o emprego de machinismos inferiores no descaroçamento, donde resulta serem partidos os fios, e tambem a mistura da terceira colheita com a primeira e a segunda superiores, concorrem não menos para esta desvalorisação..»

Tudo isto, que muito interessa á cultura, são ensinamentos que a experiencia dos industriaes, mais que o saber theorico de outros, pode aconselhar. Não seria, pois, admissivel a falta dos proprietarios de fabricas na Conferencia. Elles terão um papel saliente, talvez predominante. E, conjugados com os seus os esforços dos cultivadores, estará illuminado o caminho para as soluções economicas que se procuram.

Notavel, posto que mal aproveitada, é a vantagem do nosso solo quanto á productividade do algodão, superior, para as mesmas condições do terreno, á dos Estados-Unidos e de outros paizes productores. Na Georgia e Carolina do Sul dá um *alqueire* (typo paulista) 490 a 1.360 kilogrammas; na Louisiana 970 a 1.210; no Missouri 730 a 750; na India 730 a 820; no Brazil, em media, de 4.000 a 4.150 kilogrammas.

Sendo assim, como está verificado, tudo depende, para o renascimento de tão util agricultura, que se conheçam, se evitem e se combatam as causas de decadencia do plantio e cultivo do algodoeiro, organisando-se, como urge e convem, a valiosa industria agricola, de modo que os seus productos bastem ás nossas fabricas e sobejem para a exportação.

Esta deverá ser a obra da Conferencia, a se realizar, inclusive a dos governos da União e dos Estados, pela associação dos esforços capazes. As exclusões opinativas não se justificam, porquanto está em jogo, realmente, uma necessidade nacional.

A Sociedade de Agricultura, no curso de seus trabalhos, de indiscutivel patriotismo, reconhecerá que esta é a verdade.





LXVII

Por mais de uma vez tem o sr. Governador do Estado percorrido, com o mais vivo interesse, a linha ferrea de Nazareth. Visitou-a quando se inaugurou a estação da Toca; quando, após a inundação de Janeiro de 1914, se normalisou o seo trafego em todos os longos trechos que a calamidade destruiu; e, agora, quando, a seo esforço, se vão reencetar os trabalhos de construcção do prolongamento para Jequié.

Na constancia desse cuidado pela grande linha da Bahia, que atravessa uma das mais florescentes zonas do Estado, está a prova, já revelada no Ministerio da Viação, da confiança que deposita o sr. Seabra, como poderosa força do nosso desenvolvimento economico, nos caminhos de ferro e, em geral, em todos os meios de transporte facil.

Pode-se dizer, em apoio de tão justa opinião, de todo verdadeira, e tendo em vista os factos, que as estradas de ferro foram sempre, entre nós, como em toda a parte, os grandes marcos da actividade progressista,

fazendo emergir das terras esquecidas os novos nucleos de população e creando, onde passam, os movimentos de expansão da agricultura, da industria e do commercio.

Nos Estados Unidos, durante o periodo colonizador, precedeu a construcção das linhas ferreas, bastantes vezes, o estabelecimento das povoações, que se constituiram nos campos aproveitados os centros de sua vida productora, e são, hoje em dia, cidades importantes. Foi assim que a Inglaterra civilisou as suas terras d' Africa e dali recolhe, neste momento, uma enorme contribuição de utilidades e valores, essencialmente ligados ao capital e ao trabalho.

O Padre Feijó, Regente do Imperio, sentiu desde 1835, treze annos após a independencia do Brazil, a necessidade de animar a creação da industria ferro-viaria, promovendo perante a Assembléa Legislativa e sancionando, como Governo, o acto de 31 de Outubro, cujo pensamento, desattendido durante 17 longos e seguidos annos, só se tornou realidade depois da Lei de 26 de Junho de 1852, effectuando-se as concessões de 7 de Agosto, da linha ferrea do Recife ao S. Francisco, e de 19 de Dezembro de 1853, da Bahia ás regiões do mesmo rio.

O Regente bem comprehendeo o problema, estabelecendo no Decreto de 1835, sob n. 101, que «as

companhias, usando de suas concessões e privilegios, não poderiam receber, por transporte de arroba de peso, mais de 20 réis por legoa, nem por passageiro mais de 90 réis».

A Bahia, que teve a sua primeira estrada de ferro (quarta do paiz) em 1860, indo da Jequitaia ao Aratú, inaugurando, em 13 de Fevereiro de 1863, a estação de Alagoinhas, termo dos trabalhos começados, na Capital, em 24 de Maio de 1856, soffreo "por dilatados annos, quanto á construcção de estradas de ferro, inconcebiveis retardamentos. Este aliás foi o regimen da Nação, o do mêdo e da morosidade, só alterado na Republica com as concessões, em avultado numero, de 1890 a 1891 e as que, melhor orientadas, se lhes seguiram após a Constituição de 24 de Fevereiro.

O que não padece duvida é o mais facil desenvolvimento economico dos Estados em que as communicações ferreas se multiplicam, approximando dos centros commerciaes os nucleos do trabalho agricola. S. Paulo é um exemplo eloquentissimo, e tão frisante, que attesta, nas mesmas terras exhaudas pelo plantio do café, os beneficios de outras lavras e culturas, onde não faltam as estradas de ferro e de rodagem.

Entre nós, na propria linha de Nazareth, é evidente a influencia do caminho de ferro sobre o aproveitamento e productividade das zonas atravessadas.

Cada estação aberta ao trafego é um novo centro de população e de trabalho, é um novo nucleo de commercio, é um novo escoadouro para a actividade crescente dos campos. Quando essa ferro-via chegar a Jequié, será dobrado o seu valor, servindo, largamente, os interesses do sul do Estado e do norte de Minas. Itabuna, em todo o municipio do nome dessa prospera cidade, demonstra, só por si, a importancia creadora da Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista. A de S. Amaro salva a industria do assucar, reorganizada sob o patrocínio dos transportes que ella garante nas terras de seu percurso. Sem a Estrada do S. Francisco estariam, ainda hoje, sequestradas da civilisação as povoações do grande rio. São esperanças para as transformações do nosso interior todas as estradas em construcção, ou a construir, da Rêde Bahiana, poderosos elementos de nossa expansão economica e de decisiva garantia ao augmento effectivo e util da exploração de nossas abundantes e variadas riquezas naturaes.

Tem razão o sr. Governador em testemunhar o maior apreço pelo desenvolvimento dos nossos meios de communicação. Estes são os solidos fundamentos, em proximo amanhã, da prosperidade da Bahia, que tudo pode produzir.

LXVIII

Accentua-se na estatística de Novembro, do nosso commercio exterior, excepção feita do algodão e do fumo, a superioridade, em 1915, da exportação brasileira. A prova está nos seguintes algarismos:

	<i>1914 (Ton.)</i>	<i>1915 (Ton.)</i>
Algodão.....	30.088	5.228
Assucar	29.065	59.059
Borracha	30.265	31.930
Cacão	55.648	42.574
Café.....	597.480	907.140
Couros	29.558	35.300
Fumo	26.265	24.021
Matte	53.689	72.192
Pelles.....	2.323	4.108
	834.181	1.182.472
Somma.....		

Em relação ao valor (contos de réis, papel) são estas as cifras para os onze mezes decorridos de Janeiro a Novembro:

	<i>1914</i>	<i>1915</i>
Valor dos 9 productos acima enumerados.....	631.129	858.311
Diversos productos.....	42.038	54.591
	673.167	912.902
Votal total.....		

Isto é: houve um augmento de 239.735:000\$000, ou sejam, a mais, 35,6 %, ou mais de um terço do valor, em papel, da exportação de 1914.

Esta exportação, nos ultimos cinco annos, só foi excedida, em valor, pela do anno de 1912:

<i>Annos</i>	<i>Contos de reis, papel</i>
1911.....	888.941
1912.....	989.619
1913.....	872.641
1914.....	673.167
1915.....	912.902

Em lbs. 1.000, a situação é a seguinte:

<i>Annos</i>	<i>Lbs. 1.000</i>
1911.....	59.173
1912.....	65.968
1913.....	58.176
1914.....	42.013
1915.....	47.498

O augmento, pois, que se verifica de 1915 para 1914, é de lbs. 5.485.000, ou sejam 13,0 %.

Este acrescimo de valor, quando as quantidades exportadas tanto cresceram (só no café, para mais, 309.660 toneladas), indica, effectivamente, uma consideravel diminuição, em geral, do preço-ouro por unidade de mercadoria. De facto, excepção do assucar, do cacáo e dos couros, todos os preços unitarios

sofferam baixas nas medias apuradas, como é facil saber pelo computo das seguintes cifras:

<i>Valor medio, em ouro</i>	<i>1914</i>	<i>1915</i>
<i>Para mais</i>		
Assucar (1 kg.).....	\$102	\$114
Cacáo (1 ").....	\$406	\$566
Couros (1 ").....	\$505	\$686
<i>Para menos</i>		
Algodão (1 kg.).....	\$545	\$487
Borracha (1 ").....	1\$871	1\$742
Café (60 kgs.)	21\$439	16\$756
Fumo (1 ").....	\$508	\$388
Matte (1 ").....	\$248	\$217
Pelles (1 ").....	1\$841	1\$423

No *café*, que é a mercadoria de grande exportação, e representa, quanto ás quantidades, 71 % nas sahidas de 1914 e 76 % nas de 1915, a differença, para menos, do preço unitario (sacca de 60 kgs.) é de 4\$703 por sacca, ou seja uma diminuição de 28 % entre os preços medios, em onze mezes, de 1914 e 1915.

No mesmo anno, ainda calculando para o café, a relação da differença entre o preço-ouro de cada sacca, de 60 kilogrammas, e o preço-papel é a seguinte:

<i>Em 1915</i>	
Preço-ouro.....	16\$736
Preço-papel.....	36\$100
Differença.....	19\$364
<i>Em 1914</i>	
Preço-ouro.....	21\$439
Preço-papel.....	38\$993
Differença.....	17\$554

Estas diferenças representam o premio do ouro, de 115,9 % em 1915, correspondente, em media, ao cambio de 12 ½, e de 82,0 %, em 1914, correspondente, em media, ao cambio 14 13/16.

Quer isto dizer que, mantido o preço-ouro de 1915 (onze mezes), se o cambio não houvesse cahido bastante, e fosse o mesmo, pois, o premio do ouro, no valor de 82,0 %, o preço-papel do café (por sacca de 60 kgs.) seria, no referido preço de 1915, de 30.459 e não de 36.100.

O lucro, portanto, desta diferença é devido ao cambio, e na massa global da exportação, sob a base deste lucro, procedem as vantagens, da exportação dos primeiros onze mezes de 1915, da maior quantidade exportada, nada menos de 5.161 mil saccas de café a mais, ou seja um augmento de 309.459 teneladas.

Nos annos anteriores do quinquennio tinham sido estas as relações do preço-ouro e do preço-papel do café exportado:

<i>Em 1913</i>	
Preço-ouro	27\$598
Preço-papel.....	46\$571
	<hr/>
Premio do ouro.....	18\$973
<i>Em 1912</i>	
Preço-ouro	34\$412
Preço-papel	58\$071
	<hr/>
Premio do ouro.....	23\$659

Em 1911

Preço-ouro	31\$639
Preço-papel	53\$443
	<hr/>
Premio do ouro	21\$804

Ou sejam, para o premio do ouro: em 1913—68,7 %; em 1912—68,7 %; em 1911—68,9 %. E', com pequenas variações, o premio correspondente a taxa de de 16 d., em que o seu valor é de 68,75 %, sendo o desconto do papel de 40,74 %.

Não ha duvida que o cambio baixo, em igualdade de preço da mercadoria exportada, melhora a situação do exportador, e, diminuido em preço, compensa, até certo ponto, as suas differenças. Mas, acaso, poderão convir aos interesses financeiros e moraes da Nação o desvalor da sua moeda? Que outras e perigosas necessidades não teria, agora, o paiz, se a importação tivesse tornado ao maximo de seus indices e a União, esta somente, carecesse custear com os recursos orçamentarios as suas obrigações externas?

O beneficio real da exportação é o augmento das quantidades exportadas; o lucro, que se liga ao premio do ouro, é vantagem que não pode constituir a aspiração dos productores.

No equilibrio das trocas internacionaes, melhorado o preço dos productos exportados e valorizada a moeda, assentará a ordem economica e financeira da Nação.

LXIX

Os casos de excepção, raros em nosso paiz, não invalidam o facto geral da inexistencia da contabilidade agricola nas fazendas de cultura. Fóra das organizações anonymas, quando a exploração se faz por sociedades desse typo, pertencendo a propriedade rural a uma empreza ou companhia, faltam sempre os registos da escripturação regular. Os bens agricolas, pertencentes a particulares, são administrados, na grande maioria dos casos, sem annotações de ordem mercantil, o contrario do que succede, invariavelmente, no commercio e na grande industria.

Conhecem os proprietarios o valor da propriedade, pelo preço da compra ou a avaliação da herança; a situação de seos debitos pelas notas do Banco e do «correspondente»; e, no fim de cada safra, a importancia dos lucros apurados pelo dinheiro que têm em mãos, as sommas que empregaram em outros immoveis e os saldos disponiveis das contas do commerciante a quem entregam ou vendem os seos productos.

As relações do capital fixo com o de movimento,

e de ambos com as exigencias do trabalho e os seus resultados; como um e outro se desfalcam ou crescem na exploração, caracterizando na vida da propriedade as applicações do esforço e as promessas da actividade; tudo o agricultor ignora, porque, sem escripturação que o oriente, elle não pode saber o que occorre na administração do bem que explora e, muitas vezes, é o seu unico patrimonio. Correndo em ordem as estações, não se alterando das quotas habituaes o salario dos trabalhadores, sendo sufficiente ás lavras e ás culturas o pessoal reclamado pelas urgencias do campo, não faltando, de quaesquer procedencias do credito, o dinheiro necessario ao pagamento das despezas da fazenda e da sua propria economia, e por ultimo, *havendo preço* para as colheitas apuradas, tudo, para o agricultor, *vae muito bem*.

Elle, no caminho de tamanha imprevidencia, não vê nem sente-se o espera a fortuna ou a ruina; se o que gasta excede, ou não, a capacidade do seu capital e do seu trabalho; se o *custo da producção* guarda com os preços medios dos productos, nos differentes mercados de consumo, relações de harmonia, asseguradora dos lucros esperados; se o seu patrimonio, enfim, se valorisa ou decahe pelo pezo de obrigações superiores á sua resistencia mercantil.

A contabilidade, considerada, nos negocios como

na administração, um *sexto* sentido, é a luz que illumina, na exploração dos dominios agricolas, a marcha de seos trabalhos. É, incessantemente, pelo ensino e conselho dos registos, a advertencia util, que orienta a gestão dos capitaes e impede a surpresa das fallencias. Ella indica, com grandes precedencias de tempo, os erros administrativos, os desvios e abusos pessoaes, o máo uso do credito, a insufficiencia das colheitas e, no methodo e ordem da faina preferida, as imprudencias que estabelecem no tracto da terra uma verdadeira cultura de exterminio. A contabilidade, pois, que reúne e agrupa as occurrencias financeiras da exploração agricola, deixando na lição dos algarismos os testemunhos de sua direcção e economia, habilita o recúo para a ordem, instruindo o agricultor na defeza de que se não deve alheiar.

Não é possivel administrar mais nada ao accaso, desprezando, como de nenhum valor, as circumstancias. Esta orientação fatalista, que tem sido, em geral, a dos nossos agricultores, dá e tem dado os peiores resultados. Não são poucos, entre nós, os exemplos da penuria em que cahiram proprietarios de lavouras florescentes, agrilhoados pelas hypothecas a imprudentes contractos, de que nunca puderam separar-se. A contabilidade avisadora lhes teria evitado o perigo de seos

descuidos ou a inconsciencia do mal. Seria o *bom guia*, a que não poderam obedecer, porque jamais o tiveram.

Se o momento nos impõe cautelas contra a concurrencia da producção estrangeira, que todos os dias limita os nossos privilegios naturaes, avolumando nos mercados a offerta, com excepção somente do *café*, das mercadorias de nossa exportação, melhor apresentadas e obtidas por menor custo, e, pois, remunerando com maior segurança o preço da terra e o valor do capital e do trabalho, é evidente que precisamos modificar, pela adopção de methodos racionaes, as nossas praticas agricolas, e, assim, estabelecer, scientifica e economicamente, as culturas dominantes e crear outras, pondo em todas, sob o regimen de administrações capazes, as bôas regras da arte e da technica.

Nessa obra de transformação e renascimento tem o seo logar de poderoso auxilio a contabilidade, que sempre esquecemos ou desprezamos. Seos efeitos valerão como um meio de ordem e de bom governo e de segura direcção para o melhoramento dos processos empregados em cada cultura, tanto mais util quanto mais se complicar a administração do dominio. Dombasle, de longe tempo, declarou, com a sua alta auctoridade de grande mestre, que a falta de contabilidade regular nas operações da agricultura, como a têm o commercio e as fabricas, é um dos motivos que mais

contribuem para affastar os capitaes e o credito das transacções de character agricola.

É de aconselhar, pois, uma tão facil reforma nos habitos dos nossos agricultores. Estes, quando tiverem, regularmente estabelecida, a sua contabilidade, lhe reconhecerão todas as vantagens, instruindo-se pelos seus registos de necessidades em que nunca pensaram e de medidas que, no seu proprio interesse, saberão praticar.





LXX

O custo de qualquer mercadoria, seja qual fôr a sua natureza e procedencia, é a grande base commercial da producção. A florescencia, antes da guerra, da industria alleman tinha no esforço de reduzi-lo, innumeras vezes alcançado, as suas causas dominantes. Juntando aos beneficios da «machina», que mutiplica o trabalho, as vantagens das descobertas da chimica, que o governo de Berlim não cessava de animar e proteger, pode aquella industria, barateando o custo de producção, levar aos mercados, em melhores condições de preço, os generos de suas fabricas.

Este é o objectivo da producção economica, que, no caso da industria agricola, se revela, principalmente, pela conquista do maior coefficiente de rendimento da coisa produzida. Qualquer porcentagem, a mais, liberta, não poucas vezes, uma industria de seus desfallecimentos e a encaminha para a prosperidade, se essa vantagem, por quaesquer circumstancias do trabalho, tracte-se da sua organisação melhorada ou dos

processos que, mais adeantados, tenha admittido, se accentúa e tende a crescer.

Da infallivel ruina dos *banguês* se salva, entre nós, a industria assucareira pela instituição das *usinas*, realiado, no exemplo dessa cooperação entre o lavrador e o fabricante, o grande pensamento desta formula da democracia rural: *descentralisação agricola e centralisação industrial*.

O cultivador, sem a inquietação da industria, encontra no mesmo capital uma utilização maior para o serviço das lavouras, a que attenderá com mais diligente cuidado, podendo, alem disto, desenvolvê-las sem o pezo de outras necessidades. O industrial, desopprimido do trabalho dos campos, tem todo o seo tempo livre, como as suas energias, para empregal-os na fabrica, emprehendendo os melhoramentos de que ella sempre carece e sem os quaes se atrazaria a concurrencia com as mais adeantadas e melhor providas de material e nos seos meios de acção.

Ê a divisão do trabalho, que, na industria do asucar, com a bôa organização, neste Estado, do municipio de Santo Amaro, ainda ali se completa pelo estabelecimento aparte das usinas de alcool, ou distillarias.

Tudo isto visa conseguir, com a menor despeza a maior quantidade de productos. Os lucros, entretanto, das usinas e distillarias, exigem, como é natural,

uma immediata e forte dependencia entre o preço da materia prima, que é a *canna* para as usinas e o *mel* para as distillarias, e o preço, em vigor, do assucar, sendo que, para os capitaes empregados nas fabricas e os de sua conservação e melhoramento, como para o que representam o valor das propriedades agricolas, aquelles lucros, quando não falham, são relativamente pequenos. Porque? Qual o motivo de uma situação tão vacillante, precisamente na industria agricola que tem no Estado uma melhor organização?

A causa é simples de entender. As fabricas apparelharam para tirar da *canna* de assucar, com um *menor custo de producção*, o maximo, segundo a capacidade, de productos. Mas a cultura da *canna*, a despeito de todos os conselhos da propaganda e do ensino dos capazes, continúa rotineira, atrazadissima, seguindo os methodos dos *engenhos* antigos, mantida a indiferença dos lavradores, quanto á planta, pelo seu poder saccharino. É claro que, sendo o assucar o *valor*, o empobrecimento da *canna* lhe encarece a cultura, e, pois, reduz a sua importancia como materia prima, influindo, desvantajosamente, na sorte das fabricas.

Não cuidou o lavrador, por muito mais de meio seculo, posto que seja a *canna* de assucar o mais antigo ramo da nossa agricultura, de apurar o rendimento, segundo as especies cultivadas, da producção por

hectare, e menos conhecer, nas variedades do plantio, a sua capacidade saccharina. Bem ao contrario disso, e por um extranho methodo de selecção inversa, sempre designou para sementes *«as cannas ruins, as peiores da fazenda, as que não serviam para moer»*.

O agricultor europeu agio de modo differente com a *beterraba*, e por isso conseguiu lhe elevar o rendimento em assucar, enquanto, entre nós e por culpa dos nossos lavradores, decrescia o da canna, que assim perdeu a nativa superioridade sobre a sua formidavel concurrente.

Em Cuba, visado o lemma economico de «produzir muito e pelo menor preço», se fazem com o mesmo interesse os dois trabalhos: augmentar, com o valor saccharino da canna, a quantidade produzida por hectare; dar ás fabricas, na constancia acquisitiva dos derradeiros melhoramentos, o maximo possivel de capacidade productiva.

Em nossos campos de lavoura, na grande maioria dos casos e sem escolha da cultura, pouco se pensa no importantissimo problema do «custo de producção», aliás o de que mais depende o exito commercial das explorações agricolas, attribuindo aos productos, fóra do valor especifico da qualidade, o poder de resistir ás perdas nas luctas da concorrência.

Tempo é, comtudo, de não contarmos por demais

com os privilegios, aliás verdadeiros e extraordinarios, da excellencia de nossas terras terras, e, portanto, o de substituirmos os processos da agricultura empyrica, de todo o nosso passado, pelos das culturas racionaes, de feição economica, que na hora presente praticam os povos adeantados.

Valerão multiplicadamente, quando assim for, aquelles privilegios.



LXXI

Porque está tão baixo o cambio? Compreende-se, de sobejo, o motivo das taxas altas nas operações de desconto dos grandes Bancos da Europa. A guerra, sómente esta calamidade, que, perturbando todas as relações da actividade creadora, arrastou o commercio e as industrias ás peiores desorganizações, reflectindo-se no mundo inteiro os funestos effeitos de seos terriveis males, somente a guerra explica, com o panico do capital, a retracção do credito e o exagerado custo do dinheiro.

Mas, se a nossa exportação tem excedido, de muito, no seo valor em ouro, á cifra da nossa importação e o Governo não concorre ao mercado de cambias, desde que, aparte o custeio da divida externa pelo *Funding*, elle dispõe, em Londres, de recursos sufficientes ás necessidades que deverá prover, oriundas de obrigações diversas, até o vindouro mez de Agosto, não se entendem as successivas quédas do cambio, que, ainda hontem, desceo a taxa de 11 $\frac{1}{2}$,

á vista, accusando, sob o preço de 20\$869 para a libra esterlina, uma depreciação de 57,41 % no valor da nossa moeda.

No movimento do commercio exterior, segundo as estatísticas, até agora publicadas, do Minsterio da Fazenda, e relativas a onze mezes, de Janeiro a Novembro, de 1915, são estes os algarismos apurados:

Exportação.....	Lbs.	47.498.000
Importação.....	"	27.282.000
		<hr/>
Saldo.....	"	20.216.000

Nos annos anteriores do quinquennio, no mesmo prazo, a situação foi esta:

Em 1914:

Exportação.....	Lbs.	42.013.000
Importação.....	"	33.681.000
		<hr/>
Saldo.....	"	8.332.000

Em 1913:

Exportação.....	"	58.176.000
Importação.....	"	62.139.000
		<hr/>
<i>Deficit</i>	"	3.963.000

Em 1912:

Exportação.....	"	65.968.000
Importação.....	"	56.843.000
		<hr/>
Saldo.....	"	9.125.000

Em 1911:

Exportação.....	«	59.173.000
Importação.....	«	47.610.000
Saldo.....	«	<u>11.563.000</u>

No movimento de entradas e sahidas das especies metallicas e notas de Banco estrangeiros foram os seguintes os algarismos que a estatistica apurou:

<i>Annos (11 mezes)</i>		<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>
1915.....	Lbs.	5.072.000	33.000
1914.....	«	7.605.000	852.000
1913.....	«	6.061.000	1.246.000
1912.....	«	1.472.000	4.064.000
1911.....	«	2.406.000	7.777.000

Não faltam, é verdade, os que attribuem ao augmento das emissões de papel inconversivel as oscillações, para menos, da taxa do cambio, cuja elevação, segundo elles e os factos, se manifesta em harmonia com as sommas do papel diminuindo. O sr. José Bonifacio louvando a politica financeira do Ministro Murtinho, que instituiu, como aparelhos de defeza, os fundos de resgate e de garantia, lembrou á Camara Federal, em 1914, como advertencia de sua contrariedade ás emissões projectadas, de 300.000:000\$000, o ensino do seguinte quadro, da experiencia republicana:

<i>Annos</i>	<i>Papel-moeda em circulação</i>	<i>Cambio medio so- bre Londres</i>
1889.....	190.000:000\$000	26
1890.....	290.000:000\$000	22
1891.....	310.000:000\$000	15
1892.....	560.000:000\$000	12
1893.....	630.000:000\$000	11
1894.....	710.000:000\$000	10
1895.....	670.000:000\$000	10
1896.....	710.000:000\$000	9
1897.....	720.000:000\$000	9
1898.....	780.000:000\$000	8
1899.....	730.000:000\$000	6
1900.....	690.000:000\$000	7
1901.....	680.000:000\$000	11
1902.....	670.000:000\$000	11
1903.....	670.000:000\$000	12
1904.....	670.000:000\$000	12
1905.....	660.000:000\$000	12
1906 a 1914—560 a	600.000:000\$000	15-14

O deputado Carlos Peixoto, na mesma ordem de idéas, deixou seo vaticinio nos avisos desta sentença: —«Se augmentarmos, desmesuradamente, de 600 a 900 mil contos, a massa do papel-moeda que se destina á aquisição de ouro— que é, para nós, mercadoria sujeita ás leis da offerta e da procura—indubitavelmente teremos que o valor do papel ha de baixar proporcionalmente á subida do valor do ouro.»

O quadro recordado, porventura, mais preciso e expressivo na monographia sobre «a moeda circulante do Brazil,» que o sr Ortigão, professor de economia

politica e finanças, apresentou, tambem em 1914, ao Congresso de Historia Nacional, não auctorisa aquella tão extremada opinião, visto que, bastante completo o phenomeno do cambio, não é possivel separal-o, quanto á variação de seos indices, da influencia de outras circumstancias. O excesso de papel-moeda é, certamente, uma das grandes causas de suas quedas; mas não determina a massa em circulação, por si só, as taxas verificadas. Se assim fosse não teriamos tido com o mesmo total de 670.000:000\$000 de emissão as taxas cambiaes de 10 em 1895, de 11 em 1902 e de 12 em 1903 e 1904. Não teriamos as taxas de 10 em 1894 e 1895, sendo as emissões de 710 e 670.000:000\$000, e a de 7, em 1900, quando o valor das mesmas era de 690.000:000\$000.

Feita, em 1914, a emissão de 250.000:000\$000, da lei de 24 de Agosto, sendo 100.000:000 para emprestimos a os Bancos e 150.000:000\$000 destinados a solver compromissos do Thezouro, emissões realizadas em Agosto e Setembro, não baixou o cambio ás taxas de agora, operando os Bancos, em Novembro, de 13 15/32 a 14, e, em Dezembro, de 13 9/16 a 14 11/16. Porque, então, desceram no segunda semestre de 1915 a indices inferiores aos do primeiro, precisamente quando começaram a crescer os saldos da nossa exportação e avultou, lá fóra, o *stock* do café,

que, já uma vez, se chamou, no Senado da Republica, *o nosso ouro*? Porque, sem nenhum motivo novo, tem descido ainda nestes dois mezes do anno corrente?

Ao que parece, e já se tem dicto com apoio dos factos, os Bancos estrangeiros, retrahidos para descontar, especulam o quanto podem, promovendo, no commercio do cambio, entre as oscillações que lhes convem, os movimentos da baixa. Como não ser assim, se os Bancos estrangeiros, avezados, de velha data, a essas especulações, não sentem mais, a lhes impedir os passos da cobiça, as influencias beneficas da Caixa de Conversão?



LXXII

E' admiravel a precisão contida no estudo feito, em 1915, pelo *Retrospecto Commercial*, do «Jornal do Commercio», sobre as variações do cambio no anno da guerra, que foi o de 1914. Não será demais dizer, de passagem, que, ha longo tempo, é essa preciossima publicação annual, aparte as opiniões particulares de seos respeitaveis escriptores, o mais completo e leal repositório de informações sobre os movimentos da vida economica e financeira do paiz.

«O cambio», assim começa o exame, «que, desde o principio do anno e á custa de grandes retiradas de ouro, que era consecutivamente exportado, tinha podido equilibrar-se em torno da taxa de 16 d., já no principio de Julho dava mostras de fraqueza baixando, no dia 6, a $15 \frac{15}{16}$ e chegando, em 15, a $15 \frac{13}{16}$. Depois firmou-se por alguns dias a $15 \frac{5}{8}$, attingindo a $15 \frac{29}{32}$, mas logo afrouxou a $15 \frac{3}{4}$ no dia 27, declinando a $15 \frac{5}{8}$ no dia immediato, exactamente na vespera de turvarem-se os horizontes da politica européa, que a

conflagração não tardou a vir immediatamente escurecer.»

Dando conta, em seguida, do panico com que abriu o mercado em 29 de Julho e do facto de se retirar do movimento da praça o Banco do Brazil, que era, até então, o regulador do cambio, ainda disse o seguinte o *Retrospecto*, sobre o que, já desatada a guerra, occorrera no mez de Agosto:

«Em 1 de Agosto o cambio tinha baixado a 14 d., e em 3 já não era cotado acima de 13 d. por mil reis.

«Foi nesta emergencia que se decretou o feriado geral até o dia 15. Em 16, o mercado, sempre em sobresalto, abriu a 13 $\frac{1}{2}$ d. e assim permaneceu até 18, mas cahio em 19 a 13 $\frac{5}{8}$. Reanimou-se um pouco em seguida, mantido entre 13 $\frac{1}{2}$ e 13 $\frac{3}{4}$ d. até 22; mas decahio a 13 $\frac{1}{2}$ d. em 24 e a 13 $\frac{1}{4}$ d. em 25 e 26, paralyssando-se então, completamente, nos dias que decorreram até o fim do mez e durante os quaes nenhum Banco operou.»

Foi nesta situação gravissima, de verdadeiro terror, quando a moratoria se instituiu, em não pequeno numero de paizes, como o primeiro remedio aos males da catatrophe, e, entre nós, suspensa a importação e paralyssada a exportação, tudo parecia faltar—o dinheiro, o credito e todas as relações da actividade mercantil, que a União, já promulgada, em 24 de

Agosto, a lei da nova emissão, determinou, nesse mesmo dia, fossem emitidos 150.000:000\$000 de notas do Thesouro, parcella a que se accrescentaram, em 3 e 29 de Setembro, duas outras, de 25.000:000\$000 e 75.000:000\$000, para ser attingida a somma de 250.000:000\$000, da auctorisação da lei.

A baixa, entretanto, de todo o mez de Setembro, quando o mercado se reabriu, cessa a 2 de Outubro na taxa de $10 \frac{3}{8}$ a 10 d., de cujo indice se elevou até o de $12 \frac{3}{4}$ em 15, até o de $14 \frac{1}{8}$ e 15 d. em 20, declinando, depois disto, por oscillações desorientadas, expressivas da anarchia dos negocios e das apprehensões do momento, até as taxas de $14 \frac{1}{4}$ em 22, de $13 \frac{1}{2}$ a 24, de $13 \frac{7}{16}$ a 29, de $13 \frac{7}{16}$ a $13 \frac{9}{16}$ d. no dia ultimo do mez.

A situação do cambio a 10 d., taxa do panico, esta, não voltou mais. Antes, por todo o mez de Novembro, o cambio parece ganhar uma relativa estabilidade, porque as suas variações, para mais ou para menos, não exorbitam da taxa de 13: $13 \frac{9}{16}$ em 3; $13 \frac{13}{16}$ em 6; $13 \frac{5}{8}$ em 9; $13 \frac{11}{16}$ em 12; $13 \frac{7}{16}$ em 19; $13 \frac{1}{2}$ em 24; $13 \frac{1}{2}$ a $13 \frac{17}{32}$ em 30.

Repete-se o facto em Dezembro com accentuações para a alta, indo o cambio, de $13 \frac{1}{2}$, a 1º desse mez, até $14 \frac{1}{16}$ em 11, quando o Banco do Brazil elevou a

15 d. a taxa dos vales-ouro, sendo de 13 ¹⁵/₁₆ a 14 d. a taxa de 31, derradeiro dia do anno.

Enormes sommas da emissão da lei de Agosto estavam applicadas, foi suspenso o troco na Caixa de Conversão, dilatou-se, sob certas limitações, a moratoria, faltavam, em nossos portos, os transportes para a exportação, que, alem de encarecidos, não offereciam segurança; e, comtudo, incessante a inquietação dos espiritos e fundamente perturbada a vida do commercio e das industrias como a da União e dos Estados, a taxa sobre Londres do cambio bancario, a 90 dias de vista, não baixou, em Dezembro de 1914, dos limites de 13 ⁹/₁₆ a 14 ¹¹/₁₆ !

Melhorada, entretanto, essa melindrosa situação no anno ultimo, especialmente a partir do segundo semestre, quando augmentando, em longa escala, a exportação do paiz, se assignalaram, a nossa conta, os grandes saldos do commercio exterior, o cambio, livre o seo curso á falta do apperalho que tolhia os desembaraços da especulação, desce, sem justo motivo, para as incomprehensiveis taxas de agora !

Se bem que haja entre nós um partido de *baixistas*, de intuitos identicos aos dos sectarios, quanto ao papel inconversivel, do inflaccionismo, é preciso pensar, sentindo o mal das *taxas de jogo*, nos meios de

impedir que continue, pelo arbitrio dos Bancos estrangeiros, a obra que elles fazem, para alem dos limites naturaes do valor da nossa moeda, contra o credito do paiz.

Esta será a reacção da necessidade e do patriotismo.



LXXIII

Estão distribuídos, com a data de 19 de Fevereiro, ainda em copias não impressas, e, pois, sujeitos a rectificação, os mappas, de 1915, do nosso commercio exterior, em util confronto com o movimento da importação e exportação do paiz nos doze mezes de 1911 a 1914.

Os novos algarismos, de Dezembro, em nada modificam as considerações suggeridas pela estatistica dos onze mezes decorridos entre os de Janeiro e Novembro de cada um desses annos, senão que, de todo, as confirmam.

Divulgando-os, como é conveniente, desde logo se verá que, apesar do cambio baixo, não excedeo a exportação de 1915, em quantidade, fosse a primeira maior que a segunda nos artigos principaes, em numero de nove, da referida exportação, que foi a seguinte:

<i>Annos</i>	<i>Contos de réis (papel)</i>
1911.....	1.003.925:000\$000
1912.....	1.119.737:000\$000
1913.....	972.731:000\$000
1914.....	750.980:000\$000
1915.....	1.022.634:000\$000

Ou, pelo seo equivalente em ouro:

<i>Annos</i>	Lbs.
1911.....	55.839.000
1912.....	74.649.000
1913.....	64.849.000
1914.. ..	46.527.000
1915.....	52.970.000

Com relação ás quantidades exportadas, considerados os nove principaes productos, são estes os numeros:

<i>Annos</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valor em contos de réis (papel)</i>
1911.....	912.832 Tons.	959.493:000\$000
1912.....	945.154 "	1.073.763:000\$000
1913.....	1.037.912 "	931.773:000\$000
1914.....	933.055 "	706.409:000\$000
1915.....	1.313.985 "	962.435:000\$000

Os outros productos, em quantidades que os mappas não determinam, foram registados, no seo valor, papel, em contos de reis, pelas primeiras parcelas destas sommas:

<i>Annos</i>	<i>Valor</i>	<i>Total</i>
1911.....	44.432:000\$000 959.498.000\$000	1.003.925:000\$000
1912.....	45.969:000\$000 1.073.768:000\$000	1.119.737:000\$000
1913.....	40.953:000\$000 931.773:000\$000	972.731:000\$000
1914.....	44.571:000\$000 706.409:000\$000	750.980:000\$000
1915.....	60.149:000\$000 962.485:000\$000	1.022.634:000\$000

Especificando os productos principaes, pelas suas quantidades e valores em contos de réis, papel, são estas cifras:

<i>Annos</i>	<i>Toneladas</i>	<i>Valor em papel</i>
ALGODÃO:		
1911.....	14.650 Tons.	14.704:000\$000
1912.....	16.774 "	15.561:000\$000
1913.....	37.424 "	34.615:000\$000
1914.....	30.434 "	28.247:000\$000
1915.....	5.228 "	5.497:000\$000
ASSUCAR:		
1911.....	36.208 Tons.	6.132:000\$000
1912.....	4.772 "	841:000\$000
1913.....	5.367 "	972:000\$000
1914.....	31.860 "	7.766:000\$000
1915.....	59.074 "	14.430:000\$000
BORRACHA:		
1911.....	36.547 Tons.	226.395:000\$000
1912.....	42.286 "	241.425:000\$000
1913.....	36.232 "	155.631:000\$000
1914.....	33.531 "	113.598:000\$000
1915.....	35.161 "	135.786:000\$000
CACÃO:		
1911.....	34.994 Tons.	24.668:000\$000
1912.....	30.492 "	22.966:000\$000
1913.....	29.759 "	23.904:000\$000
1914.....	40.767 "	30.643:000\$000
1915.....	44.980 "	56.139:000\$000

<i>Annos</i>	<i>Toneladas</i>		<i>Valor em papel</i>
CAFÉ:			
1911.....	675.480	Tons.	606.529:000\$000
1912.....	724.800	"	698.371:000\$000
1913.....	796.020	"	611.670:000\$000
1914.....	676.200	"	439.707:000\$000
1915.....	1.023.660	"	620.485:000\$000
COUROS:			
1911.....	31.832	Tons.	27.015:000\$000
1912.....	36.255	"	30.177:000\$000
1913.....	35.075	"	33.390:000\$000
1914.....	31.442	"	28.455:000\$000
1915.....	38.324	"	57.296:000\$000
FUMO:			
1911.....	18.489	Tons.	14.535:000\$000
1912.....	24.706	"	21.516:000\$000
1913.....	29.388	"	24.570:000\$000
1914.....	26.980	"	23.585:000\$000
1915.....	27.096	"	22.625:000\$000
MATTE:			
1911.....	61.834	Tons.	29.785:000\$000
1912.....	62.880	"	31.539:000\$000
1913.....	65.415	"	35.456:000\$000
1914.....	59.354	"	27.258:000\$000
1915.....	75.885	"	35.836:000\$000
PELLES:			
1911.....	2.798	Tons.	9.730:000\$000
1912.....	3.189	"	11.372:000\$000
1913.....	3.232	"	11.565:000\$000
1914.....	2.487	"	8.150:000\$000
1915.....	4.573	"	14.591:000\$000
DIVERSOS:			
1911.....	—		44.432:000\$000
1912.....	—		45.969:000\$000
1913.....	—		40.953:000\$000
1914.....	—		44.571:000\$000
1915.....	—		60.149:000\$000

Destes algarismos, do pezo das quantidades exportadas, e destes valores, em moeda-papel, das mercadorias que vendemos, em ouro, no estrangeiro, se apura:

1º—que as quantidades exportadas em 1915 excederam em 380.930 toneladas o pezo das exportadas em 1914, ou que o accrescimento de exportação foi de 40,8%;

2º—que o valor da venda, em ouro, tève o excesso de 13,8%, enquanto, no preço papel, o excesso attingio ao coefficiente de 36,1%, o'que evidencia a influencia do cambio baixo no premio do ouro convertido em papel;

3º—que o *assucar*, o *cacão*, o *café*, os *couros*, o *matte*, e as *peles* foram exportadas em quantidades sem precedentes no quinquennio;

4º—que a *borracha* e o *fumo* tiveram, em 1915, exportação maior que a de 1914, a *borracha* mais 1.630 toneladas e o *fumo* mais 116 toneladas, sendo, entretanto, a exportação da *borracha* inferior á dos annos de 1911, 1912 e 1913 e a do *fumo* inferior á do anno de 1913;

5º—que o *algodão* accusa uma sahida muitissimo menor que a de todos os annos anteriores do quinquennio, sendo a differença, para menos, com relação ao anno de 1914, de 25.206 toneladas;

6º—que os *productos diversos* offerecem, em 1915,

um augmento de valor sobre, a exportação de 1914, de 15.578:009\$000;

7c—que, finalmente, tendo variado, para menos, os preços ouro do *algodão*, da *borracha*, do *café*, do *fumo*, do *matte* e das *peles*, foi decisiva a influencia do cambio para o augmento do preço obtido, em papel, para o total de todos os productos exportados, elevando-se a 36,1% o coefficiente do accrescimo.

Na guerra, que tudo encarece, extranho caso! se reduz o preço nos mercados estrangeiros de seis dos nossos productos de exportação, e somente tres, o *assucar*, o *cacão* e os *couros*, alcançam melhorar, elevando-se o preço do *assucar* de \$104, em 1914, para \$114 em 1915, o do *cacão* de \$414 para \$572 e o dos *couros* de \$511 para \$685.

Auspicioso é o facto de ter, em geral, augmentado a tonelagem da nossa producção exportavel e exportada, significando, no meio de tantos embaraços da vida nacional, o grande poder, atravez de suas fortes necessidades e numerosos defeitos, da agricultura, fonte que sempre foi e será sempre de nossas mais uteis riquezas.

LXXIV

A importação brasileira de todo o anno de 1915 apresenta, avaliada em *papel*, um pequeno augmento sobre a de 1914, e, ainda, uma grande differença, para menos, em relação á de 1913, de 1912 e de 1911: mais 21.143:000\$000 que a de 1914; menos 424:499\$000 que a de 1913, menos..... 368:373\$000 que a de 1912, e menos 210:720\$000 que a de 1911.

Avaliada em *ouro*, a de 1915 se conserva inferior á de 1914, pela differença de lbs. 5.385.000, e menor, ainda, que a dos annos anteriores até 1911, sendo estes os seus valores, apurados pela estatística official em cada periodo de doze mezes do ultimo quinquennio:

<i>Annos</i>	<i>Valor, em ouro</i>
1915.....	30.088.000 lbs.
1914.....	35.473.000 «
1913.....	67.166.000 «
1912.....	63.425.000 «
1911.....	52.000.000 «

Esta diminuição de valor, já expressa, em 1914,

por uma differença de 47,23% sobre o da importação de 1913, se avoluma, em 1915, pelo accrescimento da nova differença, de 15,16%, entre a importação desse ultimo anno e a de 1914. O resultado, qual se verificou, foi um enorme decote nas rendas alfandegarias, o que trouxe para a União immensas difficuldades. Nem podia ser de outro modo, desde que a guerra, perturbando na Europa a actividade das industrias, deslocou para os Estados-Unidos uma não pequena parte de seus fornecimentos, e estes, além de encarecidos e demorados na fabricação e pela difficuldade dos transportes, soffreram, ainda, a explicar a redução dos pedidos, com os embaraços do proprio commercio importador, o natural retrahimento dos negocios, os effeitos da crise do credito, a suspensão, no paiz, dos trabalhos dependentes do capital estrangeiro, e, na constancia de outras causas, o tempo indispensavel á accommodação dos que compram á distancia com as exigencias, de toda a ordem, dos mercados novos.

A exportação, ao contrario, cresceu, de 1914 para 1915, em cerca de 6 e meio milhões sterlingos no preço de aquisição dos paizes estrangeiros, ou mais 272.000:000\$000 no valor do ouro convertido em papel, e, quanto ao pezo das mercadorias exportadas, em mais de 380 mil toneladas.

No balanço destas trocas se affirma, em nosso favor, o seguinte saldo do anno de 1915:

Exportação	52.970.000 lbs.
Importação	30.088.000 "
	<hr/>
Saldo.....	22.882.000 "

Esta differença é, ainda, mais favoravel, levado em conta o movimento de entrada e sahida das especies monetarias:

EXPORTAÇÃO:

Mercadorias.....	52.970.000 lbs.	
Especies monetarias.....	5.149.000 "	58.119.000 lbs.
	<hr/>	

IMPORTAÇÃO:

Mercadorias.....	30.088.000 "	
Especies monetarias.....	51.000 "	30.133.000 "
	<hr/>	<hr/>
Saldo total.....	"	27.986.000 "

Em 1915 tinha sido esta a situação:

EXPORTAÇÃO

Mercadorias.....	46.527.000 "	
Especies monetarias.....	8.257.000 "	54.784.000 "
	<hr/>	

IMPORTAÇÃO:

Mercadorias.....	35.473.000 "	
Especies monetarias.....	852.000 "	36.325.000 "
	<hr/>	<hr/>
Saldo total.....	"	18.459.000 "

No anno anterior ao da guerra, ou seja em 1913,

foram bem diversos os algarismos do nosso commercio exterior:

EXPORTAÇÃO:

Mercadorias.....	64.849.000	«	
Especies monetarias.....	6.061.000	«	70.910.000 «
			<hr/>

IMPORTAÇÃO:

Mercadorias.....	67.166.000	«	
Especies monetarias.....	1.248.000	«	68.414.000 «
			<hr/>
Saldo total.....		«	2.496.000

Crescem, pois, os nossos saldos, indo de..... Lbs. 2.496.000, em 1913, para Lbs. 18.459.000 em 1914 e para Lbs. 27.986.000 no anno ultimo, de 1915, precisamente, o que é de surprehender, quando o cambio, sob o influxo da especulação, baixa e, pelo que se está observando, ainda ameaça descer.

Em contos de réis, papel, tudo comprehendido—mercadorias e especies monetarias, foi o seguinte, nestes ultimos dez annos, o movimento global do nosso commercio exterior:

Em 1906:

Exportação.....	800.177:000\$000
Importação.....	544.498:000\$000
	<hr/>
	1.344.675:000\$000

Em 1907:

Exportação.....	861.134:000\$000
Importação.....	714.753:000\$000
	<hr/>
	1.575.887:000\$000

<i>Em 1908:</i>	
Exportação	706.121:000\$000
Importação	569.537:000\$000
	<hr/>
	1.275.658:000\$000
<i>Em 1909:</i>	
Exportação	1.016.772:000\$000
Importação	773.681:000\$000
	<hr/>
	1.750.453:000\$000
<i>Em 1910:</i>	
Exportação	971.922:000\$000
Importação	858.877:000\$000
	<hr/>
	1.830.799:000\$000
<i>Em 1911:</i>	
Exportação	1.040.346:000\$000
Importação	911.328:000\$000
	<hr/>
	1.951.674:000\$000
<i>Em 1912:</i>	
Exportação	1.141.816:000\$000
Importação	1.026.421:000\$000
	<hr/>
	2.168.237:000\$000
<i>Em 1913:</i>	
Exportação	1.063.642:000\$000
Importação	1.026.222:000\$000
	<hr/>
	2.089.864:000\$000
<i>Em 1914:</i>	
Exportação	877.392:000\$000
Importação	574.634:000\$000
	<hr/>
	1.452.026:000\$000
<i>Em 1915:</i>	
Exportação	1.120.569:000\$000
Importação	583.875:000\$000
	<hr/>
	1.704.444:000\$000

No curso desse longo tempo, por entre as variações da exportação e da importação, só duas vezes, em 1912 e 1913, o movimento global do commercio exterior ascende á cifra de pouco mais de 2 milhões de contos, sendo, de 1901 a 1905, sempre inferior á cifra de 1916;

Em 1901	1.388.851:000\$000
« 1902	1.229.428:000\$000
« 1903	1.250.242:000\$000
« 1904	1.305.020:000\$000
« 1905	1.185.201:000\$000
« 1906	1.344.675:000\$000

Ha, evidentemente, uma certa morosidade na elevação destes algarismos que as crises fazem retroceder para indices de menos vulto. Mas, de um modo geral, as cifras de exportação, apesar da instabilidade, no exterior, dos preços de nossas mercadorias, deixam crer nas energias productivas do paiz, maxime se a nossa agricultura progredir, merecendo de seus servidores outra disciplina e dos governos do paiz maiores attenções.

Não supponha ninguém que outro seja, ou venha a ser, o rumo da prosperidade nacional.

LXXV

A exportação da Bahia, para o exterior e outros Estados do paiz, realisada, em 1915 pela Directoria de Rendas, não se computando, portanto, a effectuada pelas Collectorias, attingio ao valor official de 86.672:210\$093, e assim se discrimina:

Madeiras.....	30:050\$790
Piassava	871:063\$350
Couros.....	6.401:085\$360
Pelles.....	1.229:064\$800
Borracha de mangabeira...	110:041\$700
Idem de maniçoba.....	1.414:465\$900
Côcos e coquilhos.....	6:780\$800
Cacáo.....	37.144:434\$470
Café.....	6.196:958\$440
Fumo.....	14.700:430\$650
Charutos e cigarros.....	1.272:389\$030
Assucar, fructas e doces...	6.230:651\$765
Productos não expressa- mente taxados.....	2.945:175\$945
Productos sujeitos somente ao imposto de estatistica.	8.119:617\$093
Somma	<u>86.672:210\$093</u>

Superior em 34.060:371\$133 ao valor official da

exportação de 1914, registada pela cifra de..... 52.611:838\$960, e pois, tendo tido um accrescimo de 64% nenhuma outra, de qualquer dos annos anteriores, se lhe compara.

De 1910 a 1913 foi esse valor o seguinte:

<i>Annos</i>	<i>Valor official</i>
1910.....	54.520:776\$965
1911.....	57.415:472\$887
1912.....	52.933:099\$586
1913.....	52.773:582\$219

N'essa exportação de 1915 tem o *cacáo* a preeminencia com uma parcella de 37.144:434\$470, ou sejam 42,8%; o *fumo*, inclusive os seos preparados, o segundo logar, na importancia de 15.972:810\$680, ou sejam 18,3%; os *couros*, o terceiro logar na cifra de 6.401:085\$360, ou sejam 7,3%; cabendo aos outros productos, em que se destacam o *café* e o *assucar*, a contribuição de 31,6%.

O *cacáo*, cuja exportação tem tido um crescente desenvolvimento, não havia chegado, ainda, aos indices de quantidade, e valor, do anno ultimo, o que se verifica dos seguintes algarismos:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1905.....	17.152.476	8.885:117\$484
1906.....	23.537.684	13.571:474\$935
1907.....	20.758.494	21.254:841\$002
1908.....	29.775.707	20.365:237\$273
1909.....	28.699.894	16.165:225\$643
1910.....	25.142.403	13.142:477\$900
1911.....	32.218.165	17.489:149\$695
1912.....	29.652.291	16.960:338\$680
1913.....	26.948.319	17.234:007\$300
1914.....	36.679.439	20.838:486\$900
1915.....	41.545.779	37.144:434\$470

Na exportação do *fumo*, aparte os seus preparados, houve um pequeno augmento na quantidade e diminuição no valor, o que estes numeros demonstram:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1914.....	26.522.063	15.650:297\$380
1915.....	26.659.985	14.700:430\$650
Differença.....	+137.922	—949:866\$730

A maior exportação do fumo continuou a ser a do anno de 1902, quanto á quantidade—42.537.887 kilogrammas, no valor de 20.275:086\$861, e, quanto ao valor, a de 1908, da importancia de 29.009:006\$254 na quantidade de 31.865.622 kilogrammas.

O *café*, posto que o seu preço fosse relativamente baixo, subiu, em funcção da quantidade exportada e do cambio, na conversão do ouro, a um valor muito maior que o dos dois annos anteriores, sendo a quantidade superior ás de 1906, 1907 e 1911, annos de mais altos indices no decennio de 1906 a 1914. É facil verificá-lo:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1906.....	13.658.315	5.246:921\$830
1907.....	13.070.793	4.219:195\$535
1911.....	13.702.738	9.862:380\$770
1912.....	11.363.737	8.662:037\$000
1913.....	5.893.708	3.695:870\$130
1914.....	5.358.677	2.464:518\$350
1915.....	13.795.812	6.196:958\$440

Em 1911 se situou, de 1905 a 1915, a maior cifra do valor (9.862:000\$000), seguindo-se, nos tres melhores annos, a de 1912 (8.662:000\$000), a de 1915 (6.196:000\$000) e a de 1906 (5.246:000\$000).

A *borracha*, que havia decahido do valor de 1910 (6.109:181\$000) aos baixos algarismos de 1913 e 1914 (956:484\$000 e 682:800\$100, respectivamente) subio, para o total dos dois typos, mangabeira e maniçoba, ao valor de 1.524:807\$000.

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1910.....	1.510.648	6.109:181\$080
1911.....	1.330.007	4.201:858\$400
1912.....	1.514.935	4.801:943\$120
1913.....	412.233	956:484\$300
1914.....	420.150	582:800\$100
1915.....	793.422	1.524:506\$600

É, ainda, grande a depressão em face da mercadoria exportada no triennio de 1910 a 1912; mas, incontestavelmente, o accrescimo de 1915 sobre a quantidade exportada em 1914, é de relativo vulto, de cerca de 89%.

Os *couros* tiveram uma exportação sem precedentes no tempo que se escôa de 1896 a 1915 (vinte annos). *Couros e pelles*, reunidamente, alcançaram o maximo do seo valor official, na cifra de 2.956:398\$030, em 1904, sendo o maximo, somente dos *couros*, de 1910 a 1914, de 3.264:979\$850, no anno de 1913. Em

1915 o valor dessa mercadoria attingio, pela primeira vez, ao algarismo de 6.401:085\$360, o que se apura no seguinte registo do ultimo quinquennio:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1911.....	2.552.434	1.550:824\$450
1912.....	3.133.035	2.141:863\$470
1913.....	4.435.784	3.264:979\$850
1914.....	4.055.334	3.026:227\$200
1915.....	4.980.829	6.401:085\$360

As *peles* estas tambem crescem, em quantidade e valor, na exportação de 1914:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor official</i>
1911.....	447.628	593:436\$650
1912.....	521.881	599:081\$000
1913.....	739.245	981:499\$000
1914.....	504.279	670:881\$020
1915.....	870.457	1.229:064\$800

O augmento é de 72,6% sobre a quantidade de 1914 e de 83,2% sobre o seo respectivo valor.

Elevam-se, finalmente, as exportações do assucar e dos productos apenas sujeitos ao imposto de estatistica, creando-se, deste modo, o augmento geral da exportação e, consequentemente, da renda arrecadada, no anno de 1915, pela applicação e cobrança das taxas orçamentarias.

Foi uma situação de desafogo, sem a qual, mantidas, em face de lei de meios, as differenças de 1914,

do valor de cerca de 3 mil contos, de muito se aggravariam os embarços do Thezouro.

Têve razão o Sr. Governador na fé confessada na sua Mensagem de 7 de Abril de 1915, quando, referindo-se aos dias difficeis de 1914, disse á Assembléa Geral do Estado:—«Quando, em dias de tormenta, num sitio de difficuldades em que as maiores parecem ter se reunido para experimentar, no valor de suas resistencias, a capacidade economica de um Estado, e este, como o nosso, se comporta de geito a auctorisar a fé optimista dos que se sentem obrigados a lhe admirar a nativa opulencia, sendo que o melhor de seos bens, na seiva do solo mal explorado, sem os auxilios da sciencia e arte de cultivar, constitue, de facto, uma riqueza infinita offerecida ás justas ambições do esforço humano, é legitimo crer, como eu creio, fervorosamente, na prosperidade do seo futuro e na infallivel grandeza de seos destinos».



LXXVI

O que ha de notavel na exportação deste Estado é a variedade dos productos, que, em valor e qualidade, se compensam, de geito a impedir, entre as cifras que lhe marcam o desenvolvimento, as quédas bruscas da renda. Situação privilegiada, que não deixa crear a angustia dos Estados de uma só cultura, quando o valor de seos productos se reduz no preço de offerta e venda dos mercados, procede, na Bahia, da condição natural de suas terras, que, adequadas ás mais diversas lavouras, do norte e do sul do paiz, conta, de velha data, como de sua habitual producção, nada menos de dez.

Difficil seria que todas, e ao mesmo tempo, soffressem os embarços das estações e a reacção depressiva dos mercados, motivando, sem nenhuma defeza, o mal das coisas que se desvalorisam. De igual modo, e no sentido avêso, não é de esperar que todas as culturas, abandonadas como, em geral, se acham dos beneficios da arte, tenham, normalmente a boa

sorte das safras abundantes e dos preços altos, os dous coefficientes da prosperidade agricola—a quantidade crescente da producção e o valor que remunere, com certa largueza, a utilidade produzida.

Mas, no anno derradeiro, parece que tudo se juntou para constituir o primeiro exemplo de uma promessa que deverá durar, crescendo o valor da renda pelas mesmas taxas, de 1914, dos productos exportados, acima dos limites de sua expansão habitual. E, se é certo que o mais alto preço do ouro bastante concorreu para esse resultado, não é menos verdadeiro o accrescimento simultaneo das quantidades de quasi todas as mercadorias que exportamos.

O numero de volumes sobe de 1.736.093 para 2.374.673, ou mais 638.580. A tonelagem cresce de 90.224.835 kilogrammas, em 1914, para 120.284.872, em 1915, ou seja um augmento de 30.060.047 kgs. O valor official eleva-se de 52.611:838\$960 para 86.672:210\$093. Os direitos, finalmente, de..... 7.725:976\$666, em 1914, se avolumam, em 1915, até á cifra de 12.192:732\$628 assim arrecadados:

Direitos (taxas diversas).....	9.593:096\$318
Estatistica.....	1.908:939\$724
Serviços agronomicos.....	690:696\$586
	<hr/>
Total.....	12.192:735\$628

Nos annos anteriores, a partir de 1905, a renda tinha sido a destes algarismos:

1905.....	4.838:837\$073
1906.....	5.807:450\$490
1907.....	7.760:248\$307
1908.....	6.351:431\$674
1909.....	6.840:429\$422
1910.....	6.931:586\$409
1911.....	7.560:150\$088
1912.....	7.988:333\$890
1913.....	7.456:468\$477
1914.....	7.725:976\$666
1915.....	12.192:732\$628

O augmento sobre a renda de 1914 é de 57,8%, constituindo em toda ella a sua maior parcella a do cacáo com a somina (de direitos) de 6.338:842\$368, jamais alcançada no Estado.

Não receberam, todavia, os cofres do Thezouro o dinheiro total da arrecadação de 1915, realisada pela Directoria das Rendas; porque, permittido o pagamento de direitos, até 15%, com os titulos, ao par, do emprestimo de 1914, a arrecadação se desfalca da quantia de cerca de 1.800 contos de réis, previamente reservados ao resgate e queima das apolices recebidas. Tamanha é a vantagem dessa antecipação, que, achando-se emittidos, até 31 de Janeiro,.... 6.302:100\$000, o resgate effectuado já se eleva a 2.548:200\$000, ou sejam 40,4% de titulos que, vol-

tando ao Thezouro, sahiram da circulação e foram incinerados.

Destes dados sobre a nossa exportação, que offerece e garante ao orçamento do Estado uma grande parcella de sua receita, se infere a real necessidade de ter a Bahia o maior cuidado com a sua producção, principalmente a do cacáo e do fumo, tendo em vista a concurrencia estrangeira. Não será pelo louvor ás nossas riquezas naturaes que lhes sentiremos as vantagens, senão aproveitando-as por uma exploração capaz, racionalmente dirigida e de feição absolutamente commercial.

Não devem os resultados economicos do anno passado constituir um caso de excepção; e, se o foram, convem tudo fazer para que, na constancia de seos beneficios, elles valham como fructos do esforço util, que, trabalhando as nossas terras opulentas, sabe e consegue tirar de seos incomparaveis privilegios, as vantagens da prosperidade.



LXXVII

Nas estatísticas da exportação bahiana não figuram, ha tres annos, os minereos e mineraes. Em 1912, pela ultima vez, accusam os registos do Governo uma remessa, para Hamburgo, de *areias monaziticas*, nada mais que 1.222 toneladas desse precioso minereo, avaliadas para os effeitos fiscaes em 214:522\$808 e que deixaram ao Thesouro, de direitos cobrados, a somma de 58:350\$201. O *manganez*, ha mais tempo, está em abandono nas minas do Onha, em Nazareth, as unicas que se exploravam no Estado. *Diamantes e carbonatos*, se têm tido, depois da guerra, qualquer sahida para a Europa, ou a Norte-America, a sua exportação, na maior parte desconhecida, terá sido realisada pelos processos habituaes do contrabando.

O Sr. Governador do Estado, dando conta do facto no anno de 1914, assim se exprimio na sua Mensagem de 7 de Abril de 1915:

«Não exportamos, como no anno derradeiro, uma só tonelada de *manganez*, tendo cessado, de todo em todo, a de *areias monaziticas*.

«Se abundaram, sempre satisfeitos, os pedidos

de informação, tanto da Europa como da America, sobre as nossas fibras e plantas medicinaes, sobre a mica, o ferro e o cobre de nossas minas, sobre as especies e quantidades disponiveis de nossas florestas, permaneceu em pequena escala a exportação de madeiras e nada se realisou de util «quanto ao aproveitamento das outras mercadorias».

Muito confiaram, entretanto, os governos da Bahia na exportação das «areias nonaziticas», motivando, em Julho de 1896, a escolha do Dr. Alfredo Britto, de saudosissima memoria, para lhes estudar, em paizes do velho continente, os elementos de sua composição, seos fins industriaes e o valor de que gozavam nos mercados consumidores.

O commissionado do governo, elle mesmo, exultou com as primeiras indicações de seos exames e estudos, achando-as «muito valiosas».

«Os resultados parciaes até agora recolhidos aqui, em Paris, e tambem em Londres», foram as palavras do seo primeiro despacho telegraphico, «são animadores, porquanto, dentre as 15 amostras que recebi, não meos de 7 contem graude quantidade de thorium, na proporção media de 3½%, o que as torna muito valiosas».

Mas, apesar das demarcações auctorizadas pela lei de 1896, e relativas aos terrenos do Estado, que se extendiam da costa da Villa do Prado até o Municipio

de Porto Seguro, e a despeito de diversas concessões, datadas de 6 e 20 de Julho de 1898, que o acto official de 25 de Outubro de 1900 declarou inexistentes, nunca avultou nas rendas do Estado a contribuição dessas areias tão famosas.

Em 11 de Fevereiro de 1901, a Directoria de Rendas, tendo em conta de "poderoso" o seu concurso na arrecadação da receita do Thezouro, dizia, a seu respeito, o seguinte:—"No primeiro semestre (anno de 1900) foram exportados 608.904 kgs. destas preciosas areias, avaliadas, officialmente, em 304:452\$000, rendendo a quantia de 73:068\$480. No segundo semestre, sobre 872.100 kgs., no valor de 436:050\$000, a renda de exportação attingio a 104:652\$000.

Ahi está: 177:720\$480 de renda nos dois semestres de 1900, proveniente do imposto de 22% sobre as areias amarellas, quando o total da receita de exportação attingia, na Directoria de Rendas, á cifra de..... 9.429:929\$741! Em 1901, para um valor de..... 679:543\$200, e pezo de 1.618 toneladas, os direitos cobrados não excederam de 163:090\$368, logo reduzidos, em 1912, a 77:872\$100, para uma exportação do valor de 324:467\$120.

Em annos mais proximos não offerece a exportação das areias amarellas melhores resultados:

<i>Annos</i>	<i>Pezo (toneladas)</i>	<i>Valor official</i>
1906.....	945,420	347:805\$400
1907.....	1.741,500	644:435\$000
1908.....	2.114,164	608:527\$280
1909.....	1.998,636	686:500\$800
1910.....	1.243,920	525:426\$000
1911.....	—	—
1912.....	1.222,140	214:522\$800
1913.....	nada	nada
1914.....	»	»
1915.....	»	»

Cabe, aqui, notar que a estatística do Ministerio da Fazenda assignala, e para a Bahia, nos annos de 1910 a 1912, os seguintes e differentes algarismos:

<i>Annos</i>	<i>Pezo (em toneladas)</i>	<i>Valor official</i>
1910.....	636,760	241:740\$000
1911.....	557,160	246:822\$000
1912.....	1.222,140	611:070\$000

O certo é que, considerando a exportação de todo o paiz, os seus numeros não sobem a grandes cifras, sendo estas as apuradas:

<i>Annos</i>	<i>Pezo (em toneladas)</i>	<i>Valor official</i>
1906.....	4.351,600	1.488:960\$000
1907.....	4.437,877	1.578:088\$000
1908.....	4.965,000	1.834:020\$000
1909.....	6.462,000	2.324:627\$000
1910.....	5.437,000	1.912:881\$000
1911.....	3.686,500	1.666:559\$000
1912.....	3.397,780	1.629:350\$000
1913.....	2.437,060	707:261\$000
1914.....	800,000	317:154\$000
1915.....	—	—

O manganez, que conta, entre nós, variadas jazidas, e, por alguns annos se explorou nas de Nazareth, é, agora, um commercio sem vida, uma industria extincta. E, comtudo, o paiz, no anno de 1914, exportou, ao preço medio, por tonelada, de 25\$485, um total de 183.630 toneladas, sendo de.....
4.679:842\$000 o seo valor official, em papel.

E, assim, estão paradas as minas de ouro, em que já houve trabalho, como as da Jacobina, continuando sem nenhuma tentativa de exploração, além de outras, as excellentes minas de ferro e de cobre, que a Bahia possui e de que seus filhos tanto se ufanam.

O diamante, este, sim, é explorado; mas não lhe conhece ninguem a producção nem os segredos do seo transporte para a Europa.

Abundante e variadissima a riqueza mineral da Bahia, é nenhum, por agora, o seo valor economico, porque é nenhuma a sua utilização industrial. Para o orçamento do Estado é como se não existisse.





LXXVIII

A Bahia, que mandou ao certamen nacional de 1908, um consideravel numero de amostras de seos minereos e mineraes, e, numa monographia do Instituto Polytechnico, a indicação de 1313 localidades, nas regiões do Estado, de suas zonas de occurrencia, não explora, neste momento, nenhuma de suas minas e jazidas, ainda aquellas sobre as quaes já se tem feito repetidos estudos e exames ou se empregaram capitaes.

Tem, entretanto, o Estado uma *lei de minas*, votada sobre a proposta official de 30 de Maio de 1903 e sancionada a 9 de Setembro de 1915, com uma precedencia, pois, de quasi dez annos sobre o advento da lei congenere federal, que somente a 6 de Janeiro do anno passado se expedio.

Dominava, então, no animo do Governo o pensamento de estimular a actividade dos que pudessem se occupar de nossas minas no intuito de lhes promover a exploração, visto que, representando grandes riquezas, seria util e de incontestavel vantagem aprovei-

tal-as. A Mensagem, de apresentação da proposta da referida lei, destinada «a regular a importante e futura industria de mineração», ella mesma o disse: —«Como vereis da leitura desse trabalho, que vos dou a conhecer» falava o Governador de 1903 á Assembléa do Estado, «o meo ardente desejo foi premiar e recompensar o esforço, a actividade e a intelligencia para ver se, incitando os nossos conterraneos, sáhiremos do hibernamento em que vivemos, tão caracteristico dos climas tropicaes, mas que não deve subsistir ante as grandes conquistas scientificas dos ultimos tempos».

Desejos e esperanças, apezar da lei animadora, tudo falhou, continuando sepultadas no solo opulento da Bahia as riquezas, sempre nomeadas e decantadas, de suas minas.

Mas, neste particular, é a mesma a frouxidão no paiz inteiro, justificada, para as industrias de maior vulto, pelas suas exigencias de capital e trabalho, sob a multipla imposição de uma longa serie de necessidades de que são, todas ellas, dependentes.

Tendo de informar o Serviço Geologico e Mineralogico, do Ministerio da Agricultura, sobre a situação, em 1914, da industria do ferro e outras, de mineração, existentes no paiz, isto disse sob a responsabilidade, tão competente como acreditada do Professor Orville Derby, chefe então, d'aquelle Serviço, que

elle havia instituido e de que só a morte o separou. Foram estas as suas palavras:

«A industria do ferro em primeira fusão (reducção do minereo a metal) acha-se limitada quasi exclusivamente a um forno alto, com a capacidade de cerca de 15 toneladas por dia, situado na Estação Esperança, na E. de F. Central. O minereo utilizado é extrahido dos arredores da estação Miguel Burnier, na mesma estrada. A installação, que foi recentemente reformada e augmentada, tem funcionado constantemente durante mais de uma dezena de annos e consta que teria mercado certo, nos arredores e nas praças do Rio de Janeiro e S. Paulo, onde seo producto tem boa acceitação, para uma producção maior do que a actual.

«A industria de mineração de manganez acha-se centralizada nos municipios de Ouro Preto e Queluz, no Estado de Minas Geraes, onde existem diversas minas em operação mais ou menos constante. Todo o producto é destinado á exportação no estado de minereo, regulando o movimento annual em cerca de 200.000 toneladas, termo médio.

«A mineração do cobre, começada ha poucos annos em diversos pontos do Estado do Rio Grande do Sul e que chegou a ter uma exportação de 1.564

toneladas de minereo, em 1910 parece estar suspensa, visto não figurar nas tabellas da Alfandega para o anno de 1912.

«A mineração de areia monazitica produziu para exportação 3.398 toneladas, produção esta de diversos pontos dos Estados da Bahia, Espirito Santo e Rio de Janeiro. A mineração de carvão acha-se limitada a uma só usina no municipio de S. Jeronymo, no Estado do Rio Grande do Sul, a qual durante umas dezenas de annos tem mantido a produção annual de alguns milheiros de toneladas.

«A mineração de diamantes tem logar em diversos pontos dos Estados de Minas Geraes, Bahia, Goyaz e Matto Grosso, sendo os districtos de Diamantina e Bagagem, no Estado de Minas Geraes, e da Chapada Diamantina, no da Bahia, os principaes productores. A exportação officialmente registrada para o anno de 1912 foi avaliada em 249:922\$000, ouro, mas é certo que a produção total foi maior.

«A mineração de carbonados acha-se limitada á Chapada da Diamantina no Estado da Bahia. A exportação pela Alfandega da Bahia em 1912, foi avaliada em 86:161\$000 ouro.

«A mineração de pedras semi-preciosas tem lugar para os topazios amarellos no districto de Ouro Preto, no Estado de Minas Geraes, e para os topazios bran-

cos, verdes e azues, aguas marinhas e turmalinas em diversos municipios da parte oriental do Estado de Minas Geraes e parte adjacente do da Bahia. A exportação oficialmente registrada, para o anno de 1912, foi avaliada em 133:956\$000, ouro.

«A mineração do crystal de rocha acha-se limitada ao districto da Serra dos Crystaes, no Estado de Goyaz. A exportação no anno de 1912, foi de 45 toneladas, ávaliadas em 56:368\$000, ouro.

«A mineração de agathes em diversos pontos do Estado do Rio Grande do Sul, deo, para a exportação em 1912, 103 toneladas, avaliadas em 33:198\$000, ouro».

Nada mais succinto, nada mais verdadeiro e lamentavel.

Nas memorias, de 1908, de Costa Senna e Antonio Olyntho dos Santos Pires sobejam as informações sobre as nossas minas e os seus productos. Mas, de referencia á actividade das explorações, é a mesma a observação sobre o pouco que, entre nós, se tem feito e se faz. Ainda sobre a exploração do ouro, que levou a Minas, em tempos differentes, os capitaes de cerca de vinte Companhias inglezas e varias outras brasileiras, disseram aquelles scientistas o seguinte:

«Nestes ultimos annos, outras Companhias nacionaes e estrangeiras têm sido organisadas; porem

poucas têm levado avante a exploração de suas minas». E somente de seis, indicadas como principaes, as de Morro Velho, Passagem, S. Bento, Juca Vieira, Cuyabá e Descoberto, se occupam os referidos professores, examinando, detalhadamente, o seo valor e o curso de seos trabalhos.

Esta é a situação do paiz, da qual pouco diverge, quanto á exploração de suas riquezas mineraes, a da Bahia, onde, excepção feita da lavra dos diamantes, realisada, até agora, pelos processos da rotina, e de tentativas outras que, por diversas causas, se têm abandonado, tudo, infelizmente, está por fazer.



LXXIX

O *National City Bank*, de New-York, publicou, em Dezembro ultimo, uma interessante circular sobre o desenvolvimento de seos negocios, durante o anno passado, nos paizes estrangeiros, onde dá conta, com o exito das agencias estabelecidas sob o regimen e auctorisacão do *Federal Reserve Act*, da organisação de um «departamento de commercio estrangeiro», para pedir, recolher, systematizar e divulgar informações de character commercial sobre os paizes que desejam negociar com a America do Norte, trocando os seos respectivos productos, especialmente aquelles em que o Banco tem succursaes.

Parece, pois, que vae triumphar a idéa do Sr. Wharton Barker, illustre senador americano e um dos capitalistas de maior credito nas praças commerciaes de New-York e Chicago, do qual, não ha muito, recebemos, a esse respeito, o seguinte parecer:

«Eu não creio que extensivas e grandes relações commerciaes se possam estabelecer, entre a America do

Sul e a do Norte, senão depois que novos Bancos dos Estados- Unidos tiverem entrado em negocios de ordem industrial e mercantil, seguindo a maneira de agir dos Banqueiros da Gran-Bretanha e do Continente Europeo, ou quando uma ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE FINANÇAS E COMMERCIO se funde e trabalhe por estreitar as relações entre os paizes das duas grandes porções da America.

«Ha, presentemente, um extraordinario desenvolvimento de negocios, principalmente de exportação dos Estados- Unidos para a Gran-Bretanha e outros paizes da Europa, e o resultado desse balanço colossal causou perturbações no cambio entre a Norte- America e as Nações do outro lado do Atlantico, convido, para evital-as, que se estabeleça um cambio fixo, antes que os negocios, á falta dessa salutar medida, assumam as normas, bastante perigosas, da especulação.»

Será, entretanto, o Sr. Frank Vanderlip o executor, segundo o curso dos factos nas tentativas em ensaio, do pensamento do Sr. Wharton Barker, que, desde 1913, lhe communicou, em repetidas conferencias, a sua idéa e desejos, pois que o *National City Bank*, em que são figuras proeminentes, com o Sr. Vanderlip, os banqueiros, financistas e grandes industriaes Charles Stone, Odgen Armour, Theodore Vail, Robert Lovett,

Percy Rockefeller, William Corey e James Hill, tomou a si essa incumbencia, tambem recommendada pelo ultimo Congresso Financeiro Pan-Americano, de New-York.

Não está no plano do Sr. Vanderlip reunir capitães para emprestá-los, em moeda, ao commercio e ás industrias dos paizes com que quer negociar, senão, imitando, até certo ponto, o exemplo dos banqueiros de Londres, Paris, Bruxellas, Hamburgo e Berlim, utilizar pelos empréstimos contractados os productos da industria americana, cujo fornecimento substituirá, dentro de grandes limites, o dinheiro que deveria ser exportado.

A Circular do novo estabelecimento assignala, com a actual situação da Europa, que o problema dominante em todas as discussões da Conferencia Pan-Americana foi o do fornecimento, pela Norte-America, aos paizes que carecessem de facilidades para continuar o seu desenvolvimento, de capital novo, não na fórma de dinheiro, mas na fórma de machinismos e materiaes de diversas especies, que elles não fabricam e a America do Norte está em condições de fornecer.

São textuaes as seguintes palavras da referida Circular:

«Com este proposito, o Sr. Vanderlip, presidente deste Banco, obteve a cooperação de um grupo de

casas bancarias que emprestam dinheiro, alguma das quaes com extensivos conhecimentos estrangeiros a um grande numero de interesses industriaes e mercantis, já empenhados nessa actividade para o estabelecimento de uma corporação chamada— «*The American International Corporation*», com um contracto, no Estado de New-York, de 20 milhões de dollars.

«O contracto tem poderes sufficientes para autorisar á Corporação a tratar toda especie de negocios sujeitos, está claro, aos regulamentos e restricções provenientes das leis dos Estados e Paizes em que tenha de trabalhar.

«Poderá ajustar qualquer negocio e operar em toda a especie de transacções, comprar e vender embarcações, estradas de ferro, carros electricos, illuminações e installações hydraulicas, docas, armazens, usinas, fabricas e estabelecimentos mercantis; organizar estas empresas e dar principio a ellas, offerecendo, depois que funcionem, as suas acções ao publico, e ainda reter estas Companhias e operar sobre ellas como subsidiarias, transigindo com os respectivos titulos sobre a base do valor de suas propriedades.

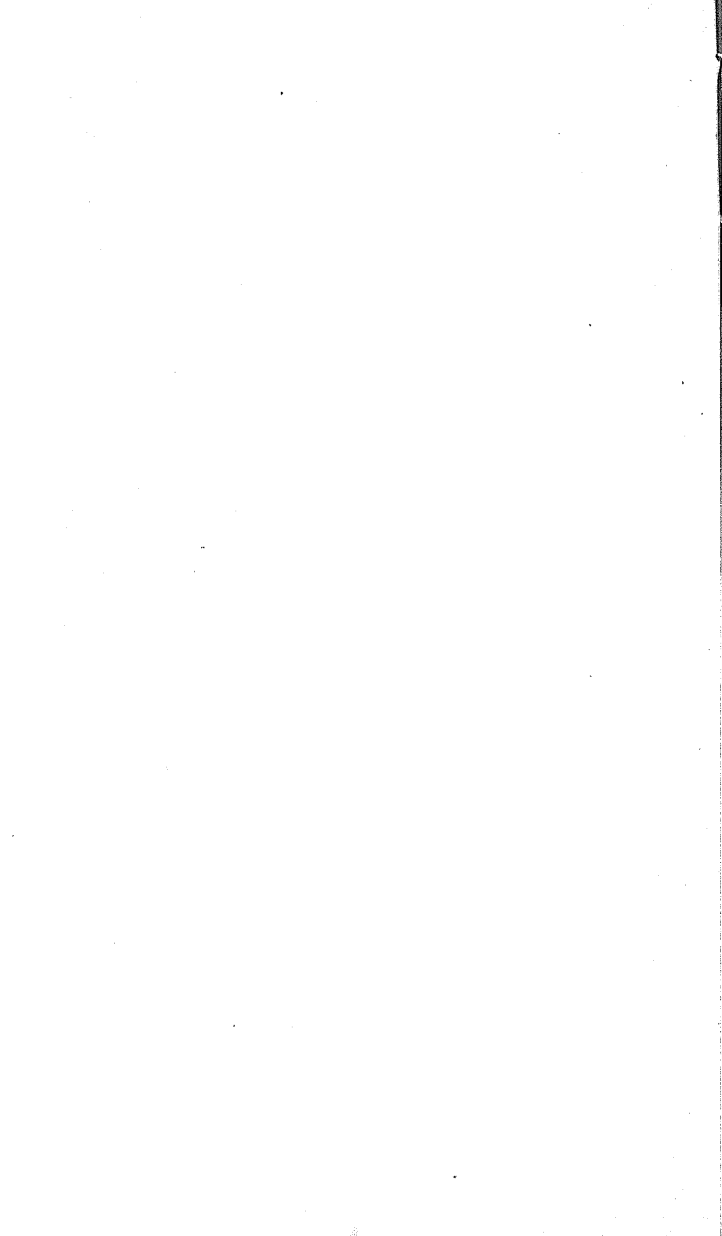
«*A American International Corporation* está habilitada a usar de todos os meios para o emprego de capital no mundo do commercio e da industria.»

Como se vê, será a nova instituição um grande e

poderoso elemento de commercio e credito, capaz de trazer aos paizes da America do Sul, especialmente ao Brazil, á Republica Argentina e ao Chile, facilidades para o seo progressivo desenvolvimento, sobretudo se as operações, alheando-se dos velhos processos dos prazos curtos e das liquidações immediatas, attenderem, como é de esperar, ás condições essencialmente ligadas ás industrias para o resgate de suas obrigações, seja o capital dos emprestimos fornecido em dinheiro ou em materiaes.

As primeiras experiencias dos Bancos Americanos não provaram bem; mais é de crer que o Sr. Vanderlip e os seus associados tenham intuitos de sinceridade, para lhes evitar o exemplo. Sendo assim, só haverá motivos para applaudir a idéa do Sr. Wharton Barker que o *National City Bank* adoptou e busca realisar.





LXXX

A inauguração dos ramaes da Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista, realisada, a 18 do corrente, pelo Sr. Dr. José Joaquim Seabra, foi o primeiro, real e immediato beneficio da visita que S. Ex., como Chefe do Estado, fez ás cidades de Ilhéos e Itabuna, entre as quaes se extendem, atravessando uma florescente zona de cultura do cacoeiro, os trilhos d'aquelle caminho de ferro.

Essa inauguração, que os povos das duas cidades tanto agradecem e festejam, significa que o seo trafego ficou subordinado, desde hontem, ao regimen das tarifas legaes, cessando os transportes de custo arbitrario, que muito prejudicavam os interesses agricolas e commerciaes da região.

Era necessario inaugurar os referidos ramaes como será util desenvolvê-los e, do mesmo modo, prolongar a linha principal da futura ferro-via, dando-lhe o character de linha de penetração, destinada a estimular e activar a agricultura de campos mais

affastados, de onde não de surgir outros centros de população e actividade mercantil, que, como a cidade de Itabuna, possam attender ao movimento das trocas exigidas pelos novos ou revigorados nucleos de producção.

A Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista, que o Sr. Governador do Estado com tanto zelo e interesse, pessoalmente, inspeccionou, attesta, com a opportunidade das medidas aqui suggeridas, a effectiva importancia dos caminhos de ferro para essa grande obra de circulação economica que as Estradas realisam.

Apezar de ter tido a ferro-via de Ilhéos á Itabuna, na pequena extensão construida, afóra os ramaes, de cerca de 60 kilometros, dous graves defeitos, o do seo excessivo custo, que exigio para alem do capital garantido, despezas que poderiam ter sido evitadas, e, sob o ponto de vista economico, mais que defeito, o erro do seo affastamento das directrizes naturaes no trecho em que ella se estabeleceo, em concurrencia com o trafego dos rios, fazendo voltas injustificadas senão inuteis, apezar disso, o seo movimento, fonte da crescente renda que lhe avoluma, de anno para anno, as receitas conseguidas, demonstra, inequivocamente, o alto valor de tão importante Estrada e as suas decisivas influencias sobre a prosperidade que estão grangeando, com as zonas de seo percurso, a

cidade de Ilhéos, de onde ella parte, e a de Itabuna, até onde presentemente chega.

Em 1911, primeiro anno de trafego, foi a receita apurada da Estrada de 250:205\$105 contra uma despesa de 320:481\$310, determinando, por conseguinte, um *deficit* de 70:276\$125. Mas, em verdade, outro não poderia ser o resultado da linha de Ilhéos, quando tudo lhe estava faltando ás garantias de um trafego regular, sobre o que logo cuidou o Sr. Dr. José Joaquim Seabra, Chefe do Governo, e do que deo conta, nas seguintes palavras, á Assembléa Geral do Estado:

«Nem na linha principal, de 58.750 kilometros construidos, nem no ramal do Almada, ainda em construcção, era tudo em ordem, quando a 29 de Março do anno passado assumi o governo da Bahia. Sem falar no irremediavel erro do traçado do trecho inicial da primeira secção, que, estabelecendo um desenvolvimento excessivo, logo encareceu o trafego para Itabuna, havia grandes falhas na obra construida, falta de segurança na linha, desalinhamentos, desniveis e, além de outras irregularidades, o inconveniente, no trafego, das tarifas arbitrarías, entre as quaes como de peior, pelo regimen que se lhes admittira, a das taxas kilometricas de «differenciação inversa».

Com as providencias adoptadas, a meu conselho, pela fiscalisação do serviço, tudo, no anno ultimo, se corrigiu, normalisando-se a exploração da linha. E' assiduo o trabalho da conservação. Refez-se a linha telegraphica. Estão em ordem, pela mudança das superstructuas, os divesos ponti-

lhões. Substituíram-se os dormentes ruins ou estragados. Iniciou-se, e vaee em bom caminho, a lastragem e, do mesmo modo, estão sendo feitos os serviços, muitissimo importantes, das defezas dos córtes e de escoamento das aguas. Os ramaes continuam, o que não succede ao prolongamento de Itabuna, onde só ha que contar os estudos de 50 kilometros».

Em 1912, o trafego, já adoptadas as providencias da fiscalisação official, têve o seo *deficit* reduzido á somma de 12:204\$005, proveniente de uma despeza de 425:850\$295, contra uma receita de 413:651\$390, sendo de notar que o *deficit* do primeiro semestre, do valor de 11:379\$340, baixou no segundo semestre do referido anno, de 1912, a 824\$665.

Em 1913, o resultado é diverso: accusa um saldo de 35:318\$500, oriundo do excesso da receita, de 489:940\$880, sobre a despeza, do valor apurado de 454:622\$380.

No anno seguinte, de 1914, e que foi o anno da enchente, em virtude da qual foi mistér o emprego de altas quantias para as reconstrucções e reparos que se fizeram necessarios em diversos pontos da linha destruida ou estragada, o saldo sóbe, apesar disso, á somma de 92:459\$200, visto cobrirem os resultados do segundo semestre, do valor de 147:925\$420, e, vantajosamente, o *deficit* de 55:466\$120, tendo sido a receita

total durante o anno de 710:201\$880 e a respectiva despesa de 717:742\$680.

No anno ultimo, de 1915, tudo regularizado, a Estrada apresenta o assombroso saldo de 484:562\$580, tendo sido a receita de 1.054:289\$120 contra a despesa de 569:726\$540.

Não podem ser mais expressivos os algarismos em que se affirma a prosperidade da Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista, que o Sr. Dr. Governador do Estado acaba de percorrer, deixando, como feliz lembrança de sua utilissima e muito festejada visita, a inauguração official, em 18 deste mez, dos ramaes agora subordinados, com real proveito para os interesses do transporte das respectivas zonas, ás taxas de transporte das tarifas communs.

Incontestavel este beneficio, não o é menos o que fica, para os interesses, em geral, do Estado, das visitas que fazem os Governos ás suas cidades e a todos os centros em que se observam, no util desenvolvimento das energias creadoras, nos campos como nas fabricas, as lides do trabalho.



LXXXI

Foram transportadas pela *Estrada de Ferro de Ilhéos á Conquista*, em 1915, nada menos de 30.663,900 toneladas de mercadorias, ou mais 4.791.500 kilogrammas que em 1914, produzindo a renda de 749:691\$300, ou mais 204:488\$300 sobre a receita do anno passado, do valor de 544:809\$000.

No movimento de passageiros foi notavel o accrescimo do numero verificado, nos dois sentidos da linha: em 1914, de 1ª classe, 26.323 e, de 2ª classe, 29.518, ou seja um total de 55.841 passageiros; em 1915, de 1ª classe, 52.336 e, de 2ª classe, 56.154, fazendo, em somma, o numero total de 108.460 viajantes. O augmento foi, portanto, de 52.619 passageiros, ou seja um accrescimo de 94,2 %. O movimento de passageiros, pôde-se dizer, duplicou.

Com relação á receita total apurada, de..... 1.054:289\$120, em 1915, de 710:201\$880 em 1914, as quotas dessas duas referidas parcellas, de mercadorias e passageiros, assim se registaram:

	<i>Em 1915</i>	<i>Em 1914</i>
Mercadorias.....	749:691\$300	544:809\$700
Passageiros.....	249:273\$880	134:737\$900
Somma....	<u>998:965\$180</u>	<u>679:547\$600</u>
Outras rendas....	55:323\$940	30:654\$280
Total.....	<u>1.054:289\$120</u>	<u>710:201\$880</u>

As diferenças, de um para outro anno, foram estas:

	<i>Augmento em 1915</i>	
Mercadorias....	204:881\$600	37,5 %
Passageiros....	114:535\$980	85,0 %
Outras rendas..	24:669\$660	80,4 %
Total.....	<u>344:087\$240</u>	84,4 %

A contribuição de cada parcella, para o total da renda, nos supracitados annos de 1914 e 1915, foi a seguinte:

	<i>Em 1915</i>	<i>Em 1914</i>
Mercadorias....	71,11 %	76,71 %
Passageiros.....	23,64 %	18,98 %
Outras rendas..	5,25 %	4,31 %
Total.....	<u>100,00 %</u>	<u>100,00 %</u>

E' uma situação de indiscutivel prosperidade,

que o crescimento das receitas, em cinco annos de trafego, bem atesta:

	<i>Receita</i>	<i>Augmento sobre 1911</i>
Em 1911.....	250:205\$105	—
» 1912.....	413:651\$390	163:446\$285
» 1913.....	489:940\$380	239:735\$775
» 1914.....	710:201\$880	459:996\$775
» 1915.....	1.054:289\$120	804:084\$015

A actividade da Estrada, cujo material rodante é, desde o anno de 1914, insufficiente, se demonstra pelos seguintes algarismos:

N. DE TRENS	<i>1915</i>	<i>1914</i>
Ordinarios	1.244	938
Extraordinarios		33
Passageiros.....	51	269
Mercadorias.....	425	388
Lastro	129	
Total.....	<u>1.849</u>	<u>1.628</u>

PERCURSOS:	<i>1915</i>	<i>1914</i>
Trens ordinarios.....	58.633.582 ms.	2.344.000 ms.
» extraordinarios.		
Passageiros...	3.718.399 »	35.252.000 »
Mercadorias ..	31.677.510 »	17.012.000 »
Lastros.....	11.903.382 »	23.602.000 »
Total.....	<u>105.932.873 »</u>	<u>78.210.000 »</u>

Ou sejam, em 1915, mais 221 trens e um accrescimo de percurso de 27.722.873 metros.

O percurso total das locomotivas foi de 110.908.370 metros, em 1915, contra o de 82.054 metros em 1914. O dos vehiculos, que não excedeo, em 1914, de 272.614.000 metros em 1914, attingio, em 1915, ao total de 412.003.758 metros.

Sem o excesso da despeza realizada na construcção, que o Governo *reconheceo* para determinados fins do contracto, mas que, tendo em vista o mesmo contracto, não *garantio*, seria excellente a situação do capital, demonstrando a conveniencia e utilidade da *Estrada de Ilhéos á Itabuna*, que está prestando ás zonas do seo percurso os melhores serviços.

São as seguintes as cifras dos douts capitaes, o *reconhecido* e o *garantido*:

a) <i>Capital reconhecido</i> , como empregado na construcção da Es- trada			6.379:728\$333
sendo:			
na <i>Linha tronco</i>	4.929:133\$113		
nos <i>Ramaes</i>	1.450:595\$220		6.379:728\$333
			<hr/>
b) <i>Capital garantido</i> , na forma do contracto..			3.318:000\$000
sendo:			
na <i>Linha tronco</i>	2.330:500\$000		
nos <i>Ramaes</i>	987:500\$000		3.318:500\$000

E' pois, de 3.061:728\$333 o *capital sem garantia*, sendo:

na <i>Linha tronco</i>	2.598:633\$113
nos <i>Ramaes</i>	463:095\$220
	<hr/>
Total.....	3.061:728\$333

Prolongada a Estrada, sob a clausula de uma melhor orientação do plano primitivo, fazendo-a seguir, nas suas linhas de penetração, as zonas de maior capacidade productiva, sobre o valor do empreendimento, como estímulo e auxilio á agricultura local, avultará, para a empresa constructora, a vantagem da redução do custo kilometrico da importante ferro-via, se não se repetirem, o que é de esperar, os erros, ou abusos, de seos primeiros tempos.

Nestes dados estatisticos está a prova de ser necessario semelhante *prolongamento*, o que o Sr. Governador do Estado reconheceo em sua vizita, ha poucos dias, á Estrada de Itabuna. Será para o Thezouro, em função da garantia contractual, um novo compromisso, nos primeiros tempos do trafego—uma despeza real, que, bem cedo, ha de cessar e ser idemnizada, no valor adeantado, pelos saldos do movimento, como já vae acontecendo para a parte construida.

Para as soluções do nosso problema economico, visando o aproveitamento das terras do Estado e a sua expansão productora, que tornará effectivas rique-

zas que o trabalho do homem ha de desentranhar do solo, quando se evidenciar a vantagem de cultural-o, é o transporte facil e barato uma poderosa força de impulsão, são as Estradas, de ferro ou de rôdagem, segundo as circunstancias locais, o meio melhor de animar a actividade creadora, de que depende, aqui e em toda a parte, o desenvolvimento progressista dos paizes que têm na agricultura os seus grandes elementos de vida e prosperidade.

Urge, no caso da *Estrada de Ferro de Ilhéos a Itabuna*, continual-a, levando os seus trilhos, por accertados caminhos, até a cidade de Conquista. A empresa concessionaria, ella mesma, não saberá divergir deste pensamento do Governo, porque outro não pode ser o seu interesse.



LXXXII

O Estado de S. Paulo é no paiz o grande productor de café, o maior, no Brazil e no mundo, dos seus exportadores. A estatistica Laneuville, cujos allegarismos comprehendem as colheitas verificadas de 1850-51 a 1914-15, dá para esta ultima safra, contada de 1º de Julho a 30 de Junho, apreciando a producção mundial do café, as seguintes cifras:

Rio de Janeiro.....	3.349		milhares de saccas
Santos (S. Paulo e Minas)	9.497	»	»
Bahia e Victoria.....	629	»	»
	13.471	»	»
Total do Brazil.			
Outros paizes, pela sua exportação para a Europa e os Estados-Unidos.....	4.394	»	»
	17.865	»	»
PRODUCCÃO TOTAL DO CAFÉ			

Na safra de 1850-51 foi a seguinte a situação:

Rio de Janeiro.....	2.200		milhares de saccas
Santos (S. Paulo e Minas).....	300	»	»
Bahia e Victoria.....	50	»	»
	2.550	»	»
Total do Brazil.			
Outros paizes..	2.345	»	»
	4.895	»	»
PRODUCCÃO TOTAL.....			

Ha 64 annos, pois, rivalisava a producção dos diversos paizes com as colheitas do Brazil, onde o Rio de Janeiro figurava com algarismo muitissimo superior ao de Santos. Na evolução do tempo, entre aquelle marco e o da safra ultima (1914-15), assim se registam os extremos limites da producção, em milhares de saccas:

RIO:	<i>Quantidade</i>	<i>Safra</i>
Minimo	2.200	1850-51 a 1859-60
Maximo.....	5.330	1901-02

SANTOS:

Minimo	300	1850-51 a 1859-60
Maximo.....	19.626	1906-07

BAHIA E VICTORIA:

Minimo	50	1850-51 a 1859-60
Maximo.....	686	1903-04

OUTROS PAIZES:

Minimo	2.345	1850-51 a 1859-60
Maximo.....	5.154	1913-14

PRODUCCÃO MUNDIAL:

Minimo	4.895	1850-51 a 1859-60
Maximo.....	23.786	1906-07

Na exportação pelo porto de Santos, por onde avalia a estatistica Laneuville a producção, registada

pelo numero de 9.497 milhares de saccas, são, effectivamente, de S. Paulo 8.679.957 saccas:

Café paulista.....	8.679.957	saccas
» mineiro.....	796.502	»
» paranaense.....	20.894	»
» cathariense.....	200	»
Total.....	9.497.553	»

Deste modo, o algarismo exacto, em milhares de saccas, da producção do café, calculada pela sua exportação, na safra, ultima, de 1914-15, deve ser repartido assim:

Estado de S. Paulo...	8.679	milhares de saccas
Brazil, menos S. Paulo	4.792	« « «
Outros Paizes.....	4.494	« « «
Produção total....	17.863	« « «

Isto é: o Brazil entra no mercado mundial com a contribuição de 75,40% (13.471 milhares de saccas), cabendo a S. Paulo 48,52% (8.679 m. s.) e aos outros paizes 24,60% (4.394 m. s.):

Estado de S. Paulo..	48,52%
Brazil, menos S. Paulo	26,88%
Outros Paizes.....	24,60%
Produção total...	100,00%

A producção de S. Paulo comprehendeo, portanto, 64,42% da producção do Brazil, ou quasi dous terços do seo total.

Mas, em verdade, a producção de S. Paulo foi maior, pois que a estatistica Laneuville só computou

a exportação, pelo porto de Santos, para o estrangeiro. Os trabalhos, ultimamente publicados, da «Directoria de Industria e Commercio», repartição a cargo do Sr. Paulo R. Pestana, da «Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de S. Paulo», fixa, com inteira segurança, desde a safra de 1909-10, a produção total do café neste Estado e os algarismos da sua distribuição:

PRODUÇÃO:

<i>Annos agricolas</i>	<i>Arrobas</i>	<i>Saccas</i>
1909-10	48.496.204	12.124.051
1910-11	33.833.504	8.458.376
1911-12	42.320.691	10.580.172
1912-13	37.883.334	9.470.833
1913-14	44.289.470	11.072.387
1914-15	36.826.030	9.206.507

Esta *produção total*, na safra de 1914-15, proveio de 735.444.350 cafezeiros, dando em média, por mil pés, 50 arrobas.

DISTRIBUIÇÃO:

Foi a seguinte, em saccas, a distribuição do café produzido, comprehendendo a exportação e o consumo no Estado:

<i>Annos agricolas</i>	<i>Entrada em Santos</i>	<i>Sahida pela Central</i>	<i>Consumo no Estado</i>
1909-10	11.342.428	402.233	380.390
1910-11	8.091.950	114.516	251.910
1911-12	9.568.165	203.629	808.378
1912-13	8.346.179	136.584	988.070
1913-14	10.161.888	86.186	824.313
1914-15	8.679.957	63.574	462.976

Ou seja, para a ultima safra, de 1914-15:

Café entrado em Santos.....	8.679.957	saccas
Idem sahido pela E. F. Central	63.574	»
Consumo no Estado	462.976	»
Somma: <i>produção total</i>	<u>9.206.507</u>	saccas

Originaria de cerca de 140 municipios, esta produção teve as suas maiores parcelas nos seguintes:

	<i>Arrobas</i>	<i>Media por mil cafezeiros</i>
Ribeirão Preto.....	2.467.400	78,5 arrobas
S. Carlos.....	1.665.180	66,4 »
Campinas.....	1.264.200	44,3 »
Jahú.....	1.253.300	67,6 »
Amparo	1.138.500	60,6 »

Todos os outros municipios produziram menos de um milhão de arrobas, sendo que foram os seguintes os que demonstram, em suas terras, por coefficiente superior a 70 arrobas por mil cafezeiros, maior capacidade productiva:

<i>Municipios</i>	<i>em arrobas</i>	<i>mil pés</i>
Cravinho.....	990.870	87,7 arrobas.
E. Santo do Pinhal.....	843.550	76,6 »
Fartura.....	148.000	76,4 »
Itaporanga.....	380.800	76,6 »
Itatinga	213.730	71,2 »
Mogy-Guassú.....	190.100	82,3 »
Pedreira	160.350	80,4 »
Ribeirão Preto.....	2.467.400	78,5 »
Salto de Itú.....	10.550	71,4 »
S. José do Rio Pardo....	883.580	83,4 »

Para a safra de 1915-16, que está correndo, a produção está avaliada, para S. Paulo, em 10.941.750 de saccas.

Todos estes dados, de uma estatística admiravelmente organizada, de registo do passado e de previsão do futuro, aqui se recordam, sobre o interesse que ella desperta, para lembrar que S. Paulo, a despeito de sua preeminencia na produção do café, não perde de vista, defendendo-se da concurrencia estrangeira, o que se passa, a respeito do precioso grão, em outros paizes do mundo, especialmente nas Indias Neerlandezas, em Java, Sumatra, Bornéo, Ceylão e Uganda, «onde a cultura do café tem tomado grande incremento».

O exemplo desse cuidado, que motivou, por incumbencia do Governo de S. Paulo, o estudo do sr. Edmundo Navarro de Andrade, deverá ser seguido, quanto ao cacáo, pelo governo da Bahia, mais ameaçada que S. Paulo na competencia do seo mais abundante producto pela exportação de varios paizes, principalmente d'Africa, attendendo que somente a cidade de New-York, de 1º de Janeiro a 1º de Outubro do anno ultimo, importou 1.179.562 saccos de cacáo, sendo a porcentagem da Bahia de 203.597 saccos.

Prever é tudo nas administrações. Prevendo é que se evitam os males do futuro, quando é dado aos que

governam sentil-os no presente, pois, só assim se prepara, na economia dos Estados, o caminho de sua prosperidade. Como S. Paulo está defendendo o seo café, carece a Bahia, no seo proprio interesse, bem servir e defender a producção do seo cacáo.



LXXXIII

É fóra de questão que o plantio do «cafeeiro», particularmente o *liberica*, o *arabico*, e o *robusta*, tem tido nas Indias Holandesas, inclusive Java e Sumatra, um desenvolvimento extraordinario. Recente publicação, de origem ingleza, declara a existencia de «cerca de 300 mil acres com 300 milhões de cafeeiros nas plantações particulares, rendendo de 5 a 7 *pikols* (de 20 a 29 arrobas) por acre ou geira.» «O governo», ainda se lê na referida publicação, «possue, por seo lado, 240 milhões de cafeeiros, occupando 555 mil acres, e dando a ruinosa media de 1 e um quarto de *pikol* (5 arrobas) por acre. Assim, ha um total de 555 mil acres (92.500 alqueires paulistas) com 540 milhões de cafeeiros, isto é, cerca de 200 milhões menos que em S. Paulo,»

A producção, nas Indias Holandesas, é, todavia, muito inferior ao algarismo das colheitas paulistas.

Basta saber, a este respeito, que, na safra de 1914-15, S. Paulo produzio, contando 735.444.350 cafeeiros, 36.826.030 arrobas de café, ou sejam, á

razão, em media, de 50 arrobas por mil pés, 9.205.507 saccas. Porque, se a produção das Indias Hollandezas se realisasse pela mesma media de S. Paulo, os 540 milhões de cafeeiros deveriam fornecer 6.753.000 saccas, quando a estatistica Laneuville assignala, como contribuição, afóra o Brazil, dos outros paizes, o total de 4.394.000 saccas.

Em 1912, quando o total das exportações dos paizes productores se registou pelo algarismo de 16.406.000 saccas, cabendo ao Brazil 12.131 milhares e aos outros paizes 4.275 milhares, não excedeo de 378.384 saccas a exportação das Indias Hollandezas, assim discriminada:

Café «Arabica».....	12.171 toneladas
« «Liberica».....	1.893 «
« «Robusta».....	6.287 «
Outros cafés.....	2.347
	<hr/>
Total.....	22.703 «

Ou sejam 22.703.000 kgs., e, por sacca de 60 kgs., 378.384 saccas.

A produção em Java e Sumatra, no referido anno, e das tres primeiras especies de café, foi de 645.395 saccas, sendo a produção de S. Paulo de 9.470.833 saccas.

Tão contradictorias, entretanto, têm sido as informações sobre a cultura do cafeeiro nas Indias Hollan-

dezas, a parecer, não raro, que se prepara, pelo desenvolvimento da produção do café, o perigo de sua competencia comnosco nos grandes mercados de consumo, que, sem necessidade de outras razões, se justifica o inquerito do Governo de S. Paulo, ordenado em 7 de Abril de 1893 pelo sr. Dr. Paulo da Moraes, Secretario da Agricultura:

«Devereis», escrevia S. Exa. ao Dr. Edmundo Navarro de Andrade, «fazer um estudo geral e completo da lavoura do café no Oriente, observando, cuidadosamente, as condições agrológicas e climatológicas de todas as zonas em que ella seja possível e procurando sempre justificar com documentos e dados e fontes fidedignas o resultado da observação que fizerdes. Deverá merecer a vossa acurada attenção o estudo das condições economicas da lavoura cafeeira em tudo em que diga respeito a salarios, beneficiamento, fretes terrestres e maritimos, impostos e direitos que a oneram. Como de capital importancia para o Estado de São Paulo, procurareis conhecer exactamente o volume da produção actual e a possibilidade ou probabilidade do seu augmento; a natureza e as qualidades commerciaes do producto, mercados e suas cotações, assim como verificareis as especies ou variedades cultivadas, suas exigencias culturaes, meios de aperfeiçoamento e processos de cultura.

Será indispensavel obter o maior numero possível de dados e informações sobre a area actualmente cultivada, com a discriminação da idade das plantações, fazendo, como natural complemento, um inquerito discreto e fiel sobre a tendencia ou probabilidade de sua expansão e sobre os factores que para isso concorrem.»

O sr. Navarro, que tudo examinou, e ouviu, como summidades no assumpto, os especialistas Van Hall e Cramer. E. Dom e Elink Schuurman, aproveitando a bôa vontade do Governador-Geral das Indias Neerlandezes, sr. Idenburg, que lhe facilitou os estudos sobre a missão de que estava incumbido, disse, em certa passagem do seo relatorio de 1914, o seguinte:

«S. Paulo, segundo as ultimas estatisticas publicadas e sem contar os cafezaes novos, possui 688.845.410 cafeeiros em 875.003 hectares ou 361.571 alqueires. Java, mesmo incluindo os cafezaes do Governo, tem cerca de trezentos milhões de pés em 141.920 hectares ou 58,644 alqueires, isto é um pouco da metade dos cafeeiros do nosso Estado, numia area mais de seis vezes inferior á nossa (São Paulo tem em café exactamente 6,19 vezes a area cultivada com esta planta em Java. Tomando como média dos ultimos annos, para São Paulo, 10 milhões de saccas e a safra de Java em 1912, de 581.155 saccas (564.585 pikols), teremos que a nossa producção é 17 vezes maior que a Javaneza.

Se compararmos o numero de cafeeiros, veremos que, por mil pés, o nosso Estado produz 8 vezes mais; mas se nos referirmos á areas, veremos que, por alqueire, a nossa producção é de 100 arrobas e a de Java de 40 (exactamente 39,6), isto é, não chegamos a produzir tres vezes mais. Se, porem, descontarmos os cafezaes do Governo, que muito fazem abaixar a média de producção de Java, teremos 41.190 alqueires produzindo 1.993.320 arrobas (498.330 saccas) ou sejam 48 arrobas por alqueire, ou pouco menos da metade da nossa pro-

dução por unidade de superficie (exactamente 2,2 mais em S. Paulo que em Java), o que ainda é muito, certamente, mas já não tão desproporcional como querem fazer. Menor parecerá a differença se se levar em consideração a lucta tremenda contra a terrível *hemilêia*, de que estão atacados todos os cafezaes das Indias, a enorme fertilidade das terras paulistas em comparação com as javanezas e o grande numero de cafeeiros que ainda nada produzem ou produzem muito pouco.»

Não ha, pois, que temer a concurrencia do Oriente no fornecimento de café aos paizes importadores, onde é de 75,4% a contribuição brasileira. Mas, ainda que assim seja, foi utilissima, pelos estudos reunidos, a missão Navarro de Andrade, quer pelos exames feitos sobre as diversas especies dos cafeeiros cultivados quer pela apreciação, bastante detida no relatorio de 1914, das condições economicas e da lavoura cafeeira nas Indias Hollandezas, como tambem pelos ensinamentos, da observação de Morshal, Ward, Cramer e outros, sobre a *hemilêia vastatrix*, terrível parasita, apparecida em Java desde 1884, e que tanto devasta os cafezaes do Oriente.

Nunca é demais prevenir o mal, fazendo conhecer, a tempo, as suas possibillidades, de modo a poder evital-o. Triste seria a imprevidencia que o auctorisasse, deixando aos favores do acaso, quando o mal occorrer, os seus remedios. S. Paulo andou bem.

Valha o exemplo do grande Estado para que a Bahia se acautele, defendendo a grande riqueza que lhe garante a cultura do *cacoeiro*. Já basta o termos de lamentar, quanto á cultura da *larangeira*, a sua incontestavel decadencia, emquanto, procedente de nossas terras, o precioso fructo, que já nos falta para o consumo local, tanto enche, na California, com os algarismos da exportação, a receita de seos orçamentos.

«*Não cuidar*» é, entre todos, o maior defeito das administrações, a peor das suas faltas, que o futuro não perdôa e o tempo sempre castiga.



LXXXIV

O Dr. Augusto Ramos, infatigável espirito e, entre os nossos homens de capacidade e trabalho, um dos que mais tem contribuido para desenvolver e aperfeiçoar a produção agricola brasileira, estudando, particularmente, as culturas do cafeeiro e da canna de assucar, disse, em 1906, voltando da America Hespanhola, onde fôra examinar, a mando do Governo de S. Paulo, a situação, na safra de 1904 e 1905, da industria cafeeira, esta sentenciosa phrase:—«Em relação ao augmento da produção do café, o Brazil continuará a não ter concorrentes no mundo».

Julgamento verificado, na successão do tempo, desde que se publicou, em 1907, o seo interessante opusculo sobre a cultura do cafeeiro no Mexico, em Guatemala, S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, Colombia, Venezuela e Porto Rico, elle o exarou em seguimento a este outro voto, remate de suas observações nessas republicas americanas:—«Conclue-se, pois, com toda a evidencia, que se acham fechados os horizontes da

industria cafeeira na America Hespanhola; d'ahi não ha esperar nenhum augmento apreciavel da producção».

A estatistica da producção brazileira, computada pela exportação do café, e segundo o quadro do «Centro Industrial do Brazil», dava, no referido anno de 1906 (safra de 1905-06), um registro de 11.055.370 saccas, de 60 kilogrammas, para uma producção mundial de 16.306.000 saccas, figurando todos os outros paizes com a parcella de 5.250.622. A estatistica de Lancuville, mais reduzida, conserva, ainda hoje, como exactas, estas cifras: 10.844.000 saccas da exportação brazileira, 3.948.000 da estrangeira (de todos os outros paizes para a Europa e os Estados-Unidos) e o total de 14.792.000 saccas para todas as nações productoras.

D'ahi por deante têm sido as seguintes as duas parcellas, em milhares de saccas, da producção (café exportado) mundial:

<i>Safras</i>	<i>Brazil</i>	<i>Os outros paizes</i>
1906-07	20.190	3.596
1907-08	11.001	3.861
1908-09	12.912	4.003
1909-10	15.324	3.801
1910-11	10.848	3.676
1911-12	13.037	4.337
1912-13	12.131	4.275
1913-14	14.459	5.174
1914-15	13.471	4.394

No tempo que vae de 1852 a 1898, a producção do Brazil subio de 2.423.640 saccas a 7.250.000; a da America, excluida a do Brazil, ascendeo de 482.360 saccas a 3.100.000; a da Africa se elevou de 21.000 saccas a 275.000; variando a da Asia entre as cifras de 1.630.000 em 1852, de pouco mais de 2 milhões nos annos decorridos de 1862 a 1884 e de 1.171.000 em 1898. A producção mundial, de 4.507.000 em 1852, se registou, em 1898, pela cifra de 11.796.000 saccas.

Na monographia de Porto Seguro, em que se aprecia a evoluçào do café explorado entre os annos de 1800 a 1876, está, a respeito do facto observado, este justo conceito, que, ainda hoje, é, até certo ponto, verdadeiro:—«Emquanto a producção augmenta no Brazil, estaciona em outras zonas productoras, como em Ceylão, America Central, Antilhas e diversos outros paizes». Pelos menos, pode-se affirmar, não baixa, na producção, a porcentagem do Brazil, do valor em media, de 75 %, ou tres quartos da producção mundial.

«Nenhuma outra região do mundo», escreveo, ainda, Porto Seguro, «nem Java, nem Ceylão, apresenta um estado tão brilhante, tão prospero e grandioso na sua cultura do café, e para que algum dia chegasse algum outro productor ao ponto em que se

acha o Brazil, seria necessario, alem do concurso de circumstancias especiaes e extraordinarias, que os cafesaes brasileiros fossem aniquilados por uma praga geral e duradoura».

Belli, em 1910, escrevendo para a collecção italiana—*Mdnuali Hespli*, um volume sobre o café, deo, em diagramma, para a producção media, annual, de 16.685.000 saccos, a seguinte distribuição:

Saccos de 60 kgs.

S. Paulo.....	10.000.000
Rio e Minas.....	3.000.000
Victoria e Bahia.....	580.000
Venezuela.....	800.000
Salvador.....	550.000
Haiti.....	350.000
Mexico.....	350.000
Java.....	300.000
Costa Rica.....	250.000
Africa.....	150.000
Nicaragua.....	125.000
India.....	90.000
Porto Rico.....	70.000

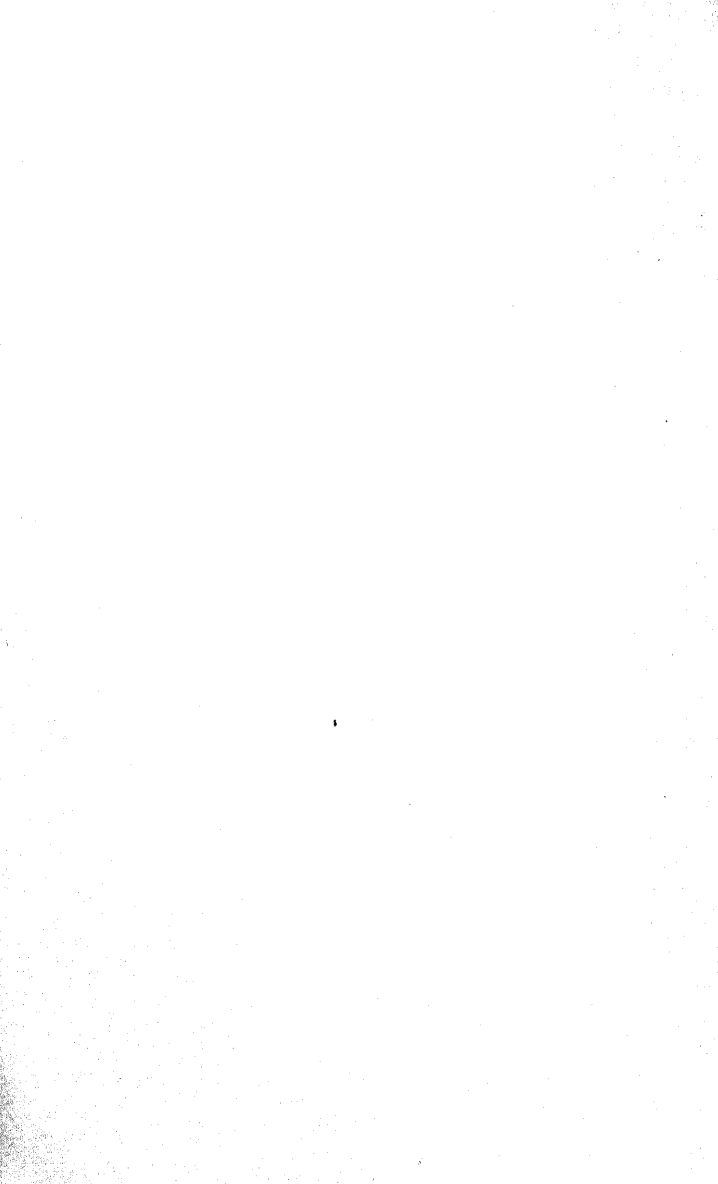
Seo parecer, em que é lembrado o juizo do Dr. Augusto Ramos sobre a cultura do café na America Hespanhola, não diverge de suas conclusões, assegurando a duradoira preeminencia do Brazil entre os productores do precioso grão, e, entre os Estados do nosso paiz, o do S. Paulo, onde a cultura do cafeeiro e o commercio do café se fazem, sob as garantias de

uma organização admiravel, com as vantagens do melhor criterio economico e o proveito dos methodos racionaes que a lavoura, no intento de se aperfeicoar, vae admittindo.

Teve razão o Dr. Augusto Ramos em affirmar, como o demonstram os factos, que, «de referencia ao augmento do café, o *Brazil* continua e continuará a não ter concurrentes no mundo».

Mas, sendo esta a verdade, cabe aqui perguntar— porque, reconhecida a excellencia de numerosos e extensos trechos da terra bahiana para a cultura do cafeeiro, não progride na Bahia a producção do café?





LXXXV

A cultura do cafeeiro, ou *cafezeiro*, como chamava o valioso arbusto, na sua «*Monographia do Café*», o Sr. Paulo Porto-Alegre, não tem nenhuma organização na Bahia. Afóra as cifras da exportação realisada pela Directoria das Rendas e algumas outras estações do Thesouro, nada mais se sabe, no Estado, sobre a producção do café, ou se tracte de sua lavoura ou de qualquer das questões economicas que a ella se prendem. E' uma industria agricola cuja situação se ignora sempre, tão raras são as observações colligadas sobre as especies cultivadas, as zonas e areas de producção, as condições da lavra, plantio, defeza e beneficiamento das colheitas, o valor do rendimento e a importancia com que chega o seo producto aos mercados locais para as distribuições do consumo e da exportação.

O Sr. Manoel da Silveira Gusmão, em 1887, emprehendeo reunir algumas informações sobre «a cultura do cafeeiro nas Provincias do Norte do Brazil», trabalho que, por muito defficiente, nada adeantou.

È, todavia, o café é cultivado na Bahia, desde o anno de 1809, pelos ensaios feitos nas comarcas do sul, sendo Ouvidor de Porto Seguro o snr. José Marcellino da Cunha, que, alem de obrigar os lavradores do seo districto ao plantio do cafeeiro, organisou, elle mesmo, de sociedade com o Conde da Barca, um estabelecimento para explorar a lavoura do café. O introductor da planta, segundo refere João Antonio de Sampaio Vianna, na sua «*Breve Noticia da primeira planta de café que houve na Comarca de Caravellas, ao sul da Provincia da Bahia*», escripta e divulgada em Junho de 1842, foi, recebendo dos missionarios italianos Fr. Marcello e Fr. Pedro alguns grãos de café, Manoel Fernandes Novinho, que, por mera curiosidade, os plantara no *Sacco*, fazenda sua a uma legoa de Villa-Viçosa, e de cuja experiencia, em tempo que não foi longo, logo colheo, a seo contento, *mais de meia arroba de café!*

A estatistica de Porto-Seguro dá que, em 1810, já exportava a Bahia 973 saccas que, em 1839, foram 13.058 saccas, 21.469 em 1849, 54.890 em 1859, 84.396 em 1869, descendo, em 1874, até onde alcança esse registo, á somma de 56.757.

Em 1902, já na Republica, a Bahia exportava 163.979 saccos, quando S. Paulo mandava para o estrangeiro, pelo porto de Santos, 8.714.182 saccas,

sendo o total da exportação brasileira de 13.157.383 saccos, de 60 kgs. cada um. Mas, d'ahi por diante até 1915, não alcançou mais a exportação bahiana a tonelagem de 1903 e menos a de 1898, de cerca de 23 milhões de kilogrammas.

Tudo, entretanto, fazia crer, em 1882, por ocasião da *Terceira Exposição de Café*, realisada no Rio de Janeiro, no adeantamento da lavoura bahiana pelo exito extraordinario que ali têve o *Café Maragogipe*. A firma Ed. Johnston & C., de Londres, escrevendo ao Visconde de Jaguaray, isto dizia:—«Causou impressão o *Café Maragogipe* e todos concordam que ainda se não vio café algum com grão de igual tamanho.» O preço do café estava muito baixo, e, comtudo, aquella firma declarava que o *Café Maragogipe*, como «qualidade excepcional», podia valer de 13\$000 a 16\$000. Cultura racional, não ha nenhuma, em qualquer parte da Bahia, nem mesmo em Maragogipe, do excellente café conhecido pelo nome desse municipio em que, com uma variedade do «arabico», ali floresceo.

É afamado pelas suas qualidades de sabor o café das Lavras, tambem chamado, mais frequentemente, «café da Chapada». Sua producção deixa, porem, pequenas sobras para a exportação, sendo quasi toda consumida no Estado. Nas zonas da linha ferrea de Nazareth, ainda que bastante atrazada, é mais abun-

dante a cultura. Basta saber que, tendo sido do pezo de 5.574.701 kgs. o café transportado pela Estrada para a capital do Estado, não excedeo de 5.358.677. kgs. o que se despachou, na Directoria das Rendas, para ser exportado, nem foi a mais de 5.096.738 o que, effectivamente, se exportou para o estrangeiro e diversos Estados do paiz. Em 1913 é, ainda, mais expressivo o facto: a Nazareth transporta para a Capital 8.288.944 kgs., sendo, nesse anno, a quantidade despachada, para a exportação, do pezo de 5.893.608 kgs. e a exportada, effectivamente, em 105.082 volumes, do pezo de 6.306.643 kgs. Em 1912 é tudo o mesmo: a Estrada transporta 13.377.380 kgs., os despachos na Directoria das Rendas comprehendem 11.363.737 kgs. e a exportação não vae alem de 10.998.830 kgs.

Póde-se, pois, dizer que procede dos municipios da linha de Nazareth o café que o Estado exporta, deixando sobras para o consumo interno. São numerosas, entretanto, no sul e centro do Estado, como nas regiões do S. Francisco, as localidades productoras de café, embora em quantidades pequenas, e, em certos pontos, insignificantes.

Isto prova a existencia de terrenos apropriados á cultura do cafeeiro, e, por conseguinte, as possibilidades do desenvolvimento da respectiva lavoura, que, aparte S. Paulo, continua a ser inferior á do Espírito

Santo, Minas e Rio de Janeiro. Com a de S. Paulo nem é admissivel que se faça qualquer comparação, porque esse Estado conta por milhões de saccas o café que exporta, alem do que consome, e o nosso, nos derradeiros dezenove annos, de 1897 a 1915, não conseguiu, nunca, exportar 400.000 saccos, menos de meio milhão. Mais avulta a differença, segundo a ultima estatistica do café entrado nos portos de embarque, e que se publicou até a safra de 1912-13, entre o que exportamos e exporta S. Paulo, que tève, nesse tempo, uma produção total de 9.470.833 saccas.

São estes os numeros da safra 1912-13:

<i>Portos de embarque</i>		
Rio de Janeiro.....	2.888.020	saccas
Santos.....	8.584.797	«
Victoria.....	459.383	«
Bahia.....	173.555	«
Outros portos.....	19.688	«
Total.....	<u>12.125.443</u>	«

Tudo apurado, verifica-se ser demasiadamente pequena a contribuição da Bahia na exportação do café, e, como garantia do seu desenvolvimento, a alta capacidade agricola do Estado para a expansão da respectiva lavoura, que encontra, especialmente no sul, extensas areas fertilissimas e adequadas á proveitosa cultura do cafeeiro.

Mantida a alta dos preços, mesmo em nossa moeda,

dobrará na zona da ferro-via de Nazareth a Jaguara a produção do café, que soffreo ali, precisamente pela baixa, os primeiros movimentos de abandono pela redução das plantações novas. Quanto á organização economica das culturas, será isto uma questão de tempo, em que, como nas outras do Estado, muito valendo, pelo conselho, a propaganda e outros estímulos, a influencia do Governo.

Riqueza extraordinaria de S. Paulo, que assenta nella, com os progressos desfructados, os movimentos de seo credito, está a cultura do café em condições de constituir, a par de outros elementos de sua variada produção, uma valiosa força da Bahia na lavoura de seos campos e na receita orçamentaria do Thezouro.

Tudo está em que o Estado, governos e governadores, comprehendam os seos proprios interesses e saibam attendel-os.



LXXXVI

Parallela uma á outra, é interessante conhecer e seguir nas affirmações de sua providencia as duas defezas, a que instituiu S. Paulo, temendo na producção do café a concurrencia das Indias Hollandezas, e a que Java e Sumatra, especialmente, não cessam de praticar, resistindo aos males de suas culturas cafeeiras e buscando manter, quanto possivel, os melhores algarismos da exportação alcançada.

A producção total do café nas Indias Hollandezas, de 1901 a 1909, seguiu esta marcha:

<i>Annos</i>	<i>Saccas de 60 kgs.</i>
1901.....	481.815
1902.....	943.040
1903.....	1.043.101
1904.. ..	587.712
1905.....	690.222
1906.....	771.360
1907.....	632.000
1908.....	479.016
1909.....	259.933

Um grande inimigo, e de longa data, motivava

as quedas que este registo verifica: a praga da *Hemilêia Vastatrix*, devastadora dos cafesaes do *Coffea Arabica* e do *Coffea Liberica*, ambos sem capacidade para resistir-lhe.

Era natural o terror dos plantadores pela molestia das folhas do cafeeiro, oriunda d'aquella praga, attendendo a que, durante mais de 40 annos, de 1854 a 1896, a producção de Java, esta somente, se fixou em altas medias, sempre maiores, na constancia decennial das colheitas, de um milhão de *pikols*.

O professor Henrique Semler, na sua obra *Die Tropische Agrikultur* (a agricultura nas regiões tropicaes), vertida para o portuguez pelo snr. Mauricio Draenert, antigo professor da Escola Agricola de S. Bento das Lages, neste Estado, estudou, com abundancia de detalhes, a acção perniciosa da *Hemilêia*, cogumelo do grupo das ferrugens, cujos sporos, levados pela chuva, pelo vento, pelo homem ou pelos animaes, se accumulam na face inferior das folhas do cafeeiro, manchando-as de amarello, até que, dada a infecção e atacadas a substancia intercellular e, por fim, as proprias cellulas das folhas aggredidas, succede, arruinando os cafesaes, o seo desfolhamento.

Sabido que a especie africana do *Coffea Robusta* resistia, senão de todo, bastante mais á *Hemilêia Vastatrix*, os lavradores de Java se decidiram a plantal-a,

creando outros e novos nucleos de producção, cujos resultados se apuram pelos seguintes registros estatísticos do Consul inglez, em Java, Snr. J. W. Stewart, e da firma Lidgerwood, da Inglaterra:

a) ESTATISTICA STEWART:

<i>Especie:</i>	1909	1910
Arabica.....	98.033 saccas	97.916 saccas
Liberia	112.226 "	76.917 "
Robusta.....	10.683 "	30.650 "

b) ESTATISTICA LIDGERWOOD:

	<i>Cultura de 1911</i>
Liberia (Java).....	64.467 saccas
" (Sumatra).....	15.157 "
Arabica (Java).....	114.409 "
" (Sumatra).....	39.995 "
Robusta (Java)	156.498 "
" (Sumatra).....	2.904 "
Total.....	<hr/> 393.430 "

A especie *Robusta* ascende, deste modo, de 10.633 saccos, em 1909, a 30.650 em 1910, a 156.498 em 1911, presumindo-se que a colheita de 1912 chegaria a 260.301 saccos. Em Sumatra, posto que em mais estreitos limites, dá-se a mesma elevação no coeﬃciente, em pikols (*pikuls*), de producção da especie *Robusta*, que as cifras de 1912 e 1913 verificam, devendo saber-se que o *pikol* equivale, em regra, a 62,5 kilogrammas.

ESTATISTICA NAVARRO DE ANDRADE

<i>Annos</i>	<i>Java</i>	<i>Sumatra</i>
1909.....	10.508 pikols	
1910.....	30.268 “	215 pikols
1911.....	156.498 “	2.904 “
1912.....	262.552 “	10.808 “
1913.....	303.549 “	30.690 “

ou, nas duas ilhas, para producção da *Robusta*, os seguintes Algarismos:

<i>Annos</i>	<i>Pezo em pikols</i>
1909.....	10.508
1910.....	30.808
1911.....	159.402
1912.....	273.360
1913.....	334.239

A producção oriental, como se vê, não pode modificar o alto quociente da exportação brasileira, e, por conseguinte, a de São Paulo que lhe fornece as grandes e maiores quantidades. Mas S. Paulo, inteirado de que se procurava substituir, nas Indias Hollandezas, as especies cultivadas para que a sua producção augmentasse, defendeo-se desse presumido mal, mandando observar e examinar o que ali se passava—os resultados da cultura substituida, no momento de avaliar o parecer de concurrencia, e o damno que nos poderia causar, se fosse importada a doença da *Hemilía*.

O commissario paulista disse a este ultimo res-

peito o seguinte :—«I' um assumpto digno do estudo e das pesquisas dos technicos do nosso Estado e *que representa uma questão vital* para o paiz inteiro». Signal, o deste aviso, de ter acceito e adoptado o snr. Navarro de Andrade o conselho de Cramer:—«Penso que o Governo de S. Paulo *deve impedir* a importação de sementes de paizes contaminados, apesar de me achar convencido, como o professor Van Hall, de que a *hemilêia* se não dará no Brazil».

No antagonismo de interesses, assim demonstrado, fica tambem a prova do cuidado official, em S. Paulo como nas Indias Hollandezas, pela defeza da producção do seo café.

A vantagem na competencia é toda nossa; mas, tão nosso como das Indias. é o esforço de seos governos em amparar a preciosa cultura, acautelando-a contra todos os males e impedindo os seos desfallecimentos.

O café bem merece estas defezas, que deveriam ser, em qualquer outra lavoura, um constante meio de vigilancia no regimen official de sua protecção, destinada a lhe impedir a ruina. A razão é muito simples: nenhum governo pode desinteressar-se de suas fontes de producção, trate-se da riqueza agricola ou do trabalho industrial, abandonando ao acaso os seos destinos.



LXXXVII

Bem que o Brazil, de norte a sul, ^{po-}deria, sem maior esforço, seguir o exemplo da Argentina na producção e commercio do milho, tendo em vista ser tambem nossa a occurrencia dos factores que, nessa tão util cultura, lhe motivam a bôa situação: *a facilidade de produzir e a possibilidade de exportar.*

Ainda nos mezes de Janeiro a Setembro do anno passado importamos 585.003 kgs., posto que a nossa exportação, para o exterior, contasse contra os 741.817 kgs. da importação, no mesmo prazo, de 1914, *a grande cifra*, em nove mezes desse derradeiro anno, de cem kilogrammas, ou um decimo de tonelada!

Em 1913, comparando com o de 1914, foi esse o movimento do commercio exterior de milho:

	1913	1914
Importação.....	8.893.159 kgs.	1.121.986 kgs.
Exportação.....	1.200 «	3.100 «
	8.891.959 «	1.118.887 «
Diferença		

S. Paulo, é bem verdade, tême, no anno de 1914, entre as parcellas do total de 159.343:485\$000 de sua producção agricola, afóra o café, a de 66.415:800\$000, da colheita de milho:

Producção registada

Algodão.....	1.167:297\$000
Fumo.....	3.731:625\$000
Assucar.....	7.620:590\$000
Aguardente e alcool.....	35.076:765\$000
Arroz.....	15.507:408\$000
Feijão.....	28.824:000\$000
Milho.....	66.415:800\$000
Total.....	159.343:485\$000

Mas a sua exportação, realisada, para o paiz, pela E. F. Central do Brazil. o porto de Santos e outros pontos de sahida, não excedeo, nesse anno de 1914, de 2.504.821 kgs., no valor official de 250:518\$100, deixando para o Thezouro, pela taxa, unica, de expediente, a exigua somma de 2:696\$800. Nos annos anteriores, a partir de 1910, fôra menor, ainda, a exportação de milho:

<i>Annos</i>	<i>Quantidades</i>
1910.....	873.401 kgs.
1911.....	1.550.174 «
1912.....	943.116 «
1913.....	960.670 «
1914.....	2.504.821 «

Minas, no mesmo anno, exportou, para o interior

do paiz, 2.642:209 kgs. de milho, e, ainda, da sua producção agricola, afóra o café, os seguintes generos:

Feijão.....	1.677.620 kgs.
Arroz limpo.....	322.214 “
“ em casca.....	425.079 “
Batatas.....	637.691 “
Cebolas.....	54.010 “
Amendoim.....	164.613 “
Algodão em rama.....	5.474 “
“ sem caroço.....	127.639 “
Fumo em folha.....	41.293 “
“ “ rôlo.....	308.557 “
Assucar grosso.....	124.822 “
“ refinado.....	22.660 “
Fubá de milho fino.....	13.454 “

Que são e valem, entretanto, esses algarismos da exportação de milho, registada a kilogrammas, ante a da Republica Argentina, contada por toneladas? Em 1914, para uma colheita de 6.684.000 toneladas, uma exportação de 3.542.280 milhares de kilogrammas, ou toneladas !

A estatistica da colheita deo as seguintes indicações:

<i>Provincias</i>	<i>Safra de 1913-14</i>
Buenos-Ayres.....	2.714.000 toneladas
Santa Fé.....	2.210.000 “
Cordoba.....	950.000 “
Entre-Rios ..	60.000 “
Pampa.....	50.000 “
Outras.....	700.000 “
Somma.....	<hr/> 6.684.000 “

A da produção, vista em face das áreas cultivadas, e desde 1904-05, os seguintes resultados:

<i>Colheitas</i>	<i>Hectares</i>	<i>Produção</i>
1904-05.....	2.287.040	3.574.153 tons.
1905-06.....	2.717.300	4.951.000 "
1906-07.....	2.856.300	1.823.000 "
1907-08.....	2.719.260	3.456.000 "
1908-09.....	2.973.900	4.500.000 "
1909-10.....	3.005.000	4.450.000 "
1910-11.....	3.215.350	703.000 "
1911-12.....	3.422.000	7.515.000 "
1912-13.....	3.830.000	5.000.000 "
1913-14.....	4.152.000	6.684.000 "
Total.....	31.173.150	42.656.153 "

A da distribuição (exportação e consumo interno) se registou deste modo:

<i>Colheitas</i>	<i>Exportação</i>	<i>Consumo e Sementes</i>
1904-05.....	2.222.289 tons.	1.351.864 tons.
1905-06.....	2.693.739 "	2.257.261 "
1906-07.....	1.276.736 "	546.264 "
1907-08.....	1.711.804 "	1.744.196 "
1908-09.....	2.273.412 "	2.226.588 "
1909-10.....	2.660.225 "	1.789.775 "
1910-11.....	125.185 "	577.815 "
1911-12.....	4.835.237 "	2.679.763 "
1912-13.....	4.805.951 "	194.049 "
1913-14.....	3.542.280 "	3.141.720 "
	26.146.858 "	16.509.295 "

A colheita de 1914-15 foi calculada, para 4.203.000 hectares, com um rendimento medio de 2.042, em

8.591.649 toneladas, concorrendo a Provincia de Buenos-Ayres com 3.833.065 toneladas em 1.758.500 hectares semeados; a de Santa Fé com 2.873.200 toneladas em 1.306.500; a de Cordoba com 1.216.000 toneladas em 740.000 em hectares; e o restante, ou sejam 664.380 toneladas em 498.000 hectares nas outras. Ou, tendo em conta a media annual de 39,25 % para o consumo e a de 60,75 % para a exportação, se deveria ter na Argentina, em 1915, uma exportação de 5.219.425 toneladas e o consumo do 3.372.220 toneladas, sendo o total da producção de milho de 8.591.645 toneladas.

Qual o motivo porque o Brazil não tem essa exportação ou maior, se sobejam em suas terras todas as condições para um volume qualquer de producção? «Não ha terra entre nós», disse, em 1908, o sr. Manoel Paulino Calvacante, superintendente do Horto Fructicola da Sociedade Nacional de Agricultura, «que, se tendo recusado á producção de qualquer outro vegetal, não sirva para esse genero de cultura, quaesquer que sejam os processos empregados e tambem a constituição chimica e mineralogica do solo». Admittida a cultura racional, os resultados têm de ser extraordinarios, como já vae succedendo em Minas e S. Paulo. Porque, então, não é o nosso paiz um exportador, e, dentro d'elle, sobejam os Estados que pe-

dem a outros departamentos da Nação o milho de que carecem para os seus supprimentos usuaes? Se a Argentina pode exportar, e, só no anno de 1912, exportou 6.797.000 toneladas de milho, das quaes 2.042.000 toneladas para a Gran-Bretanha, 1.083.000 para a Belgica, 922.000 para a Hollanda, 890.000 para a Allemanha, 640.000 para o Norte d'Africa, 339.000 para a França, 388.000 para a Austria e os restantes para outros paizes, é evidente que razão nenhuma nos impede de sermos tambem um paiz exportador de milho. Tudo está em que nos decidamos a produzil-o, e, para isso, a trabalhar nessa excellente e facil cultura, em que, na hora presente, utiliza a Republica Argentina nada menos de 4.203.000 hectares de suas terras.

Trabalhar, sim, que esta é a solução do problema.



LXXXVIII

Quem, no intuito de conhecer o pensamento de nossos estadistas sobre as necessidades da agricultura nacional, respigasse nas obras do passado os conselhos do seu saber e experiencia, voltaria desse exame com a certeza de terem, os mais illustres, recommendado sempre, como medida de promissora utilidade, a *disseminação do ensino agricola*. Sabiam elles, uns por mera intuição da verdade, outros pelo exame consciencioso dos factos, que a cultura empirica não poderia nunca offerecer, na exploração commercial do solo agricultado, as garantias dos methodos racionais em lavouras convenientemente organisadas. Cedo ou tarde, segundo se manifestasse a concorrência nos mercados de consumo, teria a rotina de ceder o passo ao esforço do productor mais adeantado, aquelle que, visando o maior rendimento e a menor somma da despezas na obtenção do producto, se habilitasse a tirar da terra, qualquer que fosse a cultura, o maximo de proveito.

Da escolha do solo e das sementes até o amanho da terra e a defeza das plantações realizadas, até as colheitas e a bonificação ou transformação do producto rural, tudo, da lavra, da cultura, da organização economica e da preparação industrial, reclamava, para ser feito com as vantagens da melhor arte e as seguranças das normas e processos scientificos, resultantes da observação e da experiencia nas investigações do gabinetes e nos ensaios do campo, tudo reclamava, nesse rumo da exploração aperfeiçoada, a capacidade que só o conhecimento das coisas assegura e, portanto, só o ensino pode dar.

Faltando a instrucção profissional, que é o guia das explorações agricolas, o trabalho tem de ser desorientado, sem garantias de qualquer previdencia no emprego dos capitales consumidos na lavoura e, assim, sempre arriscados. Deste modo é que, aos poucos, se foi acabando, entre nós, a aristocracia dos *senhores de engenho*, reduzidos, na successão das herdades, á miseria que o custeio das hypothecas lhes foi lentamente preparando. Antes da competencia, porque bastava a terra para crear a riqueza, eram tudo. Desde que foi preciso dirigil-a, evitando o perigo dos concurrentes que a sabiam explorar, valorizando, com os prestimos do capital e do credito, as suas utilidades nativas e os esforços do trabalho, entraram os pos-

suidores de «latifundios» em franca decadencia, premidos pela angustia crescente das necessidades até a hora infeliz dos prejuizos extremos, quando, sob o pezo dos juros que, sem paga, se venciam, as propriedades, a meio abandonadas, foram passando a outros donos.

A velha lavoura do café, em S. Paulo como no Rio, assim acabou como feneceo na Bahia, destruindo com os *engenhos* postos no leilão das hypothecas, o orgulho dos nossos antigos *barões* agricultores, a da canna de assucar, restauradas, sem elles, como a do café, pela gradual adopção das culturas economicas, racionaes e de feição mercantil que, a par das «Usinas», industria nova, as estão salvando.

D. Pedro, o segundo Imperador, como os estadistas do seo perdido Imperio, sentio essa necessidade da creação e disseminação do ensino agricola, que, em toda a Eûropa, fazia valer a terra, habilitando em todos os generos de cultura a competencia dos productores. Desta convicção, entre outras medidas de character official, resultou para a Bahia, quando lhe foi dado vizitar as Provincias do norte, a fundação, em 1º de Novembro de 1859, do *Instituto Bahiano de Agricultura*, sob cuja direcção foi creada e, dezoito annos mais tarde (15 de Fevereiro de 1877), inaugurada a Escola Agricola de S. Bento das Lages.

Nem pela origem, força é dizel-o, lhe correram felizes os dias. Passada a novidade, o Governo começou a esquecel-a, medindo, regateadamente, os recursos que lhe dava. A Escola, entretanto, apesar dos varios defeitos de sua organização, deo bons alumnos, que, em geral, se fizeram, em vez de agronomos, engenheiros. Porque? Pela razão, muito simples, de não ter a Escola preparado, em qualquer tempo, os primeiros e cuidado somente da formação dos segundos.

Ella não possuia laboratorios nem meios de tornar uma realidade o ensino pratico da agricultura. Nem gabinetes nem campos de ensaio, nada que attendesse ao fim especial de seo destino. Peior que tudo—não tinha meios de viver.

O *Instituto*, sempre contrario ás reformas de que a Escola carecia, e, caso as admittisse, sem recursos p'ra tental-as, ficou sendo, reduzido o numero de seos membros a meia duzia de indifferentes, uma sociedade inutil. Nos ultimos lances da decadencia, já na Republica, o Estado avocou á sua direcção a infeliz Escola, reformando-a de tal geito que não tardou a necessidade, a breve trecho verificada, de transferil-a ao governo da União. Depois d'isto... fecharam-na, não havendo ninguem, até agora, que conseguisse lhe reabrir as portas.

A Escola, entretanto, está neste momento, com o

que recebo do Ministerio da Agricultura, bem apparelhada, sendo excellentes os seus gabinetes e installações de ensino. Mas, ao contrario do que é para desejar, não funciona.

«Em um paiz principalmente de riqueza agricola, como é o nosso», escreveo o snr. Theophilo Ribeiro, occupando-se das escolas agricolas e institutos agromomicos que o Estado de Minas tem procurado crear, «pasma verificar que taes estabelecimentos, depois de montados, depois de maior ou menor periodo de vida, tivessem de ser fechados como creações sem objectivo ou sem utilidade».

Não é o nosso caso? Será, porventura, diverso o da Escola de S. Bento, aberta enquanto lhe faltaram os meios de instruir, fechada desde que os teve?

Depois de 1859, ou, melhor, depois de 1877, foi tudo, essa Escola, o que possuio a Bahia, sem tradição de nenhuma influencia sobre o melhoramento da sua agricultura, de todo extranha, aparte a acção particular e isolada de um ou outro de seus filhos, aos movimentos da nossa economia productora.

Justo é crer que da falta de instrucção agricola, convenientemente disseminada pelos lavradores, resultou esta situação de atrazo em que se acham as nossas culturas, abundantes pela capacidade da terra,

mas sem valor nem rendimento proporcionaes aos privilegios do nosso sólo, que tudo produz.

Não foi sem razão que o snr. Theophilo Ribeiro, tratando, ainda, das escolas agricolas e estações agromomicas que Minas tanto precisa e não tem, disse esta verdade em que a Bahia, tanto quanto aquelle Estado, precisa meditar:—«Se hoje se dispensa tudo isso, dia virá em que a falta desses elementos, com que, aliás, outras nações nos disputam os mercados, se fará sentir, de modo irreparavelmente gravoso; e quando se ouve, como por vezes me ha sido dado ouvir queixas contra a falta de estabelecimento desta natureza, é licito crer que esse dia não tarda muito a bater-nos á porta com voz imperiosa».

Nenhum conselho melhor pode ser dado em prol dos interesses da nossa agricultura. Se o primeiro impulso de 1859 falhou ou está interrompido, é sempre tempo de agir pelos beneficios que constituiram o seo patriotico pensamento. Lucte a Bahia, antes de mais nada, pelo funcionamento da Escola de S. Bento. Se o Governo Federal insistir em tel-a trancada, nada deve impedir ao Estado, usando das prerogativas do seo contracto, o direito de reabril-a. Não ha, no caso, outro caminho a seguir.

LXXXIX

A arrecadação do Estado, realizada, no anno ultimo, de 1915, pela Directoria das Rendas, na conformidade do estabelecido pela Lei n. 1064, de 27 de Agosto de 1914, produziu o total de 14.523:768\$883 ou mais 4.895:357\$346 que no anno de 1914:

Arrecadação de 1915.....	14.523:768\$883
« « 1914.....	9.628:411\$537
	4.895:357\$346
Diferença.....	4.895:357\$346

Para esse augmento concorreo a *exportação* com a parcella de 4.666:755\$962, assim obtida:

<i>Renda da exportação</i>	1914	1915
Direitos (taxas diversas)....	6.137:318\$107	9.593:096\$318
Estatistica	1.157:351\$370	1.908:939\$724
Serviços agronomicos.....	431:307\$189	690:696\$586
	7.725:976\$666	12.192:732\$628
Somma.....		7.725:976\$666
Arrecadação de 1914.....		4.466:755\$962
Diferença para mais em 1915		4.466:755\$962

Ou seja um augmento de 57,8%, tendo se elevado

o valor official da exportação de 52.611:838\$960 para 86.672:210\$093.

O imposto de "*industrias e profissões*" cresce pela importancia de 61.836\$512.

Arrecadação de 1915	1.230:463\$112
" " 1914.....	1.168:626\$600
Diferença para mais	<u>61:836\$512</u>

O de "*transmissão de propriedade*" apresenta um aumento de 230:860\$514:

Arrecadação de 1915.....	689:883\$350
" " 1914.....	459:022\$836
	<u>230:860\$514</u>

O "*imposto sobre a renda*", este mesmo, cresceu no valor a mais de 4:822\$162:

Arrecadação de 1915..... ..	21:661\$754
" " 1914.....	16:839\$602
Diferença.....	<u>4:822\$162</u>

As outras rendas, de tributos, tiveram o aumento de 20:914\$246, assim obtido:

<i>Arrecadação</i>	<i>1914</i>	<i>1915</i>
Imposto de sello.....	24:166\$665	31:862\$997
Custas judiciaes.....	13:252\$500	15:304\$550
Taxa judiciaes.....	3:370\$919	4:132\$095
Embarcações.....	1:050\$000	885\$000
Taxas diversas.....	24:943\$892	35:513\$500
Somma.....	<u>66:783\$976</u>	<u>87:698\$222</u>
Arrecadação de 1914.....		66:783\$976
Diferença para mais.....		<u>20:914\$246</u>

As rendas restantes, extranhas á tributação orçamentaria, mostram, do mesmo modo, um accrescimo, do valor de 110:167\$950:

	1914	1915
Fóros e laudemios.....	1:020\$500	652\$700
Divida activa.....	133:349\$612	212:648\$232
Receita eventual.....	24:171\$908	38:913\$040
Venda de terras.....	13:541\$350	32:196\$510
Emolumentos.....	19:078\$487	16:919\$325
	<hr/>	<hr/>
Somma.....	110:161\$857	301:329\$807
Arrecadação de 1914.....		191:161\$857
		<hr/>
Diferença para mais.....		110:167\$950

Foram, pois, estes os augmentos:

Tributos:

Pela exportação.....	4.466:755\$962
Por industrias e profissões.....	61:836\$512
Por transmissão de propriedades....	230:860\$514
Pelo imposto sobre a renda.....	4:822\$162
Taxas e impostos diversos.....	20:914\$246
Somma.....	4.785:189\$396
<i>Receitas diversas</i>	110:167\$950
	<hr/>
	4.895:357\$346

De 1912 a 1915 são estas as cifras annuaes da arrecadação realisada pela Directoria das Rendas:

Em 1912.....	10.416:825\$962
« 1913.....	10.021:232\$420
« 1914.....	9.628:411\$537
« 1915.....	14.523:768\$893

Ou, em media annual, nos ultimos quatro annos, a cifra de 11.147:566\$450.

Tudo, por assim dizer, é o producto da exportação:

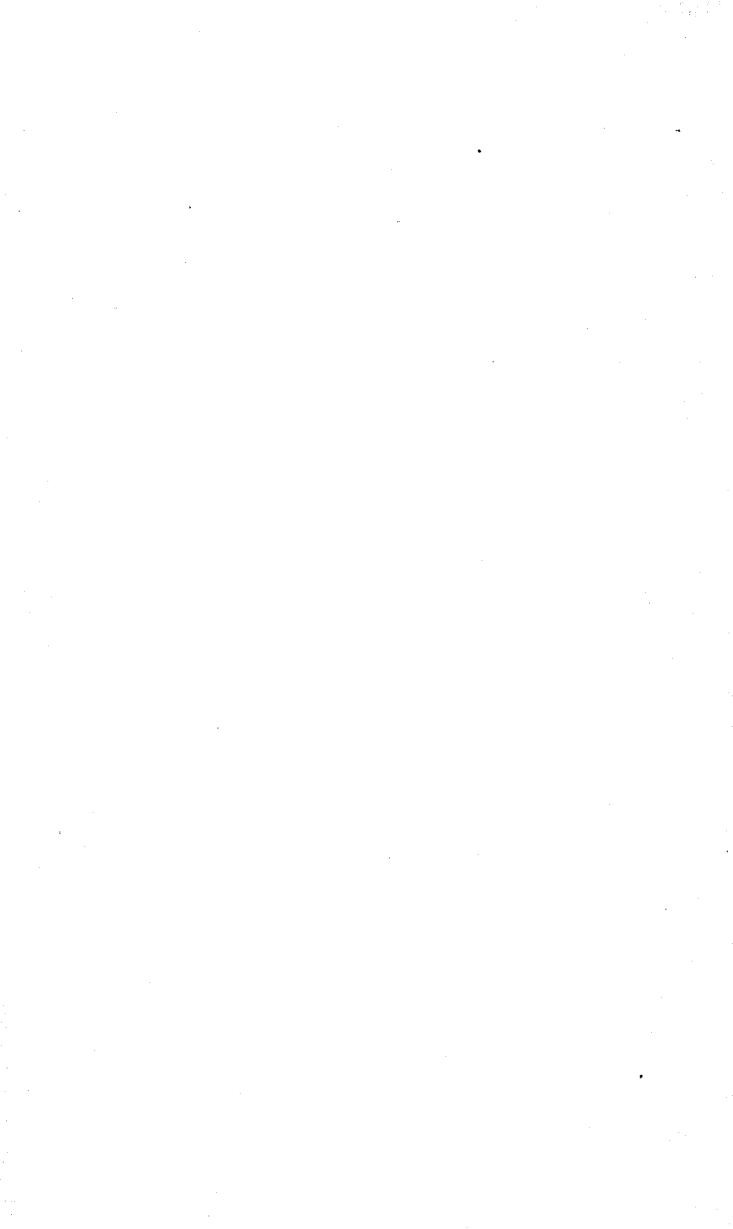
<i>Annos</i>	<i>Exportação</i>	<i>Outras Rendas</i>
Em 1912.....	7.988:333\$890	2.428:519\$072
« 1813.....	7.456:468\$477	2.564:763\$943
« 1914.....	7.725:976\$669	1.902:434\$871
« 1915.....	12.192:732\$627	2.331:029\$255

Vê-se bem, em face destes algarismos, admitindo como renda das collectorias, para lhes juntar, a somma de 2.500:000\$000, importancia a que, até 1914, nunca attingio a receita dessas estações do Thezouro, que a exportação é a base do orçamento do Estado, a força de sua arrecadação, a garantia dos recursos assegurados ao custeio das despesas publicas; que, sem ella ou sendo diminuidas as suas taxas, o orçamento estaria, infallivelmente, desorganizado; que, finalmente, apreciados em globo, ainda considerando a renda excepcional do anno findo, taes algarismos não correspondem á capacidade productora do Estado nem bastam ás suas necessidades.

A Bahia, para ser provida do que lhe é indispensavel, precisa ter uma receita media annual, de tributos, de 15 a 20 mil contos. Só a instrucção está a reclamar,

de longo tempo, sem demasias de qualquer especie, o dobro, pelo menos, do que com ella se consome. Arrecadou mais, muito mais que no anno passado, a Directoria das Rendas; mas, além de continuar baixa a media conseguida, a Bahia está em condições de ter, normalmente, só por essa estação fiscal, uma renda muito maior.





XC

Está sabido que foi o *cacáo* o genero de maior exportação do Estado no anno de 1915. Mais que qualquer outro concorreo a estimada mercadoria para engrossar, pela *Directoria das Rendas*, a arrecadação do Thezouro. Em 12.192:732\$628 de direitos de exportação, comprehendidos os de «estatística»..... (1.908:839\$724) e os de «serviços agronomicos»..... (690:696\$586), forneceo o cacáo, tambem de renda cobrada, nada menos de 6.388:842\$368, assim distribuidos:

Direitos.....	5.200:220\$761
Estatística.....	817:177\$307
Serviços agronomicos.....	371:444\$300
	6.388:842\$368
Total.....	

Mais de metade, portanto, da arrecadação, realisada pela *Directoria das Rendas*, deo o cacáo, producto de que se despacharam, contra um total de

120.284.872 kilogrammas, pezo de todos os productos, o de 41.545.779 kilogrammas, pezo do cacáo.

Cabe aqui dizer que este algarismo não póde ser dado ao calculo para confronto com a cifra de exportação da estatística do Ministerio da Fazenda, que registou para o cacáo, no anno de 1915, uma sahida de 44.980.000 kilogrammas, contra a de 40.980.000 kilogrammas, contra a de 40.767.000 kgs. em 1914, a de 29.759.000 kgs. em 1913, a de 30.492.000 kgs. em 1912, e a de 34.994.000 kgs. em 1911. Não se comparam, para quaesquer apreciações, numeros de origens differentes.

O *demonstrativo das rendas* marca as quantidades despachadas (ESTADO) para a exportação dos productos; o *mappa da exportação* (PAIZ) do Ministerio da Fazenda ennumera a exportação effectuada para o exterior. Neste se exclue, por conseguinte, a exportação por cabotagem, de uns para outros departamentos da Nação; n'aquelle se inclue, alem das quantidades enviadas para os Estados, as que, despachadas para qualquer destino, não se exportaram e, retidas, ficaram aguardando o momento ou oportunidade da sahida.

No total das quantidades despachadas, em cujo computo figura o cacáo com a parcella de 41.545.779

kilogrammas, a exportação effectiva (*estatística da exportação*) é diversa:

	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor Official</i>
a)		
Total dos despachos	120.284.873	86.672:210\$093
Total da exportação.	118.209.642	83.724:439\$021
	<hr/>	<hr/>
Differença	2.075.231	2.947:771\$072
b)		
Cacáo despachado...	41.545.779	37.144:434\$470
Cacáo exportado....	40.228.764	35.249:597\$616
	<hr/>	<hr/>
	1.317.015	1.894:836\$854

Esta exportação do cacáo assim se repartio:

	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor Official</i>
Para o interior (Brazil)	1.223.528	996:239\$680
Para o exterior.....	39.005.236	34.253:357\$936
	<hr/>	<hr/>
Somma.....	40.228.764	35.294:597\$516

A exportação da Bahia para os Estados foi assim distribuida:

<i>Em 1915</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor Official</i>
Pernambuco	136.443	121:217\$050
Alagôas.....	78.900	34:698\$000
Sergipe	60	43\$800
R. de Janeiro.....	924.375	761:101\$630
S. Paulo.....	65.180	61:534\$100
Paraná.....	3.600	3:576\$000
R. G. do Sul.....	14.970	14:069\$000
	<hr/>	<hr/>
	1.223.528	996:239\$680

A exportação da Bahia para os paizes extran-
geiros foi a seguinte:

<i>Em 1915</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor Official</i>
Montevideo.....	78.337	75:709\$400
Buenos-Ayres.....	985.106	881:112\$760
Valparaiso.....	9.000	6:420\$800
New-York.....	13.976.522	12.662:210\$400
Bristol.....	89.700	72:681\$000
London.....	818.940	663:100\$000
Liverpool.....	5.589.419	4.655:434\$916
Southampton.....	60.227	43:965\$710
Copenhague.....	3.279.282	2.541:772\$850
Havre.....	3.164\$711	2.747:234\$900
Marseille.....	757\$994	638:424\$280
Bordeaux.....	1.452.422	1.260:760\$240
Rotterdam.....	4.392.588	4.155:299\$290
Vigo.....	420	423\$600
Genova.....	1.094.613	846:247\$690
Stokolmo.....	324.530	246:555\$880
Noruega... ..	1.085.980	929:465\$800
Cottemburgo.....	198.966	250:595\$820
Maleuse.....	1.646.179	1.573:022\$400
	<u>39.005.236</u>	<u>34.253:357\$936</u>

Esta, sim, a exportação para o estrangeiro, na quantidade de 39.005.236 kilogrammas e do valor official de 34.253:357\$936 (Bahia), é a que se pode comparar com a do registo, do Ministerio da Fazenda, do commercio exterior do cacáo (Brazil):

<i>Cacáo, em 1915</i>	<i>Pezo em kgs.</i>	<i>Valor Official</i>
Brazil.....	44.980.000	56.139:000\$000
Bahia.....	39.005.236	34.253:357\$936
Diferença.....	<u>5.974.764</u>	<u>21.885:642\$064</u>

No valor official ha uma differença para mais no

algarismo do Brazil, porque o valor é o da mercadoria posta a bordo, emquanto que, no valor do cacão exportado pela Bahia, para o exterior, se considera, exclusivamente, o valor da mercadoria em terra, na Directoria das Rendas. Mas as quantidades, rigorosamente certas, permitem um exacto confronto, na exportação do cacão para o exterior, entre o total do Brazil e a parcella da Bahia:

Contribuição da Bahia.....	39.005.236 kgs.
» dos outros Estados	5.974.794 kgs.
	<hr/>
Total do Brazil.....	44.980.000 kgs.

Isto é:

Contribuição da Bahia (em pezo)	86,71%
» dos outros Estados	
(em pezo)	13,29%
	<hr/>
Total do Brazil.....	100,00%

Interessante é verificar por esta, de 1915, e as estatisticas anteriores a deslocação dos mercados estrangeiros, consumidores do cacão da Bahia.

No paiz, em 1915, 1914 e 1913, são os mesmos os Estados que o compraram: Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. No exterior ha grandes alterações, mercados que surgem, outros que desaparecem, crescendo, sempre, o consumo em New-York, de

10.308.772 kgs. em 1913, para 11.153.694 kgs. em 1914, para 13.976.522 kgs. em 1915.

A situação geral, quanto á exportação realisada, em toneladas, para o exterior, foi esta:

	1915	1914	1913
Brazil	44.980	40.767	29.759
Bahia	39.005	36.457	27.930
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Outros Estados.....	5.975	4.310	1.829

A exportação da Bahia, realisada em toneladas, foi a seguinte:

	1915	1914	1913
Para os Estados.....	1.223	770	457
» o Exterior.....	39.005	36.457	27.930
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total.....	40.228	37.227	28.387

A contribuição da Bahia, assás vantajosa ás suas rendas, é que não soffre grandes variações sendo sempre bastante alta:

Em 1913.....	93,8%
» 1914.....	89,4%
» 1915.....	86,7%

ou mais de $\frac{4}{5}$ da exportação total do Brazil.

O grande bem será quando se apurar nos mercados o augmento de sua porcentagem sobre a producção mundial. Para isso deve a Bahia trabalhar, deixando de contar, exclusivamente, com os beneficios que a terra lhe offerece, animando aillusão de que tanto basta para se ter tudo de sua prodigiosa fertilidade.

XCI

A exportação do assucar bahiano estava reduzida, ha bastantes annos, a um insignificante coefficiente de remessa para o exterior, sendo os embarques feitos, em geral, para os Estados do paiz. Esta situação, que não foi a do passado dessa industria, quando a fabricação se mantinha no regimen atrazadissimo dos antigos *engenhos de assucar*, se modificou um pouco no anno de 1915, sem nenhuma proporção, todavia, com a enorme procura que, por motivo da guerra européa, teve esse genero no Brazil.

As estatisticas, em que se apoiam estas affirmações, são, em verdade, decisivas, guardando os seguintes algarismos:

<i>Exportação</i>	<i>Para os Estados</i>	<i>Para o exterior</i>
1910.....	13.499.286 kgs.	141.891 kgs.
1911.....	11.556.838 "	9.760 "
1912.....	5.639.280 "	1.083 "
1913.....	7.502.125 "	25.107 "
1914.....	11.146.805 "	214.206 "
1915.....	17.606.090 "	1.730.333 "

Ou, reduzindo a saccos, de 60 kilogrammas cada um, o total do assucar exportado pela Bahia e o que foi remettido para o exterior:

<i>Exportação</i>	<i>Total</i>	<i>Para o exterior</i>
1910.....	227.352 saccos	2.364 saccos
1911.....	192.776 "	162 "
1912.....	94.006 "	18 "
1913.....	125.453 "	418 "
1914.....	189.350 "	3.570 "
1915.....	322.273 "	28.835 "

Algarismos de pequeno valor, dos quaes se affasta um pouco o de 1915, é nenhuma a sua importancia como registos da exportação do assucar bahiano para a Europa e a America do Norte, o que assim se demonstra:

a) *Exportação em kgs. para:*

	1910	1911	1912
Montevidéo.....	17.700	7.800	—
Liverpool.....	123.100	—	—
Lisboa.....	625	540	600
Porto.....	466	—	383
Hamburgo.....	—	1.360	—
Genova.....	—	60	100
Somma.....	141.891	9.760	1.043

b) *Exportação em kgs. para:*

	1913	1914	1915
Montevidéo.....	—	141.000	1.729.000
Liverpool.....	—	12.000	—
Lisbôa.....	836	360	1.093
Porto.....	271	846	180
Bremen.....	24.000	—	60
Bordeaux.....	—	60.000	—
Somma.....	25.107	214.206	1.730.333

A exportação de todo o paiz, nesse ultimo anno de 1915, para o exterior, importou em 59.074,235 kgs., cabendo a Pernambuco e Alagôas as maiores contribuições:

<i>1915</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>	<i>Importancia, em papel</i>
Assucar branco.....	2.832.650	1.081.685\$000
“ Demerara.....	22.063.549	6.173.891\$000
“ Mascavo.....	34.178.026	7.174.235\$000
	59.074.225	14.429.811\$000

A distribuição, por procedencia, occorreu deste modo:

<i>1915</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>	<i>%</i>
Pernambuco.....	37.981.653	64,2
Alagôas.....	17.194.971	29,1
Bahia.....	1.774.612	3,0
Outros Estados.....	2.122.989	3,7
Somma.....	59.074.225	100,00

A exportação, por destinos, teve os seguintes indices:

<i>1915</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>
Estados Unidos.....	21.928.989
Gran-Bretanha.....	21.627.321
Portugal.....	12.931.601
Uruguay.....	2.310.860
Cabo Verde.....	262.320
França.....	5.440
Chile.....	3.000
Perú.....	3.000
Bolívia.....	1.505
Italia.....	189
Somma.....	59.074.225

E' verdade que o municipio de Campos, no Rio de Janeiro, tendo tido uma safra de 938.000 saccas, não exportou para fóra do paiz mais de 1.701 toneladas. E, considerando-se a alta, de mez para mez, do preço do assucar que faltava nos mercados de consumo, e se vendeo a 441 rs., por kilogramma, em Setembro, a 442 em Junho, a 443 em Outubro, a 449 em Agosto, a 515 em Novembro e a 593 rs. em Dezembro, é legitimo crer, sobre o erro de qualquer retenção do *stock*, na falta de supprimentos que, chegando para o consumo nacional, deixassem folgas das reservas para o exterior.

Nós não produzimos bastante, eis tudo. Abertos os mercados, manda o Brazil para o exterior 59.074 toneladas em 1915, muito menos que o assucar exportado em 1901 (187.166 tons.) e 1902 (136.767 tons.). A França, ainda na terrivel crise actual, quando, em 1915, só funcionaram 69 usinas, estando fechadas cerca de 140, produz 297.386 toneladas, tendo sido de 706.799 toneladas a producção de 1914 e de 864.815 a de 1913.

A Bahia, apesar de beneficiada pela taxa da exportação, de 1% apenas, para o assucar, quando as madeiras pagam 20%, a piassava 15%, o cacáo, os couros e as pelles 14%, a borracha 9% e o café 7%, quasi nenhum assucar exporta, excedendo-a de muito,

apezar do maior imposto, a exportação de Pernambuco, até a de Alagoas !

A produção mundial apresenta um *deficit* superior a um milhão de toneladas, que, na safra corrente de 1915-16, ao que se presume, será maior. E o Brazil, que, em 1912, exportou 4.771 toneladas, 5.367 em 1913, subindo a 31.860 em 1914, não poudé, em 1915, ir além de 59.074 toneladas.

Em vez das soluções artificiaes dos privilegios iniquos, que tanto se pleteiam, não será este o momento do maior esforço para o desenvolvimento da nossa produção ?



XCII

Deve-se extranhar esta declaração de um telegramma do Rio, de 4 deste mez, para um dos órgãos da nossa imprensa vespertina:— «Parece impossivel *recomeçar este anno os pagamentos externos, convido renovar o «funding»*, porque devemos pagar em Londres a quantia de 14.389:000\$000 em ouro, no trimestre, e não temos dinheiro disponivel para semelhantes pagamentos''.

Como «recomeçar, este anno os pagamentos externos, e renovar o *«funding»*, se o prazo da operação federal de 19 de Outubro de 1914 não está vencido?

O snr. Presidente da Republica, na sua mensagem de 3 de Maio de 1915, noticiando ao Congresso o novo contracto do *Funding*, assignado, em Londres, pelos snrs. N. M. Rotschild & Sons, isto disse:—« O novo contracto do *Funding* suspende por *tres* annos, que se findam em Julho de 1917, o pagamento dos juros dos diversos emprestimos da União, exceptuados o de 1898 (primeiro *Funding*) e o de 1903, para as obras

do porto do Rio de Janeiro, que continuam a ser pagos em moeda esterlina. Ficaram, tambem, suspensas por *treze annos*, que terminarão em Julho de 1927, as amortisações dos empréstimos brasileiros, com excepção das do *Funding* de 1898, as quaes continuam a ser feitas nas epocas devidas, e em moeda ingleza».

O destino do *Funding*, de Outubro de 1914, do capital, maximo, de 15 milhões esterlinos, ficou assim fixado:

a) pagamento dos juros de diversos empréstimos;
b) pagamento de titulos, já sorteados, para resgate, em Agosto de 1914, de empréstimo de 1911, das «obras do Porto do Rio de Janeiro»:

c) pagamento, até dois e meio milhões esterlinos, de garantia de juros a estradas de ferro e empresas constructoras de portos.

Para o emprego, no segundo semestre de 1914, de titulos do *Funding*, estava calculada a despeza em lbs. 1.171.045, verificando-se ter sido de lbs. 1.992.228.140. O motivo do augmento foi, alem de varias differenças, a inclusão dos empréstimos de 1901 a 1910 e os da linha de Itapura a Corumbá e rêdes cearense e bahiana.

As emissões para outros annos do *Funding*, até 1917, aparte as differenças a verificar ou dispendios outros a incluir, o que se deverá conhecer, quando opportuno, pelos documentos do Ministerio da Fazenda,

terão um valor, em calculo, de lbs. 11.150.256. No total, afóra os resgates (cerca de lbs. 800.000) do emprestimo de 1901, será este o valor da emissão:

Emissão de 1914 (verificada)	lbs.	1.992.228-14-0
“ “ 1915 (calculada)	lbs.	3.734.615 - 0-0
“ “ 1916 (“)	lbs.	4.234.615 - 0-0
“ “ 1917 (“)	lbs.	3.181.026 - 0-0
		<hr/>
	lbs.	13.142.484-14-0

Ou, de um modo geral, lbs. 14.000.000 de titulos emittidos e por emittir, um milhão menos que o capital, maximo, do *Funding*.

D'ahi se apura, desde logo, que não é mister renovar, *este anno* o *Funding* de 1914, cujo prazo de determinação, para os juros dos emprestimos que os seus titulos custeiam, só chegará em Julho do anno vindouro.

Pagamentos ha, isto é verdade, que não ficaram protegidos pelo *Funding* de 1914:

- a) os juros do *Funding* de 1898;
- b) o custeio do emprestimo de 1901 (*Railways garanties rescision*);
- c) os juros do emprestimo de 1903 (*Porto do Rio de Janeiro*);
- d) os juros dos titulos emittidos do *Funding* de 1914

Pelo seu valor (calculado) é a seguinte a importancia desses pagamentos:

Em 1915.....	Lbs	1.887.883
Para 1916.....	“	2.155.883
“ 1916.....	“	2.351.883

D'ahi por deante, cessando o *Funding* de 1914, os pagamentos, presumidamente, serão estes:

Emprestimos de 1901 e 1903, e mais os <i>Fundings</i> de 1898 e 1914	Lbs.	5.425.883
Juros, suspensos até Julho de 1917, dos outros empréstimos da União	Lbs.	3.234.615
Somma.....		<u>5.660498.</u>

O orçamento federal, para o exercicio financeiro de 1915, consignou, para *juros, amortisação e mais despesas da divida externa*, considerado o *Funding* de 1914, a quantia de 31.195:429\$918, ouro, alem da somma, tambem em ouro, de 7.326:248\$988, para juros e amortisação do emprestimo externo para o resgate de apolices de estradas de ferro encampadas, ou seja, no total, a somma de 38.518:678\$806.

O orçamento ultimo, para 1916, e já em vigor, estabelece as seguintes consignações, em ouro:

- a) Juros, amortisações e mais despesas da divida externa, augmentada de.... 18.150:000\$000 (ouro) para resgate de letras, ou, até o valor de 16.500:000\$000 e mais 1.650:000\$000 para pagamento de juros devidos pelas emittidas e de 2.666:666\$666, correspondentes a libras 300.000 para o pagamento de impostos e de outras despesas devidas ao estrangeiro sobre a emissão de titulos do *Funding Loan*, e de 7.196:775\$176, correspondentes a libras 809.677-7-2,

para pagamento de juros e commissões dos empréstimos de 1903; lbs.....	
8.500.000, de 1915; lbs. 4.500.000, de 1913; lbs. 8.500.000 e lbs. 40.000.000 para o Porto do Recife.....	62.783:047\$325
b) Juros e amortisação do empréstimo externo para o resgate das estradas de ferro encampadas	6.276.576\$593
Somma	<u>69.059:623\$918</u>

Tudo isto prova:

1º que não ha, pelo pagamento trimestral, indicado no telegramma de 4 deste mez e do valor de 14.389 contos, ouro, que *recomeçar* este anno, os pagamentos que o *Funding* de 1914 suspendeo; só para o anno, em Julho, taes pagamentos recomeçarão.

2º que a necessidade, que se lembra, do novo *Funding* (o terceiro, se tal operação se fizer) não deriva da extincção do prazo do segundo (de 1914); e, por se tractar de compromissos extranhos ao seo campo de operações, será um negocio novo, revelando, a despeito do *Funding* de 1914, uma situação actual aggravada nas finanças do paiz.

Ou será que no conselho, lembrança ou só advertencia, se recommenda, *desde agora*, com uma antecipação, pois, de 16 mezes, o prolongamento ou renovação, para alem de 1917, do *Funding*, que só em Julho desse anno, acabará, isso mesmo quanto aos

juros do emprestimo, visto que o prazo de suspensão dos resgates só findará em Julho de 1827?

O despacho, ao que parece, não chegou certo ao vespertino bahiano que o publicou. Mas se elle exprime a verdade dos factos, denunciando a impossibilidade em que se acha a União de satisfazer, á falta de recursos, a verba orçamentaria do credito concedido ao Ministerio da Fazenda, pela Lei n. 3.089, de 8 de Janeiro de 1916, para o pagamento da divida externa, excluidos os juros e amortisações dos emprestimos comprehendidos no *Funding* de 1914, será forçoso reconhecer, o que não agrada admittir, que as finanças brazileiras peioraram.



XCIH

A cada exame da nossa produção, referente aos generos que o paiz exporta ou, em grande parte, consome, aos que enchem as estatisticas do commercio exterior ou, insufficientes para as nossas necessidades, ali se contam, sem designação expressa, no titulo de «diversos», abrangendo, por pequenas parcelas, alguns centos de mercadorias, temos sido levados, lamentando a desorganisação economica da agricultura nacional, a que só faz excepção a lavoura do café, á advertencia, bastantes vezes repetida, de não convir aos interesses brasileiros a continuidade de tal regimen, de indiferença ou descuido.

Nas horas de crise, quando a produção decahe ou, por qualquer motivo, se desvalorisa, influindo, desastrosamente, na economia particular dos produtores e, portanto, como inevitavel consequencia, na ordem financeira dos Estados, debalde se busca entre os tropeços da amargura a solução providencial dos remedios do Governo. Entre os que, então, se discutem,

ou se combinam, não é possível achar, para o uso immediato, os de alteração das circumstancias e de modificação dos mercados, porque estes se movem, em condições normaes, pelas regras da concurrencia e aquellas não podem se eximir ás submissões do tempo.

O factor constante, em que se arruina o nosso optimismo agricola, é a uberdade, sem par, do solo brasileiro, o valor privilegiado de sua capacidade productiva, que parece dispensar, no phenomeno da producção, o concurso intelligente do explorador da terra. Surgindo as resistencias, do solo que se exhaurio; dos accidentes do tempo, que impedem o desenvolvimento natural das plantas, a sua floração e fructificação regulares; dos males, doenças ou invasões destruidoras, que tanto ameaçam como reduzem as colheitas; do credito que falta ou dos preços que se aviltam; de tudo, enfim, que dá causa aos prejuizos da lavoura e, na ignorancia das defezas esquecidas ou a tentar, a desanima; é que chegam, multiplicando os commentarios da surpresa, as queixas do desgosto, os protestos do arrependimento e, mais raramente, as promessas da iniciativa compellida a despertar.

Na hora actual de anarchia de todas as coisas, quando o valor parece se exceptuar, no mercado das trocas, a todas as leis de commercio, e, falhos ou en-

carecidos, desordenadamente, os transportes, ninguém pôde contar com elles para o que precisa nem dispor, em momento certo, do que tem, extendendo-se á Europa, em guerra, a desordem das industrias, tanto na aquisição das materias primas como no preparo e expedição das manufacturas do seo trabalho, é que sente o Brazil, com mais pezo, os graves erros de sua imprevidencia: o de produzir pouco e, mais accentuadamente, o de não produzir bem.

Justiça é dizer que, nos dous casos, se observa a decisiva differença que nos separa do passado. Nossa producção, em quasi tudo, tem augmentado. A qualidade do que produzimos tende, por sua vez, a ser melhor. Mas, em face do que acontece no mundo, é notavel, ainda, o nosso atrazo: A não ser o café, cuja producção e commercio obedecem, em S. Paulo, ás normas de uma organização competente, de feição pratica e salutar previdencia, e, pois, submettida á direcção e garantias da melhor disciplina economica, associado no mesmo esforço util o governo, o negociante e o lavrador, todos os outros generos da nossa mais avultada exportação, e com estes os que produzimos em quantidade insufficientes, muito abaixo da procura, ou que, de facil producção, pouco interessam aos productores, seguem uma linha de incerteza, de

amplas variações, traçada ao acaso das safras, sem interferencia de qualquer apreciação sobre o coefficiente de rendimento das culturas e do valor medio, segundo os registos das trocas anteriores, dos productos.

Deveríamos ter neste Estado, especialmente, abundante produção de *assucar*, e, todavia, este genero pouco sobeja ao consumo, quando não acontece que falte, obrigando os supprimentos, agora mais raros, de Sergipe, Alagôas e Pernambuco. O *algodão* é insufficiente á actividade das fabricas existentes, forçadas a importal-o, quando se contam, no centro do Estado, em vastas extensões, terras maravilhosas, como as de Caetité e Monte Alto, de Morro Chapéo e Umburanas, de Ituassú, Jequié e dezenas de outras, para essa tão vantajosa cultura. O *cacão*, que está sendo, em escala crescente, a nossa riqueza dominante, a melhor cifra da arrecadação do Estado, não tem, apesar dos resultados da industria, qualquer organização de ordem agricola e mercantil, que lhe melhore o rendimento na lavoura e lhe garanta, nos mercados mundiaes, a posição e o valor. O *fumo*, este, de nome prestigiado e procura certa, visto em toda a parte como um producto necessario, apreciado, muito mais que outros, pelas suas qualidades nativas e importancia industrial, e sempre valioso como factor da exportação bahiana,

segue, ainda hoje, os processos da velha rotina, sem que os exemplos da cultura racional, cujo typo nos offerece em seus admiraveis campos de trabalho o operoso snr. Suerdick, achem imitadores. Mais desorganizada que todas, a cultura do *café* não se desenvolve, profundamente distanciada da producção mineira e mais da producção paulista. Com relação ás industrias extractivas, onde, como na agricultura, tudo temos, nenhuma se revela com accentuada expansão e progressos de um aperfeiçoamento real: no reino vegetal cahio em desanimo a borracha, e não se adeantou, afóra a piassava, a exploração das fibras, dos oleos e ceras, das madeiras, das gommas, das materias corantes, das resinas, das essencias e das plantas medicinaes ou de ornamento; no reino animal, excepção das pelles, tudo está no periodo dos ensaios, obtido e exportado sem nenhuma systematisação; no reino mineral, emfim, de infinita opulencia, a não contar os diamantes, de producção perenne, e de altissimo valor, no seio inexhaurivel da terra, o manganez e as areias monaziticas, de extracção interrompida, o sal e as argillas, estes largamente explorados, o mais, minereos e mineraes de toda especie—o ouro, o ferro, o cobre, o nickel, o graphito, as plumbaginas, a turfa, as micas, o amiantho, as ocas, os marmores e centos de outros, tudo espera a hora feliz da indus-

tria organizada, que possa e saiba e queira aproveitá-los.

Temos tudo, sim; mas, por muito que pareça, é pouco o que colhemos, considerando, com a variedade e a abundancia, a excellencia de nossas riquezas, sufficientes, se convenientemente utilizadas, á prosperidade de qualquer Estado.

No paiz inteiro, guardadas as proporções dos privilegios naturaes de cada unidade da Federação, é assombrosa a capacidade productiva, faltando somente que a iniciativa se manifeste e os governos a amparem e estimulem, de modo que o exercicio da actividade creadora, melhorando o que existe e se ensaiando em novas tentativas consiga triumphar.

O grande bem será preparar e defender a producção, e, com estas garantias, produzir muito, de maneira que, tudo conseguido com o menor dispendio, a nossa exportação se imponha, vencendo a concorrência, aqui e fóra d'aqui, em todos os mercados de consumo.

O momento economico assim nos adverte e ensina, mostrando, sobre os males de nossa actual fraqueza, hontem muito maior, que outro rumo não seguiram os grandes paizes da Eûropa, que antes da guerra, e até no curso de suas lamentaveis e sanguinarias desavenças,

sempre tiveram com justiça, como a Norte-America, os tributos da nossa admiração.

Produzir muito, produzindo Bem, tal é, na situação presente, a necessidade do paiz; tal será, cada vez mais, o largo caminho offerecido á sua prosperidade e seguro bem-estar.





XCIV

«A riqueza de um Estado, para ser permanente e sempre crescente, atravez das crises que abalam os mercados mundiaes e das difficuldades que a concurrencia entre as diversas regiões de producção accarreta aos productores, *não deve basear-se em uma só fonte*».

São estas, na sincera confissão de um pensamento acertado e justo, as primeiras palavras da *Circular* que o Sr. Dr. Cardoso de Almeida, secretario da Agricultura, em S. Paulo, dirigio, ha poucos dias, defendendo os interesses economicos desse Estado, aos Prefeitos Municipaes e Presidentes das Commissões Municipaes de Agricultura.

A razão de tão exacto conselho, cuja utilidade pratica se manifesta na Bahia pela sua polycultura natural, deo-a aquelle illustre e alto funcionario nas seguintes palavras, que agrada repetir:

«Precisa ser formada» (a riqueza a que allude a *Circular*) «pelo maior numero possivel de productos exportaveis ou de consumo interno, afim de que,

quando depreciados os valores de uns nos mercados exteriores, outros compensar possam na balança do commercio com o estrangeiro o desfalque havido, ou para que não se tenham de despende os saldos provenientes da exportação na importação de productos indispensaveis á vida e á commodidade dos habitantes do paiz.»

Desta situação, sempre arriscada, a dos Estados de uma só cultura, ou industria, e que, portanto, hão de soffrer, sem meios normaes de defeza, na concorrência de qualquer crise de produção ou desvalorização *do seo producto*, se destacam, como exemplos de consideravel importancia, os que offerecem os Estados do Amazonas e do Pará com a quédia da borracha. Da opulencia em que se achavam, cahem ambos, pela espantosa e inopinada diminuição de suas rendas, em vexames de toda a ordem, embaraçando, a par das desordens do commercio, todos os movimentos da acção administrativa de seos governos. S. Paulo, esse mesmo, se não fôra a *valorização do café*, e este producto, ao contrario do que succede com diversos outros da nossa exportação, não a permitisse e supportasse, porque o café não se arruina nos *stocks* conservados, estaria a braços com os apertos de peiores crises. Basta saber que, apesar da *valorização*, baixou, entre os annos de 1913 e 1914, de 68.715:720\$900

o valor official do café exportado por S. Paulo, reduzindo-se de 40.944:059\$346 a 34.759:612\$871 os respectivos direitos. Esta exportação, do valor, em 1909, de 369.007:739\$460, não excede, em 1910, do valor de 194.116:547\$870, occasionando na arrecadação do Estado, pelo imposto dessa verba, a differença assignalada entre a cifra, em 1909, de 33.210:696\$576 e a de 17.470:489\$310 no anno seguinte. A receita do Estado, apesar de terem crescido, em 1910, sobre os annos de 1907 a 1909, os impostos de «transmissão *causa-mortis*», de «transporte ou transito, de «sello» e outros, assim como a cobrança da «divida activa e das taxas de exgottos, na Capital e em Santos, e «do consumo d'agua», decresce a receita do Estado, naquelle referido anno, até a differença, em verdade extraordinaria, de 23.119:579\$097:

	<i>Receita do Estado</i>	<i>Diff. para 1907</i>
Em 1907.....	66.400:439\$171	—
» 1908.....	42.693:385\$259	23.707:053\$912
» 1909.....	56.659:990\$204	9.740:448\$967
» 1910.....	43.280:869\$074	23.119:570\$097

A Bahia, participante das duas crises, da borracha e do café, não experimenta, entretanto, porque outros productos lhes compensam as differensas na exportação do Estado, grandes variações na renda do total de seus

impostos. Demonstra-o, cabalmente, o seguinte quadro da receita da exportação, nos ultimos onze annos, cobrada pela Directoria das Rendas:

<i>Annos</i>	<i>Arrecadação</i>
1905	4.838:837\$073
1906.....	5.807:450\$490
1907.....	7.760:248\$307
1908.....	6.351:431\$674
1909.....	6.840:429\$422
1910.....	6.931:586\$409
1911.....	7.560:150\$088
1912.....	7.983:333\$890
1913.....	7.456:468\$477
1914.....	7.725:976\$666
1915.....	12.192:732\$628

As differenças, todavia, da renda do *café* e da *borracha* foram positivas, o que é facil verificar pelos seguintes algarismos:

A) *Arrecadação pelo café exportado*

<i>Annos</i>	<i>Renda</i>
1905.....	414:140\$930
1906.....	524:885\$459
1907.....	421:920\$356
1908.....	275:012\$775
1909.....	410:481\$030
1910.....	446:961\$113
1911.....	1.005:021\$236
1912.....	883:816\$073
1913.....	376:977\$140
1914.....	251:570\$955
1915.....	631:999\$967

B) *Arrecadação da borracha exportada*

<i>Annos</i>	<i>Renda</i>
1905.....	341:352\$708
1906.....	457:940\$133
1907.....	415:330\$088
1908.....	296:304\$204
1909.....	455:260\$467
1910.....	733:100\$409
1911.....	512:411\$199
1912.....	585:847\$259
1913.....	116:692\$178
1914.....	73.541\$598
1915.....	185.642\$693

Nada mais claro, nada mais evidente. Sendo diversos os productos da exportação bahiana, oriundos de sua polycultura natural, o augmento das quantidades produzidas, de uns, suppre, em geral, as faltas na producção de outros; e, mais accentuadamente, se mantem o equilibrio da renda dos productos exportadas pela mutua compensação de seos respectivos valores.

Foi por isso que, com muitissima razão, enviou o snr. Secretario da Agricultura, de S. Paulo, aos Prefeitos Municipaes e Presidentes das Comissões Municipaes de Agricultura, estes valiosos avisos:

«É preciso que cuidemos com afincio do desenvolvimento da nossa producção agricola, pastoril e industrial em todas as suas manifestações, devendo concorrer para isso os esforços simultaneos dos poderes publicos e da iniciativa privada, cu-m

prindo que esta seja convenientemente estimulada e amparada, tanto pelos governos centraes como pelas administrações publicas locaes, todos concordes e empenhados, sériamente, no fomento da riqueza publica.

«Dirijo-me, portanto, a V. Ex. em nome do Governo do Estado, solicitando a sua melhor attenção e todo o seu esforço no sentido de, por meio de uma intelligente propaganda e adequadas medidas, ser animada a producção local, fazendo-se surgir ao lado das grandes culturas de café as plantações de cereaes e outros productos agricolas de alimentação; dedicando-se especial attenção á criação do gado bovino, não só para exportação de carne como para o desenvolvimento da industria de lacticinios; augmentando-se e desenvolvendo-se a criação e engorda do gado suino para que deixemos de importar a banha e o toucinho de outros Estados e até mesmo do estrangeiro; cuidando-se tambem da criação dos carneiros, uma das mais lucrativas; intensificando-se o mais possivel a lavoura algodoeira, cujos productos encontram collocação segura no mercado interno, alem da facil exportação, e, finalmente, desenvolvendo-se a industria manufactureira, cujos productos estejam nas condições de satisfazer ao consumo local e á exportação, sobretudo, entre todas, a industria assucareira, que, além de fornecer o producto indispensavel ao consumo da população, tem amplo mercado no exterior.»

Idéas, que não cessamos de discutir e aconselhar, praz-nos vel-as admittidas e recommendadas pelo Governo de S. Paulo como a melhor defeza á ordem eco-

nomica dos Estados. Esta é grande verdade:—«A riqueza de um Estado, para ser permanente e sempre crescente, através das crises que abalam os mercados mundiaes e das dificuldades que as diversas regiões de producção acarretam aos productores, não deve basear-se *em uma só fonte.*»



XCV

Tínhamos razão. O telegramma enviado do Rio, a 4 do corrente, para o *Jornal de Noticias*, não disse, nem nos seus termos nem pelo espirito das palavras communicadas, o pensamento do *Jornal do Commercio*, contido no artigo—«A crise e o Governo», da sua edição de 3 de Março.

A idéa do «grande órgão» foi, aliás, exposta com a maior clareza, e, quanto ao *Funding* de 1914, em poucas phrases se resume. Entende o *Jornal do Commercio* que, vencido o prazo do *Funding*, não estará o Governo Federal habilitado a custear, como é de seu dever e necessario ao credito da Nação, a nossa divida externa, de que é o emprestimo de 1914 uma nova parcella, convindo por esse motivo, como medida de criterio e prudencia, renovar, este anno, a operação que se vae extinguir em Julho do anno vindouro. O algarismo de lbs. 4.389:134\$009, que o telegramma indicou como sendo o valor actual das remessas trimestraes, que o Governo, á falta de recursos, está impe-

dido de fazer, é o da quarta parte da importancia a pagar na Europa, annualmente, quando tiverem cessado, em Julho de 1917, os effeitos do ultimo *funding*.

Foram estas, na demonstração do *Jornal*, as suas palavras:

«Para que os leitores possam fazer uma idéa exacta dos compromissos cuja satisfação devemos retomar em Julho do anno proximo, damos a seguir a demonstração dos encargos da divida externa, quando terminar o periodo de emissão dos titulos do novo *funding*:

	<i>Ouro</i>
O serviço de juros, amortização e respectivas despesas importava em.....	51.765:406\$927
O dos empréstimos para as obras dos portos absorvia.....	11.229:262\$802
Total.....	<u>62.994:659\$729</u>
As amortizações suspensas correspondem a	12.104:133\$333
A somma a pagar annualmente será.....	50.890:536\$396
Accrescentando os juros sobre os titulos do <i>funding</i> , no total de libras 15.000.000 e que importarão em Lbs. 750.000 ou	6.666:000\$000
O total a pagar annualmente será.....	<u>57.656:536\$396</u>
ou Lbs. 6.475.758	
Divididos estes totaes pelos quatro trimestres,	

a média será de Lbs. 1.618.939 ou 14.389:134\$5099, ouro, por trimestre.

Teremos nós em Londres o dinheiro disponível para isso, *na época própria?* Duvidamos e entendemos que o melhor, como já ficou dito, é tratar o Governo, desde já, de renovar o *funding*.

Nada mais claro, que só o não foi para as comunicações erradas do precitado despacho de 4 deste mez.

No curso da argumentação, ahí mesmo, não podia deixar duvida o pensamento do velho orgão da imprensa brasileira. Suas palavras, mais que as nossas, evidenciarão no debate o que affirmamos:

«Uma pergunta anciosa», escreveo a folha do Rio, «anda no ar e nós não fugimos de formulal-a, por entender que é uma indigna covardia andar mentindo á Nação em cousas dessa ordem. A interrogação é esta: Poderá, realmente, o Brazil, na época marcada, retomar o pagamento dos juros da divida, por effeito da terminação do *funding?*»

«Francamente, não o cremos; e, por não acreditar nessa possibilidade, julgamos de nosso dever chamar, desde logo, para esse ponto, a attenção do Governo. Estamos na imminencia de um perigo, e, se não queremos ser réos de uma quebra fraudulenta no conceito universal, devemos tratar, quanto antes, de renovar o *funding*. Seria uma gravissima imprudencia deixar

para a ultima hoia uma providencia do alcance e relevancia dessa.

«Accresce uma circumstancia, que vem a ser esta: a renovação do *funding* não terá só o effeito immediato e benefico de consolidar a situação, desafogando-nos, desopprimindo-nos, alliviando-nos; concorrerá, e muito, para a elevação da taxa cambial, uma vez que cessarão as remessas de fundos para fazer face, na Europa, ao pagamento dos *coupons*, o que tanto influe aqui para a baixa no mercado interno.»

Ahi está: tudo dicto como dissemos que deveria ser. O *Jornal* aconselha e recommenda que, desde já, se dê anticipada solução á crise, que elle tem como certa, de faltar em Julho do anno vindouro, quando cessará o *Funding*, o dinheiro necessario ao custeio dos emprestimos brasileiros. Não disse, porque não deveria dizel-o, que, «tendo cessado» o *Funding*, aquella crise, calculada e prevista, já estava se manifestando.

A Nação, entretanto, poderia crer na desnecessidade da immediata renovação do *Funding*, se o parecer lembrado, oriundo de um depoimento sempre de pezo entre as melhores opiniões do nosso meio financeiro, não attestasse, apesar do augmento dos impostos e do gradual augmento da arrecadação federal, a constante falta de recursos no erario publico, que, a

despeito das emissões de papel-moeda, letras, apolices e outros titulos de credito, não tem podido attender a todos os compromissos internos de suas obrigações e dividas correntes.

O *funding*, como solução a embaraços de occasião, é uma medida acertadissima, que, sem deslustrar o devedor, ampara, dignamente, todos os direitos do credor. É, acima de tudo, uma providencia favoravel á garantia do proprio credito, sejam empresas particulares ou Estados os que, sem prejudicar a ninguem, são compellidos a se valer dos beneficios desse recurso de desafogo, custeando com os titulos de um outro emprestimo as «obrigações» de emprestimos anteriores. Mas, sendo evidente que é o *funding* uma divida nova, que fará, quando vencido o seu prazo, avultar a divida antiga, não se concebe admittil-o como systema financeiro, que se deva adoptar a cada passo, repetidamente, até porque, na constancia dessa medida, seria infallivel a rebeldia do credor, negando-se a outros semelhantes accordos.

Do mêdo dessa necessidade, considerando, talvez, o curto prazo da operação de 1914, e, principalmente, a situação de aperto do Thesouro Nacional, que, segundo parece, não estará preparado, em Julho do anno vindouro, para retomar o serviço integral do pagamento de juros de toda a divida externa, é que

resultou o conselho da renovação, por uma só vez, do ultimo *Funding*, de modo que cesse, afinal, passada a crise, esse regimen de excepção.

«Seria summamente pueril», disse o grando orgão, «esperarmos a hora do aperto para reabrir a critica esteril e palavrosa sobre o descalabro financeiro do Brazil. O que é preciso é agir, mas agir quanto antes, sem discussões bysantinas e sem revides extemporaneos sobre o passado morto. *O paiz pôde e deve sahir da situação penosissima em que se encontra. E' sufficientemente rico para isso.* Carece, apenas, na emergencia que a sua administração se mostre prudente, avisada, solicita e energica».

Medidas outras são, certamente, necessarias, de feição administrativa, ou ligadas ao exercicio da actividade nacional, onde se não podem apurar contra os que governam quaesquer responsabilidades, para que, concorrendo todos para o bem commum, se chegue, vencidos os males actuaes, á situação almejada —de ordem economica e financeira na União e em todos os departamentos do paiz.

Mantidas as instituições da Republica no regimen que a lei lhes intituiu, respeitados os poderes publicos nos direitos de sua legitima auctoridade, assegurada, por toda a parte, a paz indispensavel aos movimentos uteis da vida nacional, e cumprida, fielmente cumprida, a politica de trabalho, que exclue as explora-

ções do interesse subalterno e a que se liga, essencialmente, na agricultura, nas industrias e no commercio, o desenvolvimento do paiz que produz e serve os interesses do nosso consumo e faz valer, na exportação para o exterior, as riquezas de nossas terras opulentas, aproveitando-as bem e largamente, nada impede conseguirmos, em tempo curto, diversa da de agora, uma situação de bem-estar e firme prosperidade.

Disse com muiito acerto o «velho órgão» da imprensa brasileira:—«O paiz póde e deve sahir da situação penosissima em que se acha; é sufficientemente rico para isso.»

Tudo está em que o paiz o queira, menos com o patriotismo das palavras, e mais, muitissimo mais, com o poder extraordinario da vontade,

Tendem a ser felizes os que, homens ou nações, sob o impulso de suas necessidades, sabem querer.



XCVI

Foi a importação do arroz, nos ultimos annos, segundo referem as estatisticas, a seguinte:

<i>Anno</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>	<i>Valor, em papel</i>
1908.....	6.768.000	1.657:001\$
1909.....	10.802.000	2.366:519\$
1910.....	17.320.437	3.400:960\$
1911.....	16.532.262	3.747:284\$
1912.....	10.226.264	2.901:652\$
1913.....	7.777.361	2.299:493\$
1914.....	6.535.033	1.760:673\$

No anno passado, de Janeiro a Setembro, a importação tinha sido 1.052.454 kilogrammas, no valor de 485:277\$000, contra, em periodo de 1914, a de 6.240.175 kilogrammas, no valor de 1.650:318\$000.

A exportação, segundo os registros do Ministerio da Fazenda, foi a destes numeros:

<i>Anno</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>	<i>Valor, em papel</i>
1910.....	51.623	19:726\$000
1911.....	51.956	24:497\$000
1912.....	37.233	19:755\$000
1913.....	49.222	23:594\$000
1914.....	2.905	1:223\$000

Em 1915, nos primeiros nove mezes, não excedeo de 2.265 kilogrammas, no valor de 1:080\$000.

A importancia, em annos mais affastados, de 1901 a 1907, foi a seguinte:

<i>Anno</i>	<i>Pezo, em kgs.</i>	<i>Valor em papel</i>
1901.....	89.375.310	16:724\$548
1902.....	100.984.581	18:509\$270
1903.....	73.588.949	14:588\$474
1904.....	60.801.104	12:142\$750
1905.....	58.701.161	8:824\$738
1906	40.288.896	7:052\$224
1907.....	11.581.473	2:632\$589

Deante destes numeros, e sem mais detido exame de seos valores, se apura, como um facto real, a diminuição do arroz importado, mais constante nos derradeiros annos, de 1908 a 1915, e já observada, entre cifras mais altas, nos registos de 1901 a 1907. Se a exportação, para o exterior, não cresceo, sendo insignificante a estatistica do ultimo quinquennio, e, por outro lado, não diminuiu o consumo do paiz, é legitimo affirmar que a producção brazileira tem augmentado.

Assim devia ser, porque, de cultura facil, o arroz encontra, em todos os departamentos no paiz, solos apropriados á sua lavoura, dando, em geral, duas colheitas por anno. O sul, ultimamente, tem se avantajado, como productor de arroz, a todo o Norte. Destacam-se, entre os Estados, os de Minas, S. Paulo e

Rio Grande do Sul, os dous ultimos mais que o primeiro, pela perfeição das culturas e abundancia das colheitas.

Na estatistica de 1909-10, que o *Anuario do Brazil Economico*, edição de 1913, publicou, confessando, aliás, as suas falhas e imprecisão, está assim discriminada a colheita, na quantidade de 113.921.000 litros, do arroz brasileiro:

<i>Estados Productores</i>	<i>Produção, em litros</i>
Pará	200.000
Maranhão.....	971.000
Parahyba.....	1.950.000
Ceará	2.720.000
Espirito Santo.....	24.000
Rio de Janeiro.....	11.323.000
S. Paulo.....	62.525.000
Minas Geraes.....	28.463.000
S. Catharina.....	1.820.000
Rio Grande do Sul.....	2.925.000
	113.921.000

Esta estatistica não merece fé. Cheia de claros nos municipios nomeados e eliminando Estados, particularmente do Norte, que produzem arroz, ella valerá, quando muito, como uma grosseira indicação das colheitas nacionaes na safra, já bastante afastada, de 1909 a 1910.

No Rio Grande do Sul tem, presentemente, a cultura do arroz grande incremento. A 30 kilometros

de Pelotas, e por toda uma planície de cerca de mil hectares, se acham, com uma organização modelar, os famosos arrozaes do Sr. Coronel Pedro Osorio, dotados de tudo que nessa industria agricola se conhece de mais adeantado. Ali nada falta. O preparo do solo, a sementeira, a ceifa, a debulha, o seccamento e o beneficiamento do arroz, é tudo feito pelo methodo da maior economia, com as melhores machinas, inclusive as que alimentam, com um fornecimento de 60.000 litros por minuto, os canaes de irrigação.

No municipio de Cachoeira, onde foi iniciada em 1906 a cultura do arroz, e tambem, do plantio ao preparo, os mais modernos processos adoptados, são surprehendentes os resultados da producção:

<i>Anno</i>	<i>N. de cultura</i>	<i>Producção</i>
1906.....	1	5.200 saccos
1907.....	2	11.500 »
1908.....	11	51.060 »
1909.....	16	73.300 »
1910.....	17	112.550 »
1911....	31	113.110 »
1912.....	67	400.000 »

A media da producção por hectare, em todo o municipio de Cachoeira, foi, até 1911, a seguinte:

<i>Anno</i>	<i>Plantio</i>	<i>Colheitas</i>
1909.....	20.987 saccos	477.821 saccos
1910.....	20.220 »	778.990 »
1911.....	36.590 »	963.130 »

No Estado de Minas, em 1914, foi o valor official da producção de arroz, somente a exportada, da importancia de 557:159\$000, maior que o valor da exportação de 1913.

Em S. Paulo, segundo o que informa Juan N. Solórzano y Costa no seo recente estudo sobre *La verdadera Situacion Del Estado de S. Paulo en 1912-13*, era o arroz, depois do café, a cultura mais importante. Até 1913 o registro das colheitas variava de 11 a 14.000 toneladas, tendo o Governo, para estimular a producção, creado na Parahyba, sob a direcção de um technico contractado nos Estados Unidos, um campo experimental, de demonstração.

Em 1914, de accordo com as declarações do Dr. Sampaio Vidal, Secretario da Fazenda, no seo relatorio desse anno, publicado em 1915, foi a producção do valor de 15.507:408\$000, só inferior, sem contar a do café, entre os generos de producção agricola, á do milho (66.415:800\$), á do alcool (35.076:765\$000) e á do feijão (28.824:000\$000). A exportação nesse anno subio a 10.197.132 kilogrammas, no valor (official) de 4.054:621\$500.

É, pois, a do arroz uma cultura que bastante promette e cuja situação actual, de incontestavel pro-

gresso nos Estados que a contam entre as suas melhores industrias agricolas, permite lhe assegurar um excellente futuro. Nada impede, de facto, que assim não seja, mesmo no Norte, onde outr'ora essa cultura, hoje bastante decahida, parecia florescer.



XCVII

Semler, auctor muito considerado de varias monographias sobre diversas culturas nas regiões tropicaes, escreveu a proposito da lavoura do arroz na America do Norte, esta justa lembrança que, na simplicidade de seos termos, encerra uma verdadeira lição, de precioso ensino:

«O arroz da Carolina tem na Europa tão boa bõa acceitação, que é pago por preço duas vezes maior que o arroz de Bengala».

O facto, de seos estudos e alheias observações, elle assim o explica:

«A America do Norte gosa de fama, que se não pôde contestar, de produzir o melhor arroz do continente americano. Não é que possua as condições mais vantajosas de clima e sólo; mas os seos meios de cultura, e os apparatus de beneficiamento de arroz, estão de tal forma adeantados, que pôdem ser considerados exemplares».

E, trazendo em apoio do que diz as referencias de uma revista de Londres, quando declara que o arroz

da Carolina é ali cotado a 35 *schillings* e 7 *dinheiros*, Semler logo conclue:

«Não se pôde desejar demonstração mais clara da influencia que exercem o aperfeiçoamento da cultura e beneficiamento do arroz norte-americano sobre a sua reputação nos mercados em que é exposto á venda».

Tão á justa assenta este aviso nos votos de nossa recommendação aos agricultores, insistindo pela conveniencia do melhor cuidado na cultura de qualquer planta industrial, que logo lhe admittimos a generalisação para afirmar, mais uma vez, que não pôde competir a lavoura rotineira, que tudo pede á terra, com a agricultura racional, onde aos valores do sólo se ajuntam, pelo esforço do homem, as contribuições da sciencia e da arte para se tirar de sua fertilidade o maior proveito.

A questão economica do rendimento, que imprime ás culturas uma feição commercial, se destaca, neste mesmo caso do arroz sul-americano, pela colheita de oitenta vezes a quantidade da semente lançada á terra, quando o lavrador de Bengala não recolhe mais de 35 grãos por unidade (um grão) de arroz semeado, baixando, em determinadas regiões, ao numero insignificante de 7 grãos.

Sabe-se em Ceylão, pelas vulgarisações da chronica local, de onde passou para os jornaes agricolas

da Europa e a monographia de Henrique Semler, que o reproduzio, dos reparos causados entre cultivadores indigenas, em dez legoas de suas cercanias, pela *extravagancia* de um delles adquirir e empregar, na lavra de suas terras para o plantio e cultura do arroz, «uma charrúa sueca». «Esta não poderia, nunca», diziam elles, «substituir o velho arado de seos avós». Cedo, porém, lhes chegou em admiração o desengano do erro: a terra arada *dez vezes* para ter o sulco da sementeira, foi aberta de *uma só vez*, conseguindo, pois, «a charúa suecca», com larga economia de trabalho e tempo, o mesmo resultado.

Nós, por esses campos afóra, podemos contar, numerosamente, do norte ao sul do paiz, as terras de cultura em que a lavra se faz com «o arado de nossos avós». Em outras, esta é a triste verdade, nem com isso. Cada um, no grande circulo da rotina, vae tirando da terra o que a terra dá, e mais nada. Formam os dessa condição o grande grupo dos que *plantam e colhem*. Cultivar não é com elles, incredulos, que o são, de todos os beneficios da cultura. E, todavia, sem descer a esses extremos da incompetencia, o mal da nossa lavoura deriva, principalmente, do que se poderá chamar o «fethismo agricola», que teme os agoiros e sente a necessidade de evitar os «olhos mãos».

A agricultura, hoje em dia, é uma sciencia, cujos

principios e regras não pôdem, impunemente, ser desprezados. Tem seos processos, que a observação e a experiencia converteram em methodos racionais, as suas regras de arte, as suas normas economicas, por cujo abandono decahem as culturas, já vencidos os seus productos na concurrencia dos mercados. São resultados diversos, ás vezes oppostos, os que se obtem, na mesma terra e sob o mesmo clima, pelo bom ou máo systema de lavar o solo, pelo emprego da melhor ou da peor semente, pelo cuidado ou descuido as plantações, pela defeza ou o esquecimento das culturas, pela opportunidade ou a pressa ou a tardança das colheitas, pelo beneficiamento ou a desestima dos productos, conforme se lhes segue a formação e o desenvolvimento, segundo se realisa, finda a faina agricola, o seo preparo, o acondicionamento, o transporte, a apresentação e se dirige o seo commercio.

Tudo isto faz o pensamento da justa observação de Henrique Semler sobre a superioridade do arroz da Carolina, pago nos mercados da Europa pelo dobro do preço do arroz de Bengala. E, nesse exemplo do *maior valor da produção melhor*, fique para nós, para o Estado e a Nação, a advertencia, aqui bastantes vezes formulada, de que na exploração agricola, qualquer que seja a cultura, não deve o lavrador, dia a

dia exposto ás luctas da concurrencia capaz, reduzir o seu esforço ao simples aproveitamento da fertilidade do sólo em que trabalha.

Aquelle é o ensino dos factos; *produção melhor, maior valor.*



XCVIII

Nós não temos serviços de estatística. Afóra o registo, feito na Directoria de Rendas do Estado, da exportação da Bahia, realisada para o exterior ou para o norte ou sul do Paiz, e o que, de certa parte do movimento demographico da Capital, se recolhe em dados que a Directoria Geral da Saude Publica apura, classifica, inscreve e divulga, nada mais existe. Factos da vida economica do Estado, como os de seu desenvolvimento intellectual, moral e politico, nenhuns se collectam nem se guardam, faltando systematização aos informes que, aqui e ali, esparsamente se podem reunir.

Não havendo, pois, dados a confrontar, falha por completo, á falta de elementos estatísticos, a investigação do que ocorre na administração, na agricultura, na industria e no commercio, bem como o que diz respeito aos phenomenos da vida social.

A estatística, entretanto, é uma necessidade. Napoleão I denominou-a «*o orçamento das cousas*, e disse, ainda, que, *sem tal balanço, não ha bem estar*

publico. Filippo Virgilio, professor de estatística da Real Universidade de Siena, escreveo, a respeito da estatística, os seguintes conceitos de alta verdade e expressiva decisão:

«Toda nossa vida administrativa e política é regulada e esclarecida pela estatística; muitas instituições de previdência social a ella se devem; administração alguma, pública ou privada, póde, actualmente, dispensal-a.

«O sabio recorre aos dados da estatística para construir, confirmar ou modificar suas theorias; o legislador cuidadosamente a consulta para certificar-se se os processos juridicos por ella adoptados tem trazido progresso ou regresso, se tem produzido o bem ou o mal, e, portanto, para seo governo em actos futuros; o commerciante, e o industrial tomam-na como precioso guia em seos negocios».

O mesmo escriptor, depois de examinar a importancia da estatística nas discussões parlamentares referentes á distribuição de impostos, á tributação dos contribuintes, ás previsões financeiras e semelhantes calculos que carecem de base segura, e considerando os diversos aspectos, methodologico, descriptivo e investigador, da estatística, lançou sobre ella esta exacta sentença: — «*Se a estatística não governa o mundo, ensina como elle deve ser governado*».

O nosso Paiz, todavia, está ainda em grande atrazo, relativamente á organização dos serviços de estatística, que, por entre falhas e defeitos, só é effe-

ctivada, com alguma regularidade, na Capital da Republica e nos Estados de S. Paulo e Rio Grande do Sul, e mesmo ahi tudo é retardado ou incompleto. O Ministerio da Fazenda não conseguiu, até hoje, publicar a estatistica do nosso commercio de cabotagem. O grande trabalho de 1912, sobre os movimentos de exportação e importação do nosso commercio exterior, só em conjuncto apparece em mappas mensaes e de tres em tres mezes em registros publicados, onde, se é feita a indicação das mercadorias recebidas ou exportadas, não se particularisam, especificadamente, as suas origens e destinos.

A estatistica do *Annuario de São Paulo*, que comprehende os numeros do movimento da população e as indicações da estatistica economica, financeira e moral, tem, nas monographias publicadas, um retardo de dous annos. O Rio Grande do Sul sente a mesma difficuldade de ter em dia, para os effeitos de immediata vulgarisação, os dados de suas estatisticas. A repartição fiscalisadora das Estradas de Ferro Federaes confessa os embaraços que encontra para tornar completo e perfeito o seo registo estatistico.

Dependente de uma extensa associação de esforços, ainda mesmo nos departamentos nacionaes em que o serviço tem organização, é facil comprehender o que é a estatistica nos Estados do Paiz, onde nada se tem

feito para systematisar a collecta de dados e por elles, convenientemente organisados, se instituir, pela luz evidente dos numeros e as revelações immediatas dos diagrammas, a seriação dos phenomenos do passado que devem guiar o esforço do homem em qualquer ramo de actividade nos trabalhos e luctas do futuro.

Se pede sacrificios de dinheiro a organização dos serviços de estatística, nem por isso essa natural exigencia deverá ser embaraço a que cada um dos nossos Estados a tenha, preparando a solução numerica das questões relativas ao recenseamento, densidade e composição das populações; ao registro civil dos nascimentos, casamentos e obitos; aos movimentos de immigração e emigração; ás taboas de sobrevivencia e mortalidade; aos mappas do registro sanitario; ás materias relativas á producção, á circulação, distribuição e consumo das riquezas e ás referentes ás questões de ensino e vulgarisação da instrucção, de criminalidade, assistencia, policia e outras, assumptos, todos estes, que o Decreto de 5 de Setembro de 1907, da assignatura do Presidente Penna, com bastante minucia detalhou no respectivo regulamento.

A Bahia precisa pensar nisto, ainda que, para ter o seu serviço de estatística, se sinta obrigada a reduzir ou mesmo eliminar de seu orçamento despesas outras

que não têm o cunho de tão assignalada exigencia e de tão grande opportunidade.

O governo como os que trabalham, e os que produzem, hão de reconhecer a necessidade de tão importante serviço, congraçando os seus esforços solidarios para o advento dessa conquista, absolutamente indispensavel aos movimentos do progresso do Estado.



XCIX

É', por toda parte, a mesma queixa sobre a falta de dinheiro, ou, na melhor hypothese, sobre a carestia de seo preço e abusivas garantias reclamadas para qualquer operação de empréstimo. Os Bancos, que o têm, não n'o dão; e, todavia, são felizes de merecer do commercio, de que tanto desconfiam, as provas mais exuberantes de uma confiança que mal se comprehende. Limitada a utilidade de suas funcções, os que precisam de recursos para trabalhos de ordem mercantil, agricola ou industrial negociam, geralmente, com os particulares, que são, nas diversas praças do Paiz, os que lhes nutrem, em maior escâla, o movimento das transacções. Os Bancos encaixam, evitando o mais que podem, especialmente os estrangeiros, as operações de desconto, para serem de preferencia, e com o dinheiro alheio, meras agencias de cobrança e cambio.

Em 1915 melhorou, ainda, a situação de todos elles, que, sem visiveis augmentos de capital, po-

deram deixar, no activo, de 1915; a mesma cifra de 1914, capital do valor de pouco mais de 82.000 contos, sendo o capital realiado, que figura no passivo dos balanços, de 319.067 contos em 1914, e de 323.228 contos em 1915.

A Bahia, esta, não contou nos seus Bancos, para um balanço de 100.417 contos, um capital maior, em 1914 como em 1915, de 5.106 contos.

Os depositos á vista, como os depositos a prazo, crescem, nos Bancos de todo o Paiz, os primeiros de 380.231 contos em 1914, para 437.883 em 1915; os segundos de 260.742 contos em 1914, para 273.360 contos em 1915. O dinheiro em caixa tambem augmenta, de 311.511 contos, em 1914, para 341.183 contos em 1915. Mas as letras descontadas diminuem, baixando o valor de 262.139 contos, em 1914, para 243.221 contos, em 1915.

É o retrahimento de sempre, que só não se agrava pela acção dos Bancos nacionaes que servem, mais desafogadamente, os interesses do commercio, posto que, a falta de recursos, excepção do Banco do Brazil que os tem em maior abundancia, não possam realizar quanto é necessario nas praças em que se faz sentir a interferencia de sua acção nos diversos negocios de natureza mercantil.

Aqui, porém, a Agencia do Banco do Brazil

funciona com a mesma e relativa imprestabilidade commercial dos Bancos estrangeiros, que tão pouco descontam. Basta saber que os registos do movimento bancario da Bahia, no balanço de 31 de Dezembro de 1915, não accusam, em letras descontadas, uma somma maior de 5.510 contos, bem pouco mais que o valor dos descontos em Dezembro de 1914, que foram da importancia de 4.976 contos.

Não se entende, todavia, como, conservados os depositos a prazo, que, entre 1914 e 1915, fazem a só differença de um conto de réis, sendo de 8.475 contos no derradeiro mez de 1915, subiram de 12.825 contos para 22.069 contos os depositos á vista.

Os Bancos estrangeiros não querem descontar, e se desculpam dessa systematica resolução pelo temor, assim o dizem, da exigencia, de um para outro momento, das alheias sommas de que devem dar conta e não podem dispor, ainda que só emprestem com excesso de garantias, quasi sempre nominalmente reforçadas pela responsabilidade de casas de grande credito.

Antes da guerra não procediam, entretanto, os Bancos estrangeiros de maneira diversa, posto que, agora, seja mais apertada a situação das gerencias locais que têm o seo prestigio de banqueiros na dependencia da consulta telegraphica para transacções

que, em geral, excedem, fora do commercio de saques, a mais de uma centena de contos, e, ás vezes, nem a tanto chegam.

Os mesmos empréstimos, em conta corrente, baixaram, aqui da Bahia, de 15.775 contos, em 1914, para 13.407 contos em 1915, attestando, até nesse generos de operações realizadas com firmas do melhor abono ou sob a defeza de cauções e sempre exaggeradas garantias, o mesmo modo no exercicio do credito, em que, para as necessidades do commercio, especialmente o pequeno commercio de retalhistas, não se encontram nesta hora quaesquer remedios.

Os esperados e tão promettidos Bancos americanos ainda não chegaram, e a experiencia do Rio de Janeiro parece desenganar as esperanças dos que confiavam na maior facilidade do credito offerecido ao commercio, tantas são as exigencias nas transações, tão altos os juros e tão curtos os prazos para as liquidações de empréstimos.

Mais que o commercio soffrem a agricultura e as industrias, sendo de abandono a sua situação, porque nenhum Banco quer negociar com os cultivadores e fabricantes a prazos longos, e os que devem, por força de contractos, transigir com elles em empréstimos, não têm recursos na Bahia como em S. Paulo, no Rio de Janeiro e Minas, além de que refogem, na

maioria dos casos, a quaesquer tractos pelas taxas a que se obrigaram, uma vez que as carteiras commerciaes encontram no emprestimo de seos pequenos saldos maiores vantagens e melhores garantias.

A situação é esta, e, segundo parece, não ha meio de concertal-a segundo o demonstram, de mez a mez, os balanços do movimento bancario do Brazil nos annos de 1914 e 1915. Emenda haveria, se os capitaes disponiveis e depositados nos Bancos, em alguns Estados pelo menos, podessem ser reunidos para uma acção mais ampla de commercio. Depois das crises havidas, e que tantos prejuizos espalharam, parece que o proprio commercio vê nessa solução um perigo maior.

Mas, sendo assim, e se não pode fructificar qualquer conselho do melhor ensino, registrem-se, pelo menos, os factos, que, em verdade, segundo as revelações das cifras bancarias, são, para a actividade dos que querem trabalhar e podem produzir, verdadeiramente dolorosas.





C

Trabalho das Inspectorias Agricolas, iniciado desde 1911, e que foi feito segundo a base, fornecida pelo Ministerio da Agricultura, dos «questionarios sobre as condições da Agricultura dos Estados», representa nos seus vinte volumes, dos quaes somente tres não se acham ainda publicados, o inventario da nossa vida agricola.

Não basta, todavia, esse arrolamento, obtido com as maiores difficuldades, para o exacto conhecimento do que se passa nos diversos municipios do paiz com as nossas principaes culturas. Por esse motivo, prestando um real auxilio ao exame de suas condições, o Dr. Dias Martins, Director, no Rio de Janeiro, do «Serviço de Agricultura Pratica», escreveu, recentemente, sob o titulo— *A producção das nossas terras*, um valioso estudo, em que, sob a garantia de auctorisadas informações, busca apreciar a producção das areas cultivadas, a despeza das culturas e a renda das colheitas.

O seu intento, como elle diz, foi apprehender como

é feita a nossa produção agrícola em logares representando meios tão diversos, e nos quaes nascem, mesquinhas ou abundantes, as fontes da nossa vida economica, abertas no solo das culturas pelas mãos do agricultor, com instrumentos de trabalho e entendimento tão desiguaes, explorando productos, bôa parte dos quaes os transportes e os impostos immobilisam, atrophiam ou eliminam dos mercados.»

Para ser crido, e assim valer o seo trabalho, o Dr. Dias Martins escoimou de erros todas as informações recebidas, sujeitando-as a cotejos e apurações rigorosas e só as acceitando, depois de convenientemente modificadas em face da prova dos documentos, tudo «de accordo com o valor do trabalho agrícola de cada região, considerando, principalmente, a qualidade do agricultor, da terra, do salario, do mercado e do clima.»

Um exemplo do interessante livro indicará o ensino que delle se pode colher, e, esse exemplo, preferimos tomal-o nas paginas referentes á cultura da canna de assucar.

Diz o snr. Dias Martins, occupando-se da produção de um *partido* 50 braças quadradas (12.100 metros quadrados) no municipio de Maceió, capital do Estado de Alagoas, que o seu custo é o seguinte:

Rocado de matto ralo.....	12\$000
Sementes 4 carros de 100 feixes.....	40\$000
Plantação—cavagem, sementeira e cobertura	20\$000
Tracto cultural [limpas].....	36\$000
Córte e conducção para o engenho.....	40\$000
Moagem [colheita de 200 arrobas de assucar].....	40\$000
40 saccas para 5 arrobas cada.....	40\$000
Ensaque do assucar.....	4\$000
Transporte para a Capital em 20 carros	40\$000
TOTAL.....	<hr/> 272\$000

E, logo, accrescenta:—«O preço por atacado regula 2\$000 por arroba; as 200 arrobas, produzindo 400\$000, ficam 123\$000 de lucro.»

Tratando, em seguida, da cultura e fabricação do assucar num engenho a vapor, diz que o valor do custeio é, inclusive fabricação do assucar, de 452\$400 e que, sendo a producção 275 arrobas de assucar. que ao preço de 2\$000 produzem 550\$000, haverá um saldo de 252\$000.

D'ahi, conclue, endossando as informações do snr. Pio Jardim, da Inspectoria Agricola de Alagoas;—«O *partido* cultivado e explorado pelos processos adiantados produz de lucro, para o agricultor, 252\$000, em vez de 128, lucro que lhe cabe, pela cultura e exploração do systema de trabalho chamado—*engenho de banguê*.

Exprime este exemplo o methodo do livro, porque nada adeanta sobre a sua conclusão, desde que não se discute mais a vantagem da producção de qualquer cultura ou fabricação, realisada pelos methodos aperfeiçoados, sobre a que se consegue pelos processos da rotina. Outros ha, entretanto, que obrigam, mesmo no caso da cultura da canna de assncar, a reflexões de maior peso e importancia.

Diz o livro, falando do municipio de Santo Amaro, na Bahia, que o rendimento da canna (primeira folha) produzida por *tarefa*, ou sejam 4.356 metros quadrados, é de 40 toneladas. E, quanto á cultura da canna, no Estado de Pernambuco, reproduz o livro a seguinte nota do snr. Dr. José Bezerra, actual Ministro da Agricultura e um dos maiores proprietarios de plantações de canna de assucar nesse Estado.

«Penso, dada a variedade de terreno e processos culturaes em Pernambuco, que um hectare produz, na primeira *folha*, uma média de cincoenta toneladas (50.000 kilos) de canna.

Geralmente, colhemos somente duas vezes de uma plantação de canna; isto é, retiramos a primeira *folha*, á qual chamamos *canna de planta*, e a segunda *folha*, chamada *sóca*, sendo que esta, *normalmente*, dá cerca de 50% menos do que produzio a primeira colheita.

Em média, despendemos cerca de 250\$000 para

cultivar, cortar e transportar ás fabricas as 50 toneladas de canna, produzidas em um hectare, ficando esta despeza reduzida a cerca de 4% com as *socas*, que têm, a menos, as despezas de plantio, e muito menor numero de capinas.

O *lucro*, ou *prejuizo*, resultante do cultivo da canna depende do preço do assucar que, entre nós, tem variado de tal maneira, que as fabricas de assucar têm pago a tonelada de 5\$000 a 30\$000!»

Dahi se apura, pelo confronto das duas informações, que a Bahia, no municipio de Santo Amaro, produz, em média, por *tarefa* de cannas, 40 toneladas, ou sejam 92 por hectare, emquanto que em Pernambuco essa média é de 50 toneladas por hectare, sendo que nos dois Estados a terra não é enriquecida com adubos de qualquer especie. Verifica-se, portanto, a favor do rendimento cultural da Bahia, o accrescimo, em média, de 42 toneladas por hectare.

Ao avesso disso, o cultivo, córte e transporte de 50 toneladas da producção, por hectare, de Pernambuco custam, em media, 250\$000, emquanto que na Bahia o cultivo, córte e transporte custam 228\$000 por *tarefa*, ou sejam 556\$240, por hectare. Isto é: para a mesma área cultivada gasta o cultivador da Bahia mais do dobro do que gasta o de Pernambuco.

Se as informações estão certas, não se compre-

hende bem, quanto a cultura, tão grande excesso de despeza que faz o lavrador bahiano, e menos se entende a relativa prosperidade do agricultor pernambucano quando o rendimento das cannas produzidas guarda com o da Bahia uma tão grande differença.

Motivo ha, pois, para ponderar sobre tão descontraídas informações, em que não pesa a influencia do custo da fabricaçãõ do assucar e só se consideram o custo e o rendimento da canna de que esse producto procede.

O livro do snr. Dias Martins é, por isso mesmo, tratando da producçãõ de nossas terras, muitissimo interessante, obrigando os interessados ao exame do que acontece de um para outro Estado, sobre as nossas culturas.



CI

Por muito tempo se descuidou o Brazil da collocação de seos productos. Ou porque, faltando na Europa as mercadorias da nossa exportação, especialmente o café, não havia que temer a concurrencia, ou porque, pequena a nossa producção, não se impunha a necessidade de lhe abrir mercados novos no exterior, o facto é que os governos do paiz nunca tiveram, nos primeiros tempos do Imperio, a exacta comprehensão d'aquella conveniencia.

Ainda no quinquennio, decorrido entre os exercicios de 1839-40 a 1843-44, era a media annual do valor, em mil réis papel, da nossa exportação, de 41.757:100\$000, chegando o seo valor, no quinquennio de 1901 a 1905, á media tambem annual, de 760.245:024\$000, algarismo que, em 1915, attingio á cifra, bastante alta, de 1.022.634:000\$000!

E, todavia, desde 1827 a 1836, não foram outros os productos senão os que compõem, actualmente, como principaes, afóra a borracha, o fumo e o matte,

a lista da nossa mais importante exportação: *o assucar, o algodão, o café, o cacão, os couros e as madeiras.*

O café, que rivalisava na exportação de 1839 a 1844, em quantidade com a do assucar (83.384.452 kgs., em media annual, contra a de 82.296.038 kgs., tambem em media annual, de assucar) subio, no anno derradeiro, ao surprehendente algarismo de 1.023.660 toneladas,

Nos nltimos dez annos do ex-Imperio havia, porem, e de modo accentuado, a preocupação, muitissimo acertada, de extender os mercados de café, interesse que avultou na Republica e anima as diligencias dos incumbidos de lhe fazer, por toda a parte, a propaganda.

Agora, e por effeito da guerra européa, especialmente no corrente anno, esse cuidado assume a importancia de uma defeza, que a falta de transportes e a carestia dos fretes mais aggrava. Que será do paiz se, faltando a conducção para os mercados de consumo, se fixar nos Estados, que tem na exportação o grande factor de suas rendas orçamentarias, generos de sua producção para o exterior?

Disso estamos cogitando presentemente, quando, reduzindo-se em nossos portos a frequencia dos navios estrangeiros, parece que as difficuldades complicam

as soluções de um tão importante problema, cheio das maiores exigencias.

A Inglaterra, bem ao avêso de nós, já está pensando, em meio dos agitações da guerra, nos processos por que ha de acautelar e defender a sorte de suas industrias, quando cessarem as terriveis luctas dos sangrentos encontros das potencias europeas. Desde 3 de Fevereiro, em satisfação da incumbencia dada pelo Ministerio do Commercio (*Board of Trade*) a uma commissão de illustres da sua confiança, está publicado o relatorio que, sobre este assumpto, ella lhe apresentou. Os termos em que esta noticia nos chegou, são de mais expressiva precisão:—«A Inglaterra, afinal, nomeou uma commissão de especialistas, encarregados de descobrir os meios de *proteger as manufacturas inglezas contra o diluvio de productos allemães que, no dia seguinte ao da conclusão da paz, inundará as docas de Londres, Liverpool e de todos os outros portos da Grã-Bretanha.*

Não falta quem pense, e somos desses, que muito concorreo para a guerra, a par de outros motivos de ordem politica, a intensidade da lucta commercial que, havia muito, estava separando da Inglaterra os allemães. Com uma producção espantosa, offerecida, sem competencia de preços, em todos os mercados do mundo, a Allemanha os invadia e dominava, attra-

hindo, ainda mais, os consumidores de suas manufacturas pelas facilidades internacionaes de seos negocios, extendidas até a importação das materias primas que tinha necessidade de adquirir. A mesma Inglaterra não se exceptuava a essas influencias da industria allemã, admiravelmente organizada e sempre em progresso pelas descobertas, espececialmente, de seos notaveis chimicos.

Neste ponto a guerra nada adeantou, porque a Inglaterra, mais que dantes, teme «*o diluvio dos productos allemães, que, no dia seguinte ao do paz, lhe ha de inundar as docas de seos portos*».

A commissão ingleza, detalhando em longo arrasoado o seo programma de acção defensiva, recommenda, de um modo geral, o estabelecimento, para certos artigos, de tarifas francamente proteccionistas; a reforma da pauta aduaneira, impondo direitos de importação rasoaveis sobre todos os artigos que devem ficar com o *Board of Trade*, para ser creado, como repartição aparte, independente, um novo Ministerio, incumbido, exclusivamente, das questões commerciaes e, de modo especial, as que disserem respeito á defeza dos interesses inglezes com os rivaes estrangeiros.

Servem estas lembranças de factos actuaes, ante os embaraços que estamos tendo em materia de trans-

portes para o exterior, e por isso as divulgamos, para mostrar como, associando-se os esforços do governo e do commercio, se exerce, em paizes mais habilitados para o lucta e melhor amparados em seos interesses economicos, a acção previdente de defeza contra as crises possiveis ou que ameaçam.

Querem os inglezes, desde agora, evitar o resurgimento do poder da industria alleman, pelo menos em seo paiz, affastando-lhe as possibilidades de commercio, que, uma vez livre, será facil. Nós, experimentando dificuldades na industria de transportes, não procuramos, em beneficio do paiz, qualquer solução, e, quando a sua falta nos ameaça a producção, ficamos a discutir theorias ou, confiantes nas providencias do accaso, esperamos que este não nos falte com os seos favores.

O assumpto é, todavia, da maxima importancia e da maior opportunidade. Não é possivel lhe admittir as soluções dilatorias do *amanhan*, que só acaba quando começamos a sentir, culpados de nossa incuria, as revelações da desgraça. Os navios estrangeiros já começam a faltar em nossos, portos, não podendo os que temos, e são poucos, supprir os de outra bandeiras na navegação do alto mar, de modo a garantir á exportação os transportes necessarios.

Se não vierem, de qualquer modo, as soluções, que será do paiz, do seo commercio e de sua agricultura, da economia dos Estados e de suas finanças, como das finanças da União, se o que produzimos não tiver sahida, e, assim, perder, a falta de utilidade, emquanto durar a crise, o seo valor?

